

Isabel Cristina Alves da Silva Frade

**IMPrensa Pedagógica: Um Estudo de Três Revistas
Mineiras Destinadas a Professores**

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Tese de Doutorado
Belo Horizonte
2000

Isabel Cristina Alves da Silva Frade

IMPrensa PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE TRÊS REVISTAS MINEIRAS DESTINADAS A PROFESSORES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da UFMG da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de doutora em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Magda Becker Soares
Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
Dezembro/2000

Tese defendida em ____ de _____ de 2000, e aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª Drª Magda Becker Soares
Faculdade de Educação/UFMG — Orientadora

Profª Drª Anne-Marie Chartier
Institut National de Recherche Pédagogique

Prof. Dr. Antonio Augusto Gomes Batista
Faculdade de Educação/UFMG

Profª Drª Denice Catani
Faculdade de Educação/USP

Prof. Dr. Paulo Bernardo Vaz
Departamento de Comunicação Social – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFMG

A Tereza, que ousou escrever naquele tempo e lugar

Ao Lair, Laura e Matheus que compreenderam os dilemas entre ser esposa e mãe e os apelos da vida intelectual e por me lembrarem que existem coisas essenciais.

AGRADECIMENTOS

A Magda, que sabe ser mãe, amiga e parceira, quando preciso e por não pretender formar discípulos, mas intelectuais autônomos. Pelo muito que contribuiu para a minha trajetória de pesquisadora e por tudo que ainda virá.

A Anne-Marie, pelo esforço incansável com que me recebeu, pelo interesse genuíno pelas pesquisas realizadas por brasileiros e por ter me dado a chance de um contato intelectual tão desafiante.

A Jean Hébrard, pelo carinho e interlocução, pelo respeito aos pesquisadores brasileiros e por ser um francês tão brasileiro.

Ao CEALE e todas as pessoas que fazem dele o que é, pela infra-estrutura, pela acolhida, apoio institucional e pela consolidação de minha formação como pesquisadora.

A Dute, Paulo Bernardo e Denice Catani, por inspirarem as escolhas por caminhos de pesquisa, por me acolherem para o diálogo e pelas novas frentes de trabalho que se fizeram depois.

A Lucíola e Vera Casanova pelo incentivo intelectual e por terem acreditado e respaldado minha ida para o doutorado sanduíche. Especialmente para Lucíola, por tantas oportunidades acadêmicas e palavras amigas em disciplinas e outros espaços.

Aos editores Caramuru, Graça, Vera e equipe da AMAE pela disponibilidade e por me ajudarem a desvendar alguns mistérios da prática de edição.

A Roger Chartier, pela acolhida em seus seminários e por abrir para tantas oportunidades de participação em eventos aos quais esteve ligado, no período do meu doutorando sanduíche.

A Aracy, por compreender as pessoas que existe por detrás da pesquisadora e por me fazer sabê-lo. Também por me ensinar cotidianamente o exercício da amizade, do companheirismo e pela partilha em momentos tão significativos.

A Ceris, pela amizade e apoio, pelos trabalhos e identificações que nos unem e por permanecer na escuta de tantos sentimentos.

A Eliane, Sebastião e Léo, por me incluírem em sua amizade, por me incentivarem e partilharem de sentimentos comuns no percurso. Ainda para Eliane, pela lucidez e por me fazer saber que “somos quem podemos ser” e dos “sonhos que podemos ter”.

A Arisnete, por ter me apresentado ao mundo acadêmico francês e a Paris, de maneira tão prazerosa e amiga.

A Cidinha, por incentivar o começo e por ajudar a acalantar um projeto de formação acadêmica.

A Fatinha, não somente pelo francês, mas por construir junto uma amizade.

A Francisca, pela presença discreta e por palavras certas nas horas necessárias.

A Célia, pelos abraços e pela disponibilidade em momentos de aperto.

A Luísa, pela simpatia e por me socorrer nos momentos difíceis.

A Ceres, pelo carinho e pela presença discreta no Brasil e à distância, sempre que precisei.

A todos que ajudaram no período do doutorado sanduíche, especialmente Aninha, Kátia e Marildes, pela troca de impressões e informações e pelos gestos de solidariedade.

A todas as pessoas que com livros, textos ou conversas chegaram em hora tão certa, em especial: Mary, da Biblioteca da FaE/UFMG, Augusto, jornalista da banca da UFMG/entrada da Av. Antônio Carlos, Sandra Reimão, da Escola de Comunicação da UMESP, Waldir Barzotto, do Instituto de Estudos de Linguagem da Unicamp, Alcenir e Maria da Conceição Carvalho, da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Décio Gatti, da Universidade Federal de Uberlândia, Sônia Kramer, da PUC/Rio, Roberto Aparici Marini, da UNED de Madrid, António Nóvoa, da Universidade de Lisboa, equipe integrante do Centre de Recherches sur le Brésil Contemporaine, da EHESP/Paris e colegas do doutorado.

Às pessoas que me ajudaram no processo de fechamento dos textos anteriores e finais: Geraldo, Alaíde, Vívien, Agda Lis, Míriam, Sandra e, especialmente, Eunice Galery não só pela revisão, mas pelas palavras de incentivo ao trabalho.

Ao Institut National de Recherche Pédagogique (INRP), que ofereceu acolhida institucional no período do doutorado sanduíche.

A CAPES, por respaldar um momento importante de formação em pesquisa.

Ao DMTE e às colegas do setor de Orientação Educacional por viabilizarem as condições de formação intelectual.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, o lugar que possibilitou uma série de realizações.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| RESUMO..... | 11 |
| INTRODUÇÃO | 12 |
| PARTE I — O PROBLEMA E A METODOLOGIA DE PESQUISA | |
| CAPÍTULO 1 – A ORIGEM DO PROBLEMA E A RELEVÂNCIA DE SUA INVESTIGAÇÃO..... | 19 |
| ▪ A leitura para/de professores..... | 19 |
| ▪ A leitura profissional como dimensão específica | 22 |
| ▪ Problematizando o campo da produção de textos pedagógicos para professores..... | 25 |
| ▪ A revista como objeto de pesquisa..... | 31 |
| CAPÍTULO 2 – DEFININDO RECORTE E APRESENTANDO INDICAÇÕES METODOLÓGICAS..... | 38 |
| ▪ O <i>corpus</i> escolhido e a perspectiva comparativa/contrastiva | 38 |
| ▪ Referências para a análise do discurso e das práticas..... | 42 |
| PARTE II — O SUPORTE: ELEMENTOS PARA A SUA DESCRIÇÃO E ANÁLISE | |
| CAPÍTULO 3 – AGÊNCIAS: UMA BREVE APROXIMAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA..... | 49 |
| ▪ Agências de produção do ponto de vista das pesquisas..... | 49 |
| ▪ As agências produtoras das revistas caracterizadas a partir do material de divulgação e outras fontes | 53 |
| CAPÍTULO 4 – ORIGEM E CARACTERIZAÇÃO DAS REVISTAS..... | 61 |
| ▪ Breve história da origem das revistas | 61 |
| ▪ Caracterização das revistas no momento atual..... | 78 |

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO 5 – O SUPORTE: QUAL A IDENTIDADE DO IMPRESSO? | 82 |
| ▪ Revistas de educação: pensando uma identidade pelo contraste | 88 |
| ▪ Formas de compra..... | 93 |
| ▪ Subsídio da publicidade..... | 95 |
| ▪ A estabilidade e a atualização | 99 |
| ▪ Imparcialidade e tomada de posição | 101 |
| ▪ Entre o “mundo dos livros” e o “mundo da imprensa” | 102 |
| ▪ Peso e agilidade | 110 |
| ▪ Quem escreve? | 112 |
| ▪ Afinal, o que há de comum nesses suportes? | 113 |
| ▪ As relações entre a imprensa pedagógica e a imprensa em geral: uma questão complexa..... | 115 |
| CAPÍTULO 6 – INDÍCIOS DE UMA RETÓRICA: O TEXTO DO EDITORIAL E SEUS MECANISMOS DE COMPOSIÇÃO..... | 116 |
| ▪ A análise do discurso e da “superfície lingüística” | 116 |
| ▪ Um exercício de leitura dos editoriais..... | 118 |
| ▪ O editorial das revistas pedagógicas: que funções cumprem? | 120 |
| ▪ Uma abordagem do formato e posição do texto | 121 |
| ▪ Os modos de organização e as estratégias discursivas..... | 127 |
| CAPÍTULO 7 – IMAGEM, TEXTO E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO COMO RECURSOS EXPRESSIVOS DE ESTRUTURAÇÃO DAS REVISTAS PEDAGÓGICAS..... | 133 |
| ▪ Desafios colocados para a Educação na análise dos meios de comunicação | 133 |
| ▪ Desvendando alguns códigos e buscando definições | 140 |
| ▪ Analisando capas: comparando as capas do primeiro número de cada um dos periódicos | 150 |
| ▪ Comparando todas as capas do ano de 1997..... | 154 |
| ▪ Os recursos expressivos no interior das revistas: que significados podem ser apreendidos? | 161 |
| ▪ O lugar da ilustração na página..... | 164 |
| PARTE III — A PRODUÇÃO: ELEMENTOS PARA A SUA COMPREENSÃO | |
| CAPÍTULO 8 – SOBRE ALGUNS PROFISSIONAIS E MODOS DE PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS REVISTAS..... | 171 |
| ▪ Alguns profissionais envolvidos na produção | 171 |
| ▪ A forma de captação e os modos de relacionar-se com os autores..... | 182 |

| | |
|--|-----|
| | 10 |
| ▪ O acompanhamento do processo de produção | 193 |
| ▪ As formas de distribuição, venda e circulação..... | 197 |
| ▪ Fatores de profissionalização | 202 |
| ▪ A publicidade..... | 206 |
| ▪ Alguns fatores de composição | 210 |
| ▪ Relação dos editores e das revistas com as empresas editoras e com outras revistas e editoras | 216 |
| ▪ Uma breve conclusão | 224 |
| | |
| PARTE IV — RECUPERANDO OS MODELOS DE LEITORES E A RELAÇÃO DA EDITORA COM O SEU PÚBLICO | |
| | |
| CAPÍTULO 9 – PROFESSORES-LEITORES BRASILEIROS: ENTRE O LUXO E A NECESSIDADE | 226 |
| ▪ Estudos sobre a composição do corpo docente | 227 |
| ▪ A necessidade de estudos sobre as práticas culturais dos professores | 228 |
| ▪ Índícios do leitor ideal das revistas..... | 236 |
| | |
| CAPÍTULO 10 – A RELAÇÃO DAS REVISTAS COM SEUS LEITORES E DOS LEITORES COM AS REVISTAS | 242 |
| ▪ O perfil dado pelos editores | 243 |
| ▪ Formas de aproximação editores/leitores..... | 244 |
| ▪ Possibilidades de análise | 258 |
| | |
| CONCLUSÃO: UMA SÍNTESE PROVISÓRIA E FUTUROS CAMINHOS..... | 261 |
| ▪ Sobre as relações entre Educação e Comunicação | 261 |
| ▪ As revistas mudam... .. | 266 |
| ▪ Sobre o perfil de leitores das revistas e sobre a leitura..... | 267 |
| | |
| ABSTRACT | 270 |
| | |
| RESUMÉ..... | 271 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 272 |

RESUMO

A pesquisa analisa a produção mineira de três revistas pedagógicas: *AMAE Educando*, *Dois Pontos* e *Presença Pedagógica*, contrastando-as, em algumas situações, com outras revistas ou materiais pedagógicos produzidos no Brasil, tendo em vista pontos-chave como o objeto revista e sua forma de apresentação, com a descrição analítica de alguns de seus aspectos materiais e de conteúdo. São abordadas, também, algumas modalidades específicas de sua produção, circulação e venda, assim como as motivações editoriais para a sua edição, mediante a observação de elementos presentes no impresso e entrevistas com seus editores. Finalmente, procura-se uma breve abordagem de algumas características de leitores-professores virtuais das revistas bem como de alguns processos concretos de aproximação das editoras com o seu público. Busca-se, dessa forma, relacionar as modalidades de produção, o produto e seu pertencimento a determinada empresa de edição, para buscar uma visão relacional dos múltiplos determinantes que fazem com que as revistas pedagógicas sejam o que são. Compreender as revistas pedagógicas entre si e no meio de outras revistas exigiria um mergulho na linguagem de outras mídias. Essas linguagens não são objeto específico deste estudo, mas constituem-se, em alguns momentos, em pano de fundo fundamental para desvendar os impressos que são objeto da pesquisa.

Assim, o estudo se localiza numa área multidisciplinar da Educação, da Comunicação, da Linguagem, nos estudos da Leitura em seus aspectos sociológicos, na História do Livro e das Edições, na Bibliografia. A convergência entre pontos-de-vista tão diversificados e, ao mesmo tempo, complementares, é buscada mediante o interesse pedagógico de compreensão da “imprensa pedagógica” e de seus modos de funcionamento. Desvendar a imprensa pedagógica possibilita, em última instância, conhecer melhor o campo da Educação.

IMPrensa PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE TRÊS REVISTAS MINEIRAS DESTINADAS A PROFESSORES

INTRODUÇÃO

Minha atividade de pesquisa foi, primeiramente, centrada sobre os problemas de recepção: recepção de novas teorias pedagógicas, tais como o construtivismo (Dissertação de Mestrado, 1993) e recepção de textos oficiais de reformas pelos professores (Isabel C. A S. Frade e Ceris S. R. Silva, 1998).

Analisando esse movimento de pesquisa, identifica-se um elemento em comum: a necessidade de compreensão da maneira pela qual os leitores-professores se apropriam de conhecimentos profissionais, produzidos em Universidades, em Secretarias de Educação, pela via da leitura. A compreensão desses mecanismos lança luzes sobre o alcance de nossas estratégias de formação continuada, entre elas a que ocorre pela via do material impresso.

Do ponto de vista prático, atuando em formação continuada, vivencio situações em que necessito produzir textos para professores, seja em revistas pedagógicas, seja em documentos e publicações de Secretarias de Educação. O processo de produção de impressos envolve uma série de questões, do ponto de vista do conteúdo, da forma escolhida e de decisões editoriais relativas a certos aspectos materiais (o suporte, os recursos gráficos e composicionais, número de páginas, etc.), além de formas de divulgação e circulação desejáveis para atingir um determinado leitor. Esses processos ultrapassam as simples decisões sobre conteúdos e nem sempre são tomados como determinantes por nós, educadores, que pretendemos alcançar o leitor-professor. Nesse processo de decisões editoriais, ocorre uma série de antecipações sobre o modelo de leitor

que queremos formar, leitor esse que, ao mesmo tempo, demanda e direciona a construção de determinado tipo de impresso.

Alguns estudos brasileiros sobre o mercado editorial para a escola têm contribuído para uma compreensão global dos mecanismos de produção editorial, assim como dos próprios objetos impressos, como os livros didáticos e livros de literatura infanto-juvenil. Existe, pois, um mercado específico, que se nutre da escola e de seus diversos sujeitos leitores, que precisa ser desvendado em pesquisas históricas, sociológicas e de outros campos de conhecimento.

Reconhecendo que o professor é um sujeito leitor de diversos textos, nem sempre produzidos diretamente para ele, constatei, mediante algumas estratégias informais de enquete, em cursos de formação de professores, a sua preferência por revistas comerciais de diversos tipos, sobretudo revistas pedagógicas produzidas, prioritariamente, para este segmento. Estas revistas formam leitores-professores e relacionam-se a projetos editoriais específicos que, muitas vezes, nos são desconhecidos. Entretanto, estes mesmos impressos possuem um poder de circulação e, ao mesmo tempo, de formação de opinião entre os docentes, que não pode ser desconsiderado. Pelo fato de serem comerciais e não “obrigatórios”, como muitos materiais que chegam às escolas, supõem um movimento do leitor- professor ou da instituição (Secretarias de Educação e escolas) em direção à sua aquisição. Se estes materiais têm presença no cotidiano dos professores, desvendá-los pode constituir uma forma de entender algumas políticas editoriais da “imprensa pedagógica”, bem como os leitores de final de linha que a consomem.

Nesta pesquisa, investigo a produção de revistas pedagógicas contemporâneas, para compreender os projetos editoriais, algumas materialidades dos impressos, os modelos de leitores virtuais e, indiretamente, alguns elementos da recepção. De fato, não se pode trabalhar sobre a leitura de revistas pedagógicas sem focalizar as próprias revistas e seu processo de produção. Se se trabalha exclusivamente sobre os conteúdos, corre-se o risco de tratar a leitura da imprensa pedagógica como uma leitura de livros e de cometer certos contra-sensos. Assim, minha análise busca recuperar leitores e projetos editoriais, examinando os impressos e suas características, desvendando o conjunto de estratégias

utilizadas como recursos expressivos e alguns aspectos da materialidade e dos processos de produção do impresso.

Compreender os projetos editoriais, a meu ver, possibilita a tomada de consciência das motivações culturais, ideológicas e comerciais do mercado editorial de revistas, assim como de seus leitores. Permite, também, lançar novos elementos para estudos sobre a leitura, em seus aspectos históricos e sociológicos, e sobre a história do livro e das edições.

No campo da produção de revistas pedagógicas, algumas agências mineiras vêm-se destacando no mercado nacional. Para esta tese de doutorado interessei-me por três revistas de Minas Gerais que contribuem diversamente para a formação de professores. Pela ordem histórica de criação do projeto editorial, apresentam-se, consecutivamente, as revistas **AMAE Educando**, **Dois Pontos** e **Presença Pedagógica**.¹

Analiso a produção mineira de revistas pedagógicas, contrastando-as, em algumas situações, com outras revistas, produzidas no Brasil e na França, levando em consideração alguns pontos-chave: o objeto revista e sua forma de apresentação, com a descrição analítica de alguns de seus aspectos materiais e de conteúdo; certas modalidades específicas de sua produção, circulação e venda e, finalmente, as motivações editoriais para a sua produção, aferidas estas últimas por duas vias: a observação de elementos presentes no impresso e as entrevistas com seus editores. Busco, desta forma, relacionar as modalidades de produção, o produto e o fato de ele pertencer a determinada empresa de edição, para conseguir uma visão relacional dos múltiplos determinantes que fazem com que as revistas pedagógicas sejam o que são. Compreender as revistas pedagógicas entre si e entre outras revistas supõe um mergulho na linguagem de outras mídias. Essas linguagens não foram objeto específico deste estudo, mas constituíram-se, em alguns momentos, em pano de fundo fundamental para desvendar os impressos que são objetos desta pesquisa.

Assim, este estudo localiza-se numa área multidisciplinar da Educação, da Comunicação, da Linguagem, nos estudos da Leitura em seus aspectos sociológicos, na História do Livro

¹ Utilizo-me, a partir de agora, do negrito para destacar o nome das revistas investigadas ou para aquelas que, em algum momento, servirão de contraste.

e das Edições, na Bibliografia. A convergência é buscada mediante o interesse pedagógico de compreensão da “imprensa pedagógica” e de seus modos de funcionamento. Desvendar a imprensa pedagógica possibilita, em última instância, conhecer melhor o campo da Educação, área de minha formação e trabalho.

A tese divide-se em quatro partes: a primeira comporta a discussão sobre a origem da pesquisa, o estado da pesquisa sobre revistas no Brasil e aspectos teórico-metodológicos. A segunda parte pretende apresentar as editoras e informar sobre alguns aspectos que originaram a criação das revistas e suas formas de circulação. Em seguida, são apresentadas as revistas do ponto-de-vista da caracterização dos editores e inicia-se uma aproximação com o objeto revista, buscando uma forma de descrição analítica de alguns aspectos deste tipo de impresso, tais como: características materiais, de conteúdo e simbólicas; modos de apresentação de um seus textos, o editorial; as imagens e alguns fatores de composição. A terceira parte focaliza alguns elementos que podem elucidar aspectos da produção das revistas propriamente ditas, assim como das posições dos editores na condução desta produção. Finalmente, a quarta parte analisa algumas das estratégias das revistas em direção ao tipo de leitor-professor brasileiro.

Esta organização não reflete o movimento da pesquisa que se baseou, inicialmente, apenas nas informações presentes no objeto revista e em materiais de divulgação das editoras. Retratar o movimento “caótico” da pesquisa seria uma forma de permitir ao leitor recuperar os aspectos metodológicos, ou seja, o que foi possível fazer apenas com os dados do impresso, sem recorrer a entrevistas. No entanto, ressalta-se que foi escolhida uma estrutura que apresenta as informações e análises numa outra ordem lógica, que talvez permita ao leitor tomar conhecimento de informações contextuais, importantes para a melhor compreensão das análises.

Por último, convém ressaltar um movimento metodológico que pode auxiliar o leitor na apropriação do meu texto, assim como no entendimento de alguns pressupostos metodológicos que utilizei. Para isso, utilizo, pelo menos, duas analogias, ou metáforas, com os personagens do livro “*Se um viajante numa noite de inverno*” de Ítalo Calvino. A primeira com o personagem Irnério que não lê os textos e vê os livros como objetos, recortando-os, colando-os, enfim, fazendo deles obras de arte. Para resolver o seu dilema

com a sedução ou uma certa imposição de leitura, conta como consegue viver sem ler os livros e outros escritos:

“Acostumei-me tão bem a não ler que não leio sequer o que me aparece diante dos olhos por acaso. Não é fácil: ensinam-nos a ler desde crianças, e pela vida afora a gente permanece escravo de toda a escrita que nos jogam diante dos olhos. Talvez eu também tenha feito um certo esforço nos primeiros tempos para aprender a não ler, mas agora isso é natural para mim. O segredo é não evitar olhar as palavras escritas. Pelo contrário, é preciso observá-las atentamente, até que desapareçam.” (p.55)

Muitas vezes, durante a pesquisa, com todos os apelos do conteúdo próprio dos textos pedagógicos, tive que ler outras coisas, aquelas que ficam à margem, como as fichas técnicas, as propagandas e a linguagem visual das capas, das páginas, que permitem ver o objeto. O conteúdo dos artigos, relatos, reportagens, tinha que lê-los, mas não considerá-los como prioritários na análise. Muitas vezes, tive mais que ver do que ler para chegar a algumas conclusões.

A segunda metáfora, faço-a com o personagem principal do mesmo livro que, não podendo ler na linearidade, nem na seqüência esperada, pelo fato de ter edições encadernadas equivocadamente, busca a resolução de seu problema no contato com livrarias, com editores, com escritores e, para isso, diz que precisa despojar-se de uma certa ingenuidade de leitor.

Esse personagem principal que procura desvendar os erros de encadernação comenta: “*há uma linha limítrofe: de um lado estão aqueles que fazem o livro, de outro, aqueles que os lêem e, por isso, fico alerta para manter-me sempre alguém dessa linha*” (p.97)

Assim, para compreender os sentidos dos livros, mesmo com essa posição de manter-se apenas leitor, foi preciso que esse personagem entrasse também nas práticas editoriais.

De fato, adentrar-se pelo mundo editorial permite que se perca um pouco da ingenuidade de leitor. Depois de perdida essa ingenuidade, penso que nunca mais se consegue olhar para os livros esquecendo-se de que são objetos e do emaranhado de relações que permitem a sua produção e circulação.

Outras pesquisas talvez possam se concentrar numa leitura canônica dos textos para analisarem um periódico. Apesar de sentir toda a espécie de seduções pela análise do

conteúdo das revistas, espero ter ultrapassado um pouco a linha limítrofe, contribuindo, de um outro ângulo, para o início de uma descrição analítica do impresso e para o desvendamento das práticas editoriais e da imprensa pedagógica.

PARTE I

O PROBLEMA E A METODOLOGIA DE PESQUISA

CAPÍTULO 1

A ORIGEM DO PROBLEMA E A RELEVÂNCIA DE SUA INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo, pretendo começar chamando a atenção para o fato de pertencer o meu tema de pesquisa a um campo de investigações sobre algumas das condições que viabilizam a leitura de professores. Justifico um recorte na produção dos textos profissionais destinados a professores, como uma faceta destes estudos sobre a leitura que considera os aspectos envolvidos na produção editorial importantes para a compreensão dos textos e da leitura. Apresento, também, uma breve revisão das pesquisas que levaram à delimitação deste estudo.

A LEITURA PARA/DE PROFESSORES

Vários são os estudos que abordam as leituras de professores, buscando enfocar sua relação com a leitura, com a formação do gosto pela mesma ou, ainda, com determinados tipos de textos, tentando compreender a formação cultural desses profissionais e qual o papel da leitura em suas histórias de vida. Em boa parte destes estudos busca-se compreender, também, a relação dessa formação com as práticas pedagógicas dos professores. São exemplos destes estudos os de Sônia Kramer (1996, 1997), Maria José Moura (1994), Antonio Augusto Batista (1996), Graça Paulino et al. (1999), Aracy Evangelista (2000).

Além das preocupações relativas a uma compreensão da leitura dos professores, como sujeitos socioculturais, relacionada a suas práticas pedagógicas, as indagações sobre suas práticas de leitura ligam-se, no contexto atual, a uma outra questão básica: a da formação continuada.

Para demonstrar os desafios que essa questão propõe, pode-se citar, como exemplo, o impacto no trabalho de formação de professoras alfabetizadoras resultante da divulgação das produções teóricas sobre alfabetização ocorridas em meados da década de 80. Naquela época, uma condição *sine qua non* evidenciada pelo movimento pedagógico, para alteração das práticas pedagógicas, era a tomada de conhecimento, pelas professoras, da produção científica no campo da linguagem. A área de alfabetização recebeu contribuições de ciências diversas, cujos textos, produzidos no campo da pesquisa, chegavam quase que simultaneamente às escolas, levando a práticas de leituras antes não realizadas. Nesse contexto, participei da liderança de um movimento “pedagógico” e “cultural” em que a incorporação de novas leituras foi uma das condições determinantes da mudança da prática pedagógica de algumas escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte. Sendo a leitura de professores um dos componentes relevantes na formação em serviço, criaram-se várias estratégias para a sua realização: grupos de estudos, seminários, salas de leitura para professores, entre outras. Pode-se dizer, a partir dessa experiência, que a leitura, antes tomada como dada e natural na prática de professores, começa a aparecer como um problema a ser resolvido e investigado.

Por outro lado, além das leituras que surgem como necessidade dos grupos de trabalho e de formação, ocorre um movimento, no cotidiano da escola, que traz à tona certas necessidades e práticas de leitura. Além dos textos advindos dos campos de pesquisa, aparecem outros textos, introduzidos por necessidades de trabalho, ou por via de divulgação de vendedores e colegas, um deles, o do livro didático.

Trabalhando em escola pública e tendo oportunidade de circular por meios acadêmicos que favoreciam o conhecimento mais amplo de livros didáticos, pude perceber como algumas “classificações” informavam a divulgação de determinados livros para a escola pública, havendo, ao mesmo tempo, outras “classificações” para a escola particular. Um vendedor de uma mesma editora, por exemplo, divulgava livros básicos para a mesma série, envolvendo a mesma área de conhecimento, fazendo as seguintes diferenciações: um livro didático com proposta “tradicional”, para escolas públicas da periferia e um livro alternativo, com proposta gráfica e pedagógica considerada “sofisticada”, para escolas públicas centrais e escolas particulares, conforme informou. Mesmo não podendo afirmar

se essa era uma política de editora ou um código de venda, permanece um fato concreto: em alguma instância do processo de distribuição, aparece um perfil de leitor/professor e de leitor/aluno que pode circunscrever o seu acesso a leituras. Poderia citar também a seleção de livros de literatura infantil como um campo em que os vendedores têm um papel “regulador” do que é dado a ler a professores e alunos.

Ainda no campo da formação de professores, trabalhando no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação da Rede Municipal de Belo Horizonte (CAPE), deparei com um aspecto da leitura antes não vivenciado, ou seja, o da produção de textos para professores da Rede Municipal. Se, num primeiro momento, a política pedagógica da Secretaria não gerava necessidades específicas de produção intensa de material impresso, um outro momento, o da implantação do Projeto Político Pedagógico Escola Plural, trouxe à tona a necessidade de se criarem competências no campo da produção. Não se pode deixar de ressaltar que essa “competência” não significava só o domínio de aspectos formais da escrita, visto que vários componentes do CAPE já haviam passado por uma formação acadêmica de certo peso. A “competência” que ainda não havia sido criada dependia de uma discussão sistemática que ajudasse a definir, política e operacionalmente, alguns parâmetros sobre o que é **produzir material e/ou escrever para professores das séries iniciais**.

No contexto emergencial da preparação de cadernos para professores, várias questões surgiram, simultaneamente à produção: variam-se as linguagens? (texto, ilustrações, quadrinhos, cinema, vídeo...). O conteúdo deve conter experiências concretas da prática docente? É necessário maior peso no campo de fundamentação teórica? Como fazer isso sem cair em teorizações extensas? Como produzir em equipes? Quem faz leitura crítica? Por que crivos passa a produção final? Como atingir um perfil tão diferenciado de leitores?

No período de produção dos primeiros cadernos da Escola Plural, quando tive uma participação mais intensa na elaboração de material impresso, a produção ocorreu quase à revelia de um maior consenso quanto a uma política de produção, ou pelo menos, de uma visão mais definida sobre essa questão.

Em consequência disso, minha prática com a leitura no campo da **produção de textos** para professores e da **recepção de textos** pelos professores tem-me levado a tentar desvendar esse objeto e, a meu ver, **a leitura de textos profissionais por professores** é um objeto a ser investigado por quem se preocupa com sua formação ou dela se ocupa. Considero como leituras profissionais, neste trabalho, os tipos de leituras determinados (em sua produção e recepção) pelo contexto de pertencimento à categoria profissional professor ou de sua inserção nesta.

A LEITURA PROFISSIONAL COMO DIMENSÃO ESPECÍFICA

A expressão “leituras profissionais” tem sido usada na literatura francesa que investiga o campo de práticas de leitura. Relatando estudos feitos sobre as práticas de leitura de estudantes de magistério da IUFM (Institut Universitaire de Formation des Maîtres) de Versailles, Anne Marie Chartier *et al.* (texto mimeografado, sem data identificada) classificam as leituras feitas no contexto estudantil como pessoais e profissionais; a leitura profissional, nessa pesquisa relatada, aparece como a determinada pela inserção dos futuros professores no campo da formação inicial para o magistério.

Nessa perspectiva, os autores apontam pelo menos três tipos de leitura. O primeiro refere-se à leitura de textos de informação e reflexão sobre as áreas disciplinares, que vão desde escritos de obras de referência até obras de vulgarização. O segundo tipo de leitura concerne justamente aos textos prescritivos utilizados diretamente em classe (fichas, manuais, preparação de seqüências publicadas em revistas, etc.). Um terceiro tipo diz respeito a leituras referentes à cultura geral profissional, cujas temáticas estão presentes nos debates atuais sobre o papel da escola (aspectos políticos, culturais, intelectuais, sociais, éticos, etc.).

No mesmo trabalho, esses autores chamam a atenção para a necessidade de abordar as práticas de leitura profissional, considerando algumas fases do curso de magistério, como, por exemplo, a inicial e a final – sendo esta última a época em que se realizam os estágios -, evidenciando a relação das fases dos cursos com a procura de obras de referência geral ou de manuais pedagógicos, por exemplo.

Se as pesquisas sobre práticas de leitura de professores em processo de formação inicial trazem elementos novos para se pensar em sua formação, devem-se investigar as condições de produção de leituras de professores em serviço.

O projeto de pesquisa intitulado “Lectures personnelles et lectures professionnelles dans les trajectoires de formation”, de Anne-Marie Chartier (texto mimeografado 1995-97) pretende trabalhar com a abordagem de leituras pessoais e profissionais de professores em formação inicial e em serviço. Nessa pesquisa, que se encontra em andamento, vem-se trabalhando com entrevistas que buscam recuperar as trajetórias de leituras dos professores.

No Brasil, é necessário que sejam realizadas pesquisas sobre leituras profissionais de professores em serviço. Nessa dimensão, tem-se um leque de possibilidades, e o campo de análise amplia-se, podendo-se abranger desde o **nível de ensino** em que atuam, passando pelas questões: **por que, o que, quanto** lêem os professores em seu campo profissional, até a análise de **como** lêem os professores. Esse **como** lêem os professores pode significar processamento individual no ato de leitura, modalidades de leitura (práticas coletivas ou individuais, intensivas ou extensivas, orais ou silenciosas, leituras totais ou parciais, etc.)

Em minha dissertação de Mestrado (Frade, 1993) verifiquei que as formas de relacionamento dos professores do ensino fundamental com a linguagem científica dos textos oriundos das pesquisas promoviam diferenças nas práticas, nos discursos e nas formas de sociabilidade que cercavam o ato de leitura para grupos diferenciados na escola (implementadores de mudanças ou “resistentes à mudança”). As relações estabelecidas com os textos e com suas formações discursivas geravam a acumulação de um capital simbólico e, portanto, de um poder simbólico, gerador de identidades positivas (para quem dominava os códigos de leitura do texto científico) e negativas (para quem não conseguia produzir uma leitura “correta”, portanto, autorizada, dos mesmos textos). Dessa forma, percebi que um tipo de leitura, a do texto científico, aliada a outras dimensões do trabalho, acabava gerando uma rede de relações diferenciadas entre os grupos.

Analisando outras escolas implementadoras de algumas mudanças na Rede Municipal de Belo Horizonte, Ceris Silva (1995) observou práticas de leitura profissionais realizadas no

contexto escolar, ressaltando a semelhança entre as práticas de formação e de leitura e os modelos escolares. Analisando aspectos da escolarização das práticas de leitura dos professores, ela sugere a busca de outros modelos de formação.

Dando continuidade a essa preocupação com os tipos de leitura profissionais de professores, a pesquisa participante “*Leitura de textos oficiais por professores do ensino fundamental da Escola Plural*” (1998) , da qual participei como coordenadora, trouxe dados que vêm responder a uma série de questões levantadas. Dessa forma, recortando os **tipos de leitores** (professoras do primeiro e segundo ciclo da Escola Plural) e um **tipo de texto** (o texto oficial), procuramos aprofundar a análise das formas de leitura.

A análise dos dados da pesquisa permite considerar que determinados aspectos desse **como** poderiam trazer novas luzes sobre a produção oficial de material pelas Secretarias Municipais e Estaduais e pelo Ministério da Educação.

Por outro lado, existe uma produção de material de leitura profissional de professores que não se restringe aos órgãos oficiais, integrando uma rede diversificada e intensa de textos de leitura. Os textos produzidos nesse contexto não vão em busca oficial dos seus leitores, mas numa busca que segue outras lógicas, inclusive a de mercado. Não devem ser lidos de forma obrigatória, nem necessariamente coletiva, partem de diversas fontes e são procurados pelos professores de forma diferenciada. Nessa perspectiva, não se tem conhecimento de pesquisas que abordem o campo da produção da leitura para professores. O investimento nesta área pode trazer subsídios importantes para o conhecimento da produção de textos para professores e de suas formas de funcionamento, esclarecendo pontos importantes para a constituição de uma Sociologia da leitura de professores no Brasil.

PROBLEMATIZANDO O CAMPO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS PEDAGÓGICOS PARA PROFESSORES

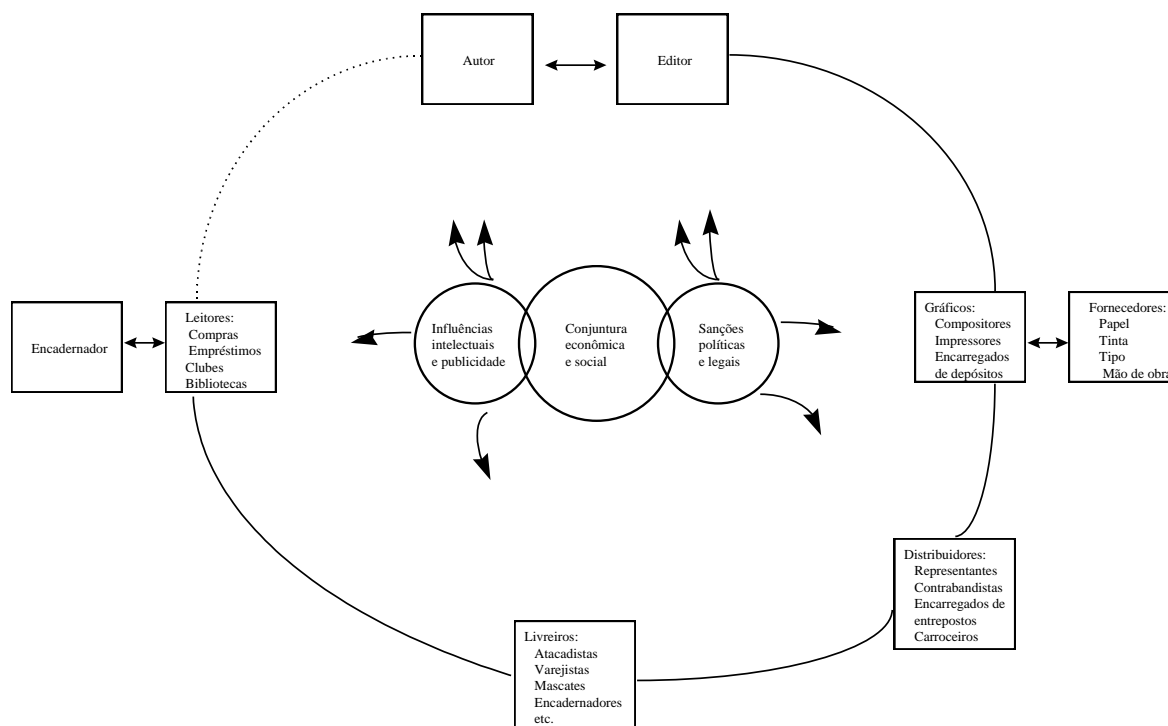
Martine Poulain (1988) chama a atenção sobre certos aspectos da leitura, considerados “periféricos”, e que são constitutivos do ato de ler. Uma abordagem da leitura não se pode restringir ao momento em que se efetiva, mas deve abranger o que a condiciona e a prepara, o que a conduz e a prolonga, ou enfim, o que a anula. Um desses aspectos começa com a análise do perfil de leitor-professor, implícito nas leituras que lhe são dadas a ler porque as representações que uma sociedade faz da leitura e de seus leitores são constitutivas do ato de ler. Por isso, é necessário que se façam pesquisas na área da **produção de textos para professores.**

Robert Darnton (1990), pesquisador que trabalha no campo da história do livro, refere-se à complexidade de abordagens no campo de estudos sobre a leitura, demonstrando que a existência de uma diversidade de disciplinas auxiliares demanda a necessidade de se criar um modelo geral para analisar como os livros surgem e se difundem na sociedade (é preciso ressaltar a necessidade de considerar as diferenças de condições, lugar e época). Segundo esse modelo:

“... os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição.” (p.112).

No mesmo trabalho, Robert Darnton chama a atenção para a necessidade de entender cada “etapa” desse ciclo de forma relacionada às demais, objetivando alcançar uma visão holística do livro como meio de comunicação.

O circuito pelo qual passa um texto, desde o momento de sua produção até a leitura propriamente dita, pode ser visualizado a partir do quadro denominado “ figura 1 - O circuito das comunicações” (p. 113), proposto pelo autor:



Numa perspectiva sincrônica, tomando como base algumas categorias propostas por historiadores do livro e seguindo alguns caminhos do texto ao leitor, abrem-se múltiplas possibilidades de pesquisa.

No campo da produção, são possíveis algumas perspectivas de abordagem: é pertinente abordar, não só a questão do autor, mas a dos outros processos que resultam na edição de um texto original, reconhecendo estratégias de autores e editores para atingir determinados tipos de leitores. As pesquisas nessa área de produção podem abordar, tanto a questão do texto original, como o texto resultante de intervenções editoriais. Para explicitar melhor essa questão, é necessário, portanto, estabelecer uma diferença entre **textos** e **impressos**.

Quando impressos para circulação, os textos originais sofrem alterações de várias ordens: no conteúdo, na forma, nos títulos, nos subtítulos e resumos que os antecedem, nas ilustrações que os acompanham, na forma tipográfica, alterando os sentidos da leitura. Os textos também incorporam novos sentidos, a partir da materialidade do suporte onde são impressos, como a revista, o livro ou o jornal, por exemplo. Sabe-se, então, que entre um texto original e o impresso ocorrem diversos processos de mediação que precisam ser considerados.

Numa outra perspectiva, podem-se privilegiar as formas de divulgação dos textos e também de sua distribuição, mediante entrevista com editores, compradores, vendedores, pesquisa etnográfica, leitura de catálogos, etc.

Outro aspecto a ser também investigado refere-se à circulação dos textos no espaço escolar, as redes de relações criadas e os contextos de trabalho que podem determinar a leitura. Em última instância, pode-se investigar o ato de leitura, propriamente dito, que “fecha” o circuito de leitura. Nessa perspectiva, a pesquisa “Leitura de textos oficiais por professores do ensino fundamental”, já citada anteriormente, traz alguns elementos elucidativos para essa dimensão.

Em todas as possibilidades levantadas, que representam o circuito dos textos desde o autor até o leitor, podem-se apresentar pistas sobre formas mais adequadas de pensar a produção, divulgação, distribuição e acompanhamento das leituras profissionais dos professores.

Voltando ao campo da produção, que envolve, entre outros elementos, autor e intervenção editorial, é necessário ressaltar sua dimensão discursiva e dialógica, pois sabe-se que, no próprio processo de produção de um texto, está contida a imagem de leitor. No texto “Leitor-modelo” Umberto Eco (1986:39) ressalta:

“... o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos dos outros...”

No mesmo trabalho, ele acrescenta:

“Portanto, prever o próprio leitor modelo não significa “somente” esperar que exista, mas significa também mover o texto de modo a construí-lo. O texto não apenas repousa numa competência, mas contribui para produzi-la”. (p.40)

Donald Mckenzie (1991), teórico do campo de estudos da Bibliografia e da Sociologia de Textos, também afirma que novos leitores criam textos novos, cujas novas significações dependem diretamente de suas novas formas. Ou seja, as novas formas que interferem nos

processos de significação dos textos têm origem na sua produção e, ao mesmo tempo, na demanda dos leitores. Esse processo duplo cria dois tipos de variação, segundo análise de Roger Chartier, no prefácio do mesmo livro: a de competências, de hábitos dos leitores, de um lado e, de outro, as variações das formas nas quais aqueles textos são dados a ler. Assim, compreender a produção de textos/impressos possibilita compreender os seus leitores.

Ora, se num sentido mais técnico, há que se prever, na produção do texto, o “leitor-modelo” que se quer atingir, num sentido mais amplo, pode-se deduzir que as representações sobre esse leitor podem determinar suas possibilidades de leitura e de conhecimento. Essas representações podem ser identificadas e caracterizadas? Como a mudança nos contextos históricos de formação e prática dos professores modifica ou reforça essas representações? Haverá uma política, ou regras mais definidas a esse respeito, no mercado editorial?

Uma reflexão sociológica sobre a produção para professores é indispensável aos formadores de professores e, quem sabe, aos produtores de material de leitura para professores. Tomando como foco de análise esse processo de produção, um dos aspectos relevantes de uma pesquisa pode ser o de entender algumas regras de funcionamento dessa instância.

Uma investigação no campo da produção editorial poderia responder até que ponto as formas de leitura profissionais de professores são determinadas pelos tipos de textos que lhes são dados a ler. Uma análise das linhas editoriais, dos estilos e formas de escrita, dos tipos de textos, etc. poderia explicitar algumas “condições sociais que conduzem a ler”.

Este estudo privilegia, dentre estas inúmeras possibilidades, a análise do impresso **revistas pedagógicas**, assim como a das práticas editoriais evidenciadas em seu interior – no próprio objeto - e em entrevistas, buscando um conhecimento do modo de ser da imprensa pedagógica e, indiretamente, do campo educacional.

Tendo escolhido, como foco de análise, a produção de textos/impressos para professores, chegou-se à escolha de revistas pedagógicas. Essa definição teve uma história e passou

pela análise da relevância de alguns impressos dirigidos ao leitor-professor. Um dos questionamentos presentes na definição do tipo de texto resultou de uma primeira pergunta de ordem metodológica: **o que são textos dirigidos a professores?**

Numa perspectiva histórica, pode-se supor que a produção de material para professores, além dos textos oficiais emanados das Secretarias de Estado, manifestava-se, predominantemente, num tipo de objeto material: o manual didático.

Numa perspectiva sincrônica, sabemos que vários são os textos e suportes que hoje circulam no espaço escolar: textos oficiais, jornais dos sindicatos, locais e nacionais; excertos de textos científicos sob a forma de xerox; livros científicos; instruções de livros didáticos, enciclopédias; revistas; *folders* de divulgação de eventos... Contudo, que textos poderiam ser caracterizados como dirigidos exclusivamente ao professor com perfil de leitor bem definido? Como fazer uma distinção num contexto tão diversificado de circulação de material de leitura?

Os livros técnicos ou científicos na área de Educação são direcionados a leitores diversificados, tanto no que diz respeito à atividade desenvolvida (pesquisa, ensino), quanto no que se refere às áreas em que atuam (Sociologia, Psicologia, Antropologia, Pedagogia, etc.). A afirmativa é válida, também, para jornais de circulação local e nacional (com exceção de jornais para o professor).

Com perfil definido como destinados especificamente a professores, restam textos oficiais, jornais específicos (que, por vezes, tratam de formação profissional no sentido sindical ou pedagógico), orientações de livros didáticos e revistas especializadas.

Por seu caráter instrumental e pela presença quase certa no cotidiano dos professores, merece destaque o livro didático, com suas orientações para esses profissionais (esses livros são dirigidos a alunos, mas, geralmente, as editoras produzem um exemplar do professor que apresenta respostas ou instruções escritas nas margens), assim como os manuais que podem acompanhar o livro didático, cujo objetivo é explicitar a proposta do livro destinado aos alunos. Esse último material, dirigido somente ao professor, também

poderia ser escolhido como outro possível instrumento de análise². De forma geral, esse tipo de produção (dirigida diretamente aos alunos, para efeito de compra), mas direcionada ao professor, como um dos instrumentos para seu trabalho, apresenta duas características: contém instruções para uso em sala de aula no exemplar do professor e tem distribuição gratuita. São, portanto, livros que passam pela apreciação dos docentes, que atuam como leitores de primeira mão. Essa leitura depende, na maioria das vezes, do recebimento, no local de trabalho, de exemplares gratuitos. Se o acesso a esse material não depende de compra, deduz-se que seja um texto com potencial para acionar possíveis leituras.

Entretanto, nesta pesquisa, o foco de análise da produção, concentrou-se na opção pela **revista dirigida a professores**. Um dos motivos que justifica essa escolha é que as revistas são dirigidas diretamente aos professores e exigem um movimento dos leitores (as instituições ou leitores individuais) para a sua aquisição. Ainda, existe uma possibilidade de maior circulação, evidenciada por práticas de leitura declaradas (em sondagem prévia com professores do ensino fundamental de Belo Horizonte, do interior de Minas Gerais e de Teresina - PI, utilizando, como instrumento, um questionário, percebi que as revistas educacionais aparecem de forma recorrente na lista de materiais lidos). Acrescente-se a isso seu preço aparentemente mais acessível e as possibilidades de maior poder de formação de leitores, resultante desse aspecto. Além disso, a existência de um tempo médio ou longo de circulação, aliado a estratégias de divulgação adequadas, faz com que certas revistas tenham presença constante nos meios educacionais, o que resulta na formação de demanda por assinaturas individuais e institucionais (escolas e Secretarias de Educação). Essas condições promovem um reconhecimento do suporte específico pelos professores e um conjunto de expectativas e rotinas de leitura, alimentadas pela inserção desse tipo de impresso no cotidiano. Isso, por sua vez, gera e conserva necessidades de leitura.

Um outro aspecto que merece destaque refere-se à possibilidade de recuperar tendências editoriais, que, no caso das revistas, podem aparecer de forma mais explícita. Isso porque a maioria das revistas de Educação é dirigida a um interlocutor definido: o professor. No

² A partir de um *corpus* de material selecionado num programa de análise de material didático pelo CEALE, analisamos o discurso dirigido a professores nos manuais de alfabetização que acompanharam os livros de alfabetização encaminhados ao MEC no programa PNLD de 1997.

caso da escolha por revistas, merecem destaque algumas, de circulação estadual e nacional, dirigidas a professores da educação básica, produzidas por editoras comerciais ou sem fins lucrativos.

É relevante mapear algumas pesquisas, que tomam a revista pedagógica como objeto, para evidenciar qual a contribuição do presente estudo.

A REVISTA COMO OBJETO DE PESQUISA

Os estudos sobre a imprensa pedagógica têm-se constituído como um campo específico de pesquisa, através do qual se pode compreender o movimento das idéias, a posição dos agentes sociais, a circulação de práticas, etc. O privilégio desse recurso, como fonte para investigações sobre a História da Educação, tem tornado necessária a análise de seu conteúdo e a construção de algumas formas de bibliografia material (repertórios), que permitam construir novos temas de pesquisa, em vários países. Os esforços para construir repertórios são demonstrados pelos trabalhos de Pierre Caspard (1981), na França, por António Nóvoa (1993), em Portugal e, no Brasil, são conhecidos os trabalhos de Denice Catani e Maria Helena Câmara Bastos (1997) que tentam construir repertórios regionais.

António Nóvoa sublinha que uma das informações essenciais trazidas pelas revistas, numa perspectiva histórica, é a de nos fazer apreender o fenómeno educativo em sua globalidade. De fato, cada número traz sempre uma multiplicidade de informações desaparecidas, que se situam em níveis diferentes de atualidade (política, técnica, social, intelectual, etc.) e concernem sujeitos que jamais serão reunidos em um livro. Graças às revistas pode-se reconstituir o presente da vida pedagógica de forma bem mais segura, porque se podem ler as informações e os comentários sobre as decisões políticas do momento (sobre as leis, as reformas em curso ou por vir); podem-se, também, encontrar os debates sobre as questões pedagógicas, sobre as preocupações existentes na vida cotidiana dos professores.

Pierre Caspard (1997) mostrou bem o papel essencial que os professores exerceram na produção de revistas pedagógicas antes de 1939, na França, e também como se pode fazer uma tipologia e uma periodização dessa imprensa em função de tendências dominantes em

cada época. Na França, as revistas do século XIX são centradas, primeiramente, nos problemas teóricos e práticos com que se depararam os professores, em função da transferência de responsabilidades pedagógicas de autoridades religiosas e locais para o Estado, desde 1860; num segundo momento, centram-se numa definição dos conteúdos de ensino para a classe; e, num terceiro momento, de 1910 até a segunda guerra mundial, em inovações.

E preciso sublinhar, também, os trabalhos que permitem compreender o movimento de produção de revistas no conjunto de outras relações de produção para a escola, em geral, como o estudo de Alain Choppin (1992) sobre o mercado editorial de livros didáticos, no qual se encontra uma breve referência à produção de uma das revistas francesas de maior tempo de existência, o **Journal des Instituteurs et des Institutrices** (JDI), que circula há 145 anos.

Infelizmente, não se dispõe de tal análise para o período atual. O número 126-127 de *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, num balanço de pesquisas consagrado ao “mundo das revistas” no período de 1960 a 1998, em relação à realidade francesa, mostra que trabalhos sobre o campo específico da edição de revistas pedagógicas atuais são quase inexistentes.

No Brasil, podem-se levantar, a partir das propostas de Denice Catani (*op. cit.*), pelo menos duas necessidades básicas em relação à pesquisa sobre revistas:

- “estudo para estabelecer uma história serial e repertórios analíticos destinados a informar sobre o ciclo de vida, conteúdos, informações sobre produtores, leitores, etc.”
- “estudo específico e interno do periódico e sua produção, reconstruindo estágios de funcionamento e estruturação do campo educacional”.

Numa revisão de pesquisas realizadas no Brasil, Denice Catani (1997) indica vários estudos históricos que apresentam indícios da criação e da existência de periódicos educacionais. Esses estudos não tomam a revista como objeto, mas apresentam, no bojo de suas análises, dados importantes que permitem recuperar algumas tendências e, mesmo, construir repertórios analíticos. A autora apresenta, também, um outro grupo de estudos

que tomam a revista como objeto, voltando-se para os centros produtores de revistas, equipes envolvidas na produção, origens dos periódicos, análise de temas tratados, entre outros aspectos.

A análise sobre ciclos de vida, temas tratados e exame de representações são as mais recorrentes. Assim, apesar de as pesquisas tomarem como objeto textos a serem **lidos**, a produção destes como textos para **leitura**, assim como os processos de sua leitura propriamente dita não têm sido objeto de investigações.

Além disso, a maioria desses estudos concentra-se em revistas de iniciativa oficial (associações de professores, órgãos oficiais) e poucos estudos são apresentados do ponto de vista da produção contemporânea de revistas e de sua produção pela iniciativa privada (conforme Catani, 1997, e dados do Banco de dissertações e teses da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, de 1997).

O quadro a seguir, formulado a partir do banco de dissertações e teses da ANPED, evidencia melhor essas tendências:

| Autor | Revista(s) | Tema | Período analisado |
|-----------------------------------|---|--|--------------------------|
| CORTESE, Marlene Beatriz Pedro | Cadernos de Pesquisas, Educação e Sociedade e Revista da Ande | O que se produziu e se publicou e sua relação com a prática escolar | 1971-89 |
| BORGES, Vera Lúcia Abrão | Revista de Ensino -MG | Representação e difusão da ideologia de caráter nacional da educação mineira na revista | 1925-29 |
| BASTOS, Maria Helena Câmara | Revista do Ensino do Rio Grande do Sul | O novo e o nacional no periódico. Relação de temas educacionais com a política estadonovista. Modelização das práticas escolares e dos fazeres dos professores | 1939-42 |

| | | | |
|------------------------------|---|--|-----------------------------------|
| SENN, Esther | Revista da Ande Revista Educação e Sociedade | Análise das concepções, posições e perspectivas que perpassam a produção. Relação Educação e democracia | 1979-88 |
| BRANDÃO, Carlos da Fonseca | Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte | Relação entre a produção e o desenvolvimento institucional da área de Educação Física | 1978-93 |
| NERY, Ana Clara Bartoleto | Revista Escola - editada pela Diretoria de Instrução Pública de São Paulo | Análise da contribuição da revista ao movimento de renovação da época. Ideais pedagógicos e ideais educacionais da revista | 1925-27 |
| SCOTT, Ana Paula Lens Silva | Revista Veja | Análise da imagem dos candidatos Fernando Collor de Melo e Luiz Inácio Lula da Silva produzidas pela revista | 1989 |
| VIEIRA, Martha Lourenço | Nova Escola | A produção do discurso construtivista veiculado pela revista | 1986-95 |
| TOLEDO, Maria helena Acayaba | Revista de fotonovelas (não especificada) | Relacionamento das características da leitura feitas pelos alunos com as características destes (leitores alunos de 8ª série e 1º ano do 2º grau) | Não consta |
| CATANI, Denice Bárbara | Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de SP | Reconstrução do ciclo de vida com o objetivo de compreender o investimento dos professores como profissionais no trabalho de organização e delimitação do debate de questões relativas ao ensino | Duas primeiras décadas do sec. XX |
| SOBREIRA, Henrique Garcia | Educação e Sociedade e Revista da ANDE | Tematiza a relação entre a literatura pedagógica contextualizada em referencial crítico e o movimento de reivindicação dos professores | Segunda metade da década de 70 |
| GERMANO, Raimunda Medeiros | Revista Brasileira de Enfermagem | Papel da publicação na formação de estudantes, professores e profissionais de enfermagem (temáticas e autores) | 1955-80 |

| | | | |
|---------------------------------|---|--|---------|
| | | | |
| GANDINI, Raquel Pereira Chainho | Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos | Origem, características, criação e idéia de dois autores: Lourenço Filho e Almeida Júnior. Relações com o debate educacional do período: oposição entre liberais e conservadores | 1944-52 |
| ALVARENGA, Lídia | Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos | Estudo bibliométrico de 206 artigos, com foco no movimento de institucionalização da pesquisa no Brasil, no período anterior à pós-graduação em Educação. Análise de elementos textuais, paratextuais e citações | 1944-74 |
| GEBRIM, Virgínia Sales | Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos | Investigação das relações entre Psicologia e Educação, tendo como referencial uma publicação oficial | 1944-63 |

Numa análise da produção sobre revistas, a partir desses dados acima, foram identificados títulos e resumos de 15 pesquisas sobre o tema realizadas até 1997; pode-se concluir, dos resumos, que predominam estudos sobre revistas oficiais de Associações, Órgãos governamentais, Grupos de pesquisa e que a tendência mais acentuada é a de tomá-las como fontes para compreensão do campo educacional. A pesquisa histórica por tema é a mais recorrente e, em uma delas (Raquel Gandini, 1990), abordam-se a origem, as características e criação da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*; a pesquisa centra-se, entretanto, nas posições políticas de dois autores: Lourenço Filho e Almeida Júnior. Do ponto de vista da produção comercial contemporânea, aparece apenas uma pesquisa relacionada à revista *Nova Escola* (Martha Vieira, 1995) também com enfoque no tema “construtivismo” - não havendo, nos trabalhos catalogados, nenhuma pesquisa comparativa entre revistas comerciais contemporâneas.

Do ponto de vista da leitura, aparece apenas uma pesquisa que não tem como objeto revistas de Educação, visto tomar a leitura de telenovelas por alunos de escola pública como objeto de estudo (Maria Helena Toledo, 1981). A pesquisa de Lídia Alvarenga (1996) indiretamente, aborda a produção da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, do ponto de vista de recursos textuais, paratextuais e citações, a partir do referencial da Ciência da Informação e da Arqueologia do Saber de Foucault, mas seu foco de análise é o tema “institucionalização da pesquisa educacional no País”.

Verifica-se, pois, que não têm sido objeto de investigação produções contemporâneas, sobretudo as comerciais, não apenas do ponto de vista dos temas educacionais tratados, mas também como propostas de construção de discursos a serem lidos e de leitores a serem construídos, a partir de uma Sociologia da Leitura e dos cruzamentos que esta estabelece com a Educação.

Assim, pode-se constatar que, no Brasil, as pesquisas que utilizam as revistas são, antes de mais nada, centradas em conteúdos, que são analisados em publicações oficiais e em revistas de associações. Dados sobre estudos de edição, no campo da educação, são quase inexistentes. Esses estudos levam raramente em conta a especificidade do suporte **revista e imprensa**, não se preocupam em saber quais são os contratos que pesam sobre essas publicações, sobretudo as comerciais, e a maneira como as revistas são dependentes de seus leitores, de seus atores, mas também de contratos editoriais particulares, especialmente os tecnológicos e os comerciais, pelo fato de estarem elas em concorrência no mercado. As revistas pedagógicas são recursos de educação, mas são também material de leitura e mercadoria. As lutas para a sua produção são ligadas a idéias, a formas de ser dos grupos do campo educacional, mas também a representações sobre um leitor-modelo e a relações de produção no mercado editorial, a grupos profissionais que trabalham com a edição, às questões técnicas ligadas à fabricação e aos modelos do próprio material impresso. Nessas materialidades, de diversa natureza, cruzam-se, também, modelos de Comunicação.

Tendo em vista as tendências mais recorrentes, não se pretende, aqui, tomar as revistas apenas como objeto para levantamento de indícios sobre o campo educacional e sobre a formação de professores mas, sobretudo, para sua análise como material impresso

específico, que tem um projeto editorial, com regras definidas, para atingir um tipo específico de leitor-professor. A hipótese é que as revistas “apresentam” em seus fatores de legibilidade (mecanismos visíveis de facilitação e direção da leitura) e nos indícios textuais, determinados protocolos de leitura (Roger Chartier, 1996), indicativos de seu projeto de leitor.

Talvez uma discussão baseada em alguns estudos da área da História do Livro e da Leitura (Roger Chartier, Robert Darnton), na Sociologia de Textos (Donald Mckenzie), numa Sociologia da Leitura e em algumas relações entre os domínios da Educação e da Comunicação Social, seja produtiva, para estabelecer novas questões no campo de investigação de revistas. É preciso evidenciar, também, outras relações, tais como as existentes entre cultura, comércio e mercado editorial; jornalismo e educação e algumas relações desses aspectos com a materialidade dos suportes.

CAPÍTULO 2

DEFININDO RECORTES E APRESENTANDO INDICAÇÕES METODOLÓGICAS

O capítulo a seguir evidencia alguns pressupostos que informaram a opção por determinada metodologia de análise e os critérios que justificaram a seleção de um *corpus* determinado. São apresentados, também, os principais conceitos e definições teóricas com os quais a pesquisa dialoga.

O *CORPUS* ESCOLHIDO E A PERSPECTIVA COMPARATIVA/CONTRASTIVA

A revista dirigida a professores, como objeto de estudo, sugeriu duas possibilidades metodológicas: tomar apenas uma revista como foco, o que ofereceria maior possibilidade de aprofundamento e verticalização, ou tomar dois ou três tipos de impresso, o que favoreceria uma visão mais ampliada e comparativa da produção para professores. A escolha desta segunda alternativa, recortando revistas produzidas em Minas Gerais, ocorreu pela possibilidade maior de ampliação do entendimento do campo da produção mineira de revistas no final dos anos 90. Essa última opção pode apresentar uma contribuição histórica, devido às possibilidades de um certo “mapeamento”, ou olhar panorâmico sobre produção editorial de revistas, “registro” que será construído a partir de elementos presentes no produto mesmo e no discurso dos editores que administram a sua produção.

Neste trabalho optou-se pela análise comparativa de três revistas mineiras, de circulação nacional: a **AMAE Educando**, a **Dois Pontos** e a **Presença Pedagógica**. Esses periódicos destacam-se pelo poder de circulação, por uma certa estabilidade do tempo de circulação, pelo papel que vêm cumprindo na formação de professores. Durante minha estada na

França, em doutorado sanduíche, tentei encontrar revistas pedagógicas francesas, do mesmo gênero, objetivando um alargamento de horizontes e encontrar pontos em comum e diferenças. Assim, de forma indireta, mas bastante relevante, incluíram-se no *corpus*, apenas para caracterização da natureza do impresso, duas revistas pedagógicas francesas, escolhidas mediante indicação de bibliotecárias do INRP (Institut National de Recherche Pédagogique/Paris) e por profissionais da educação: **Cahiers Pédagogiques**, que circula há 55 anos e o **Journal des Instituteurs et des Institutrices (JDI)** que circula há 145 anos. Meu objetivo foi o de melhor tomar consciência, mediante a comparação com revistas internacionais, de traços específicos e não específicos de revistas brasileiras, talvez questões que não se possam ver quando a análise fica fechada em um só universo cultural de referência.

Por trabalhar no campo da imprensa pedagógica, permeado pelo cruzamento dos campos da Comunicação e da Educação, torna-se necessário buscar uma certa identidade das revistas pedagógicas. Dessa forma, ao comparar as três revistas e os números de cada uma delas entre si, foi também necessário tomar como parâmetro as produções da imprensa em geral. Isso significou usar, como pano de fundo, para a comparação das revistas de educação, algumas revistas de informação que vêm circulando no País. Esse contraste se torna importante por ser difícil analisar a imprensa pedagógica desvinculada do movimento geral da Comunicação Social. (Antonio Nóvoa, 1997)

Também é relevante fazer uma comparação da produção de revistas com a de outros materiais de natureza didática, destinados à Educação. Isso será feito, no decorrer da análise, mediante a utilização dos resultados de outras pesquisas sobre a produção editorial. Já se vem consolidando uma tendência a tomar a produção como objeto de investigação na perspectiva dos livros didáticos e paradidáticos (Kazumi Munakata, 1997) e dos livros de literatura infanto-juvenil (Cecília Reggiani Lopes, 1983 e Maria da Conceição Carvalho, 1993). Esta pesquisa dialoga com o resultado desses trabalhos.

Com uma perspectiva comparativa e, ao mesmo tempo, contrastiva, pretende-se ampliar a visão sobre o campo, perceber certas regularidades e singularidades do material. Por outro lado, existirão alguns dados, aparentemente “soltos”, que foram utilizados por se considerar que são indicativos de linhas editoriais. Esses indícios foram buscados, tanto no

conjunto do material quanto em pequenas pistas, evidenciadas no material impresso e em outras fontes, como eventos, depoimentos, etc.

Tendo em vista o caráter sincrônico escolhido para a análise, foi definida, como *corpus*, a coleção completa do ano de 1997 e de 1998, de cada uma das revistas. Em termos quantitativos, isso representa o total de dezesseis revistas **AMAE Educando**, dez revistas **Dois Pontos**³ e doze revistas **Presença Pedagógica**. No caso das revistas francesas **Journal des Instituteurs et des Institutrices (JDI)** e **Cahiers Pédagogiques** foram tomados números aleatórios do ano de 1998 e 1999, para a primeira e dos anos de 1997, 1998 e 1999, para a segunda.

A definição pelos anos de 1997 e 1998 é resultante da necessidade de fazer uma análise do material mais recente produzido pelas empresas editoras e, ao mesmo tempo, colocar um certo limite na consideração dos dados. Assim, o risco de buscar sempre o material mais recente, impossibilitando um “fim” para o trabalho de pesquisa, pôde ser, de alguma forma, contornado.

Por outro lado, foram feitos alguns recortes de natureza comparativa, retomando produções anteriores. Decidiu-se, por não ser essa uma pesquisa histórica, fazer essa seleção da seguinte forma: recuperar o primeiro editorial, capa, fichas técnicas e sumário do primeiro número de cada uma das revistas, para verificação das principais mudanças em seus projetos editoriais e de como a revista se apresentou a seus leitores, em sua origem. Pretendeu-se, assim, tomar esses exemplares, em especial, como parâmetros contextuais.

Também se tornou necessário acompanhar a produção a partir de 1997/1998, mas apenas para confirmar a permanência do projeto ou, especialmente, quando esta demonstrou uma mudança significativa no projeto editorial. Assim, pôde-se, tanto visitar uma produção anterior a esse período, como tomar as revistas posteriores ao mesmo, como uma forma de “controle” das principais alterações e mudança de rumos editoriais.

³ No ano de 1998 houve problemas de periodicidade da revista **Dois Pontos** que, ao invés de seis números, condensou sua produção em quatro exemplares no ano.

Um outro material precioso, tanto para coletar dados sobre o processo de produção das agências como para recuperar tendências editoriais, foram os catálogos, listas de preço de produtos das empresas, cartas dirigidas a assinantes e material de divulgação de serviços prestados pelas editoras, entre outros.

Além da análise do produto, a ser explicitada no tópico seguinte, tornou-se necessário considerar alguns elementos para a compreensão do discurso e das práticas editoriais de agências e agentes específicos.⁴ Pode-se perceber que periódicos destinados a professores atendem a “mercados” diversos. Também é possível indicar, como hipótese, que a finalidade da publicação do produto, para cada agência, ocorre numa tensão existente no mercado da produção cultural: a de trabalhar numa busca de reconhecimento da legitimidade do bem simbólico produzido, ao mesmo tempo em que não se pode negar a necessidade de buscar lucro material. Algumas agências de produção têm, como função primordial, o controle simbólico e seu retorno ocorre na acumulação de bens simbólicos, ao passo que outras têm, como função primordial, a produção de mercadoria para venda. Isso leva à necessidade de posicionar cada tipo de instituição produtora de revistas pedagógicas ante seus objetivos de produção.

Comparando as revistas **Presença Pedagógica**, **AMAE Educando** e **Dois Pontos**, emergem duas categorias diferenciadoras. A primeira refere-se às relações das agências com as dimensões de público e privado, e a outra relaciona-se à sua natureza como instituição, se produz apenas revistas, ou outras publicações e eventos. Tem-se, respectivamente, uma editora de livros didáticos que amplia sua produção para o mercado de revistas para o professor, uma fundação educacional que desempenha papéis diferenciados quanto às suas funções, e um sistema privado de ensino. Essas diferenças são muito relevantes pois vão-se refletir na política de produção e na forma de organização do impresso.

Alguns dados evidentes também já possibilitaram antecipar, mesmo no início da pesquisa que, no campo da produção de revistas, convivem tendências editoriais as mais diversas, demonstrando que a análise comparativa do perfil de “leitor-modelo” pode oferecer

⁴ A distinção entre agências e agentes foi possibilitada pela leitura de Basil Bernstein(1996). Na obra “*A estruturação do discurso pedagógico*”, o autor faz uma discussão relevante sobre os agentes e agências de controle simbólico e material, diferenciando as agências em termos de funções e tipos de vínculos com o público ou o privado, e os agentes em termos de vínculos e tipo de trabalho oferecido.

contribuições para o entendimento das regras de composição do campo. Essa breve análise reforçou a opção por uma análise comparativa, sem que se desconsiderassem, entretanto, alguns aspectos históricos da questão.

De outra forma, a escolha dos agentes da produção - alguns editores de textos pedagógicos para professores- e a abordagem de questões para as entrevistas semi-estruturadas, ganha novos sentidos, conforme se diferenciem as agências às quais pertencem, sua trajetória profissional/de formação e seus graus de autonomia ante seus contratantes.

Considerando as revistas escolhidas, a perspectiva comparativa, o recorte na produção e a discussão de alguns aspectos referentes ao entendimento de problemas a serem enfrentados para a compreensão do papel de agências e agentes produtores de revistas, cabe explicitar alguns procedimentos específicos de pesquisa.

REFERÊNCIAS PARA A ANÁLISE DO DISCURSO E DAS PRÁTICAS

No processo de investigação coube, prioritariamente, a análise do objeto impresso, com alguns de seus dispositivos formais e textuais. A leitura e a observação do material impresso escolhido buscou analisar as marcas lingüísticas, alguns recursos paratextuais, o uso de imagens, entre outros, trazendo à pesquisa uma configuração que levou a eleger como um dos focos de análise as práticas discursivas concretas, evidenciadas no impresso.

A recuperação das práticas editoriais e de significações, apenas mediante a análise de objetos impressos, favoreceu um tipo de análise do produto. Como se pretendeu recuperar, também, alguns elementos do processo de produção, esses dados foram buscados pela via da entrevista com editores. Estas entrevistas foram semi-estruturadas e realizadas diferentemente, uma vez que, para a revista **AMAE Educando**, ocorreu uma situação espontânea, em que várias pessoas que participaram do projeto editorial foram chamadas, pela editora, no momento da entrevista. Esse contexto proporcionou uma mudança no procedimento, tornando-o quase um depoimento coletivo da equipe. Para as outras revistas, entrevistou-se, individualmente, cada editor.

A análise do discurso dos editores possibilita trabalhar com o foco no campo das **representações e práticas** editoriais, ou seja, o que os editores falam e o que dizem sobre suas práticas editoriais e até que ponto isso está representado no impresso e nos modos de fabricá-lo. No caso do discurso dos editores, além dos aspectos levantados nas entrevistas semi-estruturadas foi possível, ainda, utilizar outros documentos escritos das editoras: instruções de colaboração, material de divulgação, publicidades e textos de falas oficiais de editores em eventos, cartas dirigidas ao leitor nos editoriais das revistas ou como texto à parte, entre outros.

Assim, a análise do discurso do impresso e dos editores pôde possibilitar que se recuperassem alguns dos aspectos da “política”, da “economia” e da “cultura” existentes, ou seja, o movimento social da produção.

Alguns conceitos selecionados para dar suporte à análise do impresso foram buscados em Roger Chartier (1996) quando este apresenta uma distinção entre *procedimentos da colocação em textos (mise en texte)* e *procedimentos da colocação em livro (mise en livre)*.⁵ A esse respeito, vale recuperar suas posições quanto a quadros teóricos e possibilidades de tratamento:

⁵ É difícil encontrar uma tradução que represente adequadamente o sentido que essas expressões francesas apresentam. Como exemplo, podem-se citar duas traduções diferentes dessas expressões, no mesmo livro. No livro *Práticas da Leitura*, encontramos, na página 251, as expressões “colocar em texto” e “colocar em livro”, entretanto, na página 95, os termos são traduzidos, respectivamente, como “produção de textos” e “produção de livros”. Nesta última, o sentido pode ser alterado seriamente, tendo em vista o conjunto de sentidos que tais expressões carregam em nossa Língua Portuguesa. Em trabalho de pesquisa citado, esses procedimentos são descritos e traduzidos por Valdir Barzotto da seguinte forma: *mise en texte* como textualização e *mise en livre* como recursos de composição. Dessa forma, parece ser necessário criar uma nova expressão dicionarizada em Língua Portuguesa, como na situação criada pela introdução da palavra *letramento*, descrita por Magda Soares, 1998.

“Os procedimentos de colocar em texto são constituídos pelo conjunto dos procedimentos retóricos, dos comandos que são dados ao leitor, dos meios pelos quais o texto é construído, dos elementos que devem conduzir à convicção ou ao prazer. Existe, de outra parte, os procedimentos de colocar em livro, que podem apropriar-se diferentemente do mesmo texto. Eles variam historicamente e também em função de projetos editoriais que visam usos ou leituras diferentes. Portanto, sobre um mesmo texto, que tem suas próprias regras de ser como texto, os procedimentos de ser em livro podem variar de maneira extremamente forte. A pergunta histórica deve atuar justamente sobre esses dois registros. Um remete para o lado da análise e da pragmática dos textos, da análise das formas retóricas, do estudo literário. O outro remete para um saber mais técnico, o da história do livro, da bibliografia material, da história da tipografia. Creio que de seu cruzamento poderá nascer uma reinterrogação do objeto/ livro em função dos problemas que colocamos hoje. (p. 251)

Trabalhar-se-á a partir desses dois conceitos: ao se analisarem alguns textos das revistas como editoriais, propagandas, normas de colaboração e cartas aos assinantes, estar-se-á trabalhando com enfoque maior nos processos de textualização. Ao se considerar a revista como objeto, ou seja, fatores como aspectos gráficos que pretendem uma legibilidade/visibilidade, o tipo de papel, cores, ilustrações, principais marcas gráficas, posicionamento dos textos na página e na revista, estar-se-á tomando, como foco, o conceito de *mise en livre*, entendido, a partir de agora como "configuração em revista".

Analisando alguns processos de mediação das obras de cordel, Roger Chartier (1990: 129) faz referências à intervenção editorial, “*que tem como objetivo adequá-los (os textos) à capacidade de leitura dos compradores que têm de conquistar*”, trabalho este que “*é orientado pela representação que estes (editores) têm das competências e das expectativas culturais dos leitores...*”

Desse modo, serão analisados os **elementos explícitos** como partes do discurso dos autores e dos editores e as mediações entre o escrito e o impresso, passíveis de serem analisadas como protocolos que podem direcionar, de algum modo, a leitura, além de **elementos implícitos**, integrantes do próprio texto, no sentido de construir/re-construir a imagem de leitor-professor presente na produção.

Uma questão que mereceu investimento foi o estudo das imagens como linguagem, visto que o processo de “íconização” presente na mídia - processo esse aqui entendido como um crescente movimento de aumento do uso de imagens e de outros recursos gráficos, com a conseqüente diminuição do texto escrito – também vem exercendo influências inegáveis em algumas revistas dirigidas ao professor. A análise da imagem, tendo em vista alguns elementos presentes em suas formas de organização, assim como seu papel como recurso expressivo e pedagógico também foram objeto de análise nesta tese. Alguns estudos, referentes a uma semiologia das imagens, construída mediante trabalhos diversos e, sobretudo, a partir de algumas discussões do campo da Comunicação Educativa (Roberto Aparici Marino) deram o suporte teórico necessário.

Esta pesquisa não trabalha com uma perspectiva histórica, mas estudos relativos à história dos livros (como o de Roger Chartier, 1994) trazem contribuições valiosas para o entendimento das transformações na forma, no conteúdo, no suporte e nas tecnologias utilizadas na construção do material de leitura. As revistas de educação são um tipo específico de impresso, que sofre influência de diversos modelos. Ao mesmo tempo, é na relação com outros produtos culturais impressos, que circulam na sociedade, que essas mostram sua identidade e podem ser melhor analisadas e compreendidas.

Estudos relacionados à Bibliografia e à Sociologia de Textos, apresentados por Donald Mackenzie (1991) apresentam a idéia de que a Bibliografia tem por papel descrever todos os textos conservados. Suas análises também reforçam a idéia de que é necessário um interesse dessa área de estudos não apenas pela descrição dos textos, considerados como livros, mas também pela descrição de novas formas de textos, como o texto oral, o escrito, os veiculados na tv, no cinema, na música, no teatro, ou seja, em diversas mídias. Nesta concepção de bibliografia, Donald Mckenzie apresenta algumas ferramentas utilizadas para favorecer as análises.

Assim, o primeiro papel da Bibliografia seria o de descrever todos os textos conservados, não mantendo uma posição elitista de exclusão de qualquer gênero e tipos de textos publicados. Segundo o autor, todas as tentativas desse ordenamento permitem descobrir as relações possíveis de existir entre tal e tal texto, sejam suas datas, seus lugares de produção, ou suas formas de estabelecer a unidade de cada texto em particular. O segundo,

é o de registrar as formas materiais que veiculam o sentido de um texto. A Bibliografia teria, assim, uma função interpretativa que completa e modifica uma análise puramente semântica e deve estender sua interpretação a todos os tipos de textos, com outros modos de transmissão. Como disciplina, ela se aplica a toda a estrutura de sentido arquivado e referenciado. Em terceiro lugar, ela aceita, de maneira imparcial, a construção de novos textos, sob formas novas. Como quarto elemento, aponta o fato de que a Bibliografia deve se interessar pelos textos como produções sociais. Ou seja, existe uma dinâmica humana e institucional de sua produção e de sua conservação. Assim, esse autor amplia a visão de texto, afirmando que há textos que não são livros e que é preciso pensar uma Sociologia de Textos como disciplina.

Essa pesquisa trabalha, por outros caminhos, com alguns desses pressupostos e, de alguma forma, contribui para a descrição e a interpretação das revistas pedagógicas, assim como de alguns processos sociais e institucionais de sua produção.

Em síntese, o que se pretendeu foi:

1. Compreender os modos de funcionamento da imprensa pedagógica e da edição de revistas pedagógicas
2. Caracterizar o impresso, buscando elementos que possibilitem verificar suas especificidades como objeto
3. Identificar as marcas, nos impressos, que evidenciem as representações dos autores/editores sobre o leitor- professor e suas leituras
4. Analisar as representações e práticas dos editores, assim como recuperar algumas regras de composição do campo da produção de textos pedagógicos, a partir dos discursos dos editores

No final da década de 90, o que pensam os editores de revistas pedagógicas sobre o professor e suas leituras? Qual tem sido a política de produção de revistas para esse segmento? Como essas práticas e representações são refletidas na constituição do material impresso? Até que ponto essas representações vêm determinando a divulgação e distribuição desses impressos? Quais são os significados pretendidos, manifestos nas intenções/vontades e práticas dos produtores de textos/impressos para professores?

Pretendeu-se trabalhar buscando dados na própria **produção** e no **produto**. Talvez algum desses pólos seja mais determinante que o outro, na finalização da pesquisa, mas o objetivo foi o de buscar trabalhar relacionando esses dois universos ou conjunto de dados.

Perquirir esse campo é uma empreitada que esta pesquisa pretende iniciar. Afinal, é preciso entender o contexto de construção de leitores- professores da educação básica a partir da análise de produções a eles destinadas.

PARTE II

O SUPORTE: ELEMENTOS PARA A SUA DESCRIÇÃO E ANÁLISE

CAPÍTULO 3

AGÊNCIAS: UMA BREVE APROXIMAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA

Investigar práticas de leitura exige que se faça uma análise sob a perspectiva socio-histórica. Em qualquer momento histórico, existem condições sociais que garantem ou controlam a leitura, grupos específicos que trabalham em torno da produção, da divulgação e da venda dos textos, instituições criadas para gerar novas “sociabilidades” de leitura, assim como leitores diferenciados por suas condições de inserção em determinado segmento social, profissional, cultural, entre outros.

Nesta pesquisa, a abordagem das agências de produção constitui uma tentativa de aproximação da materialidade que não se revela no impresso propriamente dito. Para isso, serão levantados alguns estudos, assim como dados das agências de produção investigadas.

AGÊNCIAS DE PRODUÇÃO DO PONTO DE VISTA DE PESQUISAS

Tendo em vista a necessidade de determinar que posições predominantes são ocupadas no campo da produção de textos para a Educação, é necessário que se façam estudos que especifiquem, em termos de agências de produção, seu grau de especificidade na produção de um discurso, seus graus de “autonomia”, suas relações com o mercado e regulações estatais e com a Pedagogia. São agências de produção do conhecimento? de recontextualização do conhecimento? de divulgação do conhecimento? são destinadas a promover a implementação de políticas públicas?

Essa questão leva à necessidade de investigação das formas de controle estatal da produção para professores. Michael Apple (1995) apresenta algumas reflexões sobre a política de produção de material didático, que ganha o sentido de condução da seleção de conteúdos curriculares. Ou seja, no interior de uma política de controle curricular, o material didático ganha um papel de destaque na delimitação dos conteúdos/textos trabalhados em sala de

aula. O autor chama a atenção para a necessidade de estudos sociológicos que ampliem as discussões ideológicas para análises empíricas do processo de produção, ou seja

“...aspectos econômicos e políticos do processo pelo qual os livros textos são produzidos e vendidos. Como funciona a sua publicação? Quem toma as decisões? De que forma específica estão a cultura, a economia e o Estado inter-relacionados na produção do conhecimento oficial?” (p. 12)

Para responder, em parte, a esses questionamentos, o autor baseia-se em pesquisas atuais sobre a produção da cultura bem como do mercado da publicação de livros, pretendendo dar concretude às relações/conexões entre as práticas editoriais e o mercado cultural e econômico dentro do qual se situam. São indicados alguns estudos sobre as condições estruturais da produção editorial: mercado inconstante e freqüentemente incerto, tensões entre exigências do comércio e da cultura, a co-existência de métodos modernos de produção com métodos artesanais, entre outras, relacionando tais questões às posições historicamente postas para o campo editorial, ou seja, o lugar extremamente importante ocupado pelos resultados financeiros e pelos custos nas decisões editoriais e dos livreiros.

Michael Apple chama a atenção para a necessidade de considerar, a partir dos estudos de Pierre Bourdieu, dois conceitos: o de capital simbólico e o de capital financeiro. Nesse caso, os conceitos são elucidativos para análise das possibilidades de custos/riscos e benefícios de certas decisões editoriais. Em algumas agências de produção, as decisões são voltadas para a importância do lucro imediato, ligado predominantemente ao acúmulo de capital financeiro. Nesse tipo de acumulação, as editoras voltam-se para o retorno rápido, para a obsolescência veloz e para um mínimo de riscos, e focalizam-se nos interesses presentes de um tipo de leitor em particular. Em contrapartida, as empresas que têm como prioridade o acúmulo de bens simbólicos trabalham com outra noção de tempo de retorno, em que o lucro imediato é menos importante e podem ser assumidos riscos maiores relativos a obras, conteúdos e formas experimentais.

Maria da Conceição Carvalho (1993), em estudo sobre duas editoras mineiras de literatura infanto-juvenil, analisa a vertente comercial e a vertente cultural como duas tendências

opostas, para uma comparação entre as editoras Miguilim e Lê, baseando-se numa tipologia de editoras construída a partir de quatro eixos: o cultural, o econômico, o cultural ideológico e o cultural econômico.

No campo da presente pesquisa, essas questões são fundamentais para localizar as editoras de revistas diferentes quanto às suas formas de acumulação prioritárias.

Os estudos de Coser, Kadushin e Powel, citados por Michael Apple (1995), contribuem para a descoberta de outras categorias de pesquisa das práticas editoriais, ou seja, a necessidade de classificar os editores com relação à forma como realizam o seu trabalho, relacionando-a aos gêneros, tecnologia usada pelas editoras, estruturas burocráticas e administrativas que cercam a produção, entre outras. Considera-se que essas diferenças expressam, também, outras diferenças com relação a autores publicados, a prazos de publicação e ao que é definido como sucesso editorial.

O autor ainda alerta para a necessidade de se estabelecerem relações entre as políticas internas das editoras e o mercado externo, para se conseguir uma visão mais global do processo. Cita estudos históricos que evidenciam de que forma as diferentes posições ocupadas pelos autores e editores alteram a produção. Exemplifica como a lei dos direitos autorais e formas de conseguir mais lucros a partir de algumas formas de re-edição de autores estrangeiros, forçou autores americanos do século XIX a produzirem sobre assuntos “inusitados”, ainda não tratados por autores estrangeiros, publicados em edições mais baratas. Destaca, também, a influência de movimentos ideológicos na formação de alguns grupos de leitores e sua relação com o mercado. Como exemplo, o mesmo autor cita Watt e Raymond Williams, que relacionam o surgimento do romance com as mudanças econômicas e políticas nas estruturas de classe e o crescimento de ideologias individualistas.

O autor apresenta, ainda, alguns aspectos da produção editorial americana tais como a ocupação de postos de decisão nas editoras, a concentração de poucas editoras no mercado de livros didáticos, o perfil dos trabalhadores das editoras, as condições de trabalho, dados que apresentam pouca homogeneidade de perfil. Um dado muito significativo, por exemplo, é que “quase 75% dos editores de textos para a Universidade, ou começaram

suas carreiras no departamento de vendas, ou estavam relacionados à área de vendas, ou à área de comercialização, antes de serem promovidos a editores” (p.91)

Dessa forma, Michael Apple apresenta uma ótima contribuição para a análise dos movimentos editoriais e das decisões sobre produção de textos de livros didáticos nos EUA. Menciona a importância de se considerar também a política de produção de textos instrucionais dirigidos a professores para implementação de políticas educacionais. Considera que esses produtos culturais não são entidades isoladas, mas “coisas” que têm um ciclo de produção, circulação e consumo e que advêm de relações entre grupos específicos de pessoas com diferente poder. Ao mesmo tempo, alerta para a complexidade das relações entre a política das formas e práticas culturais e a política econômica, demonstrando que existem graus de autonomia entre essas instâncias.

Recentemente, tem-se verificado, no Brasil, uma política do MEC voltada para o controle explícito da produção de livros didáticos, evidenciada a partir de pareceres de consultores, divulgação pública de livros recomendados e não recomendados e retorno das análises para as editoras.

Apesar de indícios de um certo controle da produção científica de textos e impressos nas universidades públicas - impressos a que alguns professores têm acesso - no caso da produção específica para professores, não são muito explícitas as políticas governamentais no Brasil. Um indício de controle começa a aparecer a partir das necessidades de implementação do Plano Curricular Nacional, em cujo documento introdutório preliminar se anunciam alguns princípios como a criação de uma política de colaboração com editores, mediante o fornecimento de subsídios; realização de seminários com editores, para discutir o tipo de material necessário ao professor, além do incentivo às Universidades para a produção de material para o professor, conforme Documento Introdutório do PCN (versão preliminar, 1995). Tentativas de se estabelecer um acervo básico de livros destinados ao professor, pela escolha de títulos e autores específicos, assim como projetos especiais como o *Pró-Leitura*, que pretende, como produto editorial, a publicação de revista, e a coleção editorial *Inter-Magister* demonstram uma articulação inicial nessa direção. Qual seria a relação entre demandas governamentais e a produção de cadernos, livros didáticos e revistas? Qual seria o grau de autonomia ou de dependência entre o que se publica para professores no mercado privado e as políticas públicas educacionais?

De outra forma, parece, ainda, que a produção destinada a professores não pode ser localizada apenas no material produzido diretamente para ele. Kazumi Munakata (1997) evidencia claramente, a partir das falas de editores e autores, que, ao produzir o livro didático, escreve-se tendo o professor e o aluno como leitores- modelo. Em muitos casos, a imagem do professor parece constituir um ponto forte de ancoragem, no momento da produção.

AS AGÊNCIAS PRODUTORAS DAS REVISTAS CARACTERIZADAS A PARTIR DO MATERIAL DE DIVULGAÇÃO E DE OUTRAS FONTES

As agências/empresas editoras das revistas são a **Fundação Amae para a Educação e a Cultura**, o **Grupo Pitágoras** e a **Editora Dimensão**. Faz-se necessário caracterizar, mesmo que de forma geral, o tipo de produção a que visam, para avaliar o impacto das revistas no campo da atividade editorial dessas instituições. O quadro comparativo abaixo possibilita visualizar algumas das características principais.

Quadro comparativo das agências editoras⁶

| | | | |
|---|---|---|---|
| Nome | Fundação Amae para a Educação e Cultura | Grupo Pitágoras | Editora Dimensão |
| Tipo | Fundação | Empresa de escolas | Empresa de Edição |
| Revista | Amae Educando | Dois Pontos | Presença Pedagógica |
| Tempo de circulação | 33 | 17 | 6 |
| Periodicidade | Mensal durante o ano letivo | Bimensal | Bimensal |
| Outras publicações | Coletâneas Livros Cadernos | Livros didáticos Manuais para professores do Programa Capacitar Vídeos para professores | Livros de literatura infanto-juvenil Paradidáticos Conjunto e fichas para professores Livros didáticos |
| Outras atividades de formação de professores | Escola de Educação Infantil Encontro Nacional de Educação Assessoria a secretarias de Educação Cursos para escolas | Escolas no Brasil e no exterior (em torno de 200 escolas particulares) Congresso anual Serviço de capacitação de professores à distância (vídeos, manuais, Internet) Parceria com algumas escolas públicas | I Jornada Internacional |

A Editora Dimensão

A Editora Dimensão, iniciada em 1984, conforme Maria da conceição Carvalho (1993) tem, na atividade editorial, seu principal foco de ação. Dados retirados do Catálogo Literatura 98 - Infantil, Juvenil e Paradidáticos - e da tabela de preços fornecida pela Editora permitem o levantamento quantitativo de suas obras: 170 títulos de livros de literatura e paradidáticos, divididos em 35 coleções. São livros destinados desde a pré-escola até o terceiro grau, enfocando, além da literatura brasileira, adaptações de clássicos como Shakespeare e Dickens. Além desse tipo de produção, destaca-se a coleção *Arte e Vida*, que aborda temáticas como teatro, música e pintura; os jornais especiais (um jornal histórico, enfocando, em texto jornalístico, Roma e Grécia), além de livros dirigidos a

⁶ Fontes: catálogos, conteúdo interno das revistas, cartas de informações, cartas aos assinantes, durante os anos de 1997, 1998, 1999, reportagem de jornal

professores e ao ensino (uma linha de livros técnico-científicos de Educação), iniciada em 1997).

Além dessa produção, elenca-se uma linha de livros didáticos destinados ao professor: uma coleção com quatro volumes, intitulada “A palavra é sua”, um conjunto de fichas para o professor, um livro intitulado “Nova dimensão na produção de textos”, acompanhado de pastas A e B (de redação). Duas coleções de língua portuguesa da 1^a à 4^a série (Na trilha do texto) e da 5^a à 8^a (Tudo dá trama) parecem compor a linha de material didático.

Completando a produção, aparece a revista **Presença Pedagógica** que, em 2000, completa seis anos ininterruptos de existência. Tendo em vista essa diversificada produção, a revista parece ser uma das modalidades de publicação que conta com uma editoria especial, demonstrando um certo grau de autonomia na produção. A revista é editada bimensalmente, oferecendo seis números por ano, com um número temático especial.

No ano de 1998, a Editora Dimensão realizou o I Encontro Internacional “ Imprensa e Imagem na Dimensão da Escola”, tema de sua primeira revista temática de 1998, intitulada Arte, Imprensa e Educação. Trazendo nomes internacionais e professores e profissionais ligados à imprensa escrita e televisiva de todo o País, o encontro marca mais uma linha de atuação, já presente nas outras duas empresas editoras caracterizadas a seguir.

A Fundação Amae para a Educação e Cultura

A Fundação Amae, que completa 33 anos em 2000, parece ter, na revista, sua principal atividade. Após 33 anos de publicação ininterrupta (tempo considerado acima da média para classificação do ciclo de vida de uma revista, conforme pesquisas em outros países e mesmo no Brasil), a editora faz questão de frisar, em seu material publicitário que “*uma revista pedagógica que circula há 30 anos não deve ser uma revista qualquer*” (Edição de abril de 1997). Em futuras pesquisas, é preciso investigar com mais profundidade essa permanência, para a compreensão do papel que cumprem os mecanismos textuais, composicionais, de circulação, distribuição e de leitura propriamente dita, na manutenção de sua existência.

Além dessa atividade editorial, a Fundação vem trabalhando, nos últimos treze anos, com as seguintes publicações, conforme propaganda veiculada no exemplar de agosto de 1997:

- **Coletâneas (20,5 cm x 27,5 cm)**
 - Avaliação
 - Vida na Escola
 - Português
 - Reflexões sobre Práticas Pedagógicas (esgotada)
 - Matemática
 - Estudos Sociais
 - Pré-escola
 - Comemorações
 - Alfabetização: desafios e experiências
 - Arte & Movimento
- **Livros (14 cm x 21 cm)**
 - Formação de Professores e Alunos Leitores
 - Leitura e Escrita na Sociedade e na Escola
- **Cadernos (15 cm x 21 cm)**
 - Matemática em Construção
 - Reflexões Construtivistas
 - Série Atividade - Material para o trabalho com a Matemática

Dez coletâneas, dois livros e três cadernos, além de alguns livros paradidáticos anunciados nas páginas da revista, parecem ser a produção total da Fundação Amae. Isso reforça a idéia de que é a revista que sustenta o seu projeto editorial. Esta não parece ser a situação das demais empresas editoras mineiras produtoras das revistas, analisadas nesta pesquisa.

Uma característica significativa das coletâneas é que elas não são produção independente da revista, visto serem re-edições de artigos publicados em números anteriores. Ou seja, nutrem-se da publicação que pode ser considerada “carro-chefe” da Fundação.

A Fundação Amae também administra uma escola de Educação Infantil, que funciona no mesmo prédio da fundação, e organiza cursos a serem ministrados para professores em processo de formação contínua. Organiza, anualmente, os denominados Encontros Nacionais da Amae, que se encontram na 32^a edição, neste ano 2000. Dessa forma, esses

encontros parecem acompanhar também a própria história da Fundação e da Revista, contando com a presença de professores de todo o País.

As atividades descritas anteriormente parecem reforçar a idéia do papel da AMAE na formação contínua dos professores, com ampliação para outras modalidades de atendimento, conforme informe publicitário⁷, destinado a dirigentes municipais, na segunda capa do número de março de 1997:

COMECE BEM SUA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

É hora de sua cidade investir certo na Educação. A Fundação Amae, com 30 anos de experiência, pode ajudar muito seu Município a ter um sistema Educacional do jeito que ele necessita.

CADA MUNICÍPIO FAZENDO SUA PARTE, CONSEGUIREMOS UM PAÍS COM MELHOR EDUCAÇÃO.

Fundação Amae para a Educação e Cultura. 30 anos levando o melhor até o professor.

O Grupo Pitágoras

Considerado um dos grupos mais tradicionalmente representativos de escola laica particular de Belo Horizonte, o Grupo Pitágoras teve origem em 1966 como pré-vestibular e destaca-se na rede de escolas particulares de Minas Gerais, estendendo suas atividades de abertura e acompanhamento de escolas para outros Estados e países. Recentemente, o grupo criou várias unidades no Japão. A partir de texto de propaganda, que compara o Euro, a moeda européia, com a união das escolas, fica evidenciado o papel que esse Grupo vem cumprindo na criação de uma forte rede de escolas particulares:

⁷ Esclareço que, a partir desta página, passarei a incorporar os trechos retirados das revistas, fazendo uma transcrição do texto, e não colando o próprio texto. Essa opção deve-se a algumas preocupações: a primeira delas refere-se à possibilidade de estabelecer, de forma mais ágil, a comunicação com outros pesquisadores; uma outra refere-se a uma tentativa de resguardar-me de uma certa prestação de contas de direitos autorais às agências editoras, caso eu venha a publicar este trabalho. Por exemplo, a reprodução feita neste tópico refere-se ao texto do anúncio e não à sua forma de composição, que utiliza cores, um quadro, linha e marcações diferenciadas entre os caracteres. Conservei apenas a mudança de alguns caracteres em maiúsculas.

“Parece só uma moedinha, mas é uma nova época começando. O Euro, a nova moeda da Europa integrada, vai acabar com as fronteiras dos países europeus em nome de uma velha máxima: a união faz a força. A Rede Pitágoras reúne mais de cem escolas de todo o Brasil, com o objetivo parecido: unir esforços para tornar a educação no País cada vez melhor e mais eficiente. Em torno das décadas de experiência do Grupo Pitágoras, as escolas trocam idéias e aperfeiçoam-se reciprocamente, num grande esforço coletivo pela qualidade em Educação. A rede mantém intercâmbio com pesquisadores e com as instituições mais avançadas do mundo em tecnologias educacionais. Venha para a rede Pitágoras. No mundo em que até os grandes países estão se unindo para ficar mais fortes, sua escola não pode ficar isolada.”

(Segunda capa, edição set/out 1997)

A rede Pitágoras, que conta com mais de 200 escolas, ampliou-se bastante devido ao sistema de parcerias com escolas particulares de todo o país. As escolas que fazem parte desta parceria recebem material didático e a tecnologia de ensino desenvolvida pela grupo. Segundo reportagem Estado de Minas (caderno Fim de Semana, p.5, de 19/03/2000 – Uma grife na Educação) podem-se avaliar alguns de seus objetivos:

“Não se trata somente de vender material pedagógico – admite Evando⁸. Há todo um programa de educação envolvido que inclui também o treinamento de professores. Os acompanhamentos são constantes por parte dos nossos diretores regionais. Na verdade estamos compartilhando o nosso Know how educacional, embora cada rede mantenha sua identidade própria. Isso me empolga porque, através deste trabalho estamos melhorando o nível de ensino de muitas instituições espalhadas por este Brasil quando disponibilizamos a elas o que temos de melhor. No fundo, estamos contribuindo para o desenvolvimento do País, pois são mais de 100 mil alunos aprendendo sob a ótica educacional do Pitágoras”

⁸ Evando Neiva é um dos fundadores e diretor do Grupo Pitágoras

Foi criada, em 1999, a Fundação Pitágoras com a função de preservar e desenvolver a tecnologia educacional do grupo:

“A fundação nasce com a missão de melhorar a gestão de instituições educacionais – resume Evando. Vamos trabalhar junto às escolas públicas, que contratam nossos serviços, mas nós é que ajudamos a levantar fundos. Já estamos em entendimento com o SENAC de São Paulo para oferecer cursos e eventos abertos, sempre focalizando a gestão da qualidade. Já fizemos parceria com as escolas públicas de Timóteo e estamos com um projeto em Santa Luzia”

Há sete anos, a Rede Pitágoras vem re-editando seus congressos de Qualidade em Educação, reunindo educadores em torno de temáticas específicas, ligadas à idéia de qualidade. Esses congressos envolvem educadores das redes públicas e particulares e vêm sendo utilizadas, mais recentemente, estratégias tecnológicas de educação à distância para alcançar mais participantes. Em anúncio publicado na revista *Nova Escola* (p. 40, ano XII, n. 112, maio de 1998), evidencia-se a criação de um projeto denominado Capacitar, destinado à formação de professores e dirigentes, feita por meio de programas de vídeo. O trecho do referido anúncio, a seguir, dá a dimensão do projeto:

“O Capacitar, além de vídeos, conta com um completo material didático: o Manual do Professor, o Jornal Capacitar e a Central de Apoio Permanente - CAP com atendimento por telefone, fax ou Internet. No final do curso, os participantes recebem um certificado de participação. O programa é dividido em módulos de matérias específicas, com até quatro meses de duração, ficando a cargo do professor ou da escola o ritmo em que vai ser executado.”

Do ponto de vista da produção impressa, fazem parte de seu projeto editorial a edição de material didático com periodicidade bimestral e consumível. É necessário investigar, em outras pesquisas, o alcance desse material, produzido para rede de mais de 200 escolas participantes do grupo, tendo em vista uma melhor compreensão da fatia do mercado editorial de livros didáticos para as escolas particulares. Para esta pesquisa é importante frisar que a análise dos produtos editoriais, como um todo, possibilita evidenciar a relação da revista com os demais serviços e produtos da empresa editora.

Vê-se, portanto, que a idéia de criação de redes mais amplas é um dos propósitos daquela instituição e a revista **Dois Pontos**, editada há 17 anos, com algumas oscilações em sua periodicidade (inicialmente, em 1983, a revista foi projetada para ter periodicidade anual),

pode ser um dos caminhos para construí-la. Atualmente, é uma revista bimensal, com seis números anuais, inserida nesse total uma coletânea denominada “Antologia do ano de...”.

Nota-se, a partir dessa breve caracterização, um processo de diversificação das produções dessas empresas editoras, que precisa ser entendido no contexto do mercado editorial brasileiro atual e nos papéis que tais agências vêm assumindo.

É preciso sublinhar os trabalhos de formação de professores de cada uma das agências editoras, seja na produção da revista, seja na produção de material pedagógico ou eventos. Todas elas trabalham com uma rede de formação significativa, mas diferem quanto à natureza de sua produção editorial para o mercado escolar. A *Fundação Amae para a Educação e Cultura* tem uma produção modesta e prima pela tradição, não diversificando suas atividades, que permanecem semelhantes desde a sua fundação. Pode-se dizer que o *Pitágoras* estende seu leque de atividades, constituindo-se numa empresa complexa, composta de vários segmentos e que objetiva atingir o mercado educacional como um todo. A *Editora Dimensão*, em relação às outras, é uma empresa editora e tem, na edição propriamente dita, sua principal atividade.

CAPÍTULO 4

ORIGEM E CARACTERIZAÇÃO DAS REVISTAS

Este capítulo explora alguns elementos, que possibilitam uma certa compreensão das motivações editoriais dos editores, na criação das revistas, fazendo, pois uma breve abordagem histórica dos processos de produção, divulgação e circulação. Numa abordagem sincrônica na caracterização das mesmas, busca-se, também, uma breve descrição de alguns de seus aspectos materiais⁹ e as definições dadas pelos editores. Para tanto, serão utilizados os primeiros editoriais e as histórias contadas pelos editores atuais, assim como sua descrição da revista em sua fase atual.

BREVE HISTÓRIA DA ORIGEM DAS REVISTAS

A apresentação de dados sobre a origem de cada uma das revistas escolhidas possibilita compreender a rede de fatores contextuais que possibilitaram a sua criação, a permanência ou mudança dos seus projetos editoriais, assim como as singularidades presentes em cada grupo responsável por sua edição. Nesta parte inicial do capítulo, apresentarei um pouco da história de criação das revistas, utilizando-me de depoimentos dados pelos editores. Além disso será estudado o editorial de número de zero de cada uma delas, que pode esclarecer os respectivos projetos editoriais.

⁹ A descrição, com maior aprofundamento, será feita nos capítulos subsequentes, que tratam de algumas características do suporte

AMAE Educando

A revista **AMAE Educando** publicou seu primeiro número em 1967. Sua equipe de produção era composta de estudantes do curso de Administração Escolar do Instituto de Educação, em Belo Horizonte. A revista surgiu sob a coordenação da Associação Mineira do curso de Administração Escolar, criada em 1966.

O objetivo da associação era que os professores recém-formados no curso de Administração, e que já estavam no mercado de trabalho, pudessem estabelecer um vínculo com as inovações. O depoimento de Gilda¹⁰ permite esclarecer o clima da época:

“(...) o objetivo dos encontros, do primeiro encontro, foi de fazer os supervisores, que eram chamados de orientadores, na época, tivessem um retorno das coisas novas que estavam acontecendo no Instituto de Educação. Então, nós que éramos alunos do Curso de Administração, nessa época, do Conselho de Estudantes, achamos que esse pessoal precisava vir aqui, pelo menos uma vez por ano, do interior, de outras partes do Brasil - nós também tínhamos colegas de outros estados do Brasil - para receber aquilo de novo que tinha aparecido na área da Educação e que estava sendo trabalhado no curso de Administração Escolar... o objetivo dos encontros era esse... para haver um repasse do que estava acontecendo no curso de Administração Escolar, para esses ex-alunos, que já estavam atuando no mercado de trabalho. Então, no segundo encontro, as professoras pediram que a gente fizesse boletins ou uma apostila, ou uma coisa... para ficar mais fácil, para durante o ano eles já irem tendo notícias das coisas, para na hora que eles chegassem no Congresso, no encontro anual, eles já estarem com essas novidades mais ou menos na cabeça, para terem o que perguntar, para já virem com as dúvidas montadas. Então nós pensamos em fazer a revista.... fizemos a revista - de início nós tínhamos umas apostilas que corriam pelos corredores. Então a primeira revista foi editada com esse objetivo de levar às orientadoras, nas escolas, o que a gente tinha de mais novo no curso de Administração Escolar, tanto que as primeiras revistas eram escritas por uma equipe. Nós ficávamos o tempo todo na parte de redação da revista escrevendo os artigos que nos eram passados pelos professores do curso de Administração Escolar, com o material novo que estava sendo usado, a gente ia escrevendo o que estava acontecendo no curso em forma de artigo...

¹⁰ A entrevistada Gilda é uma das integrantes da equipe da AMAE Educando, desde sua origem, e esteve presente no momento da entrevista com a atual editora.

Por este depoimento pode-se perceber uma certa tutela do curso de Administração, que esperava que os encontros e textos trocados fossem relatando para os “ausentes” o próprio acontecer do curso. Isso demonstra, também, o compromisso social de manter os professores em processo de atualização constante, do ponto de vista teórico/metodológico, pois eram artigos, materiais sobre unidades de trabalho e novidades pedagógicas que se pretendiam ver socializados. Os encontros podem ser considerados a primeira estratégia para manter acesa a chama da atualização, para reunir ex-alunos. Uma segunda estratégia tornou-se importante para fazer circular as idéias pedagógicas e estabelecer patamares comuns a serem discutidos nos encontros: a produção de textos, sob a forma de apostilas e, posteriormente, sob o formato de uma revista. Estava criada, assim, uma sociabilidade e uma certa forma de organização profissional em torno dos textos.

A possibilidade de manter uma equipe específica que pudesse, inicialmente, produzir textos veiculados sob a forma de revista foi dada pelo fato de alguns componentes da Associação terem conseguido permanecer lotadas no Instituto de Educação, por processo de adjunção, trabalhando para a Associação.

A revista nasceu colada ao Curso de Administração e funcionou, durante dois anos, sendo escrita pela equipe da Associação, mas mudou de feitiço quando, em 1969, o curso deixou de ser de Administração Escolar.

“Depois a revista mudou o feitiço. Por quê? O curso deixou de ser Administração Escolar, foi abrindo, e as professoras, as supervisoras que iam para a escola, começaram a mandar por escrito a experiência delas, o que tinha dado resultado, como era o resultado, o que tinha dado certo, o que elas recriaram em cima daqueles primeiros assuntos que foram escritos para elas, e dali a revista passou a ter esse feitiço de ser escrita por quem está lá no mercado de trabalho. E algumas vezes, algumas novidades, algumas coisas novas... os primeiros assuntos... técnicos-teóricos a revista mandou e depois as supervisoras e professoras foram experimentando na escola e mandam agora para a gente”. (Gilda)

É interessante descrever a rede de trocas que possibilitou a circulação da revista e este resultado.

Um primeiro elemento refere-se às possibilidades de financiamento da revista, para manutenção de seu funcionamento. O grupo funcionava na Associação, no prédio do Instituto de Educação, e não tinha recursos próprios: vendia-se merenda para os alunos do curso, vendiam-se as primeiras apostilas para os alunos do curso e para outros de fora que já se haviam formado.

A equipe relata a dificuldade inicial de produção: quando procuraram um editor da Editora Alterosa, amigo de uma delas, este não acreditou na repercussão da proposta e riu do valor ínfimo que a equipe havia conseguido juntar vendendo apostilas. O editor, então, ofereceu a edição quase gratuita, alegando: *“eu vou fazer essa revista para você, de presente, com esse dinheiro, porque só vai sair mesmo este número”*

Outra iniciativa que deu suporte ao lançamento da primeira revista foi o apoio da Editora FTD que editou quatro livrinhos da equipe sobre leitura, escrita, ortografia e composição que, segundo a equipe, *“foram o forte para a gente partir para uma revista”*.

A primeira revista foi lançada no segundo “Encontro Estadual de Orientação e Ensino” e a demanda foi tão grande, que se esgotou a primeira edição, havendo necessidade de produzir rapidamente uma re-edição. Nesse encontro venderam-se as primeiras assinaturas, que deram suporte para a continuidade, tanto para própria Associação, como para a revista, que passou a ser o primeiro recurso financeiro para que a instituição continuasse a exercer outras ações, como a de ministrar cursos. A compra baseou-se numa relação de confiança: *“só com um número da revista – a gente pretendia fazer doze – todo mundo confiou e comprou a assinatura”*.

Um segundo elemento refere-se à confiança criada entre as ex-alunas e a equipe de redação. Segundo depoimentos das entrevistadas, naquela época, não era comum professores escreverem contando experiências, mas os colaboradores tinham “confiança absoluta” na equipe de redação, composta de ex-colegas do curso de Administração, ou com quem haviam, de alguma forma, convivido indiretamente, mesmo estando em turmas diferentes. Parece que o curso de Administração do Instituto de Educação criou uma cultura de troca, de *“todo mundo conhecer todo mundo”*: *“elas não tiveram esse medo de*

*mandar, sabe, até em papel de pão chegava artigo pra gente”*¹¹. Essa primeira condição leva à possibilidade de recebimento de colaborações espontâneas.

Naquela época o nome da **AMAE** foi se tornando conhecido porque a equipe deslocava-se para o interior de Minas Gerais dando cursos pelas cidades, sem cobrança de taxas, mas com apoios indiretos nas passagens e estadia, vindos do secretário de Educação do Estado e de delegados de ensino. Segundo a equipe, as jornadas atacavam sobretudo a questão da alfabetização, desencadeada por uma campanha da professora Lúcia Casassanta sobre a repetência escolar. Só mais tarde, quando houve a necessidade de sair do Instituto e ter uma sede própria é que a equipe passou a cobrar cursos. Mesmo assim, nessa rede de interações que se formou, a revista parece ter-se constituído no principal produto da Associação. Essa série de condições de encontros com professores pode ter sido uma forma de divulgar a revista para além da clientela de egressos do curso. Sua circulação nacional pode ter ocorrido porque vinham alunos de todo o Brasil para o curso de Administração, que podem ter ajudado na divulgação, pela natureza dos encontros, que era nacional e, quem sabe, pela força que Minas Gerais teve na educação nacional.

O primeiro número da revista contou com uma equipe de redação composta por pedagogas e, segundo ficha técnica do número zero, percebe-se que havia uma equipe de “Revisão”, outra de “Consultores”, uma de “Críticos”, uma de “Artes” e outra de “Administração” (referente a promoção e circulação, remessa aos assinantes, venda avulsa e tesouraria) e, como “Colaboradores” do primeiro número, três alunas do primeiro e segundo anos do CAE (Curso de Administração de 1967). Percebe-se, nas diversas equipes, sob a denominação de “Consultores” e “Críticos” a presença de professores do Instituto de Educação.

A seguir, transcrevo a “Apresentação” e uma carta, que foram antecedidas, na página anterior, de um poema dedicado a uma colega falecida:

¹¹ Pessoas que conviveram com o grupo, na época, ou que participaram indiretamente do processo, contam que essa relação de alunos e ex-alunos entre si e entre professores era especial no curso de Administração do Instituto.

Apresentação

Para crescer em igualdade
solidariedade

Para pensar,
para experimentar

Para seguir
e persistir

Para crer
e fazer

Para aproximar pessoas, ouvir, descobrir,
igualar conhecimentos

Para isto e muito mais
é que em suas mãos colocamos esta revista

Ela será feita com você, Mestra amiga.

Aceite-a, com o mesmo sorriso de receber flor amarrotada, que seu aluno timidamente coloca em suas mãos numa qualquer tarde de sol.

Ela é o presente que escolhemos para você neste mês que é todo seu. Nela você encontrará em cada número um texto de Psicologia assinado pelos mais modernos educadores – e poderá resolver problemas de ensino, fazendo uso da correspondência. Você verá aspectos do programa de Linguagem, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais. Verá como é fácil preparar um certo material.

Aprenderá um modo novo de tratar um velho assunto. Será apresentada àqueles que fazem a educação contemporânea. Foi assim que imaginamos ao preparar o presente. Um presente que a AMAE oferece a você. E que continuará se você quiser que continue. E que pode melhorar se você quiser que melhore...

Leia, reflita e mande depressa o que você pode dar.

Cara Colega...

É um prazer estar com você.

Esta nova convivência iniciada hoje através das páginas de **AMAE EDUCANDO** (de coração, desde o nascimento da AMAE, nós já estávamos sempre juntas, não é?) será amena e proveitosa para todas nós.

Aqui você dirá o que pensa, oferecerá sua colaboração, exporá suas dúvidas, será ajudada e nos ajudará a fazer uma revista digna de você, integrada na nossa realidade educacional, coerente com os nossos ideais.

Gente moderna deve estar aberta ao diálogo. Além disso é tão bom falar!

Você deverá, sempre que nos escrever, colocar seu nome e endereço completos. Se se sentir meio tímida – e como são encantadoras as violetas – poderá colocar um outro nome e nós responderemos assim mesmo.

O importante é que você escreva.

Esperamos

AMAE Educando
Instituto de Educação
Belo Horizonte – Minas Gerais

Nota-se, nestas duas formas de comunicação, não somente um gênero epistolar, ou mesmo “poético”, escolhido para estabelecer a comunicação com as leitoras, apresentando uma forte carga afetiva e elementos que demonstram uma certa intimidade – como nas cartas de amigos queridos - e também um conteúdo cheio de implícitos, de realidades e referências antes partilhadas com esses leitores.

Nesses textos, o leitor é considerado um igual, que será ajudado, mas que também ajudará a revista. O apelo à adesão refere-se, não somente à continuidade do periódico e à sua melhoria, como também ao pedido de que os leitores mandem depressa o que podem dar, que estabeleçam uma forma de correspondência, como algo que estabelecerá o diálogo.

Um texto denominado “*No princípio era...*”, que segue a apresentação e a carta, descreve, para o leitor, o processo de inserção das alunas na construção dos trabalhos escolares, seu envolvimento com o I Congresso Brasileiro do Ensino Normal e a criação de um outro encontro, que pudesse engajar diretores, professores e orientadores de ensino na luta contra

a repetência e que pudesse, também, envolver alunos e ex-alunos: a criação de uma Associação. Relata, ainda, o envolvimento do grupo com uma demanda do Secretário de Educação, José Maria de Alkimim, que solicitava algo que “*sacudisse o ensino primário e fizesse diminuir, senão acabar, a repetência na primeira série*”. Relata-se a importância das Jornadas Pedagógicas realizadas em várias delegacias de ensino e justifica-se: *porque não continuar o trabalho com as jornadas? Porque perder o contato com o professorado, então estabelecido?* A revista aparece como uma das soluções.

Dois Pontos

A revista **Dois Pontos** surgiu em 1983 e foi criada por sugestão de Evando Neiva, um dos sócio fundadores do Pitágoras. Na época, o Colégio Pitágoras, que se iniciou como cursinho, em 1967, já tinha várias unidades em Belo Horizonte, bem como escolas em canteiros de obras de empresas em vários lugares do Brasil, especialmente na região Amazônica, e no exterior, como no Iraque e no Equador. Conforme depoimento de seu editor:¹²

“A Dois Pontos surgiu, inicialmente, para tentar socializar o saber pedagógico com os próprios professores da casa. Ela nasceu nessa época, com várias experiências, no próprio Pitágoras e havia uma diversidade de experiências que precisariam ser repassadas para o próprio público do Pitágoras, para que essa diversidade fosse integrada dentro do Pitágoras. E uma das experiências muito rica foi a de turmas poli-seriadas... E fez um sucesso lá fora, houve interesse dos professores de fora, então ela foi aberta ao público, ao leitor em geral... Não era exatamente só uma obra da casa, porque as contribuições eram de diversas pessoas de fora, mas era dedicada ao público interno. Apesar de isso não ser assim de maneira egoísta, porque ela foi distribuída desde seu número zero, para o público externo. Mas o público alvo, particularmente na elaboração dela, era o nosso público interno” (Fernando Caramuru)

¹² Os entrevistados ocupam, atualmente, a função de editor em cada uma das revistas investigadas. São eles: Vera Lúcia Pyramo Costa (AMAE Educando), Fernando Caramuru Bastos Fraga (Dois Pontos) e Graça Paulino (Presença Pedagógica). Conforme ressaltado em nota anterior, em alguns casos, há depoimentos de integrantes da equipe da AMAE Educando. A partir desta página os editores serão designados por seus primeiros nomes.

A diversidade de experiências que a rede de escolas possuía, sobretudo com o desafio de implantar, em vários de seus canteiros, propostas condizentes com realidades diversas, constituiu-se num saber pedagógico que precisava ser divulgado. Parece que a contingência de implantação de novas escolas, que enfrentavam desafios como ter uma classe com poucos alunos, um da cada série, na mesma sala, a necessidade de adequação regional, ajudaram a criar um contexto de riqueza, para troca de conhecimentos entre os professores do sistema. Mesmo assim, o editor ressalta que havia contribuições de pessoas de fora

A maneira pela qual o projeto da revista foi-se instalando e as decisões profissionais sobre o seu encaminhamento foram diferentes da **AMAE Educando**: desde o início formou-se um grupo de discussão e contratou-se o serviço de um jornalista para se pensar o formato da revista. As estratégias de se pensar em forma de projeto, com um planejamento e profissionalização das ações parece fazer parte da filosofia empresarial do grupo.

Apesar de ter tido um cunho jornalístico, a revista baseou-se um pouco na revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, *Educação em Revista*, em formato acadêmico e, tendo sido definido seu projeto editorial, voltou para as mãos da equipe inicial, conforme relata o editor:

“Aqui no Pitágoras, tudo é muito bem discutido, quando o Evando trouxe a idéia, antes mesmo, ele compôs o conselho editorial, para se pensar numa revista, fizemos muitas reuniões durante o semestre ou mais e aí então delínhamos a linha editorial que a gente queria e convidamos o Gilmar Vila Nova para estruturar jornalisticamente a revista. É, escolhemos dentre inúmeros nomes qual seria o da revista. Inicialmente, nós selecionamos um grupo para dar aquela conotação jornalística e, então, passamos a assumir logo em seguida...assumimos a revista sem ninguém formado em jornalismo, procurando seguir a linha editorial... Você vai ver que há mudanças, mas não há negação, em nenhum momento, da identidade da linha editorial, da identidade da **Dois Pontos**. Desde o início se buscou a controvérsia, valorizar a controvérsia. Sempre continuamos assim e, acredito eu, continuaremos com todo tempo que nos restar a perguntar de novo: além da afirmativa e da negativa o que é que você tem a dizer sobre a questão educacional, sobre as questões falsamente acabadas, o que você tem a propor para novas questões?” (Fernando Caramuru)

A equipe que compôs o comitê editorial, constante da ficha técnica do número zero, não pode ser identificada como pertencente à instituição, mas parte dela coincide com os nomes dos primeiros colaboradores. Nos poucos artigos assinados – a maioria dos textos é de reportagem - percebe-se que todos os autores pertenciam à rede Pitágoras, ocupando cargos de liderança. Eram esses um dos sócios fundadores e idealizador da revista, assessores, diretores de unidades escolares do grupo, e de ensino, e coordenadores de áreas.

Quais foram as condições que propiciaram a circulação da revista e o que pode ter gerado a sua divulgação e uma futura adesão por assinatura?

Uma primeira condição, que explica a circulação, é a distribuição gratuita a todos os professores do sistema Pitágoras. Segundo o editor, até 1998, todas as escolas recebiam a revista gratuitamente. Não existem informações, no número zero, que possibilitem recuperar o processo de captação de assinaturas, nem o preço do primeiro exemplar. Isso confirma a hipótese de que a revista não esperava se manter pelo sistema de assinaturas, nem tinha um cunho comercial, do ponto-de-vista de uma iniciativa editorial. A promessa de continuidade parece ter-se baseado na motivação institucional.

O primeiro editorial traz, explicitamente, as intenções e o público alvo a ser atingido, assim como as formas de captação de novas colaborações:

Carta do Editor

A revista Dois Pontos – Teoria & Prática em Educação – é um resultado da experiência educacional acumulada pelo Pitágoras ao longo de 17 anos. Essa experiência se traduz na busca obstinada de um aprofundamento e de uma integração do esforço desenvolvido por todas as pessoas que trabalham conosco. Assim sendo, a revista certamente dará um sentido definido para a continuação desse trabalho, propiciando a circulação da experiência desenvolvida e estimulando a pesquisa de novos caminhos em educação. A revista será um espaço aberto para o livre debate. A controvérsia será valorizada e incentivada. Além disso a linha editorial está comprometida com a transformação educacional e social, através da transformação das pessoas. Essa transformação é vista como um processo de desenvolvimento educacional, a partir do próprio estágio de desenvolvimento de cada indivíduo. Dentro desse compromisso procuraremos denunciar os falsos valores e processos ultrapassados e anunciar propostas alternativas sintonizadas com a nossa realidade. Para isso a revista deverá servir a comunidade do Pitágoras como uma oportunidade de atualização contínua em educação, uma abordagem mais científica do trabalho que desenvolvemos e, em última análise, um fator de crescimento das pessoas da área educacional. Embora visando a esses objetivos internos, o enfoque dos assuntos deverá ser suficientemente amplo de modo que a revista possa se constituir numa contribuição significativa da nossa instituição para a comunidade educacional como um todo. Essa contribuição se justifica mais ainda por ser extremamente reduzido o número de publicações educacionais no nosso país. O tema central desse número é o professor. A escolha desse tema e a coincidência do lançamento da revista no dia do professor traduzem um reconhecimento e uma homenagem do Pitágoras à sua equipe docente. Pretendemos discutir a natureza do trabalho do professor, os seus contrastes, o seu papel no mundo de hoje e apresentar propostas que possam tornar o trabalho docente mais efetivo. Em suma, procuramos valorizar a figura do professor que desempenha o papel mais importante dentro da escola. A revista Dois Pontos deverá ter uma frequência trimestral, sendo o presente número correspondente ao último período deste ano: outubro, novembro, dezembro. O sucesso da nossa revista dependerá fundamentalmente da contribuição dos professores, coordenadores, orientadores, diretores, pais, alunos e demais pessoas interessadas no processo educacional. Essas contribuições poderão ser encaminhadas através dos componentes do Conselho Editorial da revista. Esperamos que a revista Dois Pontos – resultado da experiência educacional acumulada pelo Pitágoras – concorra decisivamente para o aprimoramento dessa experiência em várias dimensões.

Evando José Neiva

Alguns aspectos chamam a atenção neste primeiro editorial: o serviço que essa revista pretende prestar à comunidade interna, com a atualização contínua, uma abordagem mais científica do trabalho - o que leva a revista a sair para uma esfera externa - e o fator de crescimento de pessoas da área educacional. O seu papel de controvérsia é ressaltado desde o início. Além disso, a revista pretende suprir uma necessidade de publicações em torno da educação, analisando a escassez do mercado produtor de revistas, naquela época.

O uso do termo comunidade educacional, como um todo, e o anúncio dos primeiros critérios de colaboração, permite verificar uma ambição de que a revista seja produzida - e lida? - por vários segmentos: professores, coordenadores, orientadores, diretores, pais, alunos e demais pessoas ligadas à área educacional

O que pode ter possibilitado a rede de circulação inicial, além da distribuição gratuita?

A distribuição gratuita para professores, e mesmo diretores, tendo em vista que a tiragem não era suficiente para exemplares individuais, foi acrescida de divulgação em congressos e reuniões entre diretores e superintendentes. Desde o início, a revista enviou exemplares para universidades federais e católicas, para bibliotecas públicas, para Delegacias de ensino e Secretarias de Educação. Depois de alguns anos¹³, a partir de solicitação de um público interessado, abriu-se o sistema de assinaturas. Segundo o editor, só recentemente algumas dessas instituições passaram a assinar a revista.

Vemos, nesse caso, que não foi o sistema de assinaturas que manteve a revista, mas o próprio apoio institucional do Pitágoras. A divulgação que foi feita, para a própria rede Pitágoras e para universidades e bibliotecas, parece ter garantido, durante muitos anos, a circulação desse periódico. Isso reforça a tese de que não houve um interesse comercial para a produção da revista. Talvez o retorno de questões simbólicas para a própria instituição como, por exemplo, uma certa visibilidade intelectual para uma rede particular de educação.

¹³ Não foi possível recuperar dados que pudessem informar, com precisão, a data em que foi iniciado o sistema de assinaturas.

Presença Pedagógica

A revista **Presença Pedagógica** teve sua origem em 1995, sendo seu editor, por um ano, o professor Neidson Rodrigues, na época diretor da Faculdade de Educação da UFMG. O depoimento da atual editora sobre o convite que recebeu para assumir a revista, em seu segundo ano, é elucidativo para a compreensão de alguns motivos que ensejaram a criação da revista, na época:

“Quando eu fui chamada em novembro de 95, o número de novembro e dezembro estava inteiramente atrasado, então eu cheguei até a acompanhar aquele especial que foi o último editado pelo Neidson... acompanhar claro, com toda limitação de alguém que ainda não estava trabalhando oficialmente no processo... mas eu tive alguma hesitação, quis ler qual a proposta para a revista, e gostei, porque havia todo um plano editorial, uma proposta de intervenção no panorama geral de publicações para professores da época, que seria assim, uma proposta de renovação, com a interferência da universidade, de alguns especialistas das universidades, de alguns acadêmicos que estavam ligados ao trabalho de formação de professores, ao trabalho no ensino básico. Eu gostei da proposta e disse a Zélia¹⁴ que assumiria essa proposta sem querer uma transformação do perfil da revista. A Cláudia Teles que é a jornalista responsável pela revista já estava contratada como editora assistente para ficar lá um tempo determinado como funcionária mesmo da editora.” (Graça Paulino)

Em primeiro lugar, pode-se verificar que a proposta editorial pretendia uma “ *intervenção no panorama geral de publicação para professores*”. Isto supõe colocar-se em uma posição no campo editorial frente a outras publicações que se haviam instaurado no Brasil, ou melhor, a revista se instala numa relação de comparação com outras revistas e a decisão sobre sua publicação deve ter passado por uma análise do mercado editorial. Das três revistas focalizadas, esta é a única que nasce de uma editora/empresa que tem a edição como principal função.

Em segundo lugar “ *a proposta de renovação, com a interferência de alguns especialistas da universidades, de alguns acadêmicos que estavam ligados ao trabalho de formação de*

¹⁴ Uma das proprietárias da Editora Dimensão

professores, ao trabalho no ensino básico” permite estabelecer a hipótese de que havia um conjunto de disposições, entre acadêmicos, de fazer essa intervenção, pela via de uma revista. Essas disposições reforçam o caráter mais acadêmico que a revista irá apresentar em relação às outras estudadas, mesmo ressaltadas outras características, que fogem do modelo acadêmico convencional.

O depoimento acima permite verificar que a revista nasceu vinculada a uma instituição de formação de professores e de pesquisa em Educação: a FAE da UFMG, mesmo que institucionalmente não fosse a FAE/UFMG a produtora da revista.¹⁵ Sob certa perspectiva, a **Presença Pedagógica** e a **AMAE Educando** assemelham-se: sua vinculação inicial com escolas de formação de professores; mas, diferentemente da **AMAE Educando**, é um diretor de Faculdade que ocupa o lugar de editor.

Na ficha técnica verifica-se que o “Comitê editorial” é todo composto por professores da FAE/UFMG, com exceção da presença de membro de um de seus órgãos complementares (o CECIMIG) e de uma integrante do Arquivo Histórico de Belo Horizonte. O “Conselho editorial” é composto de muitos nomes conhecidos nacionalmente e com uma variada representatividade por estado.

Assim ocorreram possibilidades contextuais de conjugar uma proposta editorial, de uma editora comercial, com fins lucrativos, com uma proposta de formação, pela via de um periódico.

O primeiro editorial, designado como carta editorial, permite ver a posição da revista perante seus leitores:

¹⁵ A Faculdade de Educação produz uma revista própria denominada *Educação em Revista*, uma publicação de caráter mais acadêmico, voltada para a divulgação da pesquisa em educação.

Carta editorial

Caros educadores

A memória – essa terrível aliada da Razão Humana – junta situações e momentos num mesmo recorte de pensamento e rompe nossa linear noção de tempo. Ela, a memória, não tem intervalos.

Aqui, juntamos passado, presente e o desejo de futuro nesta carta para anunciar que, hoje, nosso sentimento é o de estar costurando sonhos antigos e utopias novas ao entregar aos educadores brasileiros, esta Revista. **Presença Pedagógica** quer responder presente à convocação dos educadores, no seu dia-a-dia, na sala de aula, nos intervalos da prática pedagógica, nos momentos de lazer. Pretende ser companheira, não guia; instrumento de luta que cada educador manejará, e não receituário; mediação, e não fim.

Percorrendo um olhar atento pelas entrevistas, pelos artigos em torno dos temas curriculares e das práticas educacionais, pelas reportagens, pelos textos de apoio, pelo ponto de vista, espera-se que cada um vá se deparando com novos estímulos, alguma sugestão, alguma provocação, talvez uma interrogação, um espanto, mas, sobretudo, uma força: a força da vontade que, presidindo nossas ações, nos levará a construir um outro mundo, uma educação renovadora, uma outra história.

Nosso maior desafio se encontra no ponto onde se cruzam a certeza de que os educadores, em todos os lugares do Brasil, realizam um esforço enorme para cumprir bem a sua tarefa em condições quase sempre deficientes e as esperanças da sociedade de que o produto do trabalho educacional concorra para a produção de uma cidadania criadora. Cada número desta revista testemunhará nossa aliança com os que assumem, plenos de energia, a responsabilidade de educar.

Aguardamos, com carinho, sugestões e críticas para alcançar os objetivos que perseguimos. Estaremos com vocês a cada dois meses, a partir desta data.

Neidson Rodrigues

Vários fatores simbólicos e materiais podem ter possibilitado a circulação inicial da revista, assim como a adesão de assinantes. Inicialmente pode-se destacar o prestígio que a revista carrega consigo, mediante a agregação de nomes importantes na edição e nos comitês editoriais e consultivos. Em segundo lugar, pelos dispositivos de escolha de temas e personagens do cenário educacional: já no primeiro número apresenta-se uma entrevista com Paulo Freire, que aparece como destaque de capa. As cartas de leitores, a partir do segundo número publicado, mostram a “adesão” de Secretarias de Educação, de pessoas com forte influência no ideário pedagógico, que demonstram pela mão de quais leitores a

revista circulou. Estas condições podem ter favorecido uma boa divulgação da mesma e, já em seu primeiro número, aparece um anúncio de assinatura por telefone.

Entretanto, a revista é dada a conhecer antes mesmo da publicação do primeiro número. Este exemplar permite desvendar um pouco da rede de divulgação, criada anteriormente. Podemos verificar tal fato pela publicação, neste primeiro número, de cartas de pessoas que, talvez, não tenham lido em primeira mão a revista, mas que tomaram conhecimento de seu projeto editorial: professores de universidades públicas, bibliotecária e possíveis autores que o editor convidou a nela colaborarem. Uma das cartas permite recuperar o tipo de informação prévia que circulou:

Senhor Editor

Vimos saudar a oportuna iniciativa da Editora Dimensão de lançar a revista Presença Pedagógica, cujo plano editorial tivemos o privilégio de conhecer.

Vê-se, de antemão, que será uma extraordinária contribuição para o aprofundamento do debate acerca de questões pedagógicas no País

É bom notar que a revista se propõe a “constituir-se como instrumento de direção intelectual, de acumulação de material pedagógico, de informações necessárias à tarefa cotidiana do ensino, de auto-desenvolvimento cultural, de difusão de experiências bem sucedidas em salas de aula, de atualização acadêmica e bibliográfica”

Muito importante também é o objetivo de **preencher as necessidades básicas dos educadores que lidam com o currículo da escola fundamental.**

A qualidade da revista está assegurada a partir dos respeitáveis nomes que compõem, sob a coordenação de V. Sa., o comitê editorial e o conselho editorial consultivo, acrescentando-se o propósito democrático de oferecer espaço para reportagens, informações e colaborações que enriqueçam o pensamento crítico pedagógico.

Esperamos que, além de servir como fonte de informação e inspiração aos educadores, a revista possa alcançar também as autoridades responsáveis pelas decisões na área da Educação, e que seja uma voz forte na defesa da melhoria da qualidade do ensino, de modo geral, a começar prioritariamente pela valorização da profissão do magistério.

Com os votos de sucesso nesse empreendimento de alto valor cultural, científico e pedagógico,

Wilson Pereira, escritor e professor das Faculdades Integradas da Universidade Católica de Brasília;
Cosme Damião da Silva, doutor em Língua Portuguesa pela UFRJ e professor da UFMG

O trecho da carta que utiliza um discurso citado – talvez de um projeto editorial – demonstra que havia alguns pontos em comum com as outras revistas estudadas: a difusão de experiências bem sucedidas e a ajuda no cotidiano da sala de aula, mas também havia a intenção de aprofundar alguns elementos de formação de professores, que indica ambições maiores: a de direção intelectual, auto-desenvolvimento cultural e atualização acadêmica e bibliográfica (alguns desses aspectos presentes, de forma mais discreta, na revista **Dois Pontos**). Os três últimos objetivos demonstram um projeto quase acadêmico, não fosse a presença dos dois primeiros.

Uma análise da posição das três revistas permite supor que há uma demarcação de lugares sociais que poderiam determinar o pensamento educacional e a prática pedagógica. No plano da educação pública, têm-se duas instituições públicas de educação superior que funcionam como “incubadoras” ou como inspiradoras da produção inicial das revistas **AMAE Educando** e **Presença Pedagógica**. Essa relação aparece no papel de quem assume a edição, nos comitês editoriais e, também, em alguns fatores que geram os conteúdos e as equipes de colaboradores. Compondo mais um elemento para o panorama de atores que marca esse pensamento educacional, divulgado por um tipo de imprensa pedagógica, tem-se uma rede particular, cuja revista pode ser um instrumento de demarcação do pensamento educacional da rede particular de ensino.

As revistas mantêm suas propostas iniciais? De que forma a história de sua edição pode ter alterado seus objetivos iniciais, seus projetos gráficos? Como uma nova rede de produção de revistas, no momento atual, pode estar produzindo algumas interferências ou reforço nas suas posições editoriais?

CARACTERIZAÇÃO DAS REVISTAS NO MOMENTO ATUAL

Alguns aspectos materiais que caracterizam as revistas hoje

Apresento, de forma esquemática, alguns dados materiais, coletados mediante os impressos referentes aos anos 1997/1998/1999 e a partir de entrevistas com os editores. Na segunda parte da tese, tentar-se-á caracterizar com maior profundidade outros aspectos.

| Título/subtítulo | Número de páginas | Preço da assinatura | Tiragem | Periodicidade e exemplares por ano | Uso de cores |
|--|---|---------------------|---------|---|--------------|
| AMAE Educando | 42 | 39,00 | 9000 | Mensal durante o ano escolar 8 exemplares | Duas cores |
| Dois Pontos - Teoria e Prática em Educação ¹⁶ | 74 a 136 (no ano de 1999 apresenta-se uma regularidade de 74 páginas) | 42,00 | 4000 | Bimensal (com problemas de periodicidade em 1998) 6 exemplares | Duas cores |
| Presença Pedagógica | 84 a 112 com variações no período analisado | 45,00 | 10000 | Bimensal 6 exemplares | Quatro cores |

As revistas, como produtos editoriais, parecem se produzir umas em relação às outras. Essas redes de relações são verificadas na busca de modelos editoriais, na tentativa de preencher lacunas ou de negar, implicitamente determinados modelos de periódicos. As entrevistas com editores vêm confirmar que, também no momento atual, estas se posicionam umas em relação às outras, no desenvolvimento de seu projeto de produção. A caracterização que cada editor faz do periódico ilustra determinadas posições das revistas em relação a elas mesmas e no contraste com as outras.

A seguir, apresentarei as três revistas, tomando como ponto de vista a forma de descrição utilizada por um dos representantes da agência editora: o editor

¹⁶ A partir de 1999 o subtítulo passa a ser “Teoria e prática em gestão educacional”

AMAE Educando

“Eu caracterizo a revista **AMAE Educando** como uma revista pedagógica dirigida a profissionais de educação, e ela tem como objetivo quase que a educação continuada do educador, atualização, repasse de experiências, e entrosamento, entre os educadores mesmo. (Vera)

“A revista é feita pelo educador, ela é feita por eles, então, a dificuldade que você está tendo na sua sala de aula, o outro manda um artigo aqui que vai sanar essa sua dificuldade, uma coisa que ele está experimentando, que ele está fazendo, com uma linguagem muito acessível. Isso porque você está escrevendo para o seu colega. É como se eu estivesse falando: “agora eu vou fazer uma receita, fica aqui perto que eu vou te mostrar como é que faz, eu fiz assim, deu certo, eu fiz assim não deu certo”...(Gilda)

“Agora a revista procura ficar aberta a várias linhas, então procuramos, por exemplo, não ficar só no construtivismo, mas visando teorias modernas sobre a construção do conhecimento, relatos de experiências que envolvam a ação do aluno, principalmente, que não seja aquela coisa assim ditada, aquele negócio massacrante, então, se aparece aqui um relato de experiência que seja conduzido de forma muito autoritária, procuramos não publicar...procuramos artigos que levem em conta a criatividade e a ação do aluno” (Vera)

Dois Pontos

“Uma revista técnica. No Brasil, até a época do surgimento da **Dois Pontos**, que surgiu em mil novecentos e oitenta e três, nós tínhamos revistas, de um maneira geral acadêmicas, e uma... uma revista que só tenho elogios a fazer que é a **AMAE Educando**, aqui de Minas Gerais, e numa outra linha, revista acadêmica, só chamada de revista, até então, porque é periódica, mas na verdade são livros...o formato de livro, apresentação de livro e, fora a periodicidade, são livros com assuntos diversificados, feitas em forma de artigos, com todo rigor do academicismo. E surgiu há muito tempo, talvez trinta anos, vinte poucos anos a **AMAE**, aqui em Minas, completamente diferente, dando uma aparência de revista em si e se tornou dirigida ao público de primeiro grau, principalmente, que era um público que pedia da revista o que a revista lhe dava, receitas pedagógicas, didáticas, educacionais. Em oitenta e três então surgiu a **Dois Pontos**, como uma revista técnica, que era exatamente algo assim intermediário entre

a revista acadêmica e a revista que ainda não existia, que seria uma revista de informações educacionais. E essa revista, me parece, fez escola. Procurou, nas reportagens, dar uma linguagem jornalística, contendo também artigos, compondo reportagens com artigos. Artigos não tão acadêmicos, mas sem perder a consistência, e de maneira nenhuma buscando a dar receitas. Instigando, tá? a busca da terceira margem do rio na educação. E divulgando também o já conquistado pelo saber educacional do mundo. Você vai ver que, desde o princípio, nós temos matérias de diversas partes do mundo, sem nenhuma pretensão. E por que fez escola? Porque a partir de então, surgiram outras revistas com a mesma linha editorial, claro, tentando compor... nós temos uma revista hoje, no Rio Grande do Sul, uma revista muito bem feita, **Pátio**, e que é muito semelhante a nossa linha editorial.

“A **Dois Pontos** encontra-se entre as revistas acadêmicas, mais herméticas, e as revistas noticiosas (sem compromisso maior com o conteúdo da Educação)”. “Não é uma revista com predominância noticiosa, com predominância informativa. Para usar o lugar-comum: busca formação” (Caramuru)

Presença Pedagógica

“...a proposta da **Presença** é uma transformação positiva e de fundo mesmo, de reflexão, de assumir transformações verdadeiras na educação e não ficar acomodada ‘já que eu ganho tão mal então não vou fazer nada diferente, vou ficar aqui com meu livrinho didático, dando as minhas aulinhas de sempre, não vou fazer nada diferente’, então eu acho que a gente realmente tem que apostar numa outra escola” (Graça Paulino)

“**Presença Pedagógica** acredita no leitor como produtor de conhecimento, então é aquele leitor que vai pensar junto com os autores, que vai despertar para esse tipo de pensamento que é um pensamento de ação de transformação, de fazer diferente, mas não com tudo pronto... são propostas novas, não do novo pelo culto do novo, muitas vezes esse novo corresponde a uma recuperação diferente das tradições esquecidas. Acho que a base da linha editorial, do sentido editorial da **Presença** - ela é válida para pensar junto com o autor- é levar o leitor a ser um produtor desse conhecimento pedagógico, esse conhecimento escolar, desse conhecimento científico, não separando o pedagógico do científico, mas trabalhando na intersecção, que é uma intersecção muito rica de possibilidades.

Não é pesquisa, não é extensão, não é uma coisa apenas, mas é uma intercessão muito rica de possibilidades. E eu acho que os melhores professores que estão na Faculdade de Educação pensam assim” (Graça Paulino)

“Tentamos evitar o artigo acadêmico demais, tanto que eu digo que o perfil da **Educação em Revista** ¹⁷ é diferente do perfil da **Presença Pedagógica**, eu acho assim, entre a **Educação em Revista**, vamos pegar três tipos: entre a **Educação em Revista** e a **AMAE Educando**, em Belo Horizonte - você que está estudando a questão das publicações em Belo Horizonte e eu acho que é muito rico esse panorama- entre a **Educação em Revista** e a **AMAE Educando** existe a **Presença Pedagógica**, ela está com um pé na **Educação em Revista** e um pé na **AMAE Educando**, fazendo uma espécie de intermediação entre a revista acadêmica e a revista de divulgação, então digamos que ela é científico-pedagógica, ela é, simultaneamente uma revista de divulgação científica e de produção científica.” (Graça Paulino)

Revista pedagógica, revista técnica e revista científico-pedagógica foram categorias utilizadas por cada revista, respectivamente, para se caracterizar. Parece que esta classificação vai-se delineando, no contraste com as outras publicações. De um ponto de vista de critérios bibliográficos, o próximo capítulo abordará algumas formas de classificação já existentes; entretanto, os usos que determinados leitores fazem das revistas podem alterar essas classificações. Para aproximar-me de uma classificação mais objetiva, apresentei a caracterização dada pelos editores. O próximo capítulo apresentará elementos para compreender e ampliar, ainda mais, as possibilidades de classificação e descrição do suporte revistas de educação.

¹⁷ A revista **Educação em Revista** a qual a entrevistada se refere é uma publicação acadêmica da Faculdade de Educação da UFMG

CAPÍTULO 5

O SUPORTE: QUAL É A IDENTIDADE DAS REVISTAS PEDAGÓGICAS?

Neste capítulo, tentarei buscar alguns fatores que evidenciam uma certa identidade das revistas de educação. É, também, neste capítulo, que exercerei, com maior profundidade, o meu enfoque comparativo, utilizando, pelo menos, duas estratégias metodológicas. Mediante problemas de descrição e classificação do impresso revista pedagógica, já evidenciado em alguns artigos brasileiros, na área da Biblioteconomia, tendo em vista critérios bibliográficos, utilizo o contraste e a comparação. Primeiro, apresento algumas relações entre o campo da Comunicação e o campo da Educação e, depois, analiso alguns indícios materiais e simbólicos do impresso revistas de educação, contrastando-os com alguns materiais correlatos, a saber: revistas semanais de informação para o público em geral. Será neste tópico que também buscarei mais elementos para comparação, utilizando-me de revistas de educação francesas que tive a oportunidade de analisar no período em que realizei meu doutorado sanduíche.

Revista: publicação periódica que trata de assunto de interesse geral ou relacionado a uma determinada atividade ou ramo de conhecimentos (literatura, ciência, comércio, política, etc.) Produzida em forma de **brochura**, a revista apresenta-se geralmente em **formato** menor que o jornal, maior número de páginas e capa colorida, com papel mais encorpado. **Veículo** impresso, de comunicação e propaganda, quase sempre ilustrado, que atinge a um público determinado, de acordo com suas características específicas e sua linha editorial ou doutrinária, artísticas, literárias, educativas, culturais, científicas, de humor, etc. Os gêneros mais comuns de revistas destinadas ao grande público (ou a faixas determinadas desse grande público) são: as noticiosas, as de interesse geral, as masculinas, as femininas, de moda, de **fotonovela**, as infanto-juvenis, de histórias em quadrinhos (gibis), de esportes, de automobilismo, etc. As revistas noticiosas, geralmente semanais ou mensais, seguem uma linha

relativamente próxima à dos jornais, mas o tratamento das notícias é mais livre e interpretativo, a apresentação gráfica e o estilo redacional mais amenos e dá-se mais destaque a artigos, críticas, notas, entrevistas, fotorreportagens e foto-legendas. (Gustavo Barbosa e Carlos Alberto Rabaça, 1987: 516-17)

Segundo a definição acima, o formato (brochura), o fato de ser um veículo impresso de comunicação e propaganda, que tem, como possíveis leitores, um segmento de público definido, e a existência de gêneros textuais mais ou menos comuns, parecem constituir elementos para uma possível identificação desse tipo de impresso, apesar de, numa análise empírica, serem percebidas nuances de outros tipos de materiais que vêm circulando no mercado.

O que se pode dizer é que a revista é um dos tipos de periódicos que pode ser definido no campo amplo da produção de impressos e que deve apresentar algum diferencial, em relação a outros periódicos, em termos mercadológicos. Dados do ano de 1996, do Sindicato Nacional dos Jornaleiros, assinalam que, a partir da existência do Plano Real, quadruplicou-se o número de revistas comerciais distribuídas em bancas, perfazendo um total de quatro mil títulos contra mil no início do plano.¹⁸ Conforme Jean-Marie Charon (1999), na França e em outros países, a produção de revistas vem ganhando mercado em relação a outros materiais impressos, como o jornal, por exemplo, e vêm-se constituindo, hoje, como produto autônomo e com características específicas, o que as tornam alvo de interesses publicitários e econômicos. Esse aumento da produção precisa ser entendido no campo de uma Sociologia da Leitura, e pode trazer elementos novos sobre a condição dos leitores e da leitura no momento atual.

Sendo as revistas um dos segmentos especializados da produção impressa, podem também ser entendidas como um produto cultural existente no campo da mídia impressa, ou seja, têm uma existência colada às leis do mercado editorial. Dessa forma, necessitam de algum lucro (material e/ou simbólico) e de público-alvo leitor/comprador, de mecanismos de

¹⁸ Dados sobre essa mudança no mercado de revistas foram conseguidos a partir de entrevista com o jornalista da banca de entrada da UFMG. Segundo ele, essa questão tornou-se objeto especial de interesse por ocasião da definição do percentual destinado às bancas mineiras, que contabilizam um percentual menor em relação ao circuito Rio-São Paulo. Esse significativo aumento poderia, então, haver representado uma melhoria do percentual de lucro na região, caso houvesse uma certa “isonomia” entre os Estados.

manutenção desse público-leitor, de projetos de composição, de profissionais especializados em seu processo de edição, além de um projeto editorial que defina suas linhas de abordagem.

As revistas educacionais parecem enquadrar-se em algumas das características já descritas para outros tipos de revistas. Entretanto, algum destaque deve ser feito, do ponto de vista de serem de produção pública e/ou acadêmica e privada, porque essa diferenciação vai interferir, de forma bem acentuada, em fatores relativos aos seus projetos de criação de um público comprador específico, de regras de produção, de distribuição e de circulação, passíveis de ser entendidos a partir da caracterização de suas agências produtoras. Além das agências, é também relevante que se investigue quem são os produtores/autores das revistas pedagógicas: professores, jornalistas, escritores em geral?

Uma análise específica sobre os periódicos educacionais, nos quais incluem-se as revistas de Educação, foi realizada por equipe da ANPED, a pedido do CNPQ e, em função do Projeto Avaliação e Perspectiva da área da Educação no País, Tina Amado et alii (1993) procederam a uma análise de periódicos educacionais no país, levantando alguns problemas metodológicos e políticos relativos a seu acompanhamento e avaliação.

Um deles refere-se à **seleção da amostra** e evidencia a dificuldade de se valer do acervo de bibliotecas, da indicação de especialistas, da contagem de citações ou de listas ou guias montados por instituições interessadas, o que deixa claro que um levantamento estatístico sobre o número de periódicos existentes não é uma empreitada fácil.

Um outro problema é o **critério de classificação para inclusão e exclusão**: entre as listas citadas no estudo, que serviram como fontes para a produção, por Tina Amado (1992) - a partir de demanda da Rede Latino-Americana de Informação e Documentação em Educação - de um Guia com 157 títulos, consta um caso de exclusão da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, editada pelo INEP e considerada uma das mais representativas da área.

Comparando critérios das duas principais listas existentes (Alvarado e Neri, 1983, e Amado, 1992) percebe-se que a primeira realiza a sua classificação a partir do ponto de

vista de constarem, nos periódicos, conhecimentos do campo da Educação em geral, e a segunda os classifica tendo como “*critério básico de inclusão todo periódico que possa interessar à pesquisa e estudo em Educação, entendida enquanto área do conhecimento e não em uma acepção ampla*”.(p.175). Para isso, incluíram-se:

- ... “*periódicos editados por unidades de educação de instituição de ensino superior, públicas ou privadas, ou de centros independentes (organizações não governamentais) especializadas em Educação*”
- ... “*periódicos editados por outro tipo de entidade (outras instituições de ensino, editoras comerciais, órgãos governamentais), que apresentam 40% ou mais de matérias sobre Educação(4) publicadas durante o período de abrangência*”. (p. 175)

Além disso, ainda nessa segunda lista, foi acrescentado um outro critério, devido à amplitude do que seja um “*estudioso de Educação*” como público-alvo bem definido, incluindo-se outros periódicos não científicos, a saber, boletins e revistas de divulgação voltados *para o professor*. Vê-se, a partir de critérios estabelecidos para a produção desta segunda lista que se conjugaram tanto uma concepção do tema Educação, como tipos de instituições editoras e público-alvo.

Dessa forma, devido à complexidade dos sistemas de classificação, torna-se clara a necessidade do estabelecimento de esforços conjuntos dos vários setores interessados para chegar a guias mais completos, a partir da explicitação de critérios mais consensuais.

Algumas reflexões dos autores citados sobre essas disparidades deixam claro que uma das razões para isso é a fluidez do campo da Educação que se sobrepõe/superpõe a várias áreas do conhecimento; e uma outra razão pode ser buscada nos problemas de circulação da informação veiculada pelos periódicos.

Entretanto, a classificação dos “*periódicos*”, feita no estudo, engloba cadernos, boletins, anuários, revistas, jornais, boletins, sumários, demonstrando que não há, nos guias e listas, uma subdivisão por características materiais e lingüísticas dos suportes. A revista, enquanto projeto gráfico e textual, parece não constituir um material específico que possibilite que informações do mesmo campo (Educação) sejam veiculadas

diferenciadamente, pela natureza do suporte e pelas diferenças entre as próprias revistas. Quando se acrescenta esse novo problema, parece tornar-se necessário realizar discussões do ponto de vista da leitura e realizar classificações entre revistas. Isso porque, sob essa designação, enquadram-se desde revistas acadêmicas com uma densidade textual forte e pouco investimento nos aspectos gráficos, aspecto típico dessa categoria, até revistas do circuito comercial com características gerais de outros tipos de revistas, ou seja, maior uso de imagens, reportagens e propagandas, entre outras.

Guia produzido por Tina Amado, em 1992 (mencionado por Amado *et al.*, 1993), a partir de demanda da REDUC (Rede Latino Americana de Informação e Documentação em Educação) à Fundação Carlos Chagas, trabalha com um levantamento relativo ao período de 1980 a 1991, arrolando 157 títulos, dos quais 92 referem-se a periódicos correntes, estabelecendo mapeamento de títulos por categorias **primária** (publicação de informação original), **secundária** (bibliografias e sumários) e **terciária** (dados brutos como estatísticas e legislação compilada), com cruzamento por tipos de editoras (setor público ou privado) e por regiões do País.

A partir desse Guia, Tina Amado *et al.* (1993) realizam várias classificações, sendo a primeira fundamentada na separação entre periódicos especializados (com enfoque específico ou direcionamento para áreas temáticas ou disciplinares) e aqueles que privilegiam uma abordagem genérica das questões educacionais (divididos ainda entre publicações amplamente conhecidas e publicações de divulgação de produção acadêmica de uma instituição).

Entretanto, para análise de alguns periódicos, parece ser necessário cruzar características do material com o público-alvo e o tipo de instituição. Também o cruzamento destas com a forma de produção (existência de corpo editorial e processos de seleção dos textos, periodicidade regular, sistema de assinaturas, corpo diversificado de colaboradores - características citadas pelos autores como presentes em periódicos amplamente conhecidos), podem demonstrar que é preciso reconsiderar outros dados e seus cruzamentos para proceder a outras classificações. Ou seja, se as categorias citadas prestam-se a uma melhor avaliação e produção de listas de periódicos e são valiosas para um certo mapeamento do contexto da produção, um trabalho empírico de análise de alguns impressos precisa construir outras categorias, em função de novos objetos de pesquisa.

Um dado contextual relevante é que, até 1991 a produção dos periódicos em geral parece concentrar-se nas regiões Sudeste-Sul, com exceção do Distrito Federal (quinze), tendo Minas Gerais uma produção de apenas três periódicos correntes, contra 43 de SP, nove do RJ e dez do RS. Constatam do guia as revistas *Educação em Revista* (da Faculdade de Educação da UFMG) **AMAE Educando** e **Dois Pontos**, classificadas como periódicos especializados de publicação dirigida. Não consta neste Guia a revista **Presença Pedagógica**, editada a partir de 1995, que vem somar-se a uma produção relativamente pequena do Estado de Minas Gerais até àquela época. Denice Catani (1997) chama a atenção para a necessidade de pesquisas históricas por região, visto que a caracterização regionalizada da produção de revistas sobrepõe-se, historicamente, à produção nacional. Se isso vale para pesquisas históricas, também é necessário verificar o papel dos Estados na produção atual. Isso porque também a produção de livros didáticos e de literatura infanto-juvenil parece possuir uma especificidade regional, tendo em vista a hegemonia do eixo Rio/São Paulo até recentemente. A respeito dessa hegemonia em relação ao livro de literatura infanto-juvenil, consultar Maria da Conceição Carvalho (1993).

Designadas como exemplos de publicações dirigidas a professores, as revistas **AMAE Educando** e *Nova Escola* enquadram-se, segundo os autores, na seguinte análise:

“... outras publicações, num nível maior de abrangência, trazem informações que interessam a um espectro muito amplo de professores e profissionais de Educação, contendo sugestões de leituras, orientações sobre o desempenho didático-pedagógico e um sentido mais geral de educação permanente.”

Somente a partir de uma análise mais aprofundada das revistas escolhidas para esta pesquisa é que poderão ser corroboradas ou negadas as classificações e posições descritas acima. Afinal, as revistas são feitas para interessar ou para formar que tipo de leitores?

REVISTAS DE EDUCAÇÃO: PENSANDO UMA IDENTIDADE PELO CONTRASTE

Que identidade teriam as revistas de Educação? Que conexões podem ser feitas entre a Comunicação e a Educação?

Do ponto de vista pedagógico, pode-se dizer que a imprensa não só fornece a “informação” de que a escola tanto precisa, em função do fenômeno da explosão da informação, quanto possibilita “atualização” de professores e alunos. A imprensa também contribui na construção de sentidos para a aprendizagem, quando a escola se apropria de seus suportes e textos, visto que as informações produzidas nesse *métier* são veiculadas em suportes autênticos, abordando temas e fatos cotidianos, que estão na ordem do dia. Isso já poderia ser bem problematizado, se se pensar no uso que a escola pode fazer do impresso como fonte, em sala de aula. A investigação dessa relação poderia ser feita a partir de uma vertente de análise, que tomasse como ponto de vista a recepção e o consumo, pela escola, de textos produzidos pela mídia impressa e televisiva, entre outras.

Uma outra conexão faz-se presente quando a Educação é tomada como notícia. Dados levantados pela ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância-, demonstram como a inserção de temáticas educacionais vem ocorrendo na mídia. Esse estudo problematiza a não-existência de editorias especializadas em Educação, o que faz com que as coberturas sobre o tema caiam no âmbito da superficialidade, demonstrando que esse problema de formação “*atrasa, senão impede a construção de uma atitude de investigação jornalística*” sobre os “fatos” da Educação que noticiam (Revista **Presença Pedagógica** de janeiro de 1998, p.79). Apesar disso, a pesquisa ANDI - Infância na mídia - que vem acompanhando o interesse pelo tema Educação em 50 jornais, 10 revistas e telejornais veiculados em rede nacional, coloca a Educação como quarto tema abordado pela mídia, em 1997. Acompanhando esse movimento, ou mesmo provocando-o, a Fundação Ayrton Senna instituiu um prêmio para as maiores coberturas sobre a infância, criando um sistema de titulação importante tanto para a produção como para o *marketing* das empresas de comunicação.

Entretanto, as conexões entre imprensa e Educação não param por aí. Parece que se vem tornando “necessário” que jornalistas escrevam para professores, tendo em vista a

“linguagem cifrada”, o “hermetismo” ou o “pedagogês” utilizados no campo da Educação. Em entrevista concedida por Gilberto Dimenstein à revista **Presença Pedagógica**, é criticada a forma hermética com que educadores escrevem e, parece que em decorrência desse tipo de demanda, já foram lançados pelo menos três títulos desse mesmo autor, abordando temáticas educacionais, sobretudo aquelas consideradas “transversais”: violência e menor de rua, cidadania...

Em artigo recente para a revista **Presença Pedagógica**, Ana Lagoa, que foi uma das editoras da revista *Nova Escola*, atualmente consultora da TV Futura, menciona o namoro, noivado e casamento da Comunicação com a Educação. Para isso, retoma algumas produções que vão, desde o material impresso até programas de TV, na atualidade. Nessa análise, reforça o interesse da imprensa pela Educação, retomando os cadernos especiais, frutos de editorias de Educação dos principais jornais brasileiros que, existindo durante as décadas de 60 a 80, foram desaparecendo, para dar lugar ao jornalismo denúncia, que considera a Educação como notícia (leia-se denúncia).

A autora chama a atenção para a iniciativa de jornalistas, no final da década de 80, de produzir a revista *Nova Escola*, sobre a qual a tece algumas críticas:

“Havíamos sido - e nisso continuaríamos tendo recaídas por algum tempo - os interlocutores privilegiados por nosso saber, apontando, explicando, denunciando, elogiando às vezes esta ou aquela medida, colhendo aqui e ali a fala do professor e do aluno quando precisávamos de referendo para um encadeamento de idéias que seguiam um esquema preestabelecido - o esquema criado pelo senso comum. Era como se uma parede, uma nuvem densa, uma barreira nos impedisse de ir além. Arautos da verdade - porque donos da informação - nossa era a fala, a narrativa. E essa narrativa andava em círculos. As reportagens publicadas na revista *Nova Escola* nos anos 80/90, analisadas com os olhos de hoje, refletem isso. O projeto que hoje consideramos como interface da Comunicação com a Educação vai se delineando, aos poucos, entremeando ainda aqui e ali a narrativa anterior, pincelando aqui e ali uma receita pronta, escorregando aqui e ali nos estereótipos com relação ao professor. Tateando. Propondo hipóteses de trabalho e refazendo-as em processos de avaliação **com a presença de professores das redes públicas e privadas de ensino e especialistas da academia**” (p.33, *Presença Pedagógica*, jan/fev. 1998) (Grifos meus.)

É interessante perceber que a *Nova Escola* foi uma revista produzida por jornalistas, que tinham concepções próprias do campo e as transferiram para a Educação. Parece que a mudança de rumo é feita mais adequadamente quando se busca interlocução com outros atores, que têm a Educação como objeto de trabalho: professores e especialistas da academia. Cabe a outros pesquisadores verificar a maneira pela qual estas mudanças manifestam-se no produto e na forma de produção da revista.

A autora continua a descrever o movimento de aproximação, citando a ampliação do campo das publicações. Por evidenciar uma forma de classificação das revistas que são objeto desta pesquisa, será transcrito o trecho a seguir, também ótimo exemplo de uma representação sobre algumas das principais revistas e periódicos editados no País:

“A senda aberta vem sendo ampliada por outras publicações. Outros sonhos que se tornam realidades: **Presença Pedagógica** - que concilia reportagem, artigos de peso e entrevistas, num claro parâmetro teórico e político em relação ao que seja educar neste final de milênio, sempre embalada em rico projeto visual; **Amae Educando** - que evoluiu do jornal para a revista especializada no resgate das experiências escolares; **Pátio**, firmada em artigos de peso; **Dois Pontos** - também baseada na mistura de artigos e entrevistas, algumas vezes reportagens; **Educação** - produto novo, editado pelo sindicato das Escolas Privadas de São Paulo. Isso para lembrar as mais importantes, fora os suplementos de jornais que revivem o esquema cobertura factual mais análise - como o editado pelo carioca O Dia” (p.33 op. cit.) (Grifos meus).

Após esse noivado da Comunicação com a Educação, o casamento é indicado pela incorporação da televisão como recurso educativo. São citados os vários programas educativos: Globo Ciência, Globo Ecologia, Telecurso 2000, documentários de tvs a cabo e a importância do lançamento da TV Futura em setembro de 1997. Essa nova modalidade, relacionada à questão da produção de programas educativos para vários segmentos discentes (Telecurso 2000, Globo Ciência, etc.) e de programas específicos para professores, no sentido da formação continuada (Um Salto para o Futuro, TV Escola, entre outros) parece estar sendo reforçada pela estratégia de Educação à distância, implantada com mais vigor nos últimos anos pelo Governo e pelas TVs educativas.

Exemplificando com o programa Nota Dez, da TV Futura, Ana Lagoa, citando Kunszig, esclarece que, para realizar esse jornalismo educativo, faz-se necessário:

“adaptar nosso trabalho às técnicas de observação e de aprendizado da pedagogia e que, em última instância, são: a pesquisa, a análise de conteúdo, a observação participante e as experiências” (p. 37, op. cit.)

Tendo esse modo de aproximação como pressuposto, é necessário, para resgatar as boas experiências de ensino e aprendizagem focadas no processo, que esteja junto o pedagogo, para que ocorra a interface difícil, mas necessária. Ou seja, a imprensa precisa aproximar-se da Pedagogia para realizar esse tipo de jornalismo.

Por outro lado, e talvez antecedendo essa configuração mais recente (80/90), apresenta-se uma idéia de “casamento”, que dura há muitos anos: o do jornalismo com as revistas de Educação. Seria um casamento com comunhão ou separação de bens? As relações de união ou separação significariam uma produção conjunta, uma característica específica de produção ou a emergência de um outro segmento profissional no campo da formação de professores? Maria Helena Câmara Bastos (1997), investigando, numa perspectiva histórica, a *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul*, aponta mudanças substanciais quando esta passa a ser produzida por jornalistas, em lugar de professores.

A produção de revistas educacionais poderia ser considerada como fazendo parte desse grande “guarda-chuva” do suporte revistas, que se relaciona com a imprensa/jornalismo? Até que ponto o jornalismo vem informando um processo de formação de professores?

Mesmo havendo uma definição sobre o que realmente caracteriza uma revista, nos dicionários de comunicação, esta definição não abrange a produção multifacetada desse produto e as funções diferenciadas que cumpre. Dessa forma, pode-se ter como pressuposto que sua definição poderá ser feita de forma contextualizada e histórica. Uma resposta metodológica encontrada para o tratamento dessa questão pode vir de uma análise contrastiva entre revistas em geral e algumas revistas comerciais de Educação, o que se fará de maneira exploratória neste tópico.

Para realizar essa discussão, que é complexa, pretende-se discutir alguns significados apreendidos a partir da natureza da produção e de outros, percebidos a partir do tratamento

dados aos temas, aos textos, às pautas, pelas revistas de informação geral e por aquelas dirigidas a professores.

Até que ponto algumas informações sobre a produção editorial de revistas, como um todo, podem auxiliar nessa reflexão?

Dados recuperados de entrevista à revista *Imprensa* (abril/98, n. 127, p.46-51) concedida pelo Diretor Geral da Editora Globo, Ricardo Fischer - que discorre sobre um recente projeto de produção de uma revista semanal ¹⁹que concorreria com a *Veja* e a *Isto É* - ajudam a compreender alguns fatores importantes. Ou seja, pode ser buscada uma compreensão sobre a identidade de revistas pedagógicas, buscando um tipo de classificação que parta de informações fornecidas pelo *métier* da produção, pela observação das revistas entre si (de Educação e de informação geral) e das revistas de Educação entre si, contextualizando-as sempre no movimento geral presente na Comunicação Social.

Acrescentaram-se, como mais um elemento que permite uma visão relativamente ampliada da produção de revistas para a educação, duas revistas francesas de educação, o **Journal des Instituteurs e des Institutrices (JDI)** e **Cahiers Pédagogiques**²⁰ que serão apresentadas em algumas das categorias escolhidas para organizar este capítulo. Penso então que existem similitudes entre essas revistas e as revistas brasileiras, pois as revistas

¹⁹ Esta revista veio a ser produzida e divulgada para o público em final de maio de 1998, com o nome *Época* e traz como pequeno subtítulo acima de seu nome a seguinte expressão: “a moderna revista semanal de informação”.

²⁰ A revista **Journal des Instituteurs et des Institutrices (JDI)** é produzida por uma grande e tradicional casa de edição denominada *Nathan*, que publica livros didáticos, obras de referência, revistas, cadernos didáticos, entre outros e circula há 145 anos. A revista **Cahiers Pédagogiques** é publicada pelo *Cercle de Recherche et d'Actions Pédagogiques*, uma associação similar à Fundação AMAE para a Educação e Cultura, que publica boletins, alguns livros e suplementos e a revista, que circula há 55 anos. A primeira, data do século XIX e aparece, mediante a categorização de Pierre Caspard (1997), no lugar das revistas que oferecem aos professores instrumentos de trabalho para a classe, enquanto que a segunda, lançada em outro contexto (década de 60), é típica das revistas que incentivam a inovação militante. Elas são, assim, muito contrastantes em relação ao público visado, pois a primeira visa aos professores e às suas atividades cotidianas, enquanto que a segunda é, por definição, endereçada a um público que partilha uma concepção engajada da profissão.

francesas comportam tendências que se situam nos dois extremos de um leque de escolha editorial, todas duas presentes nas revistas brasileiras.

Talvez esse tipo de análise possibilite tomar como foco as revistas e a imprensa pedagógica, no contexto de edição, como um todo, conforme indica Antonio Nóvoa (1997) em texto integrante do livro “Educação em revista”.

FORMAS DE COMPRA

As três revistas brasileiras são vendidas por assinatura. A revista **Presença Pedagógica** pode ser encontrada em algumas livrarias de Faculdades de Educação, porque seus artigos são utilizados por universitários. Outra explicação que pode esclarecer esse tipo de distribuição relaciona-se a uma forma de divulgação, pelos próprios autores, que são oriundos de Faculdades de Educação significativas no país. Ela é vendida, como **AMAE Educando**, em *stands* de congressos. Por outro lado, as revistas parecem não possuir serviços especializados de distribuição que garantam formas mais amplas de difusão e venda.

Na França, a revista **Cahiers Pédagogiques** é vendida somente por assinatura e pode ser comprada na sede da Associação, que possui uma biblioteca para consulta dos professores. O **JDI** também é vendido por assinatura, mas pelo correio. A compra de exemplares avulsos é possível apenas no Espace Luxembourg, localizado no coração acadêmico de Paris, num lugar “reservado aos professores”, para consulta e compra de todos os outros materiais didáticos da empresa. O valor simbólico deste espaço, para os professores, dá a estes uma forma de valorização profissional, que pode produzir efeitos interessantes para algumas sociabilidades do *métier* e, sobretudo, para compras de outros materiais.

Pode-se pensar que há uma forma especial de circulação destas revistas de educação comparadas? Um primeiro ponto comum é a força pelas assinaturas. Se a distribuição é feita com esta prioridade, ela também promove outras formas de sociabilidade dos leitores. É preciso criar um conjunto de condições de reconhecimento da importância de cada um dos impressos, uma disposição individual (professores) ou institucional (escolas e

secretarias ou bibliotecas) e um conjunto de expectativas e rotinas de leitura, alimentadas pelo tipo de inclusão deste impresso específico, no cotidiano. Isso pode criar e reproduzir necessidades de leitura. Outro fator que leva às assinaturas é a diferença de preço para exemplares individuais e por assinatura: o pagamento é mais barato, nesta segunda condição. Se a estratégia de assinatura é ligada a outros sentidos de continuidade, indicados na própria revista, como apelos para completar as coleções, as fichas, os encartes e o anúncio de novos temas, serão reforçadas outras formas de ligação que motivam os leitores para futuras compras²¹.

Um bom contraste é a forma de compra da revista *Nova Escola*, publicada no Brasil, pela Editora Abril que é vendida por assinatura, mas também nas bancas, como qualquer revista de informação, em geral, e ainda circula na versão *on-line*. Neste caso, o conjunto de atividades e formas de difusão ligadas a outras revistas e produtos da empresa circulam por sua revista pedagógica. Esta estratégia combinada comporta a compra de exemplares individuais e em série e faz parte de formas de sociabilidade, para compra de outros exemplares de revistas dirigidas ao público feminino²². Nesse caso, a capa da revista será também construída para chamar a atenção de leitores numa banca, antes, talvez, de uma leitura de conteúdos textuais, no sentido restrito da expressão.

²¹ No Brasil a revista *Nova Escola* que combina as estratégias de venda em bancas e assinatura apresenta o mesmo preço para as duas modalidades de compra. Esta revista é vendida por 1 real e é uma das revistas femininas mais vendidas pela Editora Abril. Na relação com outras revistas produzidas pela mesma agência, a diferença é muito grande: ao contrário dos outros preços de revistas da Abril que variam entre 37 e 159 reais por assinatura, o valor da assinatura de *Nova Escola* é de 10 reais. É preciso saber o que este preço representa na relação de poder de circulação desta revista e na formação de um público leitor-professor e quais são os motivos financeiros desta empresa de edição que possibilitam que seja esse o seu valor. Talvez seja a estratégia de juntar os baixos custos de reprodução com um grande número de leitores da revista.

²² No Brasil há um estudo das representações de mulheres pela revista *Nova Escola*, que focaliza a questão do gênero e de formação de estereótipos ligados à feminização da profissão.

O SUBSÍDIO DA PUBLICIDADE

“Imprensa - O que levou a Globo a lançar sua revista semanal?
Fischer - A constatação óbvia de que as semanais pegam a parte mais importante e interessante do mercado de revistas. As duas semanais hoje existentes, Veja e Isto é, abocanham cerca de 25% do mercado de circulação e quase 30% do mercado de publicidade. Todas as outras centenas de mensais ficam com o que sobra. É, sem dúvida o pedaço mais apetitoso do mercado e a gente quer estar nele.”
(Fischer, p.48, op cit.)

Dados sobre o papel do subsídio da publicidade nas revistas e, sobretudo, no enfoque dado às semanais, já dão a dimensão de que talvez esteja mais na publicidade do que no conteúdo que é publicado, como informação explícita, o filão de lucro das editoras²³. Essa verba de publicidade estaria servindo para sustentar a produção e o “texto” jornalístico seria um segundo elemento na escala de importância?

Alguns elementos podem ajudar a compreender a relação da publicidade com os impressos. A inclusão da publicidade no impresso sofreu mudanças, na história do livro e da imprensa. Esta estratégia foi utilizada, em determinado momento, para dar suporte financeiro e ajudar na diminuição dos custos de cada exemplar, democratizando a leitura, sobretudo para as camadas populares. Ao mesmo tempo, novas técnicas tipográficas vão-se desenvolver, na medida em que a necessidade de ver os produtos, mais do que a de ler os textos, vão criar novos apelos estéticos. Entretanto, o desenvolvimento do campo do *marketing*, aliado a influências de novas retóricas e a novas necessidades de consumo vem alterando, cada vez mais, o formato do impresso. Assim, a publicidade não é mais uma estratégia à parte e pode-se dizer que, além do fato de ela sustentar hoje muitos projetos editoriais, convive, de forma cada vez mais agressiva, com o restante das informações existentes nos impressos, produzindo alterações nos modelos de produção textual e gráfica, na estética e, sobretudo, na leitura.

²³ Existem algumas exceções, no Brasil, para o caso da subsídio da publicidade, em revistas de grande sucesso editorial, semanais ou não, dirigidas a público segmentado, conforme dados da entrevista do diretor da Editora Escala, Hercílio de Lourenzi. Esta editora vem publicando inúmeros títulos comerciais e vale-se dos lucros de banca, mediante a compra, pelo leitor, de exemplares individuais. A editora faz a opção comercial de subsidiar-se nas opções de compra dos leitores e não trabalhar com subsídios de publicidade, nem de assinaturas.

No Brasil, revistas de informação, de grande tiragem, como *Veja*, *Isto É* e *Época* trabalham com um grande enfoque na publicidade. Da mesma forma pode-se citar, como exemplo, a revista francesa de informação *Nouvel Observateur*. No exemplar n.800, de 6 de maio de 1999, há 195 páginas e a publicidade ocupa 90 páginas inteiras, sem contar as meias páginas e a publicidade embutida nos textos e nas imagens. Pode-se notar que as páginas dedicadas a propaganda, nessas revistas citadas, interrompem quase todas as seqüências de artigos e reportagens, de forma sistemática.

Por isso, é importante buscar os graus de influência dessas estratégias, para ver algumas ligações da imprensa pedagógica com questões como comércio e marketing, assim como a circulação de modelos entre a imprensa pedagógica – sobretudo aquela produzida por um certo tipo de edição para a escola e para os professores – e a imprensa em geral. Esta abordagem é importante, também, do ponto de vista da recepção e da imagem que a revista faz do leitor e, o contrário, do tipo de leitura e de imagem da revista, feita pelo leitor, quando ele a folheia.

Como estas influências aparecem na imprensa pedagógica analisada?

A revista **AMAE Educando** faz publicidade de seus congressos, de algumas de suas poucas publicações e, raramente, aparecem propagandas de terceiros, como anúncio de jogos pedagógicos comerciais e “Cursinhos de Português”. Quando aparecem, não demonstram nenhum tratamento sofisticado de linguagem ou de apresentação. Destacam-se, no *corpus* analisado, duas propagandas diferenciadas: a de uma rede paranaense, denominada *Expoente*, que parece produzir multimídia e material didático e a divulgação de um congresso da *FIEMG*, *SESI* e outras entidades ligadas à indústria, cujo tema é “empregabilidade”. Parece que a publicidade, na revista, alimenta o consumo de produtos internos àquela fundação-editora. Resta investigar as iniciativas da Fundação para buscar ou não esses subsídios

Da mesma forma, a revista **Dois Pontos**, do Sistema Pitágoras de Ensino, apresenta, geralmente na última capa, ou mesmo em seu interior, a publicidade de seus congressos anuais de formação de professores e, na última capa, sob o slogan “*uma imagem vale mais que mil palavras*” apresenta-se a imagem de uma série de livros didáticos produzidos pelo

grupo para serem utilizados nas escolas pertencentes ao sistema. Esse dado deve ser examinado com mais profundidade, tendo em vista a especificidade da produção de livros didáticos dirigida ao comprador “escolas particulares”. Pode-se constatar que essa produção pode vir a ser um filão em termos de mercado editorial (Kazumi Munakata, 1997)²⁴. A necessidade de entrada do Sistema Pitágoras de Ensino nessa arena é bastante significativa, em termos de mercado editorial. Essa publicidade tem, então, um caráter diferenciado. Além dessa questão, destacam-se, como diferenciadas, duas propagandas de gráfica e editora de terceiros, veiculadas em dois números, no ano de 1997.

A revista **Presença Pedagógica**, por sua vez, apresenta propagandas dos livros da editora que a publica destinados ao professor em geral, dos seus livros de literatura infanto-juvenil, e a divulgação sobre seu primeiro congresso, mas não sobre os livros didáticos que aparecem no catálogo da editora como uma de suas produções. O que isso significa? Talvez possa significar, em comparação com a revista **Dois Pontos**, que são outras as vias de publicidade da Editora Dimensão, ou que a revista tem uma posição mais definida a respeito da divulgação desse tipo de material em seu interior. Isso pode demonstrar, também, um certo grau de autonomia da revista em relação à própria empresa editora. Por outro lado, destacam-se, no ano de 1997, três propagandas: a dos livros, CDs, cassetes e vídeos da *Paulinas Editora*, a da Coleção de Ciências Sociais da *Editora Vozes* e uma propaganda do *Banco Real* sobre seu programa Real Escolas, que oferece produtos e serviços relativos à Educação.

Comparando com as revistas pedagógicas francesas, pode-se dizer que, entre as revistas **Journal des Instituteurs et des Institutrices (JDI)** e **Cahiers Pédagogiques**, o contraste é total. O **Cahiers** somente faz anúncios internos de suas publicações e, assim, não se nutre de rendas externas de publicidade. Na **JDI**, a publicidade é em quadricromia, enquanto que a revista é produzida em duas cores. Os produtos anunciados são aqueles da empresa de

edição e de muitas de suas filiais, como MDI, Retz, etc. e de outros produtos educativos e paradidáticos (centros de férias ou viagens de descoberta, por exemplo), CDs de música,

²⁴ A especificidade apresentada pelo autor, ao analisar os depoimentos de editores que apresentaram posições e dados, refere-se ao fato de ser esse um material de venda inquestionável (não há problemas financeiros que impeçam a sua compra e ele pode ser vendido em livrarias por um preço maior que o pago pelo Estado), podendo circular e ser consumido sem certas regulações estatais (na escola particular, o livro pode ser consumível) e sendo destinado a profissionais de Educação que são selecionados mais rigidamente pelo mercado (supõe-se que esses tenham formação mais adequada para trabalhar com o material)

espaços multimídia, produtos informáticos para a escola. De forma mais sutil, certas fichas pedagógicas cartonadas e em cores, são produtos de publicidade, como, por exemplo, os “publi-fiche” da *Alliance Carton Nature*. O lugar destinado à publicidade, é ainda limitado com relação às revistas de informação, em geral, mas mostra o desenvolvimento do setor de marketing, que já aparece em sua ficha técnica, em relação às outras.

Comparada com revistas brasileiras, essa revista francesa se aproxima mais da revista *Nova Escola*, no Brasil que, em seu número 112, de maio de 1998, apresenta recursos análogos. Há um setor específico, que comporta a publicidade, em sua ficha técnica e são anunciados produtos como lápis, vídeos, software educativos, congressos e programas de capacitação de escolas privadas da mesma empresa, como televisão a cabo, livros, vídeos, Cdroms, outras revistas da Abril e um anúncio de produto para vestuário, na quarta capa.

Por outro lado, as outras revistas brasileiras **AMAE Educando**, **Dois Pontos** e **Presença Pedagógica** recorrem menos à publicidade, talvez com o intuito de evitar que estas apareçam aos olhos dos leitores como revistas que têm objetivos comerciais.

Pode-se constatar que, de forma geral, a publicidade existente nas revistas de Educação analisadas refere-se ao universo interno de produção de cada empresa editora, apesar de algumas diferenças, e que é necessário recuperar informações dos editores para verificar essa situação para além do que aparece no produto. Mas, sem dúvida, a publicidade direta ou indireta que aparece é uma forma de agregar, tanto capital simbólico, buscando prestígio para o periódico, quanto capital material, mediante a captação de novas assinaturas.

A ESTABILIDADE E A ATUALIZAÇÃO

Essa é uma outra categoria que emerge quando se observa o que está apresentado no papel e algumas representações sociais ligadas ao suporte. Em 1996, quando desenvolvia um trabalho com coordenadores da Rede Municipal de Ensino de Betim (ocasião em que fiz minha assinatura da revista **Presença Pedagógica** e ganhei todos os exemplares do volume I) ouvi, antes da compra, a seguinte frase do divulgador: “*um professor de escola pública me disse: esta revista é como a Bíblia, você pode voltar e consultar várias vezes que ela não perde a atualidade*”.

Este é um bom exemplo de uma idéia de “estabilidade” / “permanência” presente na representação dos professores sobre determinadas revistas pedagógicas. Ou seja, o que se trabalha nas revistas pedagógicas não é a notícia (na maioria das vezes, estas são consultadas após algum tempo apenas por pesquisadores - alunos e/ou acadêmicos, nas revistas de informação em geral) mas conceitos, práticas e idéias. Sempre contextualizadas em tendências pedagógicas e políticas, mas passíveis de recuperação, mesmo após um tempo. Se se compara a forma de armazenamento utilizada para os dois tipos de revistas na biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG, descobrir-se-á que, após algum tempo, a biblioteca desfaz-se das revistas de informação geral, mas armazena os periódicos de Educação, de forma permanente. Poder-se-ia dizer que algumas “matérias” ou “artigos” publicados nessas revistas pedagógicas possibilitam uma leitura extensiva ou intensiva, nem sempre descartada pelo fenômeno da “desatualização”. Nas faculdades de educação, os usos que são feitos das revistas pedagógicas, como material de leitura e pesquisa, possibilitam essa recuperação e dependem desse armazenamento. Por outro lado, também nas escolas é comum que essas revistas fiquem nos acervos das bibliotecas.

Quem não acharia estranho comprar ou ganhar como assinante um conjunto de revistas de informação do ano anterior? Isso porque as representações construídas pelas práticas de jornalistas fazem crer que o que há de mais importante nas matérias veiculadas é sua atualidade. Normalmente, lêem-se revistas antigas em consultórios médicos, quando não se tem por intenção propriamente uma leitura de informação, mas uma forma de ocupar um tempo de espera. Quase sempre essa é uma leitura interrompida e não retomada. Ou

melhor: sem intenções de continuidade. Por algumas dessas razões, tais revistas não são armazenadas, nem adquiridas mediante compras após um certo período de publicação. Pagar por “notícia velha” parece um contra-senso.

Se essas formas de apropriação que a sociedade e seus leitores fazem desses diferentes textos também são frutos de construções sociais, por outro lado, esse grau de permanência em Educação indicaria uma ortodoxia? O fato é que as revistas de Educação analisadas materializam, de alguma forma, essa característica. Se se fossem analisar, numa escala, as revistas de Educação do circuito comercial e as mais acadêmicas, poderia ser constatado um grau máximo dessa dimensão de permanência, nestas últimas, mas, como tendência geral, a sua presença em quase todas.

É preciso que também seja considerado o que significa atualização em Educação. Nesse campo, recortado por posições diversas e, ao mesmo tempo, determinado por uma certa ortodoxia, os processos de mudança são lentos e abruptos. Quando se configuram tendências em Educação, é porque já se passou por um processo longo de reflexão, de construção conceitual e de alterações nas práticas escolares. Dizer que um professor tal, da região X, inventou uma “nova metodologia” pode ser uma notícia, para um escritor/jornalista ou mesmo um leitor mais desavisado, mas a apropriação dessa nova experiência, num texto pedagógico, precisa ser refletida em função da complexidade do contexto educacional, sob pena de se tornar um fato isolado e visto de forma fragmentada e a-histórica por outros leitores-professores. Noticiar um acontecimento na política educacional não é o mesmo que refletir sobre suas implicações relativas ao conhecimento da história daquela mudança e de um acompanhamento demorado dos processos de sua apropriação pelas redes, escolas e professores. Pela natureza desse processo, esse tipo de elaboração “não cabe”²⁵ no formato notícia. Isso reforça mais ainda uma característica da produção no campo educacional: nelas, não se parte necessariamente de fatos, mas de conceitos e idéias, cujo tempo de elaboração/publicação/divulgação não é o tempo de outras revistas. E, ainda, certas questões educacionais ficam em pauta durante anos – ver

²⁵ Não cabe no sentido dado por Darnton (1995), quando aborda a construção da notícia por jornais: do ponto de vista dos ordenamentos espaciais e do enquadramento cultural, sobretudo.

toda a discussão, nas décadas de 80/90 sobre o “construtivismo” e suas aplicações na escola.

De outra forma, é evidente que, na comparação entre um livro de Educação (seu tempo de produção e de circulação) e uma revista pedagógica, aparecem possibilidades para que se acompanhe, nesse segundo tipo de material, uma determinada “ordem do dia” da Educação, de uma forma inquestionável. Para isso existem as seções “Saber em Movimento”, “Agenda” e reportagens, na revista **Presença Pedagógica**, as reportagens e seção “Cultura”, na revista **Dois Pontos**, e as seções “Boletim” e “ Observatório” na **AMAE Educando**.

Por outro lado, pode-se considerar que é a função de “atualização” cumprida pelas revistas pedagógicas, decorrente de sua relação com o processo de formação contínua de professores, que acaba sendo mais forte, e essa não é a “atualidade” (fugaz?) presente em outras revistas de informação dirigidas a leitores em geral. No caso francês, essa ligação histórica da imprensa pedagógica em geral com a formação permanente é afirmada nos estudos de Penélope Caspard e Pierre Caspard (1997). Estudos históricos da imprensa periódica no Brasil (Maria Helena Bastos, 1997) também sugerem essa relação.

IMPARCIALIDADE E TOMADA DE POSIÇÃO

O dado imparcialidade, geralmente exaltado como qualidade por revistas de informação que, apesar de admitirem que “fazem acontecimentos” - expressão utilizada por Tales Alvarenga, Diretor de Redação de *Veja*, em entrevista concedida à revista *Imprensa* denominada “Além do croque-croque” (*Imprensa*, n.127, abril de 1998, p.47) -, também ressaltam que “reputação, influência, referência e compromisso com a verdade” (op. cit. p.47) são indicativos de qualidade da informação transmitida. Episódios recentes em que a imprensa é notícia na imprensa (conforme reportagem de *Isto É*, n. 1483, de 04 de março de 1998, criticando montagem de fotos feita pela *Veja* ²⁶) demonstram que, na luta por suas posições de idoneidade no mercado, é forte o argumento da imparcialidade como qualidade.

²⁶ Este fato gerou polêmica devido ao “apagamento”, na fotografia publicada pela *Veja*, de um personagem integrante do grupo na foto original. O fato foi denunciado a partir da “prova” deixada na própria foto: retirou-se parte do corpo do personagem mas, por um lapso, foram deixados seus pés, que aparecem nitidamente na imagem “recomposta”.

Nas revistas de Educação, mesmo que apareça implícito o compromisso com a verdade, é esperada uma tomada de posição e, até quando é ressaltado que a revista não se responsabiliza pelas posições dos autores, de forma geral, transparece, numa visão articulada dos vários textos que compõem o discurso das revistas, posições que se filiam mais claramente a determinadas tendências pedagógicas. Além disso, pode-se dizer que fazer alguma coisa na sala de aula, na escola, na política educacional (assim como em outros campos de ação), supõe, quase de forma intrínseca, a tomada de posições, que não são neutras. Demonstrar imparcialidade, então, não é o principal problema da produção de revistas pedagógicas.

ENTRE O “MUNDO DOS LIVROS” E O “MUNDO DA IMPRENSA”

A investigação sobre a construção do impresso, de um ponto de vista histórico, mostra formas de circulação presentes nos livros e na imprensa, que se traduzem na *mise en livre*, na *mise en page*, nas formas de circulação, na periodicidade, nos gêneros. Esses modelos de impresso também sofrem influências do desenvolvimento das técnicas de impressão, da tipografia, dos modelos de leitores, dos usos e dos mercados diversos. Entretanto, nós podemos dizer que, hoje, há alguns modelos mais ou menos consolidados, através dos quais se podem fazer comparações

No mundo da imprensa atual as novidades e a constante “ atualidade” criam efeitos de rapidez e de acesso à informação, que vão criar sociabilidades e novas necessidades de consumo nos leitores. A expressão máxima do incentivo a essas necessidades encontra-se na edição de jornais diários impressos, nas várias edições dos jornais televisivos e na atualização, pela Internet, de algumas modalidades de publicação. O acesso à maior parte possível de informações, em tempo cada vez mais curto, parece ser a condição para o exercício da cidadania, hoje. Esse espírito de “ movimento” e “ rapidez” encontra, na imprensa periódica, um lugar privilegiado para construir um mercado de consumo de grande rentabilidade.

Se essa periodicidade cada vez mais curta entre uma edição e outra trabalha com a própria idéia de atualidade em notícias, mantendo os leitores com a representação de que estão cada vez mais bem informados (ponto de vista da recepção), por outro lado, a base material do tempo faz com que o processo de produção seja determinado por essa materialidade. A necessidade de construir uma sociologia do jornalismo, proposta por Robert Darnton (1995) no texto “Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica”, fica evidente, a partir de exemplos dados pelo autor a respeito dos mecanismos de construção da notícia no periódico “*The Times*”, à época de sua participação naquela agência de notícias. Além das relações complexas envolvidas no processo de construção dos textos/ dos impressos pelos editores, pelos jornalistas e por suas fontes de informação - simbiose ou independência?- pode-se deduzir que o tempo de captação e construção da notícia em prazos curtos faz com que sejam praticados vários jogos, negociações, alianças que ocorrem em contingências ligadas, entre outros, a fatores pessoais, sejam eles sorte, presença de espírito, conquista de simpatias do editor e dos colegas de profissão.

Uma idéia de rapidez se traduz na periodicidade e na materialidade da produção e também nos aspectos textuais e materiais ligados ao tipo de leitura ágil pretendida e materializada na escolha dos gêneros e de outros recursos expressivos como o uso de ilustrações e tipografia.

Por outro lado, o funcionamento do mundo dos livros, em geral, mostra que estes são também objetos que portam informações de natureza diversificada, mas que sofrem um processo de atualização muito lento. Um exemplo extremo dessa característica ocorre nos livros de literatura. Isso quer dizer que são produtos feitos para circular por um grande tempo, para serem armazenados, para serem colecionados, são editados, muitas vezes, conforme as preferências do público leitor, os movimentos do mercado e a intervenção da crítica literária ou acadêmica e, mesmo quando fazem parte de coleções, cada volume tem sua existência independente.

Entre os jornais, que são uma mídia efêmera, ligados a uma atualidade cotidiana e o livro, as revistas apresentam-se como uma figura intermediária.

Esses fatores se aplicariam à análise de uma sociologia de construção de periódicos educacionais? De que forma a imprensa pedagógica participa desses aspectos? Onde podemos encontrar as características de movimento e atualidade, presentes no mundo da imprensa?

Um primeiro aspecto refere-se à *periodicidade*. A periodicidade pode criar uma forma material de sociabilidade e de produção que, para se instalar, necessita mostrar novidades no campo e criar estratégias de manutenção do desejo dos leitores de se manterem atualizados. Há revistas de Educação com periodicidade anual; as três revistas analisadas são produzidas mensal e bimensalmente. Esse fenômeno “material” pode favorecer outras formas de construção do tipo de informação que se quer divulgar. As revistas analisadas têm periodicidade regular, que varia de um mês a dois, mas, talvez, isso não seja suficientemente esclarecedor, se não forem analisados outros aspectos, para verificação de novos sentidos. Há questões curiosas, se forem comparadas a **AMAE Educando**, a **Dois Pontos** e a **Presença Pedagógica**. A marcação da periodicidade da revista **AMAE Educando** acompanha os períodos de aulas e férias escolares: a produção - do ponto de vista do que aparece na data publicada - acompanha o período letivo da escola. A seção “calendário” constitui uma tradição, como pauta, na revista **AMAE Educando**, confirma que a marcação periódica quer dizer mais que uma escolha arbitrária de períodos, evidenciando outros significados. Calendário “cívico”, para a escola, implica decisões curriculares e faz parte de um ritual consagrado e re-criado em função de novos sentidos dados a essas “comemorações” na escola, a cada dia. Talvez esse sentido da “periodização” seja entendido em função do conhecimento da “cultura escolar”. O mesmo não ocorre nas outras, que comportam outra marcação dos meses nos seus números e outros gêneros.

Outra forma de aprofundar esta questão é a atenção à *construção das pautas*. Apesar da produção mensal das revistas **AMAE Educando**, **JDI** e **Cahiers Pédagogiques**, a análise do impresso e de algumas formas de produção, declaradas por editores brasileiros, demonstra diferenças. A **AMAE Educando** trabalha com temas diversos e a forma de captação dos temas deveria supor uma organização bem rápida e em tempo mais curto. Entretanto, dados de entrevista demonstram que a revista pode ser programada com uma

grande antecedência, em decorrência do processo de reconstrução dos textos de professores, que chegam à redação, e da grande possibilidade de escolha, pelo volume de textos. O **JDI** trabalha com temas gerais, também, mas faz anúncio de temas para seu próximo número. De certa maneira, há um grau de previsão. O **Cahiers Pédagogiques** é mensal, mas temático. Assim, é possível anunciar o próximo número por inteiro e os apelos para colaborações, publicados em alguns de seus exemplares, permitem ver a antecedência com que é organizado cada um dos números.

As revistas bimensais **Presença Pedagógica** e **Dois Pontos** operam com princípios de organização diferentes. A primeira trabalha com temas variados, prioritariamente, e tem publicado apenas um número especial temático por ano. A segunda trabalha com uma temática anual, reconstruída em sub-temas. Entretanto, na **Dois Pontos**, existem rubricas que escapam a essa lógica. Assim, o grau de atualização pode ser buscado em alguns gêneros de escrita e em outras seções.

De outra forma, e mesmo sem o “espírito de novidade”, o procedimento de anunciar os próximos números, em **Cahiers** e **JDI**, cria efeitos de movimento, um conjunto de expectativas de leitura e formas de sociabilidade que se vão ligar ao mundo da imprensa.

Desta forma, podem-se ver alguns níveis de atualização possíveis, presentes na distância temporal entre um número e outro e no processo de construção, que conduz a tratamentos específicos da informação, mas o levantamento de *gêneros* evidencia melhor alguns pertencimentos das revistas ao mundo da imprensa.

A seguir, apresenta-se um quadro comparativo dos gêneros, que ajudam a dimensionar aspectos ligados às regularidades, predominância e diferenças.

| Periódicos | Gêneros | Predominância |
|-----------------------------|---|---|
| AMAE Educando | Editorial, sumário, notas, artigos, relatos, literatura, encarte de literatura e informativos, publicidade | Relatos |
| Dois Pontos | Editorial, sumário, cartas, entrevistas, reportagens, artigos, relatos, resenhas, publicidade, charge | Artigos, reportagens |
| Presença Pedagógica | Editorial, sumário e sumário comentado, entrevista, artigo, reportagem, agenda, resenha, notas, encarte, publicidade | Artigos |
| JDI | Editorial, sumário, dossiê, notas, entrevistas, enquetes, reportagem, fichas didáticas, resenhas, cartas, publicidade | Equilibrados mas com predominância de fichas pelo número de páginas ocupado |
| Cahiers Pédagogiques | Editorial, sumário, notas, resenhas de livros, de Cdroms, de Kits, artigos, relatos, entrevista, charges, decálogos | Artigos e relatos |

Para se analisar os gêneros publicados nos periódicos de educação é necessário fazer, antes, uma consideração: nesses suportes específicos, não há necessidade de se apresentarem notícias: esse gênero não constitui uma necessidade e/ou característica básica da produção. Tomar a Educação como objeto de discussão envolve a produção de artigos, ensaios, relatos e, eventualmente, notícias. As fontes podem ser as práticas, outros textos, o próprio autor, entre outros. Dessa forma, o significado do tempo, na produção de revistas pedagógicas, é outro.

Na revista **AMAE Educando** predomina o gênero relato e, de maneira geral, aparece apenas um artigo com indicações mais conceituais e teóricas. Pode-se constatar que aparecem, na revista **Dois Pontos**, além de pequenos artigos com uma linguagem mais acadêmica, no mínimo três reportagens em cada número, e algumas seções de notícias sobre acontecimentos na área educacional, além de uma longa entrevista, que parece ser um dos carros-chefe de cada número. Para isso, basta comparar o número de páginas destinadas a essa seção e às outras. Além disso, constam da ficha técnica vários jornalistas responsáveis, sendo que estes têm produção constante de “matérias” em cada número. Na revista **Presença Pedagógica**, por outro lado, privilegiam-se artigos mais densos em quantidade de páginas e na linguagem usada, elegendo-se, também, uma entrevista e uma reportagem em cada número.

De forma geral, pode-se dizer que temos um *continuum* em termos da incorporação de gêneros textuais mais presentes no campo jornalístico, de forma menor na **AMAE Educando**, um pouco mais significativa na **Presença Pedagógica** e mais forte na **Dois Pontos**.

Periodicidade e gêneros textuais escolhidos parecem constituir, nas revistas pedagógicas, elementos que se entrelaçam na construção de um tipo de material específico, não encontrado em revistas de informação geral e de público não dirigido, como as semanais *Veja e Isto É*, se estas fossem tomadas como contraste. Por outro lado, percebem-se características de revistas de informação em geral, nas revistas pedagógicas.

Talvez isso seja entendido pelo fato de serem as revistas pedagógicas inseridas no campo da produção de “material didático”, ordenado e enquadrado a partir dos princípios de constituição do discurso pedagógico (Basil Bersntein, 1996) e, ao mesmo tempo, pertencentes ao campo da imprensa pedagógica, de alguma forma regulada pelo campo da Comunicação Social.

E quais outros aspectos podem aproximar os gêneros do mundo da imprensa?

As revistas apresentam suas novidades pedagógicas nas seções especiais e, em certos tipos de textos: notas, reportagem, divulgação de novos livros e materiais didáticos e, de forma geral, nos conteúdos dos artigos. A preponderância de gênero, em cada uma das revistas, pode demonstrar um pouco sua ligação aos modos e comportamento da imprensa periódica em geral.

Assim, os gêneros equilibrados de **JDI** e a predominância de reportagens na revista **Dois Pontos**, mostram um modelo de certa atualidade, próximo de qualquer revista de informação em geral. É o caso da revista *Nova Escola* que trabalha com procedimentos muito próximos de certo tipo de jornalismo, já empregados para produzir revistas em geral, da mesma empresa editora. Entretanto, a força da seção de fichas didáticas no **JDI** demonstra circulação de modelos de produção de livros didáticos, fazendo, dessa publicação, uma forma híbrida. Seria interessante verificar o papel dos jornalistas na composição das revistas, na definição de seu projeto editorial e de seus gêneros jornalísticos de escrita. No **JDI** há somente o nome dos autores mas nenhuma outra informação que possibilite ver seu pertencimento a determinada categoria profissional e de

discurso. Ao contrário, na revista **Dois Pontos** existe uma descrição que permite verificar a participação de jornalistas nos textos como reportagem, por exemplo, e de outros profissionais ligados ao campo das Ciências Humanas, na escrita de artigos.

Vê-se que os relatos de experiência ocorrem prioritariamente nas revistas onde escrevem práticos inovadores. A revista **AMAE Educando** recebe muitos artigos de professores que exercem funções na escola e faz um verdadeiro trabalho de ajuda para a escrita a fim de que os artigos com propostas interessantes tornem-se publicáveis. Se as reportagens de **Dois Pontos**, os artigos de **JDI** e de *Nova Escola* são escritos por jornalistas profissionais, os artigos de fundo de **Presença Pedagógica** e de **Cahiers** são escritos por profissionais de educação e áreas afins, como professores universitários e formadores. A revista **JDI** era produzida por professores que redigiam as fichas pedagógicas mas, nesse momento, eles não assinam suas produções e parece que estas são re-escritas ou refeitas pela revista. Por outro lado, a opção por fazer reportagens sobre experiências bem-sucedidas, no **JDI**, indica uma transformação do relato em reportagem. Nesse caso, desaparece um pouco a voz de quem relata, que também não aparece como autor.

E onde pode ser encontrada, nas revistas pedagógicas, a estabilidade e permanência do “mundo dos livros”?

A *organização temática* pode ser um primeiro indício de permanência no impresso. Ela dá a cada exemplar das revistas, uma existência particular, do ponto de vista da compra isolada e de sua utilização, quase como livro. Talvez seja com essa finalidade que se fazem anunciar os números em atraso para que os leitores possam praticar um tipo de encomenda e de leitura. Essa forma de sociabilidade produz e, ao mesmo tempo, nutre-se desses usos. As revistas **Dois Pontos**, **Cahiers Pédagogiques**, os dossiês de **JDI**, são exemplos desse tipo de organização. A revista **Presença Pedagógica** também tem produzido um número temático por ano.

Um segundo ponto, que pode ser analisado, refere-se aos *conteúdos dos artigos e dos relatos* que, nas revistas pedagógicas analisadas, não acompanham uma certa ordem do dia, em grande parte dos temas escolhidos. Este aspecto é ligado à natureza dos fenômenos educativos e do tempo de consumo das idéias pedagógicas: da produção à aplicação por outros, seja do ponto de vista das práticas, seja do ponto de vista dos paradigmas teóricos

do campo. Na educação é necessário um tempo maior entre a circulação de idéias e sua colocação em prática.

A *forma de apresentação* das informações em algumas das revistas é, também, um terceiro índice. A produção prioritária de artigos de formato acadêmico, com a indicação de fontes de pesquisa em vastas indicações bibliográficas, que aparecem, de forma sistemática, no final de cada um dos artigos da revista **Presença Pedagógica** e, em menor grau, nas revistas **Cahiers** e **Dois Pontos**, faz com que estas apresentem semelhanças em relação ao formato das revistas acadêmicas, que são ainda mais próximas do mundo do livro. A revista **Presença Pedagógica** quebra essa semelhança pela inclusão de recursos gráficos de ilustração mas que, mesmo assim, partilham de significados presentes no universo do mundo dos livros de literatura infanto-juvenil.

Por outro lado, existem maneiras de demonstrar que estas revistas pertencem também ao mundo do livro uma vez que estas publicam suplementos especiais para se colecionar: na **JDI** os encartes e o conjunto de fichas para utilização em classe, próximo ao universo dos livros didáticos, produzidos pela mesma empresa editora, destinados aos alunos e, na **AMAE Educando**, os encartes de literatura ou de informação.

Alguns *desdobramentos editoriais* também podem-se constituir em referências para verificar a reutilização das informações e sua “permanência”: as coletâneas da Fundação Amae para a Educação e Cultura são produzidas mediante a escolha de artigos já publicados nas revistas. Essa é uma forma de “capitalização” dos textos mas que parece agradar muito aos leitores. Nessas coletâneas, o que era variedade nas revistas, transforma-se em tema. De forma similar, a revista **Dois Pontos** publica, na sua coleção do ano, uma antologia do ano anterior.

Um outro dado interessante da revista **AMAE Educando** é a construção de um índice, que é uma forma de levantamento e catalogação de autores e temas do ano anterior, apresentado a cada primeiro número do ano. Esse índice sugere uma forma de recuperação de dados e apresenta-se como recurso de busca de números anteriores, pela via da autoria.

Por último, convém ressaltar novamente a idéia de *armazenamento* das revistas pedagógicas; as bibliotecas das escolas ou de faculdades de educação mantêm exemplares em atraso, nas estantes, por um tempo muito mais longo.

Parece que algumas das revistas analisadas se apresentam como um espaço discursivo que as faz perdurar como livro de coleção.

Assim, as revistas pedagógicas se aproximam mais do modelo livresco/informado/sério ou do modelo comercial/agradável/prático, o que implica em formas diferentes de ler (breves artigos a percorrer numa revista ilustrada, que se folheia livremente, ou uma revista lida com atenção e que se conserva para uma releitura). Este aspecto é redobrado pela imagem do leitor virtual para quem cada revista tenta se direcionar, em função de seus projetos mais culturais ou comerciais. As revistas pedagógicas analisadas são, predominantemente, ligadas ao primeiro modelo e *Nova Escola*, como contraste, parece aproximar-se mais do segundo modelo.

Assim, pode-se afirmar que revistas de educação partilham de universos e formatos próximos do mundo do livro e seus formatos, gêneros; *mise en page*, também sofrem influências de novas retóricas, conforme estas revistas se aproximem de grandes empresas de edição, de um certo tipo de leitores e de certos usos sociais

PESO E AGILIDADE

Na mesma entrevista, já citada neste capítulo, relatando consulta feita a leitores das revistas semanais de circulação nacional, o Diretor da Editora Globo salienta opiniões de leitores, como as seguintes: “são difíceis de ler”, “matérias longas demais”, “uma linguagem complicada”, “preciso ler quatro páginas para saber quem matou Odete Roitman²⁷ e não quero perder quatro páginas para descobrir isso”. Ante esses argumentos, o diretor anuncia o lançamento de uma revista semanal da Globo que trabalhará a informação, “resgatando o prazer de leitura”.

Essa parece ser a tentativa das revistas de informação, com mudanças na textualização (estilos de escrita) e na composição (introdução de boxes, legendas, quadros, gráficos e imagens ao texto), cada vez mais freqüentes. Entretanto, ainda é por essa diferença que a revista da Globo tentará destacar-se, utilizando-se de montagens mais ousadas e grande preocupação com o *design*, com imagens e textos integrados. Nota-se, nas possíveis capas virtuais apresentadas como modelos à revista *Imprensa*, pela Editora Globo, uma notável

²⁷ Esta é uma referência a um personagem de uma novela, da rede Globo de TV, denominada Vale Tudo, que é usada como metáfora na linguagem coloquial.

conjugação de virtualidade, com mudanças de perspectivas, de focos, de linhas, enquadramentos e uso de cores e brilho, que reduzem o lugar do texto convencional na página e inserem-se como recursos composicionais também nos títulos. Afinal, é preciso que se localize mais rapidamente “quem matou Odete Roitman”. Dessa forma, tanto a intensa utilização de recursos gráficos quanto a escolha das pautas e temas indicam um grau máximo de utilização de novos recursos que tornem a revista mais “leve”. Ou não seria mais adequado dizer, mais apropriada às novas retóricas surgidas no campo da informação?

As revistas de Educação, mesmo buscando equilíbrio entre fatores composicionais e textuais apresentam uma outra visão de leitura e de leitores. Pode-se dizer que há uma preocupação com a forma, mas os pontos de vista sobre esta são diferenciados. Apresenta-se, na revista **Presença Pedagógica**, um investimento acentuado em ilustrações semelhantes às dos livros de literatura infanto-juvenil, feitas por artistas mineiros já consagrados, A **AMAE Educando** utiliza-se de recursos como fotografia de alunos, reprodução de exercícios e ilustrações e, na **Dois Pontos**, apresenta-se um projeto que conjuga fotos com ilustrações não muito específicas do universo escolar²⁸. Mas permanece uma certa densidade textual que não possibilita uma localização e leitura tão “rápidas” como as pretendidas nas revistas de informação. Como contraste, pode-se dizer que uma das exceções, no caso das principais revistas periódicas de circulação nacional, do circuito comercial, talvez seja a revista *Nova Escola* que, de forma geral, é mais parecida com as revistas de informação geral (do ponto de vista gráfico e de gênero) do que com suas similares. Talvez isso seja explicado por Ana Lagoa quando diz ser essa revista produzida por jornalistas.

²⁸ Em outro capítulo analisarei, com maior profundidade, os significados do uso de recursos como o da ilustração.

QUEM ESCREVE?

Tabela de autores por instituição de trabalho e/ou função ocupada

| Função e instituição de origem | AMAE Educando 8 números / 97 | Dois Pontos 5 números /97 | Presença Pedagógica 6 números /97 |
|---|---------------------------------|------------------------------|--------------------------------------|
| Professores de ensino superior em instituições federais | 04 | 20 | 45 |
| Professores de ensino superior em outras instituições nacionais | 08 | 22 | 10 |
| Pesquisadores ou personalidades internacionais | 00 | 04* | 02 |
| Professores do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental | 23 | 10 | 01 |
| Coordenadores pedagógicos ou de área | 17 | 06 | 02 |
| Professores do ensino médio | 01 | 02 | 02 |
| Professores de educação infantil | 04 | 00 | 00 |
| Jornalistas | 03 | 30 | 10 |
| Profissionais de outras áreas | 17 | 44 | 03 |
| Representantes de órgãos oficiais | 06 | 01 | 01 |
| Outros | 08 | 01 | 01 |
| Membros do conselho editorial | 11 | 00 | 01 |

* Nesse caso, em especial, há um artigo de autor estrangeiro já publicado em outro suporte e traduzido e o de uma autora brasileira atuando em instituição de ensino alemã.

Não foi possível organizar uma tabela com dados muito precisos, porque há algumas variáveis, como a presença de “colaboradores relativamente fixos” em uma das revistas; a existência de alguns artigos produzidos por mais de um autor; a não identificação de autores em certas reportagens; a ausência de critérios comuns, entre as revistas, para caracterizar os autores - algumas indicações sobre autores não permitem identificar o nível de atuação, por exemplo. Por outro lado, alguns resultados numéricos são mais bem entendidos quando relacionados ao tipo de seções e pautas de cada uma das revistas. Exemplificando essa última variável: há um maior número de reportagens na revista **Dois Pontos** (ver número maior de jornalistas); e na revista **AMAE Educando**, há uma seção específica sobre LDB (isso pode interferir na interpretação do dado “representantes de órgãos oficiais”). O tamanho das seções, reportagens e artigos também pode estar interferindo nesse levantamento: há, em média, de 12 a 14 tópicos em cada número da **Presença Pedagógica**, de 9 a 13 na **AMAE Educando** e de 26 a 28 na **Dois Pontos**. Entretanto, mesmo existindo a interferência dessas variáveis, é possível captar tendências gerais relevantes.

Examinando o quadro de autores que escrevem para as três revistas pedagógicas mineiras, percebem-se singularidades: é grande o número de professores e coordenadores de primeiro grau, com formação superior, na **AMAE Educando**, de professores universitários com formação em pós-graduação *stricto sensu*, atuando em Universidades Federais do País, para a **Presença Pedagógica** e a predominância de autores variados na **Dois Pontos** (professores acadêmicos, escritores de literatura, profissionais de áreas afins como filósofos, psicanalistas, escritores, religiosos, etc.)

Um fato é incontestável e presente em graus diferenciados, mas constante em todos esses três suportes: são professores os que escrevem para professores. Isso significa que a mediação do jornalismo não ocorre como fator determinante do processo de produção. Entretanto, quando se considera o nível de atuação, percebe-se que não são professores de primeiro grau os que escrevem para a revista **Presença Pedagógica**, nem é tão freqüente a presença de professores universitários na **AMAE Educando**. A consideração do papel que cumprem os jornalistas na autoria deixa claro que é na revista **Dois Pontos** que estes encontram melhor acolhida. Talvez isso ocorra pela linha de reportagens que predomina nesta última, ou pela natureza do ordenamento que esses profissionais possam realizar na constituição da revista como um todo.

Qual seria, então, a conexão entre o jornalismo e periódicos de educação?

AFINAL, O QUE HÁ EM COMUM NESTES SUPORTES?

Distribuição? Nem sempre. Algo da forma: brochura? Alguns fatores composicionais em comum - capas, colunas, fichas técnicas, sumários, recursos de ilustração, editorial? A “intersecção” se faz pelo fato de a revista ser um texto que não supõe uma leitura linear e contínua - por permitir uma aproximação através de múltiplas vias?

Segundo princípios relativos a uma teoria tipográfica, François Richaudeau (1977) aponta para a seguinte idéia: “*a finalidade de uma “coisa impressa”: livro, jornal, cartaz, revista, anuário, prospecto é sua leitura, os princípios e as regras de sua tipografia devem ser abordados para servir a certa leitura*” (p.45). Considerando que as escolhas tipográficas são indicativas de um certo projeto de leitura, os projetos de *designers* gráficos poderão

indicar pistas para melhor entender a construção de sentidos e atos físicos da leitura. Ainda segundo esse autor, “ *essa tipografia deve adaptar a forma visual da mensagem às necessidades do leitor e à natureza da mensagem*”. Evidenciando que não existe uma leitura, mas vários modos de leitura, em função das preocupações do leitor e da natureza das mensagens impressas, indica pistas para análise do tipo de material, como o da revista, por exemplo.

Assim, uma idéia geral sobre o tipo de leitor e de leitura pode levar à construção de um projeto gráfico, cuja estrutura seja montada para estabelecer um tipo de pacto com o leitor. A observação das seções da revista; da *mise en page*, como a colocação de legendas, janelas e títulos, tipos e tamanhos de caracteres e sua distribuição na página, das manchas e espaços “em branco”, entre outros; pode evidenciar formas de direcionamento da leitura e tais questões indicam pontos comuns entre os suportes.

Dessa forma, o processo de composição gráfica, com seus projetos e fatores de legibilidade, o papel das ilustrações e o texto, propriamente dito, fazem parte de qualquer revista. No caso das revistas pedagógicas, as dimensões citadas anteriormente devem ser analisadas como componentes do discurso, entretanto, percebe-se claramente que há diferenciações entre as revistas pedagógicas e os textos periódicos informativos ou de entretenimento.

Basil Bernstein (1996) discute as regras de composição do discurso pedagógico evidenciando que o que se encontra ausente neste discurso é a sua própria voz, pois ele utiliza-se de mecanismos de recontextualização, demonstrados no *discurso instrucional*, com forte classificação em categorias e conteúdos, e no *discurso regulativo*, com enquadramento no tempo e no espaço. O discurso pedagógico, então, utiliza-se de mecanismos de apropriação, relocação, refocalização, lançando mão de outros discursos para constituir sua própria ordem e seus próprios ordenamentos. Dessa forma, indícios dessas formas de enquadramento podem estar presentes no material a ser analisado, visto tratar-se de material didático. Relacionar esse discurso pedagógico ao discurso mediático implica em trabalhar num jogo inter-discursivo.

Um fato inegável refere-se a todo um processamento de transposição presente na Educação como um todo e na produção de material didático, que faz com que não apenas se informe, mas também se ordene e se enquadre o que se escreve e o que se lê num campo de

aplicações “didático”. Esse processo, próprio do campo da Educação, estará presente em maior ou menor grau, no material destinado a professores.

AS RELAÇÕES ENTRE IMPRENSA PEDAGÓGICA E A IMPRENSA EM GERAL: UMA QUESTÃO COMPLEXA

A relação entre o jornalismo e a Educação, do ponto de vista de produção de revistas pedagógicas e do produto é muito menos estreita do que possa parecer à primeira vista. Seria um caso de casamento com separação de intenções comuns? Separação menos por intenções deliberadas de sujeitos isolados, mas talvez mais pela interferência dos modos de fabricação da informação e das representações sociais já consolidadas nos dois *métiers* e nos “dois” produtos. Se há necessidade de aproximação, é preciso que essa seja feita a partir de outros pressupostos: sem o “hermetismo” da Educação e com a certeza de que, para produzir para educadores, é preciso considerar os modos de reflexão pedagógica presentes no universo educacional. Isso vale para a produção de impressos e de outros meios.

CAPÍTULO 6

INDÍCIOS DE UMA RETÓRICA:

O TEXTO DO EDITORIAL E SEUS MECANISMOS DE COMPOSIÇÃO

Neste capítulo, será realizado um exercício de análise de elementos do discurso manifestados na materialidade do texto. Para isso, serão destacados, como elementos da superfície lingüística, os editoriais de janeiro de 1997 dos três periódicos, a serem explorados a partir de três pontos de vista: o da função, o do formato e posição e o da organização e estratégias discursivas.

A ANÁLISE DO DISCURSO E DA “SUPERFÍCIE LINGÜÍSTICA”

A necessidade de incluir material lingüístico na pesquisa sobre a produção de textos pedagógicos para professores impõe-se, por apresentarem-se como evidências do discurso das revistas. Neste tópico serão retomados, com maior detalhamento, alguns conceitos levantados no capítulo que trata de indicações metodológicas. Também serão acrescentados outros pressupostos relevantes para a análise do discurso.

Como concepção, considero que o meu texto é “a revista como um todo” e é por isso que a análise refere-se à revista e não aos textos de autores isolados. Essa posição indica que é preciso definir o que venho chamando de “ revista como texto” e destacar melhor o que é chamado de processo editorial. Numa revista não se têm artigos e reportagens de autores individuais, mas uma construção mais ampla, que configura um discurso, ou seja, na composição geral do periódico é que poderiam ser encontrados indícios sobre o pacto que se pretende estabelecer com o leitor. A partir dessa idéia mais ampla de um discurso geral, o que se pode apresentar como evidência seriam alguns procedimentos abordados por Roger Chartier: *mise en texte, mise en page e mise en livre*.

Dessa forma, a colocação dos textos em revista e seu resultado final apresentam-se como resultado de um processo de edição definido, evidenciado no processo de *configurar em revista*.

Uma parte desse processo poderia ser evidenciada se, comparativamente, fossem analisados o discurso produzido por um “autor” específico e o discurso evidenciado no texto após sua colocação em revista. Entretanto, visto que pretendo trabalhar com três periódicos e só posso recuperar textos originais de autores de uma das revistas, essa opção tornou-se inviável metodologicamente.

É por isso que devo tomar como base o texto já colocado em seu suporte, no caso, o periódico. A partir da consideração teórico-metodológica que compreende que todo texto inserido numa revista pode ser interpretado como indicativo de seu discurso mais geral, aparecem também várias opções. Dessa forma, caberia perguntar: proceder a uma análise micro de todos os textos publicados nas três revistas lançadas em 1997 poderia evidenciar regularidades? Quais? Perder-se em detalhes de uma microanálise de todos os textos pode ser um caminho tortuoso que não permitirá chegar ao objeto de estudo eleito, uma vez que também pode-se captar a revista como texto e como discurso, mediante outros procedimentos.

Assim, nesse trabalho, será destacado o editorial, como um dos elementos da superfície lingüística que, institucionalmente, representa o enunciador editor/editora. Esse pode ser analisado intertextualmente e microanaliticamente. A análise, tanto do discurso do editor, quanto do impresso, trabalhará com uma concepção de linguagem na qual há fortes demarcações; entretanto, apesar de não considerar os sujeitos livres, também não se trabalhará com a idéia de assujeitamento e, sim, de interlocução.

Isso significa não considerar o editor como “autor” isolado de sua fala, nem os textos isolados de outros textos e do que os cercam, como recursos de composição. Outra posição é a de buscar enxergar as contradições nos discursos, não usando categorias ideológicas *a priori* para tentar enquadrá-los. Tem-se como pressuposto que o discurso institucionalizado é conservador, mas será que podem ser encontrados apenas elementos que confirmem esse *a priori*? Até onde se pode trabalhar no campo do intencional e do imprevisto? Portanto, torna-se necessário fazer uma leitura do dito e do não dito, relacionando-os às categorias de dispersão e de contradição.

A análise dos editoriais das revistas será realizada considerando o discurso institucionalizado da imprensa pedagógica como um dos importantes determinantes e o discurso do editor e o processo de edição geral como constitutivos desse discurso institucionalmente demarcado. Essa análise pode ser ampliada, se forem evidenciadas algumas subformações discursivas, só percebidas mediante o enquadramento dos indícios materiais e discursivos ao tipo de instituição “editora” que os produziu, cada uma delas participando de um campo simbólico e material definido e diferenciado.

Tendo como opção a análise de um texto, em especial, seria necessário considerar, também, aspectos gerais dos periódicos que possam evidenciar posições das revistas quanto ao leitor modelo professor, ou seja, a sua “retórica”: a capa, a segunda, a terceira e a quarta capas, o sumário, seções, fichas técnicas, tamanho dos artigos, tiragem, forma de distribuição, tipos de autores, imagens, ilustrações, gêneros textuais, formas de publicidade existentes na própria revista. Alguns desses aspectos foram trabalhados no capítulo anterior e serão ampliados nos capítulos subsequentes.

UM EXERCÍCIO DE LEITURA DOS EDITORIAIS

Conforme o Dicionário de Comunicação de Gustavo Barbosa e Carlos Alberto Rabaça (1987), define-se por editorial:

“Texto jornalístico opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, referente a assuntos ou acontecimentos locais, nacionais e internacionais de maior relevância. Define e expressa o ponto de vista do **veículo** ou da empresa responsável pela publicação (jornal, revista, etc.) ou emissão (programa de televisão ou de rádio). O editorial apresenta, principalmente em sua forma impressa para jornal traços estilísticos peculiares... No jornalismo moderno, a opinião expressa no editorial é “alguma coisa mais do que a simples opinião do proprietário”, observa Juarez Bahia. “Salvo exceções de que ainda padece o jornalismo, a página editorial dos principais jornais brasileiros consubstancia, por exemplo, o conjunto de opiniões de diretores e editorialistas - estes profissionais, identificados com a linha do jornal, escrevem e atuam com autonomia e independência, critério e responsabilidade, garantindo um conceito de opinião que busca dignificar o veículo...” (p.227)

Na definição apresentada, observa-se uma situação de produção de discurso enredada na necessidade de expressão de pontos de vista do veículo ou da empresa responsável pela publicação, a respeito de fatos considerados relevantes para a opinião pública e, ao mesmo tempo, na possível autonomia e independência de diretores e editorialistas, desde que garantam “um conceito de opinião que busque dignificar o veículo”

Dessa forma, pode-se dizer que a forma ou conteúdo do texto, e sua materialidade linguística, ocorrem numa situação discursiva marcada institucionalmente. A função primordial do texto seria deixar a marca opinativa do órgão publicante.

Com o objetivo de analisar o editorial jornalístico do Jornal “O Globo”, Ana Maria Queiroz (1997) define esse tipo de texto da seguinte forma:

Os editoriais jornalísticos tratam de temas da atualidade, de interesse relevante para a sociedade e que, provavelmente, causem polêmica. O jornalista que prepara o editorial deve ser capaz de usar estratégias que produzam efeitos de autenticidade e de verdade. Para tal, ele se apóia em fatos, enriquecendo-os com estatísticas e pesquisas, que vêm acompanhados de argumentos lógicos capazes de conduzir os eventuais leitores a uma sensibilização favorável à opinião ali exposta, impedindo ou até mesmo refutando os contra-discursos que o leitor venha a fazer “ (p.212)

Esse segundo tipo de definição deixa claro que a necessidade de formar opiniões e refutar contra-discursos faz com que sejam buscadas estratégias argumentativas propriamente ditas, que, objetivando produzir efeitos de autenticidade e de verdade, fazem uso de certos procedimentos que garantam esse convencimento.

Tanto do ponto de vista do contrato maior de produção, quanto dos mecanismos utilizados para que se produza um tipo de convencimento, uma análise do editorial pode fornecer elementos para que se construa um quadro de análise da retórica utilizada pelo veículo de publicação e também sobre as imagens que faz de seu interlocutor, considerando o produtor do discurso como um “eu discursivo”, não autor empírico, e o destinatário como um “tu discursivo”, um leitor ideal, que vem ao encontro de uma proposta de comunicação e não propriamente o leitor da revista.

O EDITORIAL NAS REVISTAS PEDAGÓGICAS: QUE FUNÇÕES CUMPRE?

Os editoriais das três revistas diferentes, do ano de 1997, constituem o *corpus* escolhido e uma breve análise deles deixa claro que apresentam pelo menos dois tipos de funções: uma delas tem um caráter mais “unívoco” e aparentemente objetivo, quando se escolhe apresentar ao leitor o que será dado a ler, e outra, que evidencia uma função típica do editorial jornalístico, quando se elege uma temática, ou várias, para expressar o ponto de vista da revista sobre determinada questão, mostrando mais claramente posições “polêmicas”.

Entretanto, a partir da leitura de todos os editoriais do ano, aparece uma função diferenciada, que é a de discutir, de forma mais explícita, o próprio exercício da atividade editorial, com vistas a esclarecer o leitor sobre mecanismos de seleção e composição (presente na antologia do ano de 1996, publicada em 1997 pela **Dois Pontos**) e informá-lo sobre as dificuldades do processo editorial, da sobrevivência da revista e reafirmar seu projeto editorial (função observada na **Presença Pedagógica**, jul/ago 1997).

Nos três editoriais do primeiro número de cada uma das três revistas, destaca-se a função organizativa desse texto na revista **AMAE Educando**, enquanto, nas outras, evidencia-se a expressão de opiniões sobre determinados assuntos. Na **Presença Pedagógica**, procura-se explicitar pontos de vista sobre políticas educacionais do País e, na revista **Dois Pontos** a temática eleita é “identidade”, que constará de todas as capas da revista durante o ano de 1997.

Entretanto, sob a função de organizar ou tematizar uma questão, aparecem questões referentes ao destaque dado, ao posicionamento do texto ante os outros textos, modo de organização e estilos, ou melhor, estratégias discursivas que, focalizadas, poderão demonstrar que o preenchimento dessas funções “identificáveis” ou “já identificadas” ocorre num campo variado, que pode evidenciar pistas mais complexas quanto à retórica própria de cada editora e a imagem que faz de seu leitor.

UMA ABORDAGEM DO FORMATO E POSIÇÃO DO TEXTO

Discutindo aspectos relativos ao *ordenamento* efetuado pelos livros, Roger Chartier (1994) apresenta um dos sentidos desse termo:

“A ordem dos livros tem também, um outro sentido. Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis” (p.8).

Como elementos materiais do livro tem-se o próprio processo de produção, o formato, o tamanho e os aspectos textuais e para-textuais, a tiragem, os preços, os gestos de leitura, assim como suas mudanças no decorrer de momentos históricos diferenciados.

Analisando o processo de construção da coleção francesa *Bibliothèque Bleue*, o autor salienta que “*todos esse trabalho de adaptação - que diminui, simplifica, recorta, ilustra os textos - é comandado pela maneira através da qual os livreiros e impressores especializados nesse mercado representam as competências e expectativas de seus compradores. Assim como as próprias estruturas do livro são dirigidas pelo modo de leitura que os editores pensam ser o da clientela almejada*” (p.20). Ainda segundo Roger Chartier (op. cit.) se esse processo constrói um tipo de leitor, do ponto de vista histórico, os “autores” passam a se conformar com novos formatos, com essas regras de legibilidade estabelecidas para que um texto entre em circulação.

A história do livro pode apresentar-nos pistas para uma análise material de revistas, necessária à compreensão desse tipo de suporte, que vem proliferando cada vez mais na sociedade contemporânea.

Uma dimensão que pode ser evidenciada refere-se à possibilidade de realizar uma análise material dos periódicos, ou seja, a forma de disposição das páginas, a quantidade de folhas destinadas às páginas redacionais, o processo de “pictografização” do texto (Valdir Barzotto, 1997, comunicação oral no Seminário Internacional da Análise do Discurso), o tamanho dos artigos, os tipos de letras utilizados, entre outros, deixam claro que uma análise material do suporte pode ser uma fonte fecunda de dados. Isso coloca o trabalho de análise num campo de estudos sobre a materialidade do suporte revista. Essa é uma

possibilidade interessante, visto que, na história do livro, aborda-se como objeto predominante, o livro e não têm sido feitos estudos sobre revistas, ou melhor, teriam de ser transferidos certos instrumentos teórico-metodológicos dessa área de estudos para a análise desse outro suporte.

Reforçando a idéia do significado da composição do veículo e de seu processo de textualização na constituição de sentidos, Valdir Barzotto afirma que:

“as providências tomadas por autores e editores no que concerne à textualização e à composição do material que vai se tornar objeto impresso, visando a direcionar o leitor para uma leitura determinada, constituem-se simultaneamente em mobilização de sentidos específicos para compor o discurso, uma vez que ele não coincide com o texto, mas que também não existe isoladamente”(p.64, resumo da comunicação).

Talvez outros conceitos devam ser buscados para nos ajudar a ampliar o olhar, como os do campo artístico, por exemplo. A idéia de arquitetura da página e da importância, tanto dos espaços “cheios”, quanto preenchidos, ou de sua posição na construção dos significados de uma obra, tem sido trazida pelas práticas e discussões realizadas no campo artístico, onde poetas, pintores, fotógrafos, escultores e artistas gráficos, entre outros, já têm clareza sobre a importância dos aspectos gráficos na construção dos sentidos.

Paulo Bernardo Vaz (1998) vem apresentando discussões referentes à base material dos textos, do ponto de vista da produção editorial, chamando a atenção para a consideração do livro como objeto e projeto gráfico. O trecho abaixo reitera a importância desses aspectos:

“Abre-se a via de leitura ao se disponibilizar a obra, corpo apresentado para que o leitor, lendo o texto, desperte o espírito que nele adormece. Os atrativos da abordagem são para **chamar a atenção** do leitor, com o objetivo de transformá-lo em **intenção de leitura**. Deve ser colocado em relevo esse importante momento de aproximação entre o objeto livro e seu pretendido leitor, através de sua apresentação gráfica.... Falar em leitura bem sucedida de um texto impresso é lembrar o óbvio: só é **legível** aquilo que é **visível**; se o texto visto e lido for **inteligível**, aí sim completa-se o circuito da comunicação... A boa leitura, portanto, requer um encadeamento sequenciado desses três fatores: 1. visibilidade > 2. legibilidade > 3. inteligibilidade” (p.41-42)

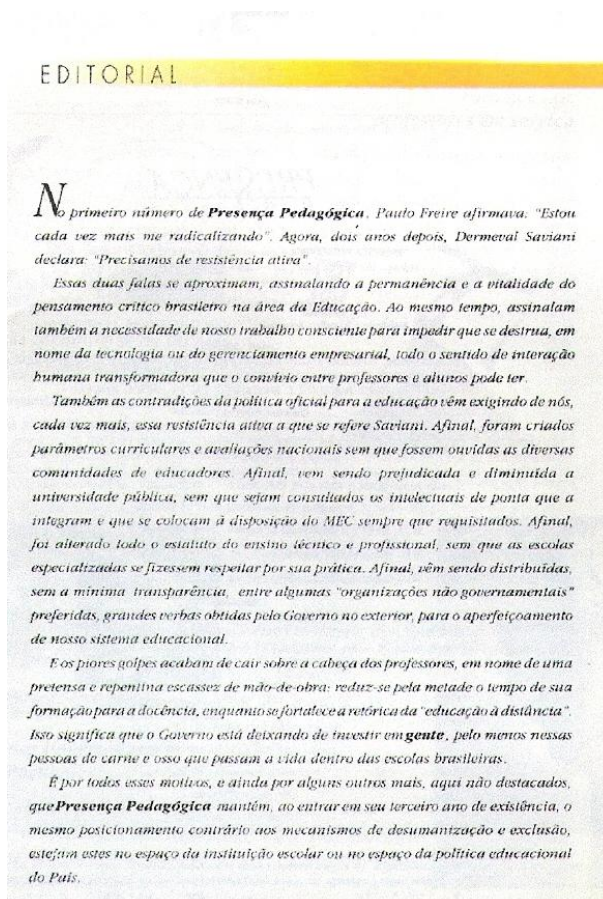
Pode-se dizer que a base material do texto, segundo estudos relativos ao papel da materialidade, é um indício que precisa ser considerado, para se inferir o grau de relevância que se pretende dar a uma produção escrita. Questões como posicionamento, tamanho e fatores de legibilidade são indicativos de um projeto gráfico das revistas, que antecede o conteúdo e a forma estilística eleita para estabelecer a comunicação com o leitor nos editoriais.

O *corpus* analisado neste estudo apresenta alguns indícios materiais relevantes que serão levantados a seguir.



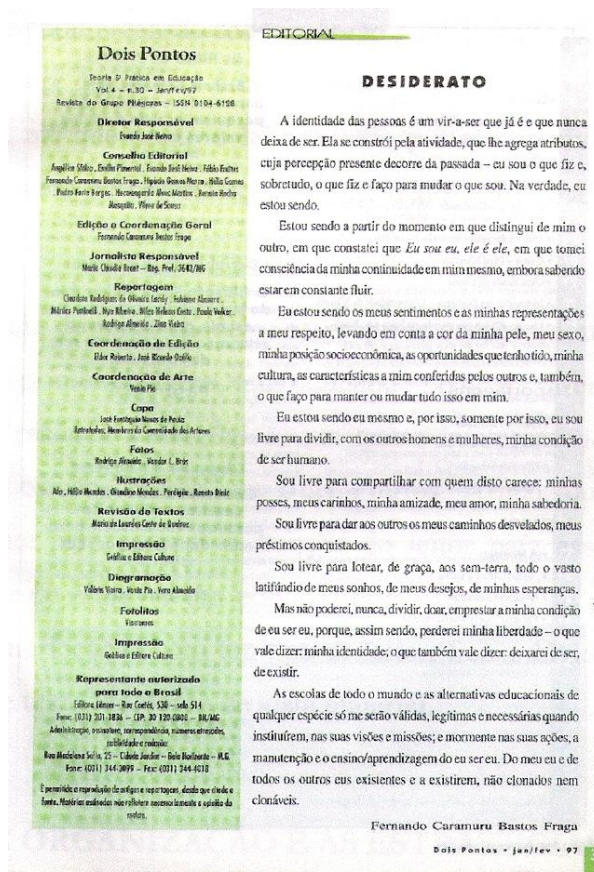
O editorial da revista **AMAE Educando** aparece na primeira página da revista, ocupando um espaço de uma coluna de cinco centímetros de largura, escrita itálico, corpo dez, com média de 33 caracteres por linha, sem marcação entre blocos dos parágrafos e marcação de título quase inexpressiva, dividindo sua existência material na página com um sumário, que ocupa o dobro de sua extensão, no qual são utilizados cinco tipos diferentes de letras, duas

cores (vermelho e preto), além de fotografias, e com uma pequena ficha técnica da revista. Pela produção visual desses outros textos que “margeiam” o editorial, percebe-se a menor relevância dada a ele.



Também na primeira página da revista **Presença Pedagógica**, aparece o editorial, com o título destacado em faixa alaranjada esmaecida, letra em itálico, em corpo doze e mancha ocupando uma margem esquerda de quatro centímetros, direita de dois, superior de sete cm. (ocupada ao meio pelo título) e margem inferior de dois cm. Localizado antes da ficha técnica e do sumário, parece que o editorial não pretende dividir atenções com outro tipo de texto e espera chamar a atenção do seu leitor, do ponto de vista visual.

O editorial da Dois Pontos



Na primeira página da revista **Dois Pontos**, e dividindo espaço com a ficha técnica destacada em fundo verde-claro, aparece o editorial assinado, que ocupa, diferentemente da primeira revista, o dobro do espaço destinado à ficha. Após o título fixo “Editorial”, aparece um sub-título do editorial em questão - demonstrando a eleição de um tema específico-, ambos com letras diferenciadas corpo doze e fonte *Times New Roman*, em redondo, escolhida para o texto.

Comparando os três editoriais do ponto de vista do espaço e da posição ocupados pelo texto, podem-se inferir questões relativas à imagem que se faz do leitor e se, realmente, espera-se que este leia o texto.

A leitura de editoriais e de outras páginas redacionais (de uso da própria revista, para escrita de fichas técnicas, de cartas dos leitores, etc.) parece constituir um tipo de leitura

“incomum “. Ou seja, que tipo de leitor lê editoriais? Até que ponto espera-se que um profissional leitor, que trabalha na escola um tipo de leitura fragmentada e didatizada, observe a composição geral de um periódico e o papel das páginas redacionais, do ponto de vista de uma melhor compreensão sobre o órgão publicante? Qual é o papel dessas páginas no entendimento sobre quem está falando, sobre quem está produzindo e a partir de quais posições? Ou seja, até que ponto o leitor-médio professor previsto pelas revistas deveria compreender os modos de organização de um texto redacional como indícios para uma análise do discurso?

Talvez por essa idéia de leitor-modelo, os próprios espaços destinados ao editorial sejam coerentes: todos na primeira página, mas ocupando posições diferenciadas: o destaque total para o texto, na **Presença Pedagógica**, sua quase inexpressividade material na **AMAE Educando** e sua posição “média” na **Dois Pontos**. Afinal, que investimento gráfico e material é suficiente para acionar a atenção do leitor para esse tipo de texto? Entre a possibilidade de ter de escrever um editorial como tradição do periódico ou como opção mais explícita de interlocução com um tipo de leitor, fica a dúvida sobre a real função que cumpre esse tipo de texto, do ponto de vista material.

OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Do ponto de vista das estratégias discursivas, pode-se dizer que os modos descritivo, narrativo e argumentativo dos discursos, assim como a super-estrutura que os sustenta são trabalhados em função da própria argumentação, que rege toda a forma de organização, visto que, nos casos escolhidos para análise nesse estudo, mesmo que seja “temático” (Revista **Dois Pontos** e **Presença Pedagógica**) ou “organizativo” (**AMAE Educando**), o que se pretende é convencer o leitor, a partir de um ponto de vista defendido.

Também por essa função primeira, as marcas lingüísticas propriamente ditas só ganharão sentido se referidas a esse quadro mais amplo. Neste texto, defende-se uma posição de não se definir *a priori* o que será destacado para a análise, como têm feito alguns estudos sobre editoriais no campo da análise do discurso e da mídia, ou seja, escolhe-se uma modalidade discursiva como “Raciocínio restritivo na argumentação ponderada” “(Fernando

Rodrigues, 1997) ou uma partícula lingüística, como, por exemplo “Desempenhos argumentativos e/ou condicionantes do “se” em editoriais jornalísticos” (Mônica Neves, 1997) e, a partir desse quadro, efetuam-se as análises.

Buscando captar a construção de sentidos e o papel da materialidade lingüística, optou-se, neste estudo, por uma visão mais geral sobre as estratégias de organização e marcas lingüísticas do primeiro editorial do ano de 1997 - anúncio de intenções para o ano? - a partir de uma breve análise comparativa.

O editorial da Dois Pontos

DESIDERATO

A identidade das pessoas é um vir-a-ser que já é e nunca deixa de ser. Ela se constrói pela atividade, que lhe agrega atributos, cuja percepção presente decorre da passada - seu sou o que fiz e, sobretudo, o que fiz e faço para mudar o que sou. Na verdade, eu estou sendo.

Estou sendo a partir do momento em que distingui de mim o outro, em que constatei que *Eu sou eu, ele é ele*, em que tomei consciência da minha continuidade em mim mesmo, embora sabendo estar em constante fluir.

Eu estou sendo os meus sentimentos e as minhas representações a meu respeito, levando em conta a cor da minha pele, meu sexo, minha posição sócio-econômica, as oportunidades que tenho tido, minha cultura, as características a mim conferidas pelos outros e, também, o que faço para manter ou mudar tudo isso em mim.

Eu estou sendo eu mesmo e, por isso, somente por isso, eu sou livre para dividir, com outros homens e mulheres, minha condição de ser humano.

Sou livre para compartilhar com quem disto carece: minhas posses, meus carinhos, minha amizade, meu amor, minha sabedoria.

Sou livre para dar aos outros os meus caminhos desvelados, meus préstimos conquistados.

Sou livre para lotear, de graça, aos sem-terra, todo o vasto latifúndio dos meus sonhos, de meus desejos, de minhas esperanças.

Mas não poderei, nunca, dividir, doar, emprestar a minha condição de eu ser eu, porque, assim sendo, perderei minha liberdade - o que vale dizer: minha identidade; o que também vale dizer: deixarei de ser, de existir.

As escolas de todo o mundo e as alternativas educacionais de qualquer espécie só me serão válidas, legítimas e necessárias quando instituírem, nas suas visões e missões; e, mormente nas suas ações, a manutenção e o ensino/aprendizagem do ser eu. Do meu eu e de todos os eus existentes e a existirem, não clonados nem clonáveis.

Fernando Caramuru Bastos Fraga

Assinado pelo editor (que representa o ponto de vista da empresa editora) e intitulado de “Desiderato” o editorial tematiza a questão da identidade, de um ponto de vista “lírico”, ou seja, o texto apresenta-se com uma linguagem “poética” e de caráter “subjetivo”, acentuado pelo uso de pronomes na primeira pessoa (11 “eu”, 22 “meus” “minha” e 2 “mim” em apenas 33 linhas) e o uso das palavras “livre” e “liberdade”.

Como organização formal, apresenta-se um primeiro parágrafo com uma breve “definição” de identidade e constrói-se toda a argumentação posterior a partir da idéia de identidade como construção de um eu liberto. Apenas no parágrafo final, fecha-se com uma breve referência às *escolas de todo o mundo* e alternativas de todas as espécies, que deverão ter como missão “*o ensino-aprendizagem do ser eu*”.

Na forma argumentativa eleita não se faz nenhuma alusão direta sobre a relação do tema com algum dos artigos publicados naquele número, que abordam também essa temática. É como se o editorial pairasse acima da revista propriamente dita, e cumprisse a função de exprimir o ponto de vista “pessoal” do editor.

O eu “genérico” construído no texto apresenta uma idéia de identidade descolada das diferenças culturais e econômicas coletivas, chegando a expressar que “*sou livre para lotear, de graça, aos sem-terra, todo o vasto latifúndio de meus sonhos, de meus desejos, de minha esperança*”. Dessa forma, identidade parece ser uma questão pessoal e subjetiva e entendida a partir dos campos da Psicologia e Filosofia, áreas presentes nos artigos de todas as revistas do ano, evidenciando, no editorial, uma linha “humanista” da revista como um todo.

Esse tipo de discussão contrapõe-se a um tipo de visão já recorrente, de que a escola precisa considerar essa problemática da identidade no contexto de possibilitar ou não a construção de identidades coletivas. Além disso, não se explicita que esse conceito vem chegando com mais força em todas as instituições sociais, a partir das reivindicações e lutas de grupos marginalizados, que querem ver as suas identidades preservadas, sobretudo na escola, que historicamente vem excluindo de seus currículos e formas de organização as diferenças culturais “coletivas”.

Dissertando sobre um tema, de forma tão “universalista”, parece que o argumento da necessidade de construção do “ensino-aprendizagem do ser eu” é tão descontextualizado que se aplica a qualquer aluno, individualmente e a qualquer escola, com qualquer projeto pedagógico. E o leitor virtual, será também um professor genérico? Ou um leitor genérico? Até que ponto o discurso da revista, demonstrado num dos seus textos - o editorial - pode dar-nos pistas sobre o tipo de leitor pensado?

O editorial da AMAE Educando

Editorial

Nada como um novo ano que começa. Esperemos que em 1997 possamos realizar o melhor dos projetos, dar as melhores aulas, estabelecer as melhores parcerias dentro e fora da escola, nos atualizarmos mais, ficarmos profissionais mais maduros, experientes, criativos.

Amae Educando inicia-se já com uma novidade. Além do melhor em artigos pedagógicos e relato de experiências reais bem sucedidas, a revista traz uma série de textos em parceria com a Companhia Vale do Rio Doce - uma forma de fazer a conexão entre o mundo do ensino com o mundo da atividade econômica, mundos aliás que só são adequadamente eficazes e efetivos se forem, na realidade, um só. Os textos serão publicados ao longo do ano e poderão ser destacados da revista para uso em sala de aula.

O artigo de capa desta edição (página 6) é um show de criatividade e boas idéias na abordagem de uma matéria considerada espinhosa para muita gente: a matemática. Uma feira de matemática realizada em Indaial, Santa Catarina, provou que é totalmente possível ensinar “matemática prática” aos alunos e fazê-los delirar com o conteúdo estudado e com a maneira de realizar o estudo. Quatro escolas catarinenses inventaram clubinhos de matemática e projetos sobre automóveis, estradas, espaço urbano, construção civil, para descortinar o mundo dos números e dos cálculos para as cabeças ávidas de conhecimento dos estudantes. Uma experiência que também merece ser conhecida é a do “Banco de textos” (página 33), que reproduz o funcionamento de uma instituição bancária, onde os alunos têm conta e podem sacar ou depositar textos. Outro projeto interessante e inovador é o do minhocário (isso mesmo, um criatório de minhocas), relatado à página 16. Um trabalho que combina educação ambiental, lazer e a certeza de que, no espaço da escola, muito mais pode ser feito além do restrito domínio do giz no quadro-negro.

Sem assinatura, o editorial desta revista apresenta, como tópicos, um breve anúncio das intenções para o ano que se inicia e, a seguir, explicações sobre o novo encarte e comentários sobre algumas experiências relatadas no número.

Os termos “melhor”, “melhores”, “mais” usados no primeiro parágrafo, dão a idéia de construção de uma competência pedagógica como projeto da revista, reafirmando que “além do melhor em artigos pedagógicos e experiências reais bem sucedidas” (isso seria uma alusão a experiências irreais?), será apresentado um encarte realizado em parceria com a Cia. Vale do Rio Doce.

A justificativa da parceria, além da preparação do encarte, que pode ser destacado para *uso em sala de aula*, é a tentativa de aproximar o “*mundo da atividade econômica do mundo do ensino: só eficazes e efetivos se forem um só*” Dessa forma, parece que a revista instaura um tipo de comunicação e linguagem presente no discurso de uma linha política educacional neo-liberal, presente no País.

Ao anunciar o artigo (que se apresenta também como relato) e relatos de experiências, a revista utiliza-se de expressões como “show de criatividade”, “cabeças ávidas de conhecimentos” e “delirar com o conteúdo”, demonstrando que a apresentação de experiências é uma de suas marcas. A indicação de páginas de cada experiência comentada, considerando que o editorial localiza-se ao lado do sumário, parece indicar que o leitor-professor precisa de mais pistas sobre a localização dos “artigos”.

O editorial parece dirigir-se a um professor que se pretende mais maduro, mais experiente, mais criativo, que poderá *usar* estas experiências *em sala de aula*. O âmbito da sala de aula parece definir-se como espaço de atuação do professor e o uso pressupõe uma visão imediata de aplicação, ou seja, outras discussões sobre Educação que fujam desse campo de ação e aplicação talvez não sejam tão prioritárias...

O editorial da **Presença Pedagógica**

Editorial

No primeiro número de **Presença Pedagógica**, Paulo Freire afirmava: “Estou cada vez mais me radicalizando”. Agora, dois anos depois, Demerval Saviani declara: “Precisamos de resistência ativa”.

Essas duas falas se aproximam, assinalando a permanência e a vitalidade do pensamento crítico brasileiro na área da Educação. Ao mesmo tempo, assinalam também a necessidade de nosso trabalho consciente para impedir que se destrua, em nome da tecnologia ou do gerenciamento empresarial todo o sentido de interação humana transformadora que o convívio entre professores e alunos pode ter.

Também as contradições da política oficial para a educação vêm exigindo de nós, cada vez mais, essa resistência ativa a que se refere Saviani. Afinal, foram criados parâmetros curriculares e avaliações nacionais sem que fossem ouvidas as diversas comunidades de educadores. Afinal, vem sendo prejudicada e diminuída a universidade pública, sem que sejam consultados os intelectuais de ponta que a integram e que se colocam à disposição do MEC sempre que requisitados. Afinal, foi alterado todo o estatuto do ensino técnico e profissional, sem que as escolas especializadas se fizessem respeitar por sua prática. Afinal, vêm sendo distribuídas, sem a mínima transparência entre algumas “organizações não governamentais” preferidas, grandes verbas obtidas pelo Governo no exterior, para o aperfeiçoamento de nosso sistema educacional.

E os piores golpes acabam de cair sobre a cabeça dos professores, em nome de uma pretensa e repentina escassez de mão-de-obra: reduz-se pela metade o tempo de sua formação para a docência, enquanto se fortalece a retórica da “educação à distância”. Isso significa que o Governo está deixando de investir em **gente**, pelo menos nessas pessoas de carne e osso que passam as vidas dentro das escolas brasileiras.

É por todos esses motivos, e ainda por alguns outros mais, aqui não destacados que **Presença Pedagógica** mantém, ao entrar em seu terceiro ano de existência, o mesmo posicionamento contrário aos mecanismos de desumanização e exclusão, estejam estes no espaço da instituição escolar ou no espaço da política educacional do País.

Como estrutura argumentativa, o editorial vale-se do discurso citado de figuras proeminentes na educação nacional, uma delas o entrevistado do mês - Demerval Saviani e a outra, do entrevistado do primeiro número - Paulo Freire. Destacam-se duas frases: “*estou cada vez mais me radicalizando*” e “*precisamos de resistência ativa*” em torno das quais se defende a necessidade do pensamento crítico brasileiro na área da educação ante as políticas educacionais.

Apresentando fatos recentes da política educacional, com o uso do operador argumentativo “*afinal*”, com força explicativa, utilizado cinco vezes para reforçar a existência de políticas concretas em andamento e/ou de somar argumentos a favor de uma “resistência ativa”, conclui-se que “*é por esses motivos*” que o projeto da revista para o terceiro ano é o “*posicionamento contrário aos mecanismos de desumanização e exclusão estejam esses no espaço da instituição escolar ou no espaço das políticas educacionais do País.*” (Grifo nosso)

O uso dos pronomes *nós* e *nosso* parece incluir editor, autores e leitor na responsabilidade de realizar um trabalho consciente e coletivo perante os mecanismos de exclusão que se querem combater.

Pelo conteúdo apresentado e pela forma discursiva escolhida, pode-se dizer que o leitor-professor virtual apresenta-se como alguém que conhece figuras nacionais de destaque, acompanha as políticas públicas e participa dessa comunidade de “resistência ativa”, compartilhando de conhecimentos e posições comuns, indício forte de intertextualidade. Esse leitor-professor atua dentro e fora da sala de aula, contextualizando-se na realidade educacional mais ampla. Dessa forma, seu âmbito de ação extrapola a sala de aula: é o espaço da instituição escolar e o das políticas públicas. Isso pode estar demonstrando que o espaço da sala de aula deve ser entendido como determinado por instâncias mais amplas e que as discussões a serem realizadas com o leitor devem extrapolar a sala de aula e situar-se, também, no campo menos “imediato” de aplicação.

Esse exercício de análise comparativa traz alguns dados sobre o tipo de leitor previsto e sobre a visão de professor, a partir dos conteúdos pertinentes à sua formação, assim como a forma de dirigir-se a esse leitor. Talvez se pudesse chegar a conclusões bem diferentes se comparássemos todos os editoriais de cada revista e entre revistas. Isso porque podem aparecer mudanças de rumo e recorrências, elementos que só podem ser percebidos diacronicamente.

Além disso, é necessário um outro momento de análise de sumários, capas, títulos, ilustrações, chamadas destinadas ao leitor, propagandas das próprias revistas, entre outros aspectos, que talvez favoreçam a ampliação do entendimento sobre os mecanismos de construção do leitor, existentes na composição da revista como um todo.

CAPÍTULO 7

IMAGEM, TEXTO E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO COMO RECURSOS EXPRESSIVOS DE ESTRUTURAÇÃO DAS REVISTAS PEDAGÓGICAS

Neste capítulo, pretendo tomar, como objeto de análise, a imagem das três revistas pedagógicas mineiras, na relação com o texto e com outros mecanismos de composição. Serão discutidos alguns desafios que a Educação enfrenta na apropriação e compreensão dos meios de comunicação e alguns códigos e definições que podem auxiliar na análise. Em seguida, serão apresentadas algumas considerações sobre as capas, os recursos expressivos utilizados no interior das revistas e o lugar da ilustração nas páginas.

DESAFIOS COLOCADOS PARA A EDUCAÇÃO NA ANÁLISE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Compreender a produção de um discurso pedagógico para professores, a partir da abordagem de três revistas mineiras, supõe considerar determinadas relações de produção e de confecção propriamente dita, que indicam aspectos da materialidade do impresso. Desse modo, podem-se considerar alguns dos determinantes que o condicionam, tais como a proposta editorial evidenciada pelos responsáveis pela editoração. No entanto, outra via de pesquisa pode ser percorrida, quando se faz uma análise do impresso como produto final. Tomando o produto revista para análise, corre-se o risco de reforçar, através de seus textos, aspectos de “conteúdo”, em geral considerados, exclusivamente, por muitos dos estudos brasileiros que tomam periódicos educacionais como objeto de estudo. Isso, porque nosso olhar acaba priorizando aspectos do discurso verbal escrito, indo, por vezes, até ao

procedimento de colocação em texto, ou seja, aos mecanismos textuais presentes, que remetem a pesquisa para a análise do discurso.

Tem-se tomado a superfície linguística (o texto) como prioridade e isto parece indicar que o acesso ao conteúdo das mensagens se daria a partir desta análise. Elementos relativos a aspectos materiais do impresso passam despercebidos, muitas vezes por se encontrarem ofuscados pela nossa visão verbal do fenômeno da comunicação. Talvez isso ocorra porque pensamos estar analisando fenômenos que são próprios do nossos campos de investigação e que são subsidiados pelas Ciências da Educação, da Linguística, da Análise do Discurso, entre outros. Assim, tomar aspectos da comunicação e das outras linguagens que esse campo utiliza, como objeto de pesquisa, é um movimento recente em Educação.

Nesse contexto, ao nos depararmos com materiais destinados a estabelecer algum tipo de comunicação, constatamos que, enquanto nos voltamos para áreas correlatas tradicionais, o campo da Comunicação vem atuando em projetos educativos, criando materiais de divulgação ou de apoio ao processo de ensino-aprendizagem, sem que façamos uma análise de seus pressupostos educativos e, ainda, sem que compreendamos os tipos de modelos de comunicação, utilizados na construção dos produtos, que circulam para fins educacionais. Assim, mesmo percebendo que estes produtos estão destinados a segmentos específicos do mercado editorial: alunos e docentes, assistimos, com uma certa distância, à explosão do fenômeno da informação, que têm os comunicadores e informáticos como protagonistas privilegiados,

O problema se agrava quando a educação ainda “agradece” a oportunidade de atualização de seus conteúdos, buscando o acesso aos bens produzidos pela mídia, consumindo, de forma pouco crítica, os produtos informativos produzidos no interior dessas redes de imprensa escrita e falada, que são transmitidos em suportes como revistas de informação, jornais, televisão, vídeos educativos, cd-roms, entre outros. Dessa forma, o efeito de “atualização” da informação faz com que as escolas e a Educação sejam, predominantemente, consumidoras desta e ocupem um papel passivo nessa rede de interlocução.

No entanto, para que essa recepção ocorra de maneira emancipadora, não basta que os profissionais de tendência mais crítica analisem o discurso verbal, comparando pontos-de-vista e abordagens textuais de diferentes periódicos, ou documentários e programas de TV. Faz-se necessário que, também, sejam compreendidos alguns dos mecanismos aparentemente periféricos, que compõem as mensagens que circulam nestes diversos meios.

Pode-se dizer, pois, que a análise dos elementos materiais, além dos textuais, permite tomar o suporte e suas formas de composição como elementos relevantes na produção de efeitos sobre as formas de leitura de determinado texto. Os recursos de colocação em página ou em tela, que organizam e hierarquizam determinados tipos de informação e as outras linguagens que conjugam texto, recursos gráficos e ilustrações, como os esquemas, quadros demonstrativos, infográficos, os tipos de letras, as saliências textuais - mais especificamente, no caso dos textos impressos - precisam tornar-se objeto de investigação.

Muitos destes elementos que circundam o texto e margeiam as mensagens escritas é que fazem com que determinados textos tenham prioridade sobre os outros e que produzam os efeitos que se quer.

Além disso, é necessário verificar como a mídia impressa, televisiva e eletrônica se diferencia, em termos de recursos utilizados, e que resultados comunicativos são esperados, através do uso de imagem em movimento, da introdução de recursos sonoros e de gêneros especiais como o telejornal, a novela e o documentário, na televisão, e o hipertexto, nos cd-roms e em redes.

Torna-se cada vez mais evidente que, para desmontarmos ou desconstruirmos recursos que são usados para informar, mas também para criar “efeito de informação”; para proporcionar prazer, mas também para promover isolamento e alienação; para produzir experiências estéticas mediante boa qualidade artística, mas também para reforçar estereótipos; é preciso que saibamos nos aproximar de uma certa compreensão dos códigos utilizados na produção destas mensagens.

Para compreender estes códigos e alguns dos efeitos que produzem, não é necessário que educadores tenham que se tornar comunicadores e produtores de mensagens veiculadas em massa, mas torna-se relevante tomar certos códigos, presentes na comunicação, como objeto de análise, tal como tomamos a língua escrita como objeto, quando pretendemos contribuir para a formação de uma comunidade de leitores/produtores de textos, que saiba fazer uso de competências requeridas, hoje, por novos desafios e modalidades de letramento.

Se a educação não é a área que determina a concepção e fabricação de produtos desta natureza, talvez possa cumprir o papel de tomá-los como objeto de análise. Nesse contexto, recortar a imagem como objeto de análise, significa:

- considerá-la em seu suporte e em sua especificidade como linguagem e função;
- relacioná-la aos outros fatores de composição existentes no produto como um todo e com a natureza da agência produtora da mensagem;
- buscar conexões com universo de expectativas culturais presentes em determinada sociedade, ou no grupo que se quer atingir como receptor. No processo de produção, pode-se respeitar, mas também forjar, determinada ideologia, ou conjunto de valores e preconceitos.

Para uma investigação dos meios devem-se considerar diferenças entre os gêneros e suportes, para evitar uma tendência a tomar apenas um tipo de gênero como foco. No caso do texto publicitário, existente em muitos dos impressos, alguns dos princípios da persuasão, que direcionam a construção das imagens, são levados a extremos. Dessa forma, a criação de efeitos, como os descritos por Roberto Aparici Marino *et al.* (1998), oriundos do uso de ângulos, linhas, luz e sombra, cores, manipulação pelo de recursos tecnológicos, contraste, camuflagem e deslocamento para se chamar a atenção para elementos que se quer destacar, buscando um efeito de convencimento, são usados de forma extrema. Por isso, a análise de imagens publicitárias, pode constituir-se num primeiro exercício de desvendamento dos processos de construção de mensagens.

No entanto, também estão presentes, de forma subliminar ou direta, em muitos dos periódicos correntes, a venda de idéias, de interesses dos personagens que os veiculam, de padrões de conduta que se quer reforçar, de estilos de vida de determinados grupos, entre outros, também veiculados pelas imagens e outros recursos expressivos, associados a outros gêneros textuais. Essa análise torna-se um pouco mais complicada e exige um maior refinamento do olhar. Os periódicos informativos, produzidos comercialmente, constituem-se em fonte privilegiada de investigação (jornais e revistas em geral).

Antes que se apresentem alguns quadros conceituais e se proceda à análise propriamente dita, é necessário fazer algumas considerações sobre os problemas envolvidos nesta análise.

O primeiro refere-se ao fato de que se tomará, como elemento material, o produto e não as intenções ou políticas de produção expressas pelas empresas editores e seus representantes. A esse respeito, é conveniente que sejam tomados depoimentos complementares dos editores, para verificar a existência, ou não, de parâmetros explícitos para a produção das imagens nas revistas.

Um segundo elemento diz respeito a uma relativização da análise, tendo em vista que é a pesquisadora, com seus códigos culturais, que procede à mesma. Portanto, mesmo utilizando-se de quadros conceituais já descritos por outros pesquisadores, a produção de significados passará pelo crivo de uma história pessoal e profissional própria.

Um terceiro elemento refere-se ao limite da utilização de códigos já descritos por outros pesquisadores para categorizar e conceituar alguns recursos de produção de imagens: alguns códigos produzidos podem estar classificados, mas a gama de recursos expressivos e de persuasão pode ser mutante, tendo em vista que se trabalhará com recursos produzidos no campo artístico e tecnológico.

Por último, como quarto elemento, deve-se ressaltar que, quando se toma o produto como fonte de análise, não se apreende, em consequência, a recepção deste. Assim, a recepção que os professores fazem desses impressos precisa ser investigada com outro tipo de

metodologia e, mesmo assim, sempre escapará pelos dedos, vista a complexidade do fenômeno. Por isso, buscar o efeito que se quis criar é um dos elementos passíveis de se analisar pela via do impresso, mas não permite verificar os efeitos produzidos nos leitores empíricos.

Sendo assim, cabe voltar, nesse momento, para a análise específica do suporte **revista para professores**, acrescentando algumas questões relevantes. Qual a relação das modalidades gráficas existentes em outros periódicos produzidos no campo da Comunicação e os produzidos no campo da Educação? Os periódicos educacionais sofrem influências de tendências existentes nos periódicos em geral? Quais os principais recursos utilizados em cada um deles? Como estas imagens relacionam-se com o texto? Qual o cruzamento dos ordenamentos didáticos com a escolha e produção de imagens? Ou, ao contrário, as imagens produzem distanciamento do universo profissional? Como as imagens existentes nas revistas pedagógicas relacionam-se com o universo sócio-profissional dos leitores-professores? Afinal, qual efeito procuram criar? Desenvolvem no leitor-professor um conjunto dos princípios voltados para uma dimensão estética ou prática?

Considero que o objeto impresso se dá ao mesmo tempo a ver e a ler, por seu formato, sua *mise en page*, pela utilização de imagens e cores, recursos não verbais. Acredito, também, que os recursos que se dão a ver, como as imagens, se dão a ler, na relação que estabelecem com o texto. É mediante essa concepção alargada da mensagem veiculada pela revista que instalo minha problemática.

De que forma este complexo de imagem/texto, fabricado por profissionais do texto, que escrevem para um leitor especial, professor, é proposto a este mesmo leitor que, por tradição, não costuma tratar pedagogicamente desta relação? Como esta contradição é resolvida na formulação das revistas pedagógicas?

O *corpus* escolhido para análise constitui-se de um exemplar de cada uma das revistas **AMAE Educando**, **Dois Pontos** e **Presença Pedagógica**, do ano de 1997. A escolha de um *corpus* aparentemente reduzido deve-se a uma opção por considerar cada um dos exemplares

como representativos de um universo maior, tendo em vista que os projetos gráficos das respectivas revistas, assim como o uso da imagem, não diferem muito de um número para outro. Será utilizada, também, uma transcrição de conferência proferida pela editora da revista **Presença Pedagógica**, em evento organizado pela agência editora, em 1998.

Produzidas para público dirigido - o professor - e, prioritariamente, por educadores, essas revistas trazem características diferenciadas das revistas de informação, em geral, produzidas por jornalistas. Assim, talvez seja necessário fazer uma análise da imagem, nas revistas, no cruzamento que esta possui com as imagens existentes em outros produtos dirigidos ao professor, ou que fazem parte de seu universo profissional, ou seja, o livro didático e o livro de literatura infanto-juvenil, entre outros.

Mediante este estudo pretende-se: verificar o papel que cumprem as imagens e outros recursos de composição, no conjunto do projeto editorial de cada uma das revistas; estabelecer comparações entre as linguagens (tipos de ilustrações) usadas por cada uma delas, verificar o papel e o lugar das imagens em relação ao texto e, finalmente, identificar representações de leitor-professor, buscando conexões com o universo de expectativas culturais, presentes nas agências editoras e no grupo de leitores que se quer atingir como receptor.

Tentando compreender a constituição desse espaço discursivo, no qual imagem, texto e *mise en page* funcionam, utilizo-me de duas perspectivas. Na primeira, relativamente diacrônica, procuro focalizar todas as capas do ano de 1997 das três revistas analisadas, bem como a recorrência do uso de recursos expressivos em seu interior. Assim, recupero elementos de composição que se apresentam numa duração, numa seqüência de aparecimento e que são indicativos de processos históricos da relação das revistas com os leitores e dos seus processos de fabricação. Essa abordagem permite perceber recorrências, regularidades e singularidades, em determinado tempo. A segunda, sincrônica, permite verificar como todos os recursos e dispositivos complexos da capa, *mise en page* e texto, funcionam no interior da revista. Tento compreendê-los num espaço duplo: diacrônico e sincrônico. A análise baseia-se numa perspectiva classificatória e descritiva do objeto revista, com foco maior nos recursos não-verbais, e também interpretativa, quando alguns

dos significados são relacionados às intenções editoriais e ao universo partilhado pelos leitores.

Os recursos que analiso serão pensados numa discursividade dialógica, visto que são dispositivos institucionais de estruturação de práticas culturais de leitura, mas que, ao mesmo tempo, funcionam mediante modelos de recepção de leitura e de leitores e a partir de determinadas práticas culturais dos professores.

Colocadas estas posturas metodológicas cabe descrever algumas categorias, já consideradas por outros pesquisadores, para a análise de imagens.

DESSENDANDO ALGUNS CÓDIGOS E BUSCANDO DEFINIÇÕES

Tendo em vista a difícil definição do termo imagem, visto estar ligada também à idéia de representação social, ela é considerada, neste texto, como formas visuais e não-verbais de representação e como configuração final de um produto dado a ver ou ler. O termo abarca, portanto, diversas formas de ilustração, quais sejam, o desenho, a fotografia, a reprodução de recursos pictográficos, entre outros, além da idéia de que um texto também pode constituir-se como imagem, se for pensado em termos de seus esquemas gráficos e de sua configuração final na página, dada pelo uso de tabelas, infográficos, quadros, linhas, trabalhos gráficos e artísticos, cores, margens, espaços em branco e tipos diferenciados de letras, sinais de pontuação, etc.

Geralmente, percebe-se a imagem como um terreno movediço e passível de infinitas significações, como um elemento que margeia os textos ou que os substitui e não como um código, que possui suas próprias regras. Entretanto, alguns estudos demonstram que estes recursos expressivos possuem uma lógica comunicativa própria. Outra questão a ser considerada é que, apesar de possuir seus próprios códigos, a imagem conjugada com o texto pode alterar sobremaneira os significados, tendo em vista que exerce uma forte influência na construção de referentes e, especialmente, quando é relacionada com elementos específicos de cada tipo de suporte, de cada gênero textual, possibilitando, na

passagem da imagem para a palavra e da palavra para a imagem, a constituição de um universo simbólico de identificação e de partilhamento de referências. Conseqüentemente, uma certa dicotomia entre texto e imagem pode dificultar análises mais complexas das mensagens. Texto e imagem podem ser definidos separadamente, mas também em relação, sobretudo quando se conjugam estes dois recursos no produto final dado a “ver” ou “ler”.

Entretanto, ao se analisar alguns meios, nota-se que a utilização de um ou outros destes recursos de comunicação (verbal e não-verbal) poder ser apropriada, de forma predominante, em cada um deles. Um meio, que toma a imagem em movimento como um dos códigos fundamentais, é a televisão. É inegável que os processos cognitivos e de formação cultural dos espectadores que a ela estão submetidos, ou seja, inseridos neste universo televisivo, são cada vez mais diferenciados. Assim, é possível compreender que não se pode esperar que a forma de relacionamento com os textos impressos existentes, até a divulgação em massa destes outros meios, seja a modalidade de recepção predominante. Essa constatação ajuda a relativizar, também, nossa postura de tomar o texto e o livro como elementos privilegiados na mediação entre leitor e o mundo do conhecimento.

No entanto, a idéia de imagem em movimento também vem sendo recuperada no texto escrito. Isso demonstra que o material impresso e suas formas de apresentação são, hoje, subordinados a alguns modelos dos meios mais influentes, como a televisão, que vêm formando uma nova estética nos produtos impressos. Assim, algumas modalidades de texto escrito “híbrido”, como o infográfico, por exemplo, que conjuga elementos narrativos esquemáticos, com imagens e cores, procuram introduzir nos jornais, revistas e alguns livros, por exemplo, uma idéia de rapidez e movimento presentes na televisão. Acrescida a essa modalidade de imagem em movimento como código predominante, aliam-se aspectos como rapidez, usos de outros estímulos sonoros e novos recursos de composição, dos quais o video-clip e a publicidade são a expressão mais radical.

É também neste contexto que elementos sonoros, visuais, cinestésicos e gráficos, entre outros, vão se conjugar com os recursos tecnológicos da informática, para produzir as hiper-textos, que hoje circulam tanto na tela dos computadores como nos impressos. Estudos históricos demonstram a importância do desenvolvimento de recursos

tecnológicos na construção de novos modelos de texto e de leitura. Por isso, também as técnicas de produção podem explicar, em parte, o resultado final de uma página, com suas relações de continuidade, de separação ou contigüidade entre ilustrações, cores e texto, que alteram a produção de significados pelo leitor.

E, de que forma, no material impresso “convencional”, conjugam-se elementos desta linguagem denominada imagem?

É corrente, entre vários educadores, a idéia de que a imagem é um adorno, cumprindo, sempre, uma função de embelezamento dos textos ou, ainda, de prova ou documento.

Comentando sobre a produção de livros de leitura para crianças, na França, nas primeiras décadas do século XX, Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard (1995) mostram que, naquele momento, a imagem passa a fazer parte dos livros de leitura, cumprindo várias funções como, por exemplo, a sua entrada plástica no livro de leitura. Entretanto, na relação da produção gráfica com a pedagogia da leitura, consideram que a imagem falha em sua função pedagógica porque, mesmo entrando no vocabulário dos docentes, cumpre apenas sua função ilustrativa ou decorativa e não um papel funcional, narrativo, evocativo, explicativo. Ressaltam ainda que, mesmo incluídas na página, as imagens não parecem ser objeto da pedagogia, mas produzidas à parte, por ilustradores e diagramadores. Acrescentam ainda que:

“Somente na década de 1960 é que os docentes, forçados pela televisão, percebem que ‘decodificar’ as imagens não constitui um gesto natural, mas algo que se aprende, do mesmo modo como se aprende a ler; os códigos culturais plásticos são tão elaborados como os da cultura escrita” (p.421)

Concluem ressaltando que, nos livros de leitura, as imagens continuam tendo um tratamento exclusivamente intelectual, não se constituindo como ponto de apoio pedagógico eficaz para que os alunos penetrem na significação dos textos.

Pode-se dizer que, também no Brasil, no caso dos impressos, como livros didáticos, livros de literatura infanto-juvenil ou mesmo periódicos, a imagem não é tomada, pelos

educadores, como objeto que constitui significados, podendo produzir sentidos próprios que o texto verbal não é capaz de expressar. Entretanto, os produtores de impressos não pensam desta forma: o que se percebe, hoje, é um grau cada vez mais sofisticado de produção e um alto investimento: seja para produzir linguagens diferenciadas, seja para apenas embelezar produtos educativos²⁹. Para algumas agências produtoras de material impresso, o investimento financeiro em profissionais da área de produção gráfica e artística e mesmo em ilustradores, demonstra a relevância dada a este aspecto (a esse respeito, a última amostra de cartilhas enviadas ao Plano Nacional do Livro Didático no ano de 1998 evidencia mudanças gráficas significativas nos impressos, em detrimento de mudanças textuais e conceituais. Em decorrência disso, pode-se perguntar: que interesse move estas reformas gráficas?). Dessa forma, pode-se constatar que quem produz e domina os códigos é que sabe o valor destes recursos como elementos expressivos criadores de efeitos de comunicação/interlocução e, sobretudo, de vendas.

Tanto a produção de material didático, quanto a leitura crítica de outros meios como o impresso, precisam referenciar-se numa discussão da importância da iconografia na produção dos sentidos. Dessa forma, a educação precisa enfrentar aspectos relativos a criação de uma forma de letramento áudio-visual, para que se possa desvendar este universo de imagens, que parece “natural” e parte integrante de nosso cotidiano, mas ainda não se constitui num saber privilegiado nas propostas curriculares do nosso país.³⁰

Um limite, encontrado num trabalho pedagógico ou de pesquisa, que toma a imagem e recursos de composição como objeto, é a escassa bibliografia que dê subsídios para a análise dos aspectos tipográficos e das imagens. Algumas possibilidades são dadas por Roberto Aparici Marino (1992,1998), quando apresenta alguns elementos gerais, presentes na construção da imagem. Segundo este autor, uma imagem pode ser descrita em termos dos *recursos técnicos empregados*. Assim, pode-se analisar o uso de ângulos,

²⁹ Para referir-se a esse segundo recurso, no caso dos livros didáticos, Kazumi Munakata (1997) utiliza-se do termo “disneylândia pedagógica”

³⁰ Sobre a discussão de “alfabetização áudio-visual” e para o conhecimento de uma história da disciplina Ensino dos Meios, em outros países, consultar, respectivamente, Roberto Aparici Marino (1998) e Len Masterman (1996).

enquadramento, cores, luz e sombra, linhas, planos, cada um deles com possibilidade de criar efeitos diferenciados. A isso pode-se acrescentar o *tipo de recursos utilizados* como: fotografia, os gráficos, os desenhos, a reprodução de obras artísticas, etc.

Outro foco de análise, segundo esse autor, é fundamentado em teorias da *percepção*. Alerta ele para o fato de que a percepção é condicionada pelas experiências prévias de um determinado indivíduo ou grupo social, ou seja, pelos códigos culturais compartilhados. Relativizados frente a algumas destas construções socio-históricas, certos princípios são respeitados pelos produtores de imagens, tendo em vista os processos perceptivos. No intento de chamar a atenção, ou de produzir determinado efeito, usam-se, como um dos recursos, as idéias de *intensidade, contraste, camuflagem e repetição*.

Como categorias mais amplas, sugeridas para uma análise geral das imagens, são apresentadas as seguintes: *iconicidade X abstração, monossemia X polissemia, estereótipo X originalidade*. Os primeiros termos de cada relação remetem a uma idéia de “fechamento” de sentidos, enquanto os segundos termos remetem a uma abertura do sentido. Entretanto, dependendo da situação produzida para criar um efeito na comunicação/interlocução, usa-se um conjunto ou outro de recursos de construção. Esses termos também devem ser pensados em função do grau em que ocorrem na constituição de uma dada imagem e não como oposição.

Outra forma de considerar a imagem refere-se às *funções* que estas cumprem. Assim, cada imagem pode ser pensada em relação às suas possibilidades expressivas e conceituais. Roberto Aparici (1992), baseado em duas classificações, uma de Menegazzo, outra de Rodríguez Diéguez, apresenta uma discussão sobre as diferentes funções que pode cumprir a imagem no processo pedagógico, ressaltando efeitos variados mediante os objetivos educativos pretendidos.

Baseando-se na classificação de Menegazzo são apresentadas algumas definições e, mediante suas considerações, pode-se fazer o seguinte esquema:

| FUNÇÃO | EFEITO BUSCADO |
|---|---|
| Traduzir símbolos | Traduzir símbolos verbais em não verbais (palavra tráfego transmitida através de vídeo ou fotografia) |
| Transmitir sentimentos e atitudes | Causar impacto (uma foto de efeitos de radiação em pessoas) |
| Possibilitar observação de segundo grau | Poder vivenciar situações históricas, geográficas, a partir de imagem |
| Estudar distintos momentos de um processo | Perceber um processo a partir de elementos mais significativos (ver distintas fases de desenvolvimento de uma planta, de uma transformação química, etc.) |
| Simplificar realidade complexas dificilmente perceptíveis ou com alto grau de abstração | Perceber configurações a partir de esquemas e diagramas |
| Realizar comparações | Observar aspectos distintos da mesma realidade ou distintas realidades (comparar populações, arquitetura, momentos históricos, etc.) |
| Ter acesso ao passado | Ter acesso a registros históricos e sociais em dado momento histórico |
| Vislumbrar imagens invisíveis a que não se tem acesso na vida cotidiana | Aceder a realidades dificilmente observáveis pelo olho humano, através de ampliação |

Citando os estudos de Rodríguez Diéguez, o mesmo autor apresenta outra classificação das funções didáticas da imagem:

| FUNÇÃO | EFEITO BUSCADO |
|----------------------|--|
| Motivadora | Captar interesse através de elementos que motivem a atenção |
| Vicarial | Canalizar para conteúdos que só podem ser trabalhados pela via da imagem (como observar uma obra de arte) |
| Catalizadora | Reorganizar uma realidade para que possa ser reconstruída como experiência didática |
| Informadora | Oferecer dados |
| Redundante | Quando ilustra um conteúdo expresso através de outro meio |
| Comprovadora | Verificar uma idéia, processo ou operação |
| Recreativa | Representar a realidade de forma lúdica e promover intercâmbio sócio-cultural |
| Participativa | Provocar discussão e investigação |
| Imitativa | Provocar comportamentos, valores e atitudes |
| Dinamizadora | Representar, de maneira seqüencial, um processo, desenvolvimento ou manipulação, analisar relações entre o todo e as partes |
| Compreensiva | Expressar-se, através dos meios de comunicação, utilizando-se de máquinas fotográficas, vídeos, colocando-se no papel de comunicadores |

Em acréscimo, pode-se considerar outra modalidade de análise, decorrente da relação que se faz entre o tipo de suporte e sua natureza, e o objetivo da comunicação. Assim, para um livro de literatura infanto-juvenil ou para um livro didático, é possível fazer uma abordagem diversa. Para o primeiro tipo de suporte, pode-se considerar a imagem como expressão artística, que acaba produzindo, como efeito principal, o desencadeamento de uma experiência estética. Para um livro didático, o uso da imagem pode atender a um objetivo pedagógico de se trabalhar um conceito, idéia ou fenômeno, através do uso de um tipo específico de código não-verbal que cumpre melhor o objetivo de ensinar.

Entretanto, esse uso conceitual da imagem no processo pedagógico ainda não tem sido devidamente discutido, o que explica a predominância de seu uso como adorno, como enfeite e com função motivadora e, ainda, com função redundante, como recurso de tornar mais realistas as informações verbais. Assim, esta vem sempre a reboque do texto e cumprindo o papel de reforçá-lo.

Sobre critérios para abordagem da imagem, mediante a análise de ilustrações constantes nos livros de literatura ou outros portadores, Rui de Oliveira (1998:66) oferece as seguintes categorias de gêneros da ilustração: a informativa, a persuasiva e a narrativa.

“Ilustração informativa: é aquela que possui objetivos específicos. São ilustrações comprometidas com o conhecimento e a clareza da informação, não permitindo a ambiguidade de interpretações como, por exemplo, as ilustrações sobre medicina, botânica ou até mesmo sobre o manuseio de um vídeo-cassete.

Ilustração persuasiva: antes de mais nada, convém esclarecer que toda ilustração deve ser persuasiva e informativa. Porém, a persuasão a que estamos nos referindo é direcionada para os fenômenos de marketing e publicidade de algum produto ou evento. Representam melhor este segmento as chamadas ilustrações publicitárias

Ilustração narrativa:... ela está sempre associada a um tipo de texto, que pode ser literário ou até mesmo um texto musical, como é o caso das ilustrações para capas de disco. Porém, o que fundamentalmente caracteriza esse gênero é o fato de narrar histórias através de imagens. A sua dependência diante da palavra não significa que esta imagem narrativa seja uma tradução visual direta do texto: o limite da literatura é o limite da ilustração e vice-versa”.

Em conferência realizada no I Encontro Internacional Imprensa e Imagem na Dimensão da Escola (1998), Graça Paulino, ao discutir a imagem na revista **Presença Pedagógica**, acrescenta outra categoria de classificação: **a ilustração argumentativa**.

“... não é uma revista de informação rápida, não é uma revista de pílulas de informação... é uma revista de reflexão e por isso a ilustração também deve levar a refletir. Ela vai enriquecer a argumentação do autor, vai acrescentar algo à argumentação do autor.”

Do ponto de vista de alguns processos de significação, os estudos históricos sobre a utilização de diversos tipos de impressos, entre os séculos XV e XIX, tais como livros religiosos, cartazes, panfletos, literatura de cordel, entre outros, demonstram diferentes funções que podem cumprir as imagens, assim como as várias ligações que estas podem estabelecer com o texto escrito. Relatando posições conceituais e metodológicas do conjunto de estudos sobre as utilizações dos objetos impressos que circularam naquele período, Roger Chartier (1998a) ressalta que a imagem é, muitas vezes, uma proposta de protocolo de leitura, sugerindo ao leitor uma completa compreensão do texto, o seu justo significado. Observa que a imagem pode “*constituir-se num lugar de memória que cristaliza, numa representação única, uma história, uma propaganda, um ensinamento, ou ser então construída como a figura moral, simbólica, analógica, que fornece o sentido global do texto, que uma leitura descontínua e vagabunda poderia fazer perder*” (p.16)

Ainda, para este mesmo autor, a imagem impressa “*é igualmente suscetível de uma utilização autônoma que lhe confere função própria*”, tornando-a, no *corpus* investigado pelo conjunto de estudos relatados, objeto ritual, imagem de devoção, ou um sinal de reconhecimento. Além disso, comenta sobre sua carga afetiva e seu papel de fornecer uma representação adequada da verdade das coisas, que faz com que conquiste a adesão de quem a vê, produzindo, mais que o texto, persuasão e crença.

Ainda no campo das funções que podem cumprir as imagens, no caso específico de revistas, Jean-Marie Charon (1999) apresenta pelo menos três: a de *informar*, a de *guiar* e a de *dar prazer*.

A imagem informa quando as ilustrações são escolhidas pela riqueza das informações que elas fornecem sobre o contexto, as circunstâncias, os protagonistas ou as características da ação. Assim a fotografia remete ao relato proposto pela televisão.

A imagem guia, quando produz uma forma de leitura à escolha, com uma pluralidade de entradas e multiplicidade de itinerários e de caminhos pelo texto. Desta forma, a imagem pode ser usada como recurso de “telecomando” para os movimentos do leitor, mediante o uso de vinhetas, símbolos e fotografias. Através do tratamento de cores e luzes, tanto se cria uma ambiência da própria revista, percebida no ato de leitura, como também uma forma de guiar o ato de compra, numa banca. Para o autor, essa imagem guia dispensa esforço e “tecnicidade” do leitor, porque esse também pode ser movido pela sedução e pelo prazer.

Como prazer, o autor destaca que, se o texto deve primeiro convencer, a imagem se vê encarregada de seduzir, de mobilizar emoções. Assim, o prazer de tocar num papel de qualidade, a emoção ao ver uma fotografia, ilustração ou grafismos bem trabalhados, são um convite ao jogo, à evasão e ao sonho. O autor destaca que:

“o ambiente produzido pelas imagens de uma revista e o prazer que ela é capaz de suscitar em seu leitor convergem com a tentativa dos publicitários, que concebem suas próprias imagens em função das características do produto que elas defendem, da mensagem que eles desejam passar, mas também de seu ‘environnement’” (p.88, tradução livre)

Assim, percebe-se que o conjunto de imagens de uma revista são também o seu “*marketing*”.

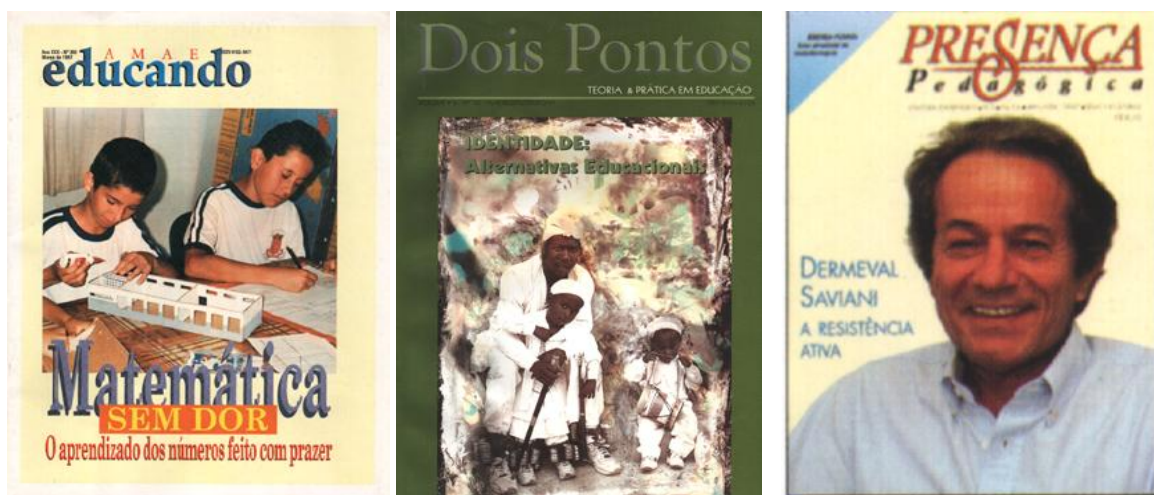
Esta breve revisão de algumas classificações e discussões sobre o tema evidencia a complexidade de fatores que se deve ter em vista quando se analisa uma imagem, ou quando se pretende utilizá-la como recurso didático. Por outro lado, as imagens tomam novas configurações mediante o suporte específico, o que faz com que sua utilização sofra ordenamentos de toda espécie: gráficos, espaciais, argumentativos, educativos. Por isso, é aconselhável não trabalhar com perspectivas classificatórias fechadas, tendo em vista que é preciso ter olhos para perceber elementos novos e inusitados, interpretando-os em função de contextos e outras redes de significação.

Mediante essas considerações, cabe proceder à análise das revistas de educação. Para isso serão utilizados o primeiro número de 1997 de cada uma das revistas escolhidas para a pesquisa e outros elementos indiretos, constantes das próprias revistas, que possam indicar algumas tendências.

ANALISANDO CAPAS: COMPARANDO AS CAPAS DO PRIMEIRO NÚMERO DE CADA UM DOS PERIÓDICOS

Antes de tomar algumas capas para análise é importante apresentar certos dados da forma de apresentação dos créditos de capa pelas revistas. Analisando dados da ficha técnica pode-se constatar a existência, na **Dois Pontos**, de apenas um ilustrador de capa (nessa ficha técnica os créditos de capa vêm discriminados regularmente no item específico capa) Na revista **AMAE Educando** aparece o nome de uma ilustradora, mas num item geral da ficha, denominado “coordenadoria de publicação” e, na revista **Presença Pedagógica**, apenas quando se usa fotografia ou fotomontagens é que vêm separados os créditos da capa na ficha técnica; quando é ilustração, o crédito é feito no destaque para alguns dos artigos, e se localiza em página separada, antes do sumário. Assim, pode-se deduzir que há uma variação de autores de capa, apenas nesta última revista.

Neste tópico serão escolhidas, para análise, as capas de cada uma das três revistas em seu primeiro número do ano e, posteriormente, será feita uma comparação das capas como um todo, buscando identidades e diferenças entre as revistas.



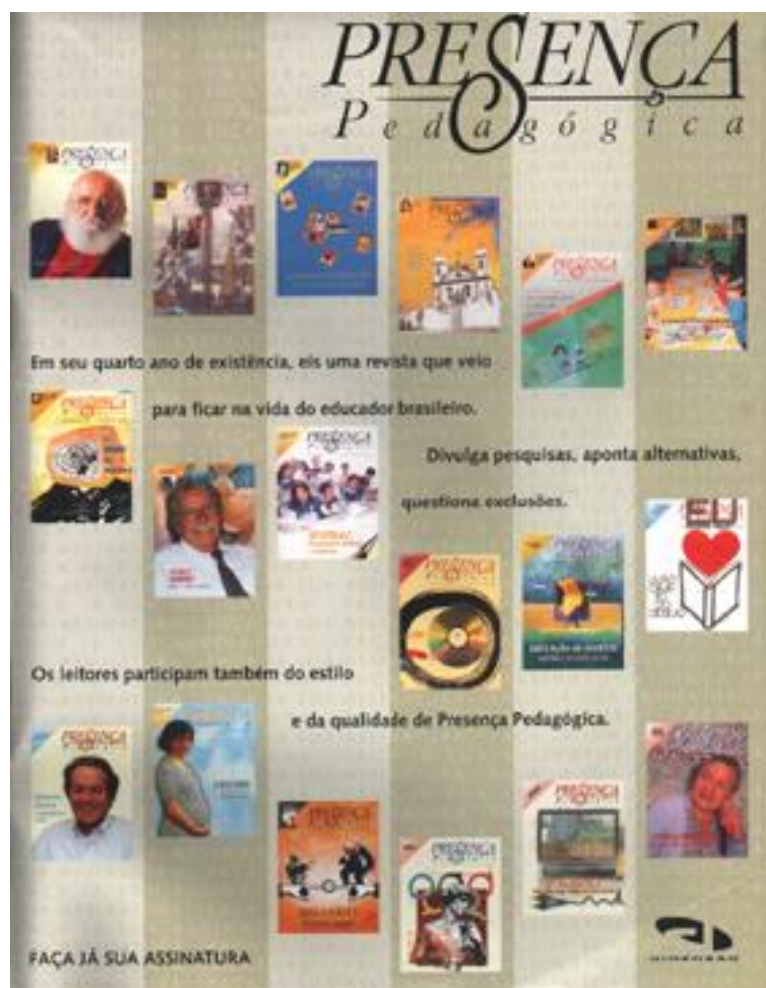
Tomando a primeira capa de 1997, de cada uma delas, percebe-se um traço em comum: todas trazem fotografias. Constata-se, pois, que o recurso expressivo é o mesmo, mas as diferenças são evidenciadas quando se compreende o que foi fotografado e como foi editado.

A capa da revista **AMAE Educando** apresenta uma situação escolar em que os alunos, uniformizados e de cabeça baixa, concentram-se em uma atividade diferente no campo da matemática. O que pode estar representando esta foto? Compreendida mediante o subtítulo “*Matemática sem dor - o aprendizado dos números feito com prazer*” essa foto passa a ter um outro significado: o de demonstrar o fato acontecido, o de dar força à necessidade de buscar situações didáticas diferenciadas. Tanto os personagens (alunos) quanto o fundo (sala de aula) e um produto “visível” da aprendizagem (em primeiro plano) são evidenciados com a mesma intensidade de cor e luz e em plano normal. Entretanto, essa capa só pode ser entendida no conjunto de recursos usados na revista e em função de sua proposta editorial: a de divulgar experiências “inovadoras” na sala de aula. Dessa forma, nessa fotografia não é necessário buscar outros recursos existentes na linguagem fotográfica para transmitir outras mensagens, uma fotomontagem, por exemplo, porque as experiências relatadas são transparentes, reais e possíveis pedagogicamente.

A capa da revista **Presença Pedagógica** traz, em fundo liso, amarelo claro, resultado de fotomontagem, a fotografia de um educador sorridente, cujo olhar se comunica com o possível leitor, de forma direta e tranqüila. A chamada de capa acrescenta outros

significados: “*Dermeval Saviani: a resistência ativa*” talvez melhor apreendidos por quem conhece a produção do autor que nela aparece. Para um leitor que não conhece a produção desse crítico da educação, a foto constitui um convite à leitura? A foto paira num fundo amarelo que não remete ao universo escolar ou educacional e o título não indica diretamente a relação com a educação. Por que o uso desse recurso na capa?

Para compreender o uso da fotografia de personagens marcantes no meio educacional nessa capa, é importante verificar outros recursos utilizados pela revista **Presença Pedagógica**, nas capas em geral, para confirmar tendências. Isso pode ser recuperado mais facilmente, visto que é freqüente apresentar-se como recurso de publicidade da revista, em algumas de suas terceiras capas, a fotografia do conjunto de capas já publicadas. Assim, nos dezenove números editados até janeiro de 1998 apresentam-se, respectivamente, apenas quatro capas com educadores conhecidos no mundo acadêmico: a de Paulo Freire, a de Darcy Ribeiro, a de Demerval Saviani e a de Emília Ferreiro.



A esse respeito, a fala da editora, em congresso já citado, quando discute sobre as repercussões de algumas das capas, evidencia elementos de representação existentes no universo dos leitores, levando-nos à necessidade de aprofundar alguns estudos sobre a recepção: naquela ocasião ela relatou que a revista havia recebido críticas sobre as capas: “*como é que educadores são apresentados sorrindo, quando os problemas de educação são tão sérios?*” Esses comentários de alguns leitores traduzem, a seu turno, uma representação de educação crítica como “sofrimento” ou “sisudez” ou traduzem uma crítica à revista, mediante analogia feita com revistas de informação em geral, que, no mais das vezes, centram-se em figuras do meio político, artístico, esportivo, entre outros, para produção de vendas?

Entretanto, se associarmos as capas que utilizam fotografias de personagens à linha declarada e implícita da revista **Presença Pedagógica**, que se coloca no lugar da crítica e da polêmica, pode-se perceber com que tipo de personagens, integrantes do universo intelectual e acadêmico, a revista quer se identificar ou fazer o leitor se identificar.

Entendida no conjunto das outras capas que, lançando mão de diversos recursos expressivos, como fotografias (4 capas com fotos de educadores conhecidos, 2 com situações de sala de aula e 1 com foto de uma modelo grávida) e, de forma predominante, de ilustrações de caráter mais abstrato (12), esta capa mostra uma das tendências na construção de capas, escolhidas no universo de representações sobre educação, para captar a atenção do leitor. O efeito de apresentar todas as capas como recurso publicitário revela a importância dada a esta construção.

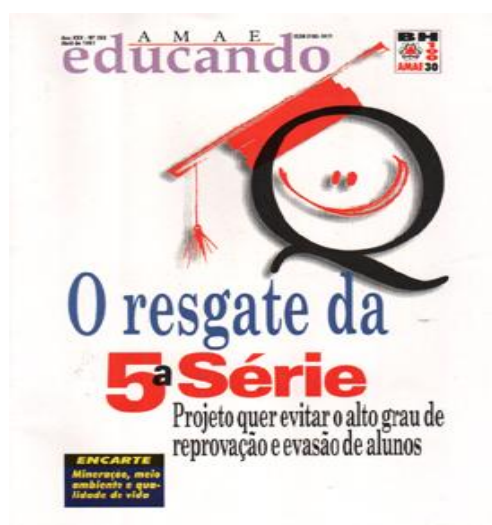
A capa da revista **Dois Pontos** apresenta a foto de uma comunidade negra, denominada Arturos, conhecida na região pela sua resistência às interferências sobre sua identidade cultural. É uma foto artística que utiliza o contraste entre as cores das roupas (brancas) e os tons negros de pele dos personagens tendo, como fundo, uma mistura de cores claras e texturas diversas. O subtítulo “*Identidade: alternativas educacionais*” remete para o campo da educação, mas os artigos, no interior deste periódico analisado, não recuperam a própria história de resistência da comunidade retratada. Vemos que esse recurso de capa relaciona-se aos conteúdos internos deste número publicado, mas não ao fato específico

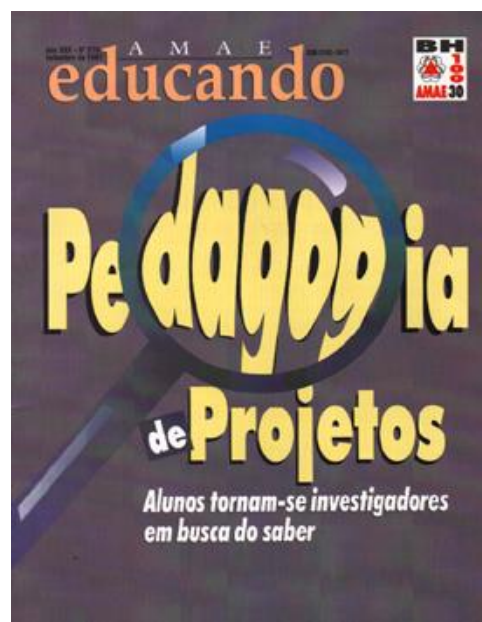
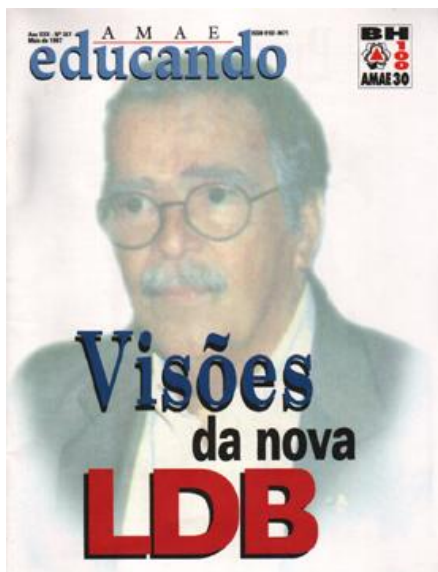
“comunidade dos Arturos”. Ao contrário, as duas capas das outras revistas descritas relacionam-se a uma experiência relatada e a uma entrevista feita. Poder-se-ia perguntar se esta capa cumpre uma função de adorno, ou se busca argumentar em torno do problema tratado? Ela demonstra, com força, e independente de ter um conteúdo textual específico sobre o tema Arturos, uma expressividade em torno da questão da identidade. Por outro lado, a foto, como recurso artístico, também pode apresentar ao leitor uma experiência estética e, ao mesmo tempo, demonstrar que a revista emprega recursos sofisticados em sua produção. Esse pode ser um fator que agrega prestígio à agência produtora.

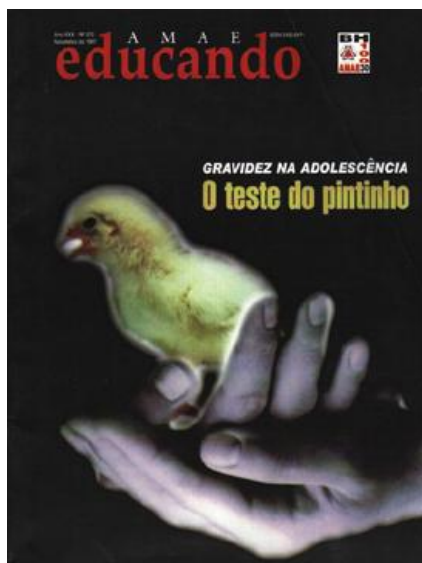
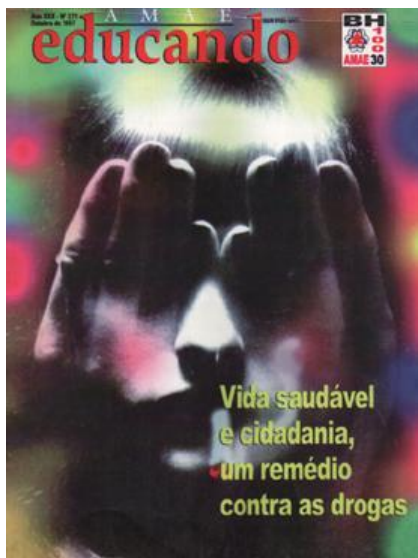
COMPARANDO TODAS AS CAPAS DO ANO DE 1997

A partir deste momento, buscar-se-á proceder a uma outra forma de abordagem das capas, comparando todas as capas das três revistas do ano de 1997. Assim, pode ser possível observar se há tendências gerais e se pode ser apreendida uma certa identidade entre as revistas de educação analisadas.

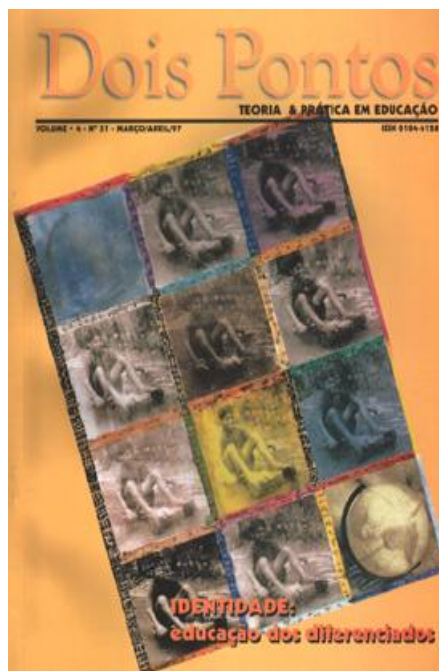
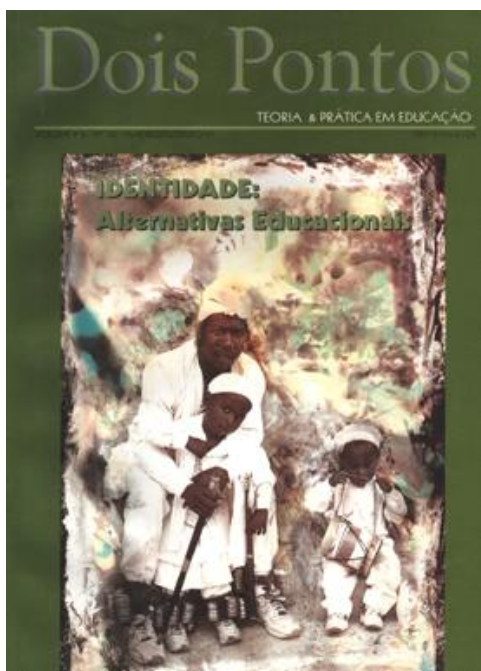
Capas da AMAE Educando

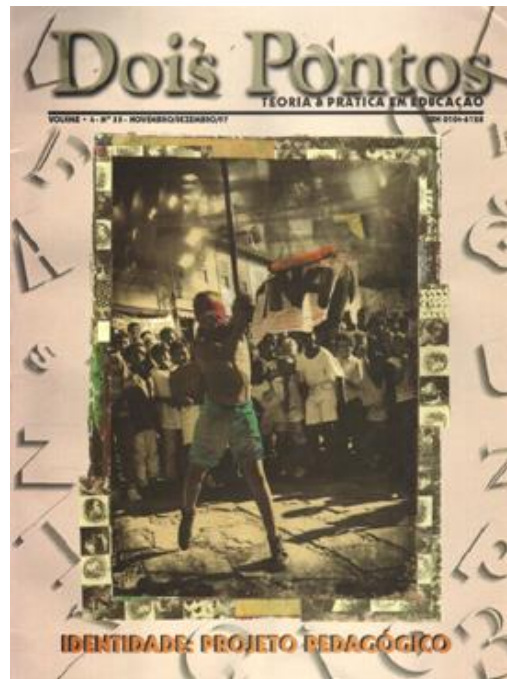
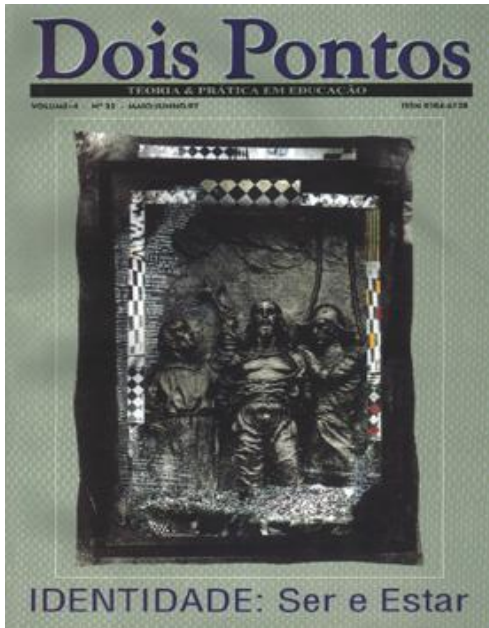




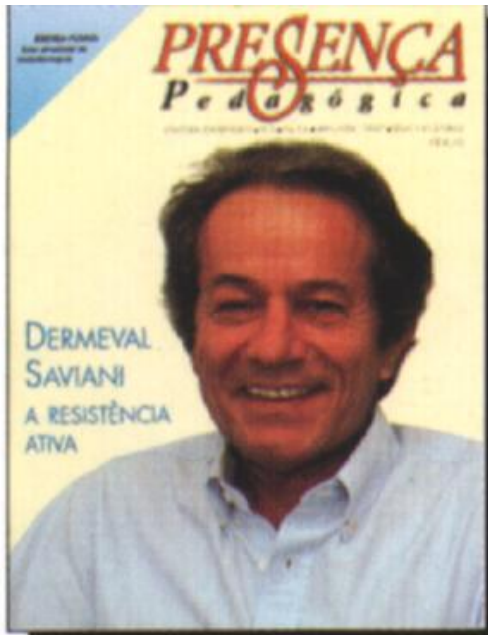


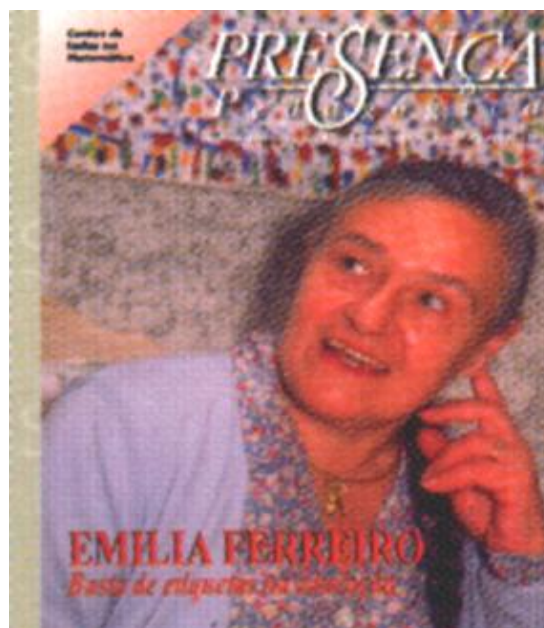
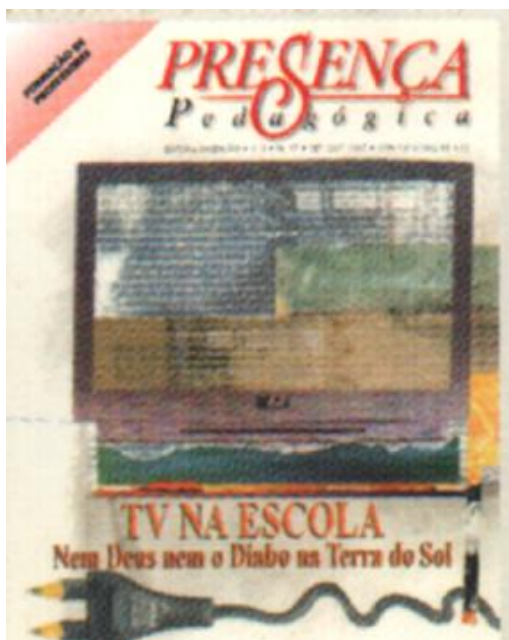
Capas da Dois Pontos do ano de 1997





Capas da Presença Pedagógica





Na revista **AMAE Educando** as imagens podem ser melhor entendidas se relacionadas à chamada de capa, que agrega sentidos mais concretos às representações de caráter “abstrato” constantes nessa. O mesmo ocorre na revista **Presença Pedagógica** que seleciona o título ou tema de um artigo ou entrevista, para reforçar sentidos da imagem. Por outro lado, na revista **Dois Pontos**, aparece apenas o tema do ano, acrescido de uma temática específica, como desdobramento.

Entretanto, que características em comum possuem estas revistas? Conforme se pode observar na reprodução do conjunto das capas de cada uma, percebe-se a utilização de recursos gráficos diferenciados, tais como desenhos e fotomontagens. Assim, mesmo que a chamada de capa aponte sentidos específicos, alguns recursos para construção da imagem são de natureza abstrata e podem exigir do leitor uma leitura mais reflexiva e polissêmica, não reforçando determinados estereótipos presentes nas capas de outros impressos informativos, dirigidos ao público em geral.

Outro aspecto que pode ser levantado refere-se às chamadas de capa, de alguma forma, “fiéis” aos títulos e temas e não se pode dizer, numa primeira leitura, que estas criem um efeito de “manchete” com sentidos dúbios, a exemplo das existentes em muitos dos periódicos de informação em geral. Talvez algumas promessas de trabalho pedagógico e

temas de interesse do público docente. Elegendo apenas um tópico para destaque, estas três revistas apresentam uma página menos carregada de texto. Assim cabe fazer algumas perguntas. Pode-se captar um leitor-professor apenas por um tema que se anuncia? Os leitores-professores não têm expectativas de que as revistas de educação assim o façam? Tendo em vista que as vendas se fazem por assinatura e não em bancas, seriam outros os objetivos de construção dessas capas? De qualquer forma, pode-se dizer que as chamadas de capa, nestas revistas de educação, não cumprem o mesmo efeito das outras formas existentes em outros periódicos (captar diversos leitores, com diferentes interesses), e nem se assemelham às capas de revistas de educação feitas por jornalistas e por empresas que produzem revistas em geral, conforme se pode perceber na capa da revista *Nova Escola*, reproduzida aqui para criar um contraste com o *corpus* tomado na pesquisa.



Conforme a capa destacada nota-se um número maior de apelos ao leitor, através de três chamadas diferenciadas. Talvez esse recurso torne-se necessário tendo em vista que a distribuição desta revista é feita, também, em bancas. Outra explicação relaciona-se a um certo padrão de capa, presente em outros produtos impressos da Editora Abril. Por outro lado, levando-se em conta que esse periódico apresenta uma certa tendência a tratar a educação como notícia, é mais compreensível o formato escolhido.

OS RECURSOS EXPRESSIVOS USADOS NO INTERIOR DAS REVISTAS: QUE SIGNIFICADOS PODEM SER APREENDIDOS?

Conforme dados da ficha técnica, que explicitam créditos, recuperam-se algumas das formas expressivas, utilizadas por cada um dos periódicos: ilustrações e fotografias. No entanto, a predominância de cada um desses recursos é que vai estabelecer diferenças.

Na revista **Presença Pedagógica** são utilizados, de forma predominante, trabalhos diferenciados de artistas mineiros: desenhos, aquarelas, trabalhos gráficos e de computação. O recurso fotografia aparece raramente, apenas para marcar a presença do entrevistado e, como já foi dito, em algumas capas. O uso de recurso pictográfico, como reprodução de obras de arte de artistas famosos, apareceu apenas em um número do ano de 1997. Tem-se, então, a predominância do recurso ilustração no *corpus* investigado.

Tratando de alguns elementos relativos à hipercodificação presente em imagens veiculadas pela mídia, Graça Paulino, editora de **Presença Pedagógica**, em conferência já citada, alerta para alguns códigos de interpretação, presentes em nossa tradição cultural, que tendem a direcionar o sentido para algo já definido e classificado. É a partir da tentativa de escapar desta hipercodificação e, ao mesmo tempo, de manter o leitor num universo relativamente estável, que a revista justifica o uso do recurso expressivo da ilustração “artística”. O uso desse tipo de recurso (próximo do universo das ilustrações dos livros de literatura infantil) pode ser compreendido, a partir da fala da editora, como uma tentativa de “quebrar expectativas” e de criar uma associação com o universo infantil. “Manter esta relação” porque “o professor gosta”, mas considerando que se está lidando com um leitor adulto, parece ser o resultado de uma forma de “negociação” entre os padrões pensados pela revista e outro, o dos leitores pretendidos. Assim, a construção do referente, nesta publicação, baseia-se numa espécie de semelhança e, ao mesmo tempo, distanciamento do universo escolar, talvez produzindo, ao mesmo tempo, efeitos simbólicos voltados para outro tipo de relação estética e para um rompimento com estereótipos de revistas e de material didático. O fato é que o resultado estético produzido dá a esse periódico uma especificidade não encontrada em nenhuma das outras revistas consideradas para análise.

Na primeira revista **AMAE Educando** do ano de 1997, conjugam-se vários recursos: fotografia em preto e branco, sobretudo de crianças com professores, ou em situações de escola (sala de aula, pátios, excursões), ilustrações de tipo encontrado em livros de literatura ou quadrinhos (com base mais figurativa que abstrata) e reproduções de exercícios escolares, de produtos de trabalho dos alunos, de planos de trabalho dos professores.

Se, na primeira revista, **Presença Pedagógica**, tem-se a intenção explícita de romper com certas expectativas, nesta é um outro tipo de representação visual, presente na situações escolares - espaços, personagens e ilustrações parecidas com as existentes em livros didáticos-, que aparece com mais força. Talvez seja interessante relacionar esse recurso com a forma de captação de imagens, já que a maioria das fotografias é enviada pelos próprios professores, pois uma condição de publicação constante nas normas de colaboração é a seguinte: *“quadros, tabelas, gráficos, fotos e ilustrações devem acompanhar o texto. Incluir pautas no caso do envio de músicas”*.

Em vista disso, não se sabe até que ponto esta norma pode estar contribuindo para o reforço de um projeto de construção de imagens e identificações docentes, projetadas pela própria revista, ou até que ponto os professores, autores dos artigos/relatos, participam desta construção já que são eles que enviam algumas dessas imagens. De qualquer forma, pode-se dizer que a seleção destas imagens por outros agentes, além dos envolvidos na confecção do produto editorial, revela aspectos de suas formas de representação do universo escolar ou profissional. O que o professor representa quando tem a oportunidade de sugerir imagens que acompanhem seus textos? Nota-se que a construção do referente, na revista **AMAE Educando**, opera como um elemento de identificação, baseado na semelhança com o horizonte de vida do professor, como profissional. O horizonte da vida profissional, nesse caso, não é apenas informativo, mas desencadeador de formas de partilhamento do universo profissional presente na vida escolar.

Um contraste pode ser estabelecido através do diálogo com a pesquisa de Mariza Vorraber Costa (1998) que analisa a revista *Nova Escola*, produzida por jornalistas. A autora toma como eixo a questão do gênero e estereótipos ligados à feminização da profissão docente

naquele periódico, relacionando-os à questão da “dominação masculina”³¹, evidenciada nas formas de apresentações, nos textos e imagens, do professor e da professora. Os professores, na *Nova Escola*, aparecem retratados em situações criativas, científicas e públicas e as professoras são mostradas em situações afetivas, no lugar da “falta de competência” (por buscarem ser competentes) e com referência ao privado. Esse tipo de estudo é fundamental para desvendar fenômenos culturais e ideológicos, presentes na sociedade como um todo e na educação. Mas é necessário buscar outras categorias, para análise das representações, que são produzidas pelos profissionais do campo Educação, nas revistas pedagógicas. Dessa forma, os recursos composicionais e seus efeitos não podem ser compreendidos mediante o uso das mesmas categorias empregadas na análise das representações, criadas pela mídia em geral, para representar o professor e seu universo educacional, quando são os jornalistas os protagonistas desta produção. Há especificidades da produção pedagógica que poderiam ser melhor compreendidas ao tomarmos elementos da prática escolar/profissional como outro elemento explicativo.

Voltando para o projeto de ilustração da revista **AMAE Educando**, talvez seja nos artigos encomendados como suplementos literários, nas seções fixas, na escolha das capas, no posicionamento dos recursos frente ao texto, que este se torna mais evidente. Neste número analisado, a revista **AMAE Educando** apresenta algumas seções fixas, como o *Boletim* que traz, predominantemente, fotos; o *Planeta Terra* que utiliza desenhos de caráter informativo; a *Seção Conte um Conto*, produzida com recursos de uma ilustração de caráter “narrativo” e o *Calendário*, que traz ao leitor desenhos ornamentais ou de instrução, imagens presentes nos livros didáticos.

A terceira revista, **Dois Pontos**, conjuga fotografias e ilustrações. As ilustrações de caráter menos icônico e, conseqüentemente, com maior abstração, são mais utilizadas em ensaios, poemas e artigos. Outro recurso, que se destaca na terceira capa deste periódico é, o quadrinho específico de um humorista mineiro, que focaliza o tema escolhido na capa da revista, mas nem sempre em situações convencionalmente pedagógicas. O uso do fotografias também pode ser entendido com referência aos gêneros predominantes neste

³¹ Esta expressão é usada em referência a um trabalho de Pierre Bourdieu que tem o mesmo nome

periódico, que utiliza, pelo menos, quatro reportagens em cada um dos seu números, sendo o número escolhido para análise representativo desta tendência. Além disso, nas seções fixas, entre as quais *Entrevista*, *Cultura e Conspiração* *Qualidade*, que destacam pessoas e instituições, também predomina o recurso fotografia. Talvez seja importante relacionar este recurso expressivo com o número de jornalistas que fazem parte da ficha técnica e que devem exercer influência sobre a forma da revista e trazer modelos, existentes no campo da Comunicação, para a revista de Educação. Entretanto, a recorrência de fotomontagem em todas as capas, apresenta um tipo de dispositivo, criado pela revista, para instaurar uma relação com o imaginário do leitor. Esse dispositivo, independente do conteúdo interno da revista, aparece como um espaço aberto, a construir, ou seja, são produções que enviam a processos de interpretação e são, por isso, formativos.

Pode-se, então, dizer que o uso dos recursos expressivos relaciona-se ao projeto editorial de cada uma das revistas, aos gêneros predominantes, à diversidade ou permanência de um mesmo profissional e de suas tendências para realizar o trabalho final de configuração e, sobretudo, perguntar a respeito do universo de quem representa o leitor-professor, nos impressos investigados. O editor e programadores gráficos? Os jornalistas? O próprio professor?

O LUGAR DA ILUSTRAÇÃO NA PÁGINA

Nesse tópico será feita uma breve abordagem do lugar das imagens em algumas das páginas escolhidas no interior de cada um dos periódicos analisados, na tentativa de explicitar outros significados.



Através da reprodução de uma das páginas da revista **AMAE Educando**, nota-se um papel secundário da imagem em relação ao texto. Do ponto de vista conceitual estas imagens representam produtos de trabalhos feitos, como gráficos e imagens de páginas de cadernos dos alunos, mas cumprem, ao mesmo tempo, uma função redundante, tendo em vista que as ações, que geraram esses produtos apresentados, já foram descritas no texto. No entanto, essa forma de organização também pode desempenhar o papel de motivar o leitor, provocando neste um efeito de identificação, dado pelo reforço das imagens presentes em seu universo profissional. As imagens são, também, uma forma de registro histórico de situações pedagógicas, servindo como prova ou documento. O fato de não ser destacada a imagem dos professores nestas fotografias, assim como em várias outras deste mesmo número também representa uma tendência. Tendo em vista as condições exigidas no contrato de colaboração, serão os professores os protagonistas que estão por detrás das câmeras?

Páginas internas da revista Dois Pontos



A página 34 da revista **Dois Pontos** apresenta uma fotomontagem, que introduz o tema do artigo. Poderia esta cumprir uma função argumentativa diferenciada do texto? A leitura do penúltimo parágrafo do artigo demonstra o que a imagem busca representar claramente, ou seja, ela conta o que o texto diz. O espaço ocupado pela ilustração demonstra um certo grau de importância deste recurso; entretanto, há vários outros artigos que prescindem de ilustração e, ainda, não se apresentam, nestes, outros destaques gráficos de relevância. Entretanto, no conjunto das formas mais abstratas de representação deste número da revista, nem a escola, nem elementos que a façam “reconhecer” são os mais destacados. As ilustrações devem produzir outras formas de diálogo com o leitor-professor.

A página 53 desta mesma revista apresenta o recurso de fotografia, que ocupa grande parte da página. Essas imagens representam aspectos da situação descrita na reportagem e personagens. Na página anterior é apresentada uma grande foto do prédio da escola e, na seqüência, são retratados alunos e coordenadora. Nas fotolegendas, repetem-se trechos do mesmo texto, o que cria um efeito duplo de redundância. Mas essas fotos também podem ser uma tentativa de motivar o leitor, de criar identificações e de mostrar fatos. Entretanto, o gênero reportagem explica o recurso de colocar nela várias fotografias, recurso esse

muito presente em outras revistas que procuram documentar situações para dar maior veracidade aos fatos tratados.

Páginas internas da revista **Presença Pedagógica**



A página interna que introduz cada novo artigo, nesta revista, produz vários sentidos, um deles sendo sua identificação com o mundo do livro. Destacando-se apenas esta página, nota-se que a formatação do texto em linhas contínuas e não em colunas, como no restante das páginas, assim como o tamanho da ilustração que ocupa toda a página, sem lugar para margens, mas expandindo-se por toda a folha, como nos livros de literatura infanto-juvenil que remetem o leitor para outro universo de impresso.

A página escolhida na revista **Presença Pedagógica** apresenta um grande destaque para a linguagem não-verbal e, comparada com a página seguinte, demonstra um grau mais elevado de importância desta em relação ao texto. Assim, na introdução do artigo, é o texto não-verbal que serve de porta de entrada para o que se segue. Relacionando esta forma de composição com o discurso da editora sobre o papel argumentativo da ilustração, diríamos que sua posição pode determinar protocolos de leitura, apresentando pistas para a produção de sentidos. Outro dado importante relaciona-se ao tamanho do título, seu destaque em

relação à margem e à folha como um todo. Espera-se, também, que este cumpra um papel diferenciado no processo de leitura (o contraste com o lugar dado aos títulos nas páginas das outras revistas, já discutidas, permite recuperar os graus de investimento neste outro protocolo de leitura).

Esta ilustração fornece indícios de base icônica e, ao mesmo tempo abstrata, para representar a questão tratada como tema. Cumpriria esta imagem uma função persuasiva de modo a fazer com que o interesse do leitor pelo texto seja despertado? Nas páginas seguintes, esses recursos de ilustração são novamente apresentados, construindo outras formas de “argumentação”, mas com a predominância do texto.

Comparando todos os artigos apresentados neste número, constata-se a mesma tendência. Esse recurso não-verbal apresenta-se sempre no início dos artigos, ocupando toda a página (sem lugar para margens), talvez indicando ao leitor que não é apenas o texto verbal que necessita ser lido. Isso pode ser ainda mais ampliado, quando se percebe uma indicação de que seja “lido” este tipo de recurso e não outro, como as fotografias, somente utilizadas na entrevista ou em raras reportagens. Ao lançar mão, de forma recorrente, deste recurso expressivo e deste artifício de posição na página, a revista demonstra que há intenções mais específicas de formar um leitor-professor numa dimensão estética, diferenciada das presentes em outros suportes.

Para concluir, é importante frisar que, no processo de análise das imagens, apreendem-se modelos de leitores-professores que, ora tentam romper com algumas de suas necessidades ético-pragmáticas, com investimento numa dimensão estética mais formal, ora produzem identificações com universos vividos e vistos, reforçando algumas construções pedagógicas presentes na cultura e no universo profissionais. Entretanto, os dispositivos de representação que consegui identificar, nessas diferentes formulações e diferentes procedimentos vão operar, de forma clara, sobre a cultura partilhada e promover, ao mesmo tempo, “espaços abertos” para alteração das representações. Assim, existe uma certa cumplicidade das revistas em formar seus diferentes leitores, que opera com um leitor-professor competente, que mesmo sendo difusor e mediador de textos e não de imagens, em suas práticas cotidianas, é um leitor sensível para recebê-las.

Entretanto, é no conjunto da proposta editorial, na relação estabelecida entre esta proposta e as imagens e textos apresentados no impresso e, sobretudo, na compreensão a respeito de quem produz e do papel da agência produtora, que podem ser aferidos outros significados. Talvez o conjunto destas relações nos permita um certo equilíbrio no olhar, para que nossas análises da imagem não fiquem apenas no plano descritivo/denotativo ou escapem para o terreno das interpretações muito subjetivas, dadas pela possibilidade polissêmica dos dados apresentados e, sobretudo, pela forma não verbal de linguagem.

PARTE III

A PRODUÇÃO: ELEMENTOS PARA A SUA COMPREENSÃO

CAPÍTULO 8

SOBRE ALGUNS PROFISSIONAIS E MODOS DE PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS REVISTAS

Nesse capítulo, far-se-á uma breve incursão no grupo de profissionais envolvidos e em algumas especificidades da produção, da divulgação e vendas das revistas pedagógicas. Para construção deste capítulo, buscaram-se recursos no diálogo com outras pesquisas, que abordam produções específicas, fizeram-se algumas inferências, apreendidas por meio de alguns dados existentes no impresso, entre as quais as normas de publicação, e foram utilizados depoimentos dos editores das revistas. Além disso usou-se a experiência da pesquisadora como autora de revistas.

Elementos mais detalhados sobre o conjunto de profissionais envolvidos, assim como sobre a produção das revistas não constituem foco principal da pesquisa. Entretanto, os dados a que se tem acesso possibilitam uma breve abordagem dessas questões.

ALGUNS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO

A compreensão das práticas profissionais que vêm cercando a produção de um texto impresso antes que ele chegue aos seus leitores finais permite evidenciar condições sócio-históricas envolvidas na produção, nas condições de difusão e circulação da cultura escrita.

O fato de existir um autor que pretende produzir um texto é um dos determinantes da produção de livros, jornais, revistas, cd-roms... Mas garantirá esse determinante condições de leitura?

Pode-se afirmar que o fato de existirem autor e texto não garante as condições para a sua leitura. É necessário que haja um sistema de escrita socializado, material e suporte para que

seja “inscrita”, processos sociais de produção do impresso, formas de armazenamento, de catalogação e venda de livros (bibliotecas, bancas, livrarias), atividades em torno de sua divulgação e motivações sociais para que a leitura seja colocada em “uso”. Assim, o ato de ler é resultado de um conjunto de práticas sociais e culturais, mesmo que o leitor do “final da linha” tenha, com os textos lidos, uma relação de liberdade de compra, uma forma privada e individual de ler e de produzir sentidos. Há um ordenamento social que produz a ordem dos livros e também o sentido da leitura.

Dentre as mediações possíveis, entre a produção inicial do texto até sua leitura, abre-se um campo de práticas profissionais vasto. Seriam essas práticas profissionais “ técnicas” ou marcadas por questões ideológicas e relações de poder que determinam o processo de produção/circulação/difusão, alterando lugares de autonomia ou dependência nessa complexa relação, que também se modifica a cada processo histórico e cultural?

Quem é esse autor, no emaranhado de relações/mediações que cercam a leitura? A resposta a essa questão faz com que se evidenciem outras práticas e profissões ligadas à edição. Afirmando a necessidade de se diferenciar texto de impresso, Roger Chartier (1996) alerta para os processos de mediação ou de apropriação do texto, ligados, entre outras questões, a projetos editoriais que visam a usos ou a leituras diferentes. Que profissionais são responsáveis pelo processo de “colocar em texto”? Qual o nível de participação de alguns desses profissionais na definição e construção do impresso?

Sabe-se, hoje, que os sentidos de um texto são determinados, também, pelos elementos paratextuais que o cercam e que fornecem protocolos de leitura, antes que o texto do autor seja propriamente lido. Títulos, tamanho de letra, cartas, introduções, paragrafações, ilustrações/imagens, capa, entre outros, constituem elementos que, alterando o texto original, evidenciam uma ampliação do quadro de profissionais ligados à autoria.

Profissionais envolvidos na programação visual, revisores, ilustradores, prefaciadores, *designers*, publicitários, repórteres, fotógrafos - que alteram os protocolos de leitura - compõem esse quadro ampliado de autoria. Quais seriam os profissionais envolvidos na produção das revistas investigadas?

Uma primeira fonte de dados é a ficha técnica de cada uma das revistas, que permite destacar os diversos profissionais ou grupos envolvidos com a produção. Tomaram-se, como base, as revistas de 1999, ano em que foram realizadas as entrevistas com os editores.

A revista **AMAE Educando** apresenta uma ficha técnica em que se misturam dados sobre a Fundação Amae para a Educação e Cultura e dados sobre a revista. Na parte relacionada à revista, destacam-se três itens: a “Coordenadoria de Comunicação”, o “Conselho Editorial e “Assinaturas”. No item “Coordenadoria de Comunicação”, percebe-se a participação de uma coordenadora (no caso, a editora), mais duas pessoas e um jornalista responsável. Como responsáveis pela parte gráfica e visual, um diagramador e uma ilustradora. Comparando as revistas, constata-se que esta equipe é relativamente fixa, por um período mais longo e é também um grupo reduzido, em relação ao conjunto de profissionais envolvidos nas outras revistas.

A revista **Dois Pontos** apresenta, em sua ficha, onze itens: “Diretor Responsável”, “Conselho Editorial”, “Edição e Coordenação geral”, “Jornalista Responsável”, “Reportagens”, “Fotos”, “Revisão de Texto”, “Capa”, “Diagramação”, “Fotolitos” e “Impressão”. Os nomes dos participantes dos itens relativos a fotos, capa, diagramação e fotolitos é variado, segundo cada um dos números. A mudança nestes dados pode sugerir que não há uma equipe fixa que acompanha a revista, ao contrário da anterior. Estes profissionais ou agências devem ser contratados, segundo a necessidade especial de cada número.

A revista **Presença Pedagógica** apresenta em sua ficha os itens “Editora Geral”, “Editora Assistente e Jornalista Responsável”, “Secretária”, “Comitê Editorial”, “Conselho Editorial Consultivo”, “Atendimento ao Assinante/Números Atrasados”, “Espaço Publicitário”, “Colaboradores”, “Revisão”, “Edição de Arte/Gráfica”, “Produção Gráfica”, “Pré-impressão”, “Impressão e Acabamento”, “Reportagem” e “Fotografia”. Os profissionais relacionados às reportagens, fotos, capas parecem ser contratados para cada um dos números e, sobretudo no item capa (que aparece apenas no sumário), ocorrem, também,

variações. A diversidade de itens, assim como de profissionais, nos leva à conclusão de que a revista permite um investimento maior em sua produção.

Comentando, especificamente, a figura do editor de cada uma das revistas, seria importante indagar sobre suas condições sociais de profissionalização e do exercício da profissão, antes de entrar em alguns dos saberes e trajetória profissional dos editores das três revistas investigadas.

Para que exista uma profissão, é necessário haver um quadro mais ou menos definido de funções a serem exercidas pelo profissional, agências de trabalho e também um campo relativamente significativo de conhecimentos especializados, exigidos para a execução do trabalho, entre outras questões. Uma vez que esse grupo de profissionais ocupe ou pretenda ocupar lugares sociais de maior prestígio, as práticas sociais de reforço e revitalização da profissão exigem a criação de instituições de formação, publicações e congressos referentes ao campo profissional, associações de classe, códigos de ética, etc.

No caso dos editores, profissionais que ocupam posições relativamente altas nas relações sociais de poder com os autores, como se aplica essa idéia de profissionalização? Como se faz seu recrutamento no mercado de trabalho? Existe algum curso superior, médio ou paralelo que permita adquirir competência para o exercício da profissão?

Apesar de existirem cursos superiores de formação, algumas pesquisas sobre as práticas contemporâneas de editores parecem indicar sua formação na prática, evidenciando que existe um *savoir-faire* adquirido nas empresas editoras, que é difícil de recuperar de forma precisa. Parece ser necessário continuar recolhendo depoimentos dos próprios profissionais para construir uma discussão mais articulada. A esse respeito, a coleção editada pela ECA/USP “*Editando o editor*” parece trazer elementos relevantes para esse mapeamento.

Em edição especial da revista **Presença Pedagógica** denominada “*Livro: objeto do desejo*” (N. 12, nov/dez. 1996), cuja temática é o livro, aparecem alguns indícios sobre a profissão, vindos de algumas práticas e reflexões feitas em artigos escritos por editores. A seguir, tentar-se-á problematizar, a partir desses textos, pontos para “compor” elementos do perfil destes profissionais, numa tentativa de responder a algumas das perguntas feitas.

A editora Ione M. Nassar, no artigo *Editar livros, caçaça nossa de cada dia*, descreve um contato com editor de escritores famosos como Jorge Amado e Graciliano Ramos, que relatou, num evento do qual ela participou, os bastidores da produção do original dos textos e sua colocação em livro. Esse editor revelava, como maior responsabilidade de trabalho, a decisão daquele que, decidia, sozinho, a publicação de uma obra e não de outra, em função da contribuição daquela para o crescimento do leitor. A respeito desse episódio, comenta a editora:

“Achávamos que era uma preocupação do escritor e que o editor, na época sinônimo de proprietário da editora, estivesse apenas pensando nos lucros. O velho editor deu-nos ‘uma aula’ de literatura, estabelecendo relações com a sociologia, filosofia, política e economia”(p.34)

Seria esse o quadro teórico que informa a prática dos editores? Seriam essas questões o pano de fundo para qualquer tipo de publicação ou apenas para o texto literário?

Na mesma revista, numa síntese sobre propostas de editores, feitas num congresso internacional, aparece a instância União Internacional de Editores, ou seja, existem organizações ligadas ao campo profissional. Essa organização apresenta propostas de uma política que envolve agências públicas e privadas, procura estabelecer políticas referentes aos direitos autorais, à relação entre produtores de informação escrita e produtores de informação visual, à comercialização, à criação e à manutenção de leitores, como também ações políticas e culturais mais amplas ligadas a agências de letramento (bibliotecas, centros de documentação, escolas, etc.)

Mais elementos para uma compreensão sobre saberes necessários à produção e práticas editoriais são dados por Paulo Bernardo Vaz, no artigo *Livro, a matéria que não acabou*. Comentando as mudanças tecnológicas do impresso e o volume de informações hoje divulgado, afirma que uma das preocupações contemporâneas refere-se à ciência da legibilidade (disciplina, campo de estudos, saber necessário ao editor?), que:

“... não mais se restringe à composição dos títulos e textos e à sua relação com as imagens impressas. A arquitetura gráfica assume uma dimensão maior para atrair o leitor que quer decodificar com facilidade as informações ali contidas. As informações apresentadas na página devem estar hierarquizadas, configurando uma página adaptada às estratégias do leitor. Aqui se delineia um dos maiores desafios para os produtores da comunicação moderna, que se perguntam: “quem é o leitor disso que construo?” (p. 49)

Frente aos desafios atuais, também vale citar trecho do mesmo autor, elucidativo de alguns saberes necessários para a produção do impresso hoje:

“... pré-requisitos para formatadores de mensagens oferecidas ao olhar de internautas e tradicionais leitores são: ter conhecimento dos elementos gráficos (letra, imagem, grafismo) que devem ser usados numa página impressa ou numa home-page, saber da relatividade de seus atributos (valor, tamanho, forma, margens, textura), assimilar noções de processo de percepção visual (como o cérebro humano percebe e interpreta o que vê). Noções básicas como *design*, de *layout* de produção gráfica, aliás, podem ser buscados numa grande quantidade de informações registradas e guardadas silenciosamente nas páginas de muitos livros. Estudos aprofundados em diversas áreas do conhecimento (bibliologia, editoração, artes gráficas, educação, ciências da informação e da comunicação) compõem um manancial de informações a serem reveladas a esses atuais editores neorenascentistas.” (p.50)

Essas dimensões tão complexas, envolvendo áreas diversas do conhecimento, comporiam os saberes necessários ao exercício da profissão de editor. Assim, outra indagação aparece: como é feito o recrutamento desse profissional? Para editar livros literários, são esses profissionais recrutados nas Letras? para periódicos seriam recrutados jornalistas? para livros didáticos, um administrador de empresas, pedagogos? Que campo profissional é esse? A vasta formação necessária dar-se-á na qualificação em serviço?

Segundo uma das definições de Gustavo Barbosa e Carlos Rabaça (1987) sobre o editor, fica claro que sua atividade comporta, desde a busca do texto, passando por sua “colocação em livro” até a garantia de que o mesmo circule e chegue às mãos do leitor, no final da linha.

No quadro de investigação das revistas pedagógicas, como se caracteriza a formação dos editores responsáveis? Como foi realizado o seu recrutamento? Os depoimentos recolhidos em entrevistas podem ajudar a compor um quadro de informações que permite caracterizar esse profissional. Nesses depoimentos, os editores destacaram sua trajetória e algumas de suas funções atuais, assim como o seu grau de autonomia frente às empresas editoras

A editora da **AMAE Educando** tem formação em Letras e Pedagogia. Assumiu a edição em 1991 e está na fundação desde 1985. No campo da educação, já trabalhou em vários tipos de escolas, algumas localizadas em favelas, outras, no interior de Minas, em instituições como a Sudene e a Codevale; trabalhou, também, com questões de Educação, além de ocupar alguns cargos municipais em Educação. Ela ressalta que os principais fundamentos de sua formação vêm da área de Educação. A sua experiência no mundo editorial começou durante o curso de Letras, quando trabalhou na Editora Abril, na parte de secretaria e de publicidade, e continuou quando assumiu a revista e desenvolveu atividades na área de copidescagem e análise de artigos para publicação.

Percebe-se que sua formação ocorreu em função da prática, a exemplo de grande parte de editores, e que foi específica na produção de revista de Educação, tendo em vista que sua passagem pela Editora Abril foi mínima e em funções indiretamente ligadas à editoração. Sobre os conhecimentos específicos nessa área, relata como resolve os problemas:

“O meu trabalho aqui é mais dentro da parte pedagógica, porque nós temos um jornalista que mexe com essa parte de edição de artigos, de vídeos, de títulos, e temos o Ian que é o diagramador, ele é que faz a diagramação todinha. Nós recebemos o artigo diagramado. Passamos para ele o material, o artigo digitado, no disquete, com fotos e trabalho de aluno e ele traz diagramado, nós aqui damos opiniões: ‘põe esse boxe aqui...’ porque sabemos na prática. Agora, de formação específica, não...” (Vera)

O interesse pela continuidade de formação é muito grande e a equipe frequenta cursos na área de Educação. Segundo a editora e os outros membros presentes no momento da entrevista, é preciso fazer cursos para saber o que precisa ser atualizado. Segundo elas, a educação tem um vocabulário de uso:

“Começa-se a usar determinados termos e, quando você assusta, está todo o ‘mundo usando as mesmas palavras e se você não atualiza, perde (...) porque determinadas terminologias vão todas por água abaixo e sabemos disso porque trabalhamos com Educação há mais de vinte anos. (...) Na Educação sempre foi isso, uma teoria vem e vem outra e joga aquela por terra, depois vem outra e assim por diante, então temos que estar por dentro, sabendo e sabendo como as coisas vão indo...” (Vera e equipe)

É importante salientar que a característica de formação em Pedagogia é forte na equipe, desde o seu nascimento. Até o momento atual, esta tendência se confirma e é ressaltada “*quase todo mundo aqui é Pedagogo*”. Penso que este tipo de formação, assim como uma experiência com escolas de primeiro grau pode estar informando grande parte das escolhas de temas e das abordagens.

A prática desta editora, que trabalha exclusivamente para a revista, permite ilustrar como os apelos em torno de temáticas de educação são um norte para sua busca e de como esta prioriza a circulação por vários segmentos, onde a Educação é objeto de discussão. Essa circulação vai desde a própria fundação até segmentos da Secretaria de Educação e, finalmente, a escola.

“A primeira coisa que eu faço é uma coordenação de equipe, primeiro porque eu quero ter sempre na cabeça que eu nunca tenho a minha opinião sozinha... é muito perigoso e é muito fácil você errar sozinha, então eu faço reuniões e sempre que tem reuniões aqui na fundação eu participo, se é de superintendência eu vou, se é de escola eu vou, se é para poder ver, sentir o que o povo tá querendo eu vou, porque a revista é da Fundação e eu sou o porta voz... de muita gente, então eu faço um trabalho de liderança aqui. Procuo a opinião de várias pessoas e procuro julgar. E o pessoal daqui, pelo menos, tem gostado da revista, e retorno positivo a gente tem tido”. (Vera)

O contato prioritário com o campo da ação e das ações de formulação e implementação de políticas parece indicar que a revista pretende acompanhar e responder a demandas específicas dos professores.

O editor da revista **Dois Pontos** é formado em Educação Física e Pedagogia e trabalhou, durante alguns anos, em disciplinas como Filosofia e Psicologia. Ele destacou que, quando

trabalhou durante alguns anos como diretor do Colégio do Sindicato dos Bancários, um tipo de escola alternativa, implementou determinadas inovações, como o ensino de Filosofia no primeiro grau, autonomia dos professores e gestão democrática do ensino por alunos, familiares, “*coisas ainda não alcançadas até hoje*”. Participou, também, do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino, mesmo, segundo ele, ocupando uma posição “ambígua” por ser um colégio de sindicato de empregados.

Na época em que conheceu Walfrido dos Mares Guia, um dos proprietários do sistema Pitágoras, foi chamado para ocupar o cargo de diretor de um dos estabelecimentos, mas não pôde assumir e foi convidado a permanecer na rede, sem função definida, assessorando quem dele necessitasse. Um ano depois, em 1983, assumiu a área de projetos; dentre eles constava o *Jornal da Família* e a revista **Dois Pontos**, mesmo sem nunca ter sido jornalista.

Sua prática de editoração foi-se desenvolvendo nestes dois projetos específicos, dentre outros projetos dos quais participava, envolvendo temáticas como orientação sexual, filosofia, etc. Salientou que sua experiência na área editorial desenvolveu-se com revistas, informativos e formulação de editoriais.

A continuidade de sua formação, tendo em vista uma comparação com a primeira entrevistada da **AMAE Educando**, é um pouco diferenciada. Os dados da entrevista permitem constatar que ele tem contatos mais ou menos sistemáticos com profissionais da área de jornalismo e editoração, tendo em vista que são feitas algumas avaliações periódicas da revista, com empresas de consultoria ou com alguns jornalistas de renome. Foram relatados também contatos e discussões com outras editoras de revistas, mas não se teve condições de aprofundar o tipo de discussão que realizam. Assim, sua formação em editoração ocorre pelas oportunidades de diálogos com outros segmentos. Essas avaliações são características da política de controle de qualidade total exercida pela instituição à qual a revista pertence, como um todo, mas acabam dando a esse editor condições de formação contínua na área.

Ocupando lugares estratégicos dentro do sistema Pitágoras e não trabalhando exclusivamente com a revista, talvez tenha condições de captar necessidades e temáticas

emergentes dentro desse sistema e da rede particular de ensino, como um todo. Dessa forma, pode estar-se formando e atualizando em Educação pela circulação dentro do sistema e seus conseqüentes espaços de discussão e formação.

Além do peso institucional da empresa de ensino em que trabalha, penso que o perfil deste editor, assim como da primeira editora entrevistada, acaba conduzindo a linha editorial da revista, que privilegia determinadas discussões sobre psicologia e filosofia, por exemplo, até hoje, e prevê leitores que não são apenas professores.

A editora da revista **Presença Pedagógica** não trabalha exclusivamente com a revista, no momento. Tem formação em letras, trabalhou durante muito tempo na Faculdade de Letras da UFMG e, atualmente, é professora da Faculdade de Educação da mesma universidade. Interessou-se por edição por questão de pesquisa em torno da leitura, trabalhando com temáticas como condições de leitura de populações de baixa renda e com questões de legibilidade. No entanto, sua formação na área de edição também vem ocorrendo na prática. Participou como coordenadora, antes da edição da revista, de um projeto editorial da UFMG, dirigido a leitores iniciantes adultos, denominado “*Boas Histórias*”. Durante esse projeto travou relações com pessoas da área de Comunicação e com escritores de literatura infanto-juvenil.

Sobre seu recrutamento para trabalhar com a revista salienta:

(...) a Ivete Walty, foi a primeira convidada pela Zélia Almeida. Aliás a Vani também foi convidada e não aceitou, porque disse que não era da competência dela e acho que ela não conseguiria levar a frente um periódico desse tipo. A Ivete também disse que não tinha esse perfil e indicou meu nome, porque ela sabia que eu já tinha editado as **Boas Histórias**, e que eu era preocupada com essa questão da legibilidade. Eu trabalhava também, de certa maneira, com literatura infantil porque entrei para o grupo de literatura do CEALE, logo que eu me aposentei em Letras, em 94, e foi no final de 95 que houve o convite. Eu aceitei, porque eu também sou... uma desbravadora e acho que a gente não tem que ficar naquilo que já domina muito bem. A aprendizagem é... fazer é aprender, não é? (Graça Paulino)

Sobre a continuidade de sua formação como editora, ressaltam-se dois fundamentos: o do campo da editoração e o campo da educação.

“Eu acho que estou aprendendo a cada dia, e... aprendendo não só em termos de conteúdos dos textos, como também aprendendo sobre textos, sobre editoração. Tenho lido muitas coisas escritas por editores - é outro viés... sabe - sobre editores e por editores, penso que é outra história, inclusive da literatura brasileira, é a outra história da produção escrita

Sobre a formação no campo da educação esclarece que nunca pensou ter a visão de Educação que tem agora:

“Agora eu tenho uma visão da escola, da educação do país, do que é a educação, nesse intercâmbio entre os vários especialistas. Penso que o pedagogo tem isso, mas o especialista não tem, então tenho hoje uma outra visão de escola, da ligação entre escola e sociedade, linguagem e linguagens. Editar a revista foi muito bom para mim como aprendizagem, e está sendo muito bom.”

Seu interesse pela edição da revista, então, faz com que tente se especializar no campo da edição. E as oportunidades de conhecimento mais ampliado sobre a Educação viriam do contato com os próprios textos? No caso da revista **Presença Pedagógica** a classificação da revista como *de produção e divulgação científica*, dada pela editora, assim como levantamento do tipo de autores permitem verificar que o contato direto com a produção mais ligada ao campo da pesquisa, menos que no campo da ação pedagógica, pode estar fornecendo uma série de conteúdos e subsídios de Educação, situados talvez na “fronteira” do pensamento pedagógico. Assim, não é necessário sair em busca de cursos, de demandas de secretarias, de escolas.

O perfil da editora, assim como sua participação como professora em uma Faculdade de Educação de renome, podem estar determinando o seu acesso a temáticas de prestígio e autores de prestígio, pode-se dizer, com um tipo de formação que não precisa ser buscada, mas que está presente quase que “naturalmente” em seu ambiente de trabalho. Tanto sua trajetória como seu pertencimento institucional irão refletir na proposta editorial da revista.

Alguns pontos em comum entre os editores das três revistas são a sua formação na prática e observa-se que a trajetória de cada um deles pesa no estilo da revista, em muitos de seus textos. Nota-se uma preocupação da editora da **AMAE Educando** com aspectos da ação pedagógica nas séries iniciais e um menor investimento em preocupações gráficas e estéticas da revista. O enfoque filosófico e psicanalítico da **Dois Pontos** e o lugar de autoria exercido nos editoriais pelo seu editor, assim como a linguagem filosófica por ele escolhida para a construção desses editoriais, também indicam estilos próprios. Na **Presença Pedagógica**, destaca-se uma circulação por temáticas emergentes ou que estão na fronteira da discussão sobre a educação, a não priorização das demandas emergentes dos professores das séries iniciais, assim como uma preocupação com fatores de configuração e produção gráfica pela editora, que lembram o universo dos livros de literatura infanto-juvenil, todos esses indicativos de um certo perfil pessoal da editora.

Nesse tópico, priorizou-se uma descrição do perfil profissional dos editores porque, como se verá mais adiante, seu papel parece ser fundamental na condução dos rumos das revistas e estes circulam e determinam as decisões referentes ao processo produção, divulgação, distribuição e circulação das revistas.

A FORMA DE CAPTAÇÃO E OS MODOS DE RELACIONAR-SE COM OS AUTORES

Considera-se que os modos de produção de revistas pedagógicas, de literatura infantil e de livros didáticos, todos eles dirigidos, de alguma forma, ao professor, têm sua especificidade. O contraste dessas produções, destinadas à educação, com as realizadas para outros públicos, e com outros objetivos, constituem-se numa fonte privilegiada para a compreensão de alguns elementos da produção para a educação. A fabricação dos impressos vai exigir das agências editoras, tempo, projetos, profissionais, relação com os autores, formas de divulgação e distribuição, que se tornam particulares em função da natureza de cada publicação.

A necessidade de focalizar algumas especificidades dos processos de produção torna-se presente quando se tem acesso a, pelo menos, três pesquisas brasileiras que tomam esse

tema como foco: a de Cecília Regiani Lopes (1983), que aborda a prática do editor de livro de literatura para crianças como principal elemento de análise, a de Maria da Conceição Carvalho (1993), que realiza uma pesquisa comparativa da prática de duas editoras mineiras de literatura infantil e juvenil, evidenciando relações entre as necessidades do mercado e o “sonho”(linha com ênfase comercial e ênfase cultural), a partir de depoimentos de autores, ilustradores, editores, críticos e, finalmente, a pesquisa de Kazumi Munakata (1997), que analisa a produção do livro didático e paradidático no Brasil, abordando as práticas editoriais do ponto de vista de sua materialidade, recuperando pesquisas, dados, depoimentos de editores e autores de livros didáticos. A complementação dessas pesquisas faz-se necessária para compor um quadro mais orgânico de pesquisas sobre a produção de material didático no Brasil.

De onde vêm as decisões sobre a publicação? Do mercado, de movimentos intelectuais, de projetos editoriais? Dessa forma, a decisão far-se-ia pelo tema? Pela competência reconhecida do autor? Pelo texto, propriamente dito? Pelo público-leitor virtual? Qual seria a margem de poder do profissional editor nessas decisões? Haveria outros profissionais específicos, além do editor, ligados a essa primeira fase de decisão? As decisões ligadas ao livro, em geral, seriam as mesmas ligadas a jornais, revistas, livros didáticos, romances, manuais de instrução? Ou seja, qual seria o papel dos gêneros na construção de certas especificidades e práticas profissionais? Um texto encomendado ou enviado a editoras espontaneamente passaria por processos parecidos?

Na fase de decisão, pode-se dizer que há práticas conhecidas que possibilitam fazer algumas inferências. A figura “**conselho editorial**” de revistas, por exemplo, cumpre o papel de leitura e de apreciação dos textos. **Leitores críticos** parecem exercer influências no campo da Literatura e da formulação dos livros didáticos. No caso de editoras de livros didáticos, são realizadas práticas editoriais que envolvem **leitores críticos**, recrutados em universidades, escolas públicas e particulares, etc. Nesse caso, a primeira decisão sobre a publicação passa por um crivo de leitores. Decidida a publicação, o papel dos leitores críticos modifica-se, pois suas sugestões podem ser consideradas para possíveis alterações no significado do texto, nas outras etapas que possivelmente virão. Alguns leitores críticos são convidados para serem autores, no decorrer de algum tempo.(Kazumi Munakata, 1997)

Tentando evidenciar as formas de produção do livro didático, o estudo de Kazumi Munakata (op. cit.) aponta vários indícios das formas de relacionamento das agências com seus autores. Pode-se dizer que o processo de captação de autores passa por estratégias diferenciadas, porque, de forma geral, parece que são professores os autores dos livros didáticos³². Esses preparam suas notas e “apostilas” para trabalho em aula, que poderão tornar-se livro, se algum editor interessar-se pelo trabalho. O divulgador chega a ser um segmento importante, porque busca, em seus contatos de divulgação, professores que estejam preparando o próprio material, convidando-os a apresentarem um esboço de livro às editoras.

Por outro lado, vários autores, que também foram professores, fazem sua carreira como autores, a partir de participações em trabalhos de outra natureza nas editoras. Um exemplo dessa modalidade é o convite das editoras para que leitores críticos escrevam o seu próprio material. Entretanto, autores que já têm um certo reconhecimento em outras áreas ou editoras são convidados a produzir obras didáticas ou propõem sua produção às editoras.

Da mesma forma, a produção dos livros de literatura parece passar por decisões parecidas. Ao fazer a descrição do processo de produção do livro de literatura, Sônia Junqueira (1997) apresenta dados que possibilitam fazer uma pequena comparação com a produção do livro didático. Do original ao impresso, o texto passa por várias fases, e uma delas refere-se ao recebimento de originais ou convite para que autores reconhecidos escrevam obras de encomenda. Ou seja, existem, pelo menos, duas formas para que cheguem ao editor os originais. Maria da Conceição Carvalho (1993) polemiza a prática da encomenda (que pode ligar-se tanto a um tipo de autor “de sucesso” quanto às temáticas “de sucesso”), relacionando-a às práticas editoriais do eixo comercial, em contraposição a outro tipo de práticas editoriais, voltadas para um eixo cultural. Nesse último eixo, os editores “esperam” que o novo/inusitado/original chegue às editoras e nem sempre o peso do autor de sucesso ou consagrado gera publicação, se não é apresentado um trabalho com os

³² Num artigo intitulado “Um olhar sobre o livro didático” Magda Soares (1996) apresenta, numa visão sócio-histórica, dados e reflexões que demonstram que a autoria de livros didáticos, pelos professores, não era uma prática corrente, até meados do século XX. Até esse período, eram escritores de diversas áreas de formação, entre as quais jornalismo, literatura, direito, engenharia, bacharéis em Ciências Físicas e Matemática, entre outros, ou acadêmicos, os que escreviam livros didáticos no Brasil

parâmetros literários da editora. Isso porque a prática de encomenda parece “ferir” um princípio de novidade e arte, presente em obras com temáticas e argumentos inusitados.

Para uma discussão sobre a produção das revistas pedagógicas um primeiro conjunto de dados existentes no próprio impresso, pode evidenciar um tipo de relação dos editores com os autores e suscitar algumas comparações.

A nota técnica sobre normas de colaboração, constante do material impresso, sugere várias interpretações. Para essa análise, serão buscados os dados mais atuais das revistas pedagógicas objeto desta pesquisa, dados esses que dizem respeito às formas de captação de autores, referentes aos primeiros números de 1998.

Situada ao final da ficha técnica de **Presença Pedagógica**, encontra-se a seguinte observação:

| |
|---|
| “Aceitam-se colaborações. Os artigos serão submetidos à Editora, Comitê e Conselho Editorial. É imprescindível nome e endereços completos do(a) autor(a) para contato. Originais não serão devolvidos.” |
|---|

A forma sumária com que é tratada esta informação possibilita deduzir que os possíveis autores já conheçam algumas normas de publicação e as temáticas que possam ser aceitas pela linha editorial.

O levantamento de autores que escrevem para essa revista evidencia seu possível conhecimento de alguns modos de proceder da imprensa pedagógica. Trata-se, em sua maioria, de autores “de peso”, com formação acadêmica *stricto sensu*, quase todos oriundos de instituições de ensino superior e de pesquisa. Considerando que faz parte do processo de profissionalização acadêmica produzir artigos, fica patente que a revista já conta com esse conhecimento. Ao mesmo tempo, a revista pode estar-se constituindo num meio de divulgação de idéias sobre Educação, presentes nas instituições de ensino superior, sobretudo as federais. Fazer parte do conjunto dos entrevistados, dos artigos/autores e temáticas escolhidas não deixa de representar uma posição de prestígio para os autores, nos meios educacionais.

Situadas abaixo da seção, do primeiro número de 1998, com marcação gráfica diferenciada - letras menores, mas em fundo azul - são as seguintes as instruções para publicação da revista **Dois Pontos**:

Aos colaboradores

Dois Pontos - Teoria & Prática em Educação, revista de periodicidade bimestral, aceita contribuições **em forma de artigos inéditos, resenhas de livros e teses, relatos de experiências, etc., todos relacionados com educação e áreas afins.**

As matérias enviadas serão publicadas sob condição de consulta e de autorização do Conselho Editorial da Dois Pontos, bem como de observância às instruções a seguir especificadas:

- as matérias deverão ser datilografadas ou digitadas com espaço 2 e **extensão não superior a 150 linhas de 72 toques;**
- as referências bibliográficas deverão obedecer às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT);
- constatação dos trabalhos enviados: a titulação acadêmica do autor, atividades que desempenha e instituição a que está vinculado;
- as colaborações serão encaminhadas ao Setor de Editoria do Sistema Pitágoras de Ensino, à R. Madalena Sofia, 25 - Cidade Jardim - CEP 30380 - Belo Horizonte - Minas Gerais, ou pelo FAX (031) 3444018.

(Grifos meus).

Na revista **Dois Pontos**, informações sobre gêneros possíveis e tamanho dos artigos, assim como sua inserção no campo da Educação e áreas afins abre uma via maior para autores diferenciados. Ou seja, é possível divulgar artigos, resenhas e relatos referentes ao campo da Educação *lato sensu*. Talvez seja por isso que, além de alguns autores “de peso” do campo da educação, também apareçam os denominados escritores, psicanalistas, psicólogos, médicos, padres e professores.

As informações técnicas são mais detalhadas, supondo-se, assim, que são bem-vindos novos autores ou iniciantes. As restrições quanto ao tamanho dos artigos dão outras indicações sobre a linha editorial da revista. Contendo artigos de uma a quatro páginas, com exceção das seções de reportagens, entrevistas e intercâmbio, a revista constitui uma espécie de mosaico: há lugar para variadas seções e temas.

Ocupando a metade de uma página no interior da revista **AMAE Educando**, na edição referente ao mês de abril de 1998, as normas de publicação são assim apresentadas:

AMAE Educando

NORMAS DE COLABORAÇÃO

- 1 A revista Amae Educando **divulga experiências e práticas educativas da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Curso de Magistério e Curso de Pedagogia.**
- 2 Publica trabalhos **originais direta ou indiretamente relacionados com a Educação, apresentados sob a forma de relatos de experiências, planejamentos, sugestões de atividades e recursos metodológicos.**
- 3 Os trabalhos enviados serão apreciados pela coordenadoria de publicações da Fundação Amae e pelo Conselho Editorial da Revista, constituído por especialistas colaboradores.
- 4 O simples envio de originais à revista implica automaticamente em autorização para publicação. Textos enviados, publicados ou não, não serão devolvidos, assim como não será fornecida ao autor a apreciação ou avaliação do artigo.
- 5 Textos analisados e aceitos não terão prazo imediato de publicação. Após publicados, Amae Educando adquire o direito de republicação, isento de qualquer remuneração ao autor, nas mesmas condições da primeira publicação.
- 6 Informações e opiniões expressas nos artigos assinados são de responsabilidade do autor e não são necessariamente as adotadas pela revista.
- 7 A revista **permite-se fazer alterações na linguagem do texto, modificar o título original, bem como definir a sua apresentação gráfica. Em caso de modificações substanciais, estas serão sugeridas ao autor, que fará a devida revisão.**
- 8 Serão fornecidos ao autor, gratuitamente, exemplares de edição em que seu artigo foi publicado.
- 9 Os trabalhos devem ser enviados em duas vias datilografadas, espaço 2, contendo o nome completo do autor, função atual e instituição onde a exerce, telefones e endereços para contato e outras referências curriculares que julgar pertinentes. Todas as páginas devem estar numeradas e assinadas. Os artigos podem ser enviados também em disquete.
- 10 **Quadros, tabelas, gráficos, fotos e ilustrações devem acompanhar o texto. Incluir pautas, no caso de envio de músicas.**
- 11 Monografias e **artigos muito extensos não serão aproveitados**
- 12 Referências bibliográficas devem estar de acordo com as normas da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas.
- 13 *É permitida a reprodução de artigos publicados na Revista Amae Educando, desde que citada a fonte.

(Grifos meus).

A ficha acima apresenta informações detalhadas sobre as normas de colaboração, abrindo para áreas afins, mas direcionando os gêneros textuais: além de não serem muito extensos, é conveniente que venham sob a forma de relatos, planejamentos, sugestões de atividades e de recursos metodológicos. Essas normalizações direcionam para um tipo de escritor e leitor “prático”, que também pode sugerir aplicações em sala de aula, caso queira tornar-se um escritor. Pode ser um professor do ensino infantil, do ensino fundamental, curso médio ou superior, mas que apresente modelos de ação. Essa configuração dada à produção seduz autores iniciantes, que não são necessariamente autores profissionais.

Uma habilidade que se espera dos autores é que estes componham os textos com o máximo possível de informações como quadros, gráficos, tabelas. Isso parece diminuir o trabalho dos possíveis programadores visuais e ilustradores (há muito poucas ilustrações no conjunto da revista).

As possibilidades de alteração no texto são discutidas explicitamente, formando/informando os autores sobre algumas formas de ser da imprensa escrita.

Num levantamento de autores que enviam artigos para essa revista, comprova-se essa formação: os autores são, em sua maioria, professores e coordenadores de vários tipos de escola pública e particular. A revista tem sido uma relevante via de formação de autores oriundos de escolas do ensino fundamental e dados das entrevistas confirmam que esta função tem sido cumprida desde o início da revista.

As entrevistas evidenciam, para além das normas de colaboração, as formas privilegiadas por cada uma das revistas para constituir sua pauta. A revista **AMAE Educando** recebe inúmeros artigos espontâneos de autores de todo o Brasil e a pauta pode ser construída mediante um banco de textos muito vasto e com muita antecedência. Os textos são organizados em pastas, por previsão dos meses em que serão publicados, e podem ser remanejados, conforme decisão do momento. A equipe faz encomenda de textos teóricos relacionados a um certo ideário pedagógico do momento, que possam trazer subsídios para futuras aplicações ou, segundo a equipe, dar uma pista inicial para a constituição de futuras práticas, conforme o depoimento abaixo:

(...) todo dia a gente recebe artigo. Nós temos um conselho editorial então eu leio, a Célia lê, a Cristina lê... 80% não tem condição de ser publicado. Dos que a gente recebe, 80%, 20% passamos alguns para o conselho editorial quando temos alguma dúvida, se não temos dúvida já fica aqui pré-selecionado. No conselho editorial temos um membro de Português, um de Ciências, a Magda em alfabetização e leitura e pedimos assessoria a eles, para nos ajudar, para ler, para nos dar opinião. Antes de começar a mexer com a revista fazemos uma reunião de pauta e nesta reunião de pauta chamamos o presidente, a vice-presidente de vez em quando vem, um jornalista e nós da equipe já com as coisas mais ou menos pré-selecionadas, e ali fazemos um estudo dos artigos e organizamos a pauta, quais artigos vão entrar nessa revista aqui... com enriquecimento. Nós temos a Cristina que é nossa jornalista, ela está se formando agora e não ainda não assina a revista, nós temos o Cássio Martins que assina a revista como jornalista. A partir daí enriquecemos os artigos com boxes, com teorias, às vezes está se escrevendo muito sobre pedagogia de projetos mas não tem ainda uma base teórica, a gente pede alguém que escreva um artigo sobre o assunto. A LDB por exemplo, professor Leandro escreveu para nós, professor Jamil Cury escreveu. Nós tínhamos uma sessão que chamava “Conversando sobre a LDB” que duas pessoas do Conselho Estadual respondiam, uma é Dona Dalva Cifuentes, a outra é Auxiliadora Machado.” (Vera)

A revista **Dois Pontos** opera com outros parâmetros, tendo em vista que há uma escolha por um tema central que acaba condicionando outra forma de captação dos textos:

“Nós temos um conselho editorial de diversos pensamentos, de diversas ideologias diversas formações, de diversos gêneros. A revista, desde o seu nascimento é de tema central, não é monotemática. Ela tem um tema de capa, que é central, mas não é exclusivo. Quando estabelecemos um tema da revista esse tema central vale por um ano e há um subtema bimestral. Um exemplo, nesse ano o tema anual foi ‘Sala de aula` e o primeiro número foi ‘Sala de aula: para que?’, o segundo, "Sala de aula; espaço de representação." De dois em dois anos nós temos um congresso no Pitágoras que já beira dez anos. Normalmente, o quarto número do segundo semestre, sem que se negue a linha editorial dela, é dedicado aos anais no Congresso que vêm de forma sumariada, condensada. É uma novidade nossa também, não conhecia anais assim... (Fernando Caramuru)

Quanto aos mecanismos que levam a uma definição do tema, acrescenta:

“No ano passado foi o tema Identidade, no outro ano foi Transformações... Há uma discussão em função da necessidade dos diversos laboratórios que nós temos, dos diversos mananciais da própria rede Pitágoras... o que se está buscando mais hoje em dia, o que se questiona mais. Então procuramos abordar esse tema, dentro da linha editorial e aí se estabelece e se faz, se produz. Convidamos os colaboradores da revista, para cada artigo da revista a gente coloca normalmente uma reportagem, até com opiniões de leigos e de especialistas para ver a diversidade de olhar, de sentir...” (Fernando Caramuru)

Nota-se que a revista organiza toda a sua produção em função do tema escolhido, mais encomendando ou produzindo reportagens sobre determinadas questões do que recebendo colaborações espontâneas. Decidido o tema, são buscados colaboradores que já escreveram sobre o assunto, que fizeram alguma conferência, ou que são indicados por outros, além de colaboradores quase fixos. Dentre estes colaboradores fixos aparecem alguns jornalistas, especializados em fazer determinadas seções. Mesmo com esses dispositivos de participação, o editor informou que alguns artigos que chegam à redação podem ser encaixados em cada um dos números. Entretanto, tendo em vista a proporção de artigos para cada reportagem, que indica um grande trabalho da equipe de redação no conjunto da produção e a repetição de alguns autores em textos literários ou artigos, pode-se afirmar que esta é uma produção mais controlada. Por outro lado, mesmo tendo como carro-chefe um artigo teórico a cada número, que pode influenciar na condução de futuros artigos, pode-se dizer que na **AMAE Educando** os autores-professores, em maior grau, são os que originam, em última instância, as temáticas que entram na revista.

Enquanto na **AMAE Educando** a formação do conselho editorial parece responder a um princípio de áreas disciplinares da educação fundamental, na **Dois Pontos**, marca-se uma diferença pela amplitude e diversidade de tendências. Estes dados confirmam uma certa vocação de cada uma das duas revistas. A primeira, voltada para aplicação de inovações curriculares em sala de aula; a segunda, pelo levantamento de algumas questões de educação *latu sensu*.

Com relação à **Presença Pedagógica** a editora informou que os artigos, propriamente ditos, chegam à redação da revista e que os textos de seções fixas são, em parte, encomendados. Alguns critérios da produção são esclarecedores do processo:

“Em parte para as sessões fixas são feitas encomendas. Muitas vezes essas encomendas também não dão certo, ou os autores prometem e não entregam, esquecem...No caso da revista há um prazo, prazo mesmo, não é um prazo tão elástico como em algumas revistas acadêmicas, que funcionam ora de 6 em 6 meses, ora anualmente. O tempo de dois meses passa depressa demais e os autores às vezes enrolam, eu já tive muitos problemas, muita frustração com artigos encomendados e prometidos para Saber em Movimento, Ponto de Vista, Dicionário Crítico que são as seções que nós temos. As reportagens são encomendadas, às vezes, aparecem reportagens, o jornalista liga, tem uma reportagem sobre esse assunto e, se interessa pedimos para ver e muitas vezes é muito bom. Acontece com pessoas de São Paulo e Rio, que trazem notícias de lá. Mas normalmente a reportagem também é encomendada e os artigos, propriamente ditos, chegam. Quando chegam e nós temos alguma dúvida com relação a qualidade, mandamos para o conselho ou para o comitê.” (Graça Paulino)

A editora informou sobre o funcionamento efetivo do conselho editorial, destacando vários exemplos desta prática de apreciação sobre a qualidade dos artigos.

“(…) funciona (o conselho editorial) até em trabalhos de autor conhecido que não parece adequado a revista ou parece complexo demais para a revista. Então, não é fácil você simplesmente dizer que não vai publicar um artigo do fulano de tal que é uma figura conhecida nacionalmente. Então você manda, sem demarcar a autoria, e pede parecer, nós temos já formulário e tudo direitinho, pedindo esse parecer aos membros do conselho, não só o comitê como também o conselho é acionado; e especialmente artigos polêmicos em que você percebe que o autor está tomando uma certa posição. Por exemplo, no caso da nova LDB, nós tínhamos artigos tanto de apoio irrestrito a nova lei de Diretrizes e Bases, quanto artigos extremamente contrários, só que os argumentos às vezes são argumentos apaixonados, de ambos os lados, da paixão de quem participou daquela discussão longa e tinha uma outra proposta de LDB e se ressentiu, como naquele caso do Darcy Ribeiro e tínhamos também pessoas que adoraram a nova LDB e achavam que realmente ele abria outros caminhos para a educação brasileira, mas não havia argumentos de peso.” (Graça Paulino)

Na **Presença Pedagógica**, como predominam os artigos e nem sempre a encomenda funciona, pode-se levantar a hipótese de que os temas que aparecem na revista podem estar representando uma diversidade do que está sendo discutido em educação. Além disso, os dados da entrevista apontam que se tenta não tematizar a revista, a não ser em números especiais. Atualmente, tem-se evitado o número especial, havendo uma estratégia diferenciada, que é a de publicar dois ou três artigos, em cada número, relacionados a uma mesma área de conhecimento, por exemplo. Essa estratégia faz com que a revista se torne especialmente interessante para certo tipo de leitores e, ao mesmo tempo, atinja leitores variados. Talvez a diferença de controle esteja no funcionamento do conselho e do comitê editorial. Parece que um dos critérios de participação nestes conselhos é a ligação de seus membros com universidades de renome, de várias regiões do País, e o controle da qualidade, segundo padrões mais acadêmicos, quando isto se torna necessário. Entretanto, a editora comenta que não são feitas interferências contrárias a uma publicação se, dentro de um verbete encomendado, por exemplo, o autor apresentar posições polêmicas, mas bem argumentadas.

Os dispositivos de captação de autores e temas não se parece enquadrar no modelo comercial de temas/autores de sucesso nas revistas que recebem mais textos do que encomendas. Entretanto, alguns indícios permitem constatar que, na escolha de alguns textos-base, de entrevistas, de seções fixas são indicadas algumas das buscas por questões emergentes – de sucesso ou de prestígio no campo da educação? - talvez pertinentes para conquistar leitores. Na revista que escolhe tema central fica mais evidente o acompanhamento de temáticas de prestígio, existentes na rede por onde a revista circula que podem ser mais garantidoras de acúmulo de bens simbólicos do que de vendas. Além disso, os mecanismos de nem sempre aceitar autores de sucesso, ou de trabalhar com autores desconhecidos, aproxima as estratégias editoriais das revistas **AMAE Educando** e **Presença Pedagógica** de uma vertente mais “cultural”.

O ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO

Independente da forma de “encomenda” das obras, as grandes editoras de livro didático têm uma forma de produção, já consolidada pelas práticas recentes, que faz com que uma produção seja acompanhada, desde a leitura do editor responsável até a impressão final, por uma equipe de trabalho que envolve leitores críticos, pesquisadores de iconografia, revisores, copidesques, ilustradores e artistas gráficos, além de todos os outros profissionais que farão a impressão e reprodução propriamente ditas, bem como a distribuição e venda.

Um traço distintivo da produção de livros didáticos é o relacionamento dos autores com esse processo de produção. Pelo depoimento de vários autores a Kazumi Munakata (1997) fica evidente que, além de produzir idéias e texto para os livros, é necessário que os autores saibam trabalhar com intervenções desses vários segmentos. Dessa forma, as alterações no texto são explícitas e fazem parte do acordo de trabalho. Para além do texto, alguns autores indicam dados importantes quanto à tipografia e ilustrações, mostrando que as posições são intercambiáveis, apesar da gama de profissionais envolvidos.

Entretanto, é esse processo de produzir e submeter à apreciação - que parece ser uma constante na produção do livro didático - que vai determinar um contato mais direto e freqüente dos autores com editores e outros profissionais envolvidos. Os autores reconhecem essa produção coletiva e vêm-se profissionalizando para trabalhar dessa forma.

Um dado importante, que ainda precisa ser ressaltado, é a prática de revisar edições seguintes a uma primeira publicação. Para que sejam feitas alterações para revisão dos livros didáticos, são necessárias outras modalidades de produção, como pesquisa sobre o uso, além de mais leituras críticas, pesquisa para atualização do material. Considerada por alguns autores como um dos “ossos do ofício”, esse processo de revisão precisa ser efetuado, em média, de cinco em cinco anos, e parece ser bastante trabalhoso.

Todo esse processo faz com que a relação de maior proximidade dos autores com as agências editoras, para efeito de produção, seja extremamente necessária, além de

continuada. Assim, mesmo que esses autores não sejam contratados como profissionais funcionários da editora e tenham seus espaços de trabalho em outros locais, é necessário que mantenham contatos regulares para trabalho.

Esse processo também faz com que a produção de um livro didático ocorra, em média, de três a quatro anos, com tempo mais dilatado, se se trata de coleções para todas as séries, sem inclusão de tempo para revisões de edições posteriores.

Na produção de livros de literatura também é feito um processo de avaliação pelo editor que, concordando com a publicação, desencadeia um processo de leitura crítica, de revisão, copidescagem e ilustração, que conta com os autores somente em caso de alterações de linguagem, de construção de personagens, ou do desenvolvimento da narrativa, ou do desfecho, do título, de valores éticos veiculados, dependendo da linha editorial de cada empresa (cf. Sônia Junqueira, 1997).

Nas revistas de Educação analisadas, com exceção dos funcionários fixos que também são autores - o caso dos jornalistas que constam na ficha técnica - parece não haver uma necessidade de acompanhamento da produção pelo autor. Cada artigo tem autonomia em relação aos outros, podem ser enviados pela via do correio e podem ser “colocados em revista” em função de decisões editoriais que escapam ao controle dos autores (a não ser quando os artigos são encomendados para a produção de números temáticos, como é o caso da revista **Presença Pedagógica**, que já produziu um número sobre “o livro” e outro sobre “arte, imprensa e educação”).

Mas como os dados das entrevistas podem lançar algumas luzes sobre esse processo?

Os dados das entrevistas com a equipe da **AMAE Educando** desvendam um trabalho artesanal, do ponto de vista da finalização do texto. Segundo a equipe, quando um autor escreve e não está muito bom, são feitos contatos pessoais ou por telefone e fax para orientações sobre a reescrita. Às vezes, alguns autores já enviam uma carta autorizando a fazer todas as mudanças que forem necessárias. Nos contatos pessoais, os autores comparecem, às vezes trazendo fotos ou outros recursos e a equipe lê com eles o texto, mostrando “*o que eles têm que puxar mais*”. Depois faz-se a copidescagem de tudo,

mudando parágrafos de lugar, alterando pontuação, palavras, etc. Assim, a revista faz um trabalho de formação do escritor e, se muda muito, torna a enviar para o autor para que veja como ficou.

“Eu levo para casa, no outro dia eu telefono ‘olha, no seu artigo está faltando isso e vou te devolver’ , devolvo e ele manda para nós, às vezes precisa de outras mudanças, eu mudo e mando para ele de novo, às vezes ele tem tanto interesse de publicar o artigo que vem aqui, já teve gente que saiu do Rio veio aqui e sentou conosco o dia inteiro... (Vera)

Para a equipe essa é uma das poucas revistas que faz este tipo de trabalho e *“é mais difícil escrever esta revista aqui, do jeito que escrevemos, em que o autor é, ao mesmo tempo, o leitor e o professor que está na sala de aula, do que uma feita por jornalistas”*.

A justificativa para esta forma de trabalho encontra-se numa intenção clara da revista de *“manter o professor escrevendo”*.

De fato, os originais e suas sucessivas transformações, que me foram apresentados no momento da entrevista, demonstram o trabalho quase artesanal na produção da versão final. Esses manuscritos são guardados pela revista durante um ano, após a publicação, e podem se constituir num rico material para futuras pesquisas.

Tendo em vista que essa forma de trabalho da revista já é realizada há mais de trinta anos, o fato de recrutar autores nos meios educacionais em que esse tipo de produção não faz parte do conjunto de expectativas culturais, dá a esta publicação um caráter diferenciado e muito significativo, do ponto de vista da “escrita de professores” e que necessita ser aprofundado em pesquisas posteriores.

Os dados da **Dois Pontos** não permitem desvendar muito o processo de acompanhamento, talvez pelo fato de serem os artigos já encomendados. O editor esclareceu que todos os artigos têm que passar por ele, para uma aprovação e que, às vezes, entra em contato com o autor para mudar alguma coisa. Ou seja, ou se trabalha com autores “profissionais”, ou já se têm alguns fatores que possibilitam uma menor interferência do autor, tendo em vista serem vários textos de responsabilidade da redação da revista propriamente dita.

Na **Presença Pedagógica** a estratégia é dar uma resposta aos autores, dizendo que o artigo está em estudo, solicitando que aguardem uma resposta definitiva. Depois disso, volta-se a ler e a pensar se o artigo pode ser realmente publicado. Algumas alterações são feitas nos artigos originais, mas estas parecem não passar pela discussão com o autor. O depoimento abaixo, feito pela editora, revela que existem repercussões por causa dessas intervenções e a partir de algumas das posições da revista quanto a sua linha “textual” e seu estilo.

“As feministas reclamaram porque tiramos os alunos/as alunas, as professoras/os professores, mas acho que isso vai contra a economia da língua. A língua tende a dizer mais com menos palavras, e quanto melhor conseguirmos isso, há uma maior precisão. Isso é até uma expectativa do interlocutor: seja breve. Então por que você vai dizer as professoras e os professores se nós temos uma forma na Língua Portuguesa que é o masculino plural? Todo mundo sabe que esse masculino plural inclui o feminino, isso é uma história da língua que tem que ser respeitada, uma norma, um padrão escrito culto. Então é redundante colocar as professoras e os professores” (Graça Paulino)

Outras repercussões dão a dimensão das interferências feitas e do tipo de questionamento levantado pelos autores:

“Há questões ‘ah, você mudou o título do meu artigo!’ Aí eu falei ‘é claro você escreveu um título com três linhas!’ realmente um título de três linhas vai ter que ser abreviado, aí a pessoa já percebe a necessidade que houve. Às vezes altera-se um parágrafo que é muito redundante com relação ao outro, em que a pessoa repete o que já disse e, outras vezes, a própria sintaxe da frase com muita indefinição, muito hipérbato (...) às vezes a falta de uso de pronomes, repete o substantivo uma, duas, três, quatro vezes sem saber que o pronome existe na língua para substituir...” (Graça Paulino)

Sabe-se que o processo de transformação de um original num texto impresso indica que o primeiro passa por mudanças de diversa natureza, tanto gráficas quanto textuais. A observação sobre algumas dessas intervenções, no caso do que foi relatado nos trechos das entrevistas, pretende destacar o fato de estarem os editores lidando com escritores profissionais ou não, e um pouco da natureza da intervenção feita em cada caso. Tendo em vista que essa edição faz parte da produção de quase todos os impressos, em maior ou

menor grau, não se pretendeu marcar ou denunciar esses níveis de intervenção, na ilusão de que há um original perdido que indica uma autoria autêntica.

Se, na **AMAE Educando**, as questões referem-se tanto a algumas dimensões do conteúdo quanto aos fatores formais, na **Presença Pedagógica**, são os dados de revisão, comuns a qualquer trabalho de produção profissional e alguns referentes a fatores de legibilidade ou adequação a um tipo de leitor que falam mais alto. Na primeira revista, à tarefa editorial comum é acrescida uma outra, a de formar novos escritores. Na **Presença Pedagógica**, os exemplos de algumas reações dos autores para com a editora, demonstram que essas ocorrem em torno de algumas sutilezas e que, dependendo do caso, não são aceitas quaisquer intervenções. Entretanto, nenhuma das duas parece operar com princípios retóricos próprios de uma linguagem específica de revista, ou seja, em torno do estilo “magazine” ou em sua adequação ao tipo de suporte, mas a uma idéia de leitor.

AS FORMAS DE DISTRIBUIÇÃO, DE VENDA E DE CIRCULAÇÃO

Do ponto de vista da circulação, pode-se dizer, em relação ao livro didático, que esta ocorre por meio de sua divulgação junto aos professores e escolas pelas editoras, pela “posse”, por algum tempo, pelos alunos de escolas públicas, e pela compra e posse individual e permanente, por alunos de escolas particulares. O seu armazenamento por bibliotecas precisa ser investigado mas, a partir da observação de alguns acervos, pode-se deduzir que não é nas bibliotecas que esse material circula mais, visto que seu uso supõe uma continuidade e posse por tempo maior, a não ser quando este é usado somente para pesquisa. Pesquisas de cunho antropológico vêm indicando que esse tipo de material é parte integrante de bibliotecas particulares (Maria Lúcia Castanheira, 1991 e Marildes Marinho Miranda, 1991) em famílias de baixa renda.

Pelo contrário, nas bibliotecas institucionais, os livros de literatura e as revistas pedagógicas merecem destaque, em termos de localização nas estantes e tempo de armazenagem. Isso não significa que os acervos das bibliotecas contenham toda a produção - e isso torna-se um grande problema, quando se tenta inventariar a produção de

revistas - mas que o estatuto desse material, em termos de armazenamento, pode indicar maior tempo de permanência e de circulação.

Do ponto de vista da distribuição e venda do livro didático no Brasil, Kazumi Munakata (1997) indica que esta ocorre pelo menos de duas formas: por meio da venda em livrarias, para um mercado especial, que é o das escolas particulares, e mediante a venda para o Estado, que é o grande comprador, para as escolas públicas do País.

Os depoimentos de editores demonstram que a venda para as escolas particulares traz certas vantagens como a do preço, geralmente bem maior que o pago pelo Estado, e da possibilidade de fazer o livro consumível, visto que o livro torna-se posse do aluno e não terá que ser repassado para outros alunos, como nas escolas públicas.

A vantagem de ter o Estado como comprador resulta da possibilidade de, retirados os custos da produção inicial, vender um grande volume de exemplares, que podem ser fabricados contando, prioritariamente, com os custos da reprodução gráfica. Ou seja, paga-se uma vez para a produção do livro, mas, na reprodução, os gastos concentram-se em tinta e papel. Além dessa vantagem, a venda para o Estado produz um efeito de divulgação, visto que professores da rede pública podem ser potenciais compradores da rede particular, em caso de acumularem funções nas duas redes de ensino.

Essa produção, destinada às escolas públicas tem sofrido, nos últimos anos, uma série de regulações impostas pelo comprador Estado, a partir de uma política de avaliação de livros didáticos, por intermédio dos Planos Nacionais de Avaliação do Livro Didático. Essas normatizações abrangem desde conteúdos (conceituais e ideológicos) até fatores de legibilidade e tipográficos, além da necessidade de produção de materiais de apoio ao professor, como o manual didático. Esta série de regulações tem formulado um conjunto de princípios feitos fora das agências de produção, mas incorporados por elas, para efeito de venda e manutenção de mercado.

Outra especificidade presente nesse material é seu caráter de venda sazonal. É preciso, então, produzir um grande número ou fazer uma grande venda, que suporte uma lacuna de pelo menos um ano na entrada de capital. Talvez isso explique a grande diversificação das

empresas editoras, que procuram produzir também livros paradidáticos e de literatura (que possibilitam vendas durante todo o ano), além da diversificação da produção, com várias coleções de cada disciplina e produção destinada a vários graus de escolaridade: da pré-escola ao ensino superior. Pode-se supor, então, que quanto maior a editora e mais diversificada a produção, mais chances ela tem de manter-se no mercado. A esse respeito, é interessante pesquisar provável impacto das últimas regulações do MEC no fechamento de empresas editoras que concentram sua produção no livro didático.

Assim, é importante que a produção de revistas pelas editoras seja entendida no conjunto da produção das empresas editoras. A produção de cada um dos impressos, ou meios digitais diferenciados, pode estar funcionando como uma forma de complementação entre os públicos e entre os espaços e tempos de venda

Quais são especificidades da divulgação de material para a escola? A divulgação dos impressos como livro didático e livros de literatura infanto-juvenil passa pela visita de divulgadores às escolas, pela produção de catálogos das editoras, por listas de indicação ou pareceres dados por críticos e comissões ligadas a órgãos e associações relacionadas ao mundo livro e da edição, além da publicidade em outros suportes.

A divulgação de outras revistas, em geral, se faz pela visita de vendedores, por mala direta, por publicidade em vários suportes, pela sua própria exposição em bancas, entre outros meios. No caso das revistas pesquisadas, sua distribuição parece ser feita predominantemente por assinaturas e estas não são encontradas em bancas. Mas qual a posição dos editores sobre esta questão? E quanto à divulgação, como será feita?

Um dos recursos para divulgação é a publicidade que a revista faz de si mesma. Essa divulgação pode ser feita em outros suportes e exige recursos específicos para esse fim. A publicidade na própria revista parece criar um efeito relativo pois, se mantém para os seus leitores uma disposição para continuar adquirindo exemplares individuais ou renovação de assinaturas, não atinge novos leitores.

As entrevistas demonstram que são usados outros recursos. A **AMAE Educando** utiliza-se de folders, congressos e mala direta para professores. Como resultado da participação da

Associação em congressos, cursos e eventos e contato direto com professores e escolas, foi-se construindo um banco de dados com cadastro de instituições e leitores-professores. Segundo informações da equipe, o cadastro é bem vasto e outras instituições já procuraram a Associação para compra desses dados.

Até 1997 a Associação contava com uma distribuidora, que coordenava toda a parte de assinaturas. Essa distribuidora também utiliza a estratégia de exposição da revista em bancas de eventos produzidos por Secretarias de Educação. No momento, essa distribuidora ainda mantém quase cinco mil assinaturas, utilizando-se de cinco vendedores, mas o departamento de assinaturas da própria **AMAE Educando**, recém-criado, já controla em torno de quatro mil assinaturas. No entanto, parece que, do ponto de vista dos vendedores, não há uma estratégia mais eficiente para a venda de revistas, porque, segundo a equipe, estes preferem vender os cadernos especiais, que são re-edição de artigos já publicados nas revistas, compilados por área de conhecimento, que parecem ter mais saída que as revistas, visto dirigirem-se a leitores com interesses mais específicos.

A mesma dificuldade é apontada pela editora da **Presença Pedagógica** quando salienta que existem dificuldades quanto à especificidade da divulgação:

“A divulgação é muito mal feita, ela praticamente não é feita. Nós temos divulgadores didáticos da Editora Dimensão que fazem a divulgação da revista em escolas, mas eles são preparados para serem divulgadores de didáticos, são preparados para conversar com os professores sobre livros que serão lidos pelas crianças e não sobre publicações que serão lidas por eles professores. Então há aí este ponto de estrangulamento que é muito sério”.

A **AMAE Educando** tentou, em determinado momento, vender a revista em bancas, mas esta estratégia demandava um acompanhamento específico e a revista não possuía estrutura para distribuir e controlar bancas. A distribuição por assinaturas é que parece constituir-se na principal fonte de vendas.

Um fato relevante relaciona-se ao perfil de assinantes da **AMAE Educando**: a maioria é de escolas. Entretanto, outros dados permitem questionar, no momento atual, essa disposição individual de cada instituição, pois cresceu muito, nos dois últimos anos, a

compra de assinaturas por Secretarias Municipais de Educação. Esse fato pode ser explicado pela municipalização e descentralização de recursos e pela necessidade de cada secretaria de cuidar da formação continuada de professores. Como exemplo, secretarias municipais do Recife e Vitória compraram, no ano de 1998, entre 1000 e 500 assinaturas, cada uma delas. Ter o Estado como comprador, aproxima a revista da forma de venda de livros didáticos. Entretanto, no momento atual, a decisão sobre a compra de assinatura de revistas não passa por critérios tão explícitos

O sistema de assinaturas também parece garantir a distribuição da **Presença Pedagógica** e alguns distribuidores, que não são funcionários da Editora Dimensão, vêm trabalhando, por exemplo, nas escolas nordestinas e em Minas Gerais. Além disso, contam-se com outros distribuidores como um livreiro especializado em Educação, que leva a revista para eventos em outras universidades, em períodos específicos de cursos. Esta distribuição por livreiro é uma característica da revista **Presença Pedagógica** (a revista é exposta nas bancas do livreiro da Faculdade de Educação da UFMG, que distribui livros técnicos, científicos e de literatura). Isso significa que, no universo simbólico de obras especializadas e valorizadas como produções legítimas, faz-se presente a revista.

Entretanto, isso não resolve os problemas e a editora salienta que “ (...) *se fosse uma revista melhor divulgada, se fosse uma revista melhor distribuída, nós teríamos aumentado essa tiragem*”.

Se as duas revistas mantêm uma política de divulgação mais explícita, parece que a **Dois Pontos** não possui uma estratégia constante. Apesar do sistema de assinaturas, parece que a distribuição gratuita em escolas particulares, até há pouco tempo, tem garantido vários aspectos da divulgação. Segundo o editor, a aceitação é espontânea e nunca foi feito, de fato, um trabalho de divulgação da revista. Devido às constantes crises financeiras e a sua manutenção pelo Sistema Pitágoras, somente há três ou quatro anos sobrou uma verba, e esta foi utilizada para malas diretas que, segundo o editor, foram enviadas, aleatoriamente, por um meio que lhe forneceram. No momento, a revista tem buscado parcerias com uma editora especializada em revistas de Educação e almeja aumentar bastante o número de assinaturas.

A preocupação em acumular a tarefa de produção com a de distribuição foi, por um bom tempo, um dos complicadores da tarefa do editor da revista **Dois Pontos**. No momento da entrevista estava-se passando o controle administrativo e financeiro para uma central de distribuição, a mesma que distribui as apostilas do Pitágoras para todo o Brasil. Novamente constata-se que a passagem da responsabilidade de distribuição para uma agência encarregada de distribuir livros didáticos talvez não contribua para criar uma profissionalização na área específica de divulgação de revistas pedagógicas.

FATORES DE PROFISSIONALIZAÇÃO

Um dado marcante na produção editorial de livros didáticos é a profissionalização de seus agentes. Essa profissionalização apresenta-se na criação de associações de classe como o Sindicato Nacional de Editores de Livros, a Associação Brasileira de Autores de Livros Educativos, além da Câmara Brasileira de Livros, entidade que organiza a produção de livros em geral. Autores de livros didáticos têm uma organização específica e procuram dialogar com editores e entidades governamentais, ou seja, segmentos interessados nessa produção.

Além disso, o cumprimento de prazos, a preocupação com a qualidade gráfica e conceitual do material, bem como a pesquisa e a formação de um grupo de profissionais especializados na área pedagógica e editorial, vêm demonstrando uma profissionalização crescente do setor.

Ou melhor, há um grupo de profissionais que vivem da produção do livro didático, de literatura e paradidáticos e que se vêm especializando nessa área. Os autores que escrevem livros didáticos, tendem, a despeito da “baixa renda” advinda dos direitos autorais, a manter-se prioritariamente com a renda originária desse campo de produção. Além disso, editoras e autores vêm desempenhando papéis variados na formação de professores no País. Essas funções variam desde a produção de materiais didáticos, propriamente dita, até a formulação de cursos para professores que possam vir a utilizar o material didático produzido ou que já o utilizem (nesse caso, há uma modalidade de consultoria para o

acompanhamento da aplicação). Essas novas funções, apesar de nem sempre bem recebidas pelos autores, visto não serem uma fonte de renda, mas um trabalho a mais, estão fazendo parte do cotidiano desse segmento envolvido na produção do livro didático. Isso vem exigindo uma quase dedicação exclusiva à tarefa de escrever. Também os autores e ilustradores de livros de literatura infanto-juvenil parecem estar se profissionalizando. Isso indica que podem fazer dessa atividade a sua maior fonte de renda. Entretanto, apesar de algumas associações que congregam os profissionais ilustradores, muitos trabalham sob a forma de prestação de serviços para algumas editoras e, sem organização profissional mais forte que os represente, ficam sujeitos a pagamentos desiguais e encontram-se em situação complexa para cobrança de direitos autorais, segundo advogados autoralistas.(Maria da Conceição Carvalho, 1993).

Por outro lado, autores de revistas não mantêm nenhum vínculo mais estreito com as editoras. Escrevem artigos, mas não têm um compromisso de continuidade de produção. Ou seja, nem sempre se tornam presença constante nas revistas. A esse respeito é interessante que se verifique um conjunto de colaboradores fixos da revista **Dois Pontos** como Guido de Almeida, Frei Betto, Paulo Volker, além dos repórteres. Quais seriam suas relações contratuais com a revista? Os dados da entrevista permitem concluir que é, talvez, na determinação da linha editorial, mais que nas relações contratuais que se faz mais presente a posição desse conjunto de colaboradores quase fixos. Na análise dos autores presentes nas revistas **AMAE Educando** e **Presença Pedagógica**, em 1997/1998, não foi percebida recorrência, em termos de colaboradores/escritores fixos.

Tendo em vista a presença de autores oriundos das instituições de ensino superior, de forma predominante na revista **Presença Pedagógica** e, em menor escala, na revista **Dois Pontos**, talvez a profissionalização do autor de artigos de revistas possa ser entendida no conjunto de tarefas/funções de escrita que lhe são cobradas, caso pertençam a instituições acadêmicas. Assim, pode-se dizer que faz parte das atividades profissionais produzir artigos e livros. Esses professores encontram-se em processo de qualificação permanente para escrevê-los, e são cobrados por isso, visto que a qualidade de sua produção é julgada por seus pares, pelo menos semestralmente, no caso de universidades públicas.

De outra forma, percebe-se, na revista **Dois Pontos** e na **Presença Pedagógica**, algum tipo de relação contratual, tendo em vista que existe um *pró-labore* pago aos autores após a aceitação de seus artigos. Na comparação entre os profissionais nessas “relações contratuais”, fica evidente a diferenciação que se faz entre o pagamento de autores e ilustradores pela revista **Presença Pedagógica**: os ilustradores recebiam, até 1998, cerca de seis vezes mais que o autor pela ilustração da revista e, geralmente, repetem-se os mesmos ilustradores, em todos os números, de forma recorrente.

Um fato que precisa ser ressaltado, nessas relações em geral, diz respeito à forma encontrada para se dirigir aos possíveis escritores nas revistas, no texto que apresenta as normas de publicação: são normas “*de colaboração*” e os autores são “*colaboradores*”. Vê-se, portanto, que o estatuto de autor nas revistas pedagógicas é bastante diferenciado dos outros estatutos de autor apreendidos na produção de livros didáticos, paradidáticos e de literatura. Nesse contexto, soaria bem estranho se um autor denominasse a si mesmo autor de revista. Parece que isso não cabe no enquadramento cultural relativo às práticas editoriais desse tipo de suporte.

Entretanto há alguns elementos que possibilitam perceber algumas das relações específicas das agências editoras com seus autores.

Na revista **AMAE Educando** há uma preocupação com os aspectos legais da produção, evidenciada na seguinte prática: “*Depois da pauta de reunião entramos em contato com todos os autores, mandamos um termo de concessão de direitos autorais para eles assinarem. Se mandam fotos, tem que assinar cedendo fotos.*” Além disso, trabalha-se com uma organização que permite ao autor, quando este telefona para saber como anda a apreciação de seu texto, informar-se a respeito do processo de avaliação. Um comentário da equipe dessa revista, sobre o tipo de trabalho que chega à redação, demonstra uma certa especificidade da relação com certo tipo de autores: houve uma época em que eram muito procurados com monografias e recebiam vários telefonemas pressionando – porque o pretendente precisava de títulos de publicação para melhoria do currículo. Por isso, nas normas de publicação consta a recusa a monografias (quando se trata de questões muito relevantes sugere-se que o autor reescreva em outra linguagem e com poucas páginas.)

Existe então uma forma de organização contratual que não é a de pagamento, mas de uma prestação de contas para o leitor sobre a publicação – este é informado sobre o número e em que época o texto será publicado - e medidas legais de garantia. Em termos de pagamento, há uma estratégia simbólica que se realiza quando a revista envia para o autor cinco exemplares do número em que saiu publicado o artigo. Entretanto, não se dá por resolvida essa questão, apenas com estratégias legais, e criou-se uma forma de sociabilidade diferente em torno da autoria: o “*Café de autores.*”

A revista faz um café de conagração reunindo todos os autores de um determinado número e eles vêm de estados diferentes do País, somente para esta cerimônia. É um evento com carga emocional muito forte porque várias pessoas choram muito, ao se colocarem no lugar de autores. A equipe de edição conta da emoção que envolve determinados autores quando vêm, por exemplo, numa capa, uma reprodução de desenho de um aluno seu, pertencente às camadas mais pobres.

Segundo equipe da **AMAE Educando** sempre tem autor passando por lá. De certa forma, o prédio da editora é também um lugar de circulação e convívio. Também a emoção no “*Café de Autores*” foi justificada da seguinte forma pela equipe entrevistada:

“Você sabe por que elas ficam emocionadas? Porque elas não são profissionais no assunto. A **Presença Pedagógica**, é por gente que já está acostumada a escrever e ver um artigo editado, um livro editado. Essa aqui por exemplo, nunca escreveu para uma revista.. (Vera).

“... E sai o nome dela, porque na **Nova Escola** sai citado que é a professora tal que fez mas ela não vem como autora. Às vezes não sobrou quase nada do que ela escreveu.” (Célia)

Assim, os autores dessa revista não são como escritores profissionais, para quem uma publicação a mais ou a menos não causa impacto. Esses últimos já estão acostumados a isso. Talvez faça parte do *habitus* de escritor não se surpreender com seu texto impresso.

Os dados coletados não permitem verificar outras formas de relacionamento com os autores, realizados pelas outras duas revistas. Confirmaram-se alguns contatos iniciais com

os autores, como a carta enviada para assinatura de contrato de prestação de serviço, na **Presença Pedagógica**, e o pagamento de *pro-labore* na **Dois Pontos**. Um dado deve ser ressaltado: já que uma parte dos autores da **Dois Pontos** é, segundo o editor, uma “turma cativa”, talvez se possa esperar que esses tenham uma relação mais aproximada com a revista ou com a equipe. Não se pode esperar o mesmo da **Presença Pedagógica**, que mantém uma relação profissional mais distanciada.

A PUBLICIDADE

Conforme discussões sobre a produção, evidenciadas por Jean-Marie Charon (1999), e sobre o funcionamento do campo do jornalismo, realizadas por Pierre Bourdieu (1994), pode-se concluir que uso da publicidade em periódicos, em geral, não só se constitui numa grande fonte de renda mas se apresenta como um fator importante de estruturação do campo da produção, assim como da fabricação do produto.

Como fator de estruturação do campo, os estudos de Pierre Bourdieu ressaltam que a própria existência de um periódico depende dos subsídios financeiros advindos dos anunciantes. Assim, muitos periódicos sofrem pressões dos anunciantes e isto condiciona alguns dos jogos que se dão no interior do campo do jornalismo. Como exemplo, pode-se dizer que, para a criação de novos periódicos, pesam, pelo menos, dois fatores: a possibilidade de conseguir compradores ou assinantes e a capacidade de conquistar anunciantes. Dessa forma, é preciso conjugar dois tipos de perfis, em torno do mesmo interesse: o dos anunciantes, que desejam atingir determinado perfil de leitores e o de determinados tipos de leitores, que podem “desejar” consumir determinados tipos de produtos.

As revistas, em geral, são muito diversificadas quanto aos temas de que tratam e podem atender a públicos segmentados, como por exemplo, o de mulheres, o de velhos, crianças, jovens, grupos religiosos, aos aficionados por esportes, por viagens, por veículos, por hábitos como jardinagem, entre outros. Assim estas podem operar com um mesmo público, mas também tematizar e segmentar seus interesses. Como exemplo, podem-se citar as revistas femininas, que tanto podem ser generalistas quanto temáticas, quando enfocam questões específicas como saúde, cozinha, decoração, trabalhos manuais, etc. Essas

características possibilitam aos anunciantes saber, do ponto-de-vista sociocultural e econômico, com quais interesses e desejos de consumo determinados públicos podem se identificar, quando se trata de um periódico geral, como as grandes revistas de informação dirigidas a determinados camadas sociais ou, ao contrário, quais são os produtos específicos que podem ser anunciados em revistas dirigidas a públicos muito segmentados, como é o caso do anúncio de cosméticos para as revistas femininas.

Para a compreensão da influência da publicidade na produção de cada uma das revistas, propriamente ditas, os estudos de Jean- Marie Charon indicam que esta pode ser um elemento presente na fabricação do produto e que pode existir uma forte relação, no momento da produção, entre os redatores-chefe, os jornalistas e os publicitários, que acabam interferindo no conteúdo final de cada periódico. Assim, existem relações de segmentação, de continuidade ou de contigüidade, nas próprias páginas, e entre as páginas de publicidade e de notícias ou de artigos, que são construídas com base no conhecimento dos temas tratados pela revista, naquele número, e que são resultado de trabalhos de gráficos e ilustradores que, ao fazerem seu trabalho de publicidade, podem estar buscando dar um efeito de continuidade entre o conteúdo da revista e o texto publicitário, propriamente dito.

No caso das revistas de educação investigadas, quais seriam os fatores advindos da proposta editorial e que outros fatores poderiam explicar o funcionamento da publicidade em seu interior? Constatou-se que o lugar da publicidade é reduzido no interior das revistas. Resta indagar também se esta “opção” das revistas é ligada a posturas ideológicas, ou ao fato de estas não terem um setor comercial ou de *marketing* desenvolvido. Dados de entrevistas com os editores demonstram que existem problemas ligados à profissionalização no campo da edição, mas também opções ideológicas.

Para a editora de **AMAE Educando** existe uma posição da revista quanto a algum tipo de publicidade, como a dos livros didáticos, por exemplo. Para esta revista há um reconhecimento de que é preciso captar alguma publicidade, mas foi relatado que, quando o nome de uma cartilha apareceu, como uma publicidade paga na revista, as vendas deste livro didático aumentaram de forma alarmante e que a opção por não trabalhar com este tipo de publicidade – a de livros didáticos – é por este motivo. Naquele momento, parece que o anúncio foi confundido com a posição da revista sobre as cartilhas: “*na época o*

pessoal achou que, como estava na revista, estávamos indicando a cartilha e depois tivemos que explicar o fato num encontro.” Isso também demonstra o poder de formação de leitores desta revista.

Para a revista **Dois Pontos**, houve uma época em que não se queria publicidade, porque *“teria que se escolher muito bem quem iria fazer publicidade, que fosse idôneo, que fosse ligado à área de Educação”* mas depois decidiu-se que sim e, segundo o editor, de forma amadorística, *“feito de supetão, do tipo ‘anuncia aqui’*, mas acrescenta:

“(…) mas isso nunca se deu. Os anúncios que tem saído são da própria instituição ou em parceria nos congressos. Por exemplo, o Banco Bandeirantes e outros bancos contribuíram na realização do Congresso. Em contrapartida, foi dado o lugar da publicidade.”
(Fernando Caramuru)

De fato, uma revista pedagógica somente é legítima, para determinados tipos de leitores, se ela se mostra mais interessada pelos valores e jogos políticos e sociais da educação que pelo comércio da educação. É talvez por isso que a publicidade, mesmo nas revistas mais comerciais, ainda se apresenta discreta.

Entretanto, parece que também problemas profissionais podem explicar a quase ausência de publicidade. Alguns fatores podem ser determinados pela existência ou não de profissionais especializados na captação e produção da publicidade em cada revista:

“Uma vez havia até um rapaz que trabalhava para nós. A gente pensa que é também por ser uma revista de educação que é difícil pegar publicidade mas não é só por isso não, é porque nos falta um departamento organizado para captar publicidade, porque eu tenho a impressão que se tiver... tanto que a nossa idéia agora é montar um departamento desse tipo. Eu tenho a impressão que se montar um departamento desse tipo, ainda que seja uma revista de educação, que é difícil vender - a gente sabe que é - conseguiremos algumas publicidades. Porque a maior parte das que conseguimos aqui é por telefone, eles telefonam e nós...” (Vera)

A equipe da **AMAE Educando** também esclareceu que não existem captadores de publicidade porque a equipe é pequena e que, muitas vezes, a própria equipe de redação tentou produzir as propagandas.

Também a editora de **Presença Pedagógica** apresenta dados que vão corroborar uma certa ausência de profissionalização neste setor:

“A publicidade na revista nunca foi assumida também por um profissional verdadeiramente da área. Nós apenas colocamos aqui, como contato para publicidade, o nome da secretária da revista não é uma profissional da área. Nós tentamos assim, amadoristicamente, ver se a revista sobrevivia através de anúncios publicados, mas como não foi feito de maneira profissional, sistemática... realmente você tem alguns anúncios aparecendo na revista, como os anúncios da Dimensão, mas eles não são considerados anúncios estranhos e não são captados como recursos da revista”. (Graça Paulino)

Mas parece que o problema não é só esse; as características do público são, talvez, outro determinante. Ao que tudo indica, pensar ou “dar” aos anunciantes as características do público comprador é uma das principais condições para se conseguirem anunciantes, conforme ressaltou um membro da equipe da **AMAE Educando**:

“É difícil porque eles acham que o nosso público é muito específico. É uma publicidade quase que de editora ou coisa assim, e também tem o caso de que não é um público só de Belo Horizonte, é um público muito eclético e do Brasil inteiro. Então você vê que não é fácil também dar as características do público. São professores, mas são professores que não são só daqui de Belo Horizonte, não são só de Minas Gerais..” (Célia).

Como fugir de determinados imperativos da publicidade e manter-se no mercado? Uma alternativa seria a de conseguir a manutenção pela via apenas de assinantes, mas a revista **AMAE Educando**, por exemplo, busca uma forma de captação, que se parece com uma estratégia já usada por outros periódicos europeus, conforme relatou Jean-Marie Charon(1999). Uma delas pode ser a busca de financiamento de algumas reportagens por algumas empresas, outra, a publicação de encartes informativos produzidos por determinada empresa, como é o caso dos *publi-fiche* da revista pedagógica francesa **JDI (Journal des Instituteurs et des Institutrices)**. Dessa forma, a revista **AMAE Educando** tem feito algumas parcerias com empresas que produzem textos totalmente independentes do conteúdo de redação da revista, mas voltados para temáticas que interessam aos

educadores. Dessa forma, os encartes sobre meio-ambiente, sobre mineração, de algumas empresas, por exemplo, são produzidos sob encomenda a algum redator e entram como “matéria paga” enquanto durar um contrato de parceria. Para a comissão editorial esse é um recurso que muito tem ajudado a revista, desde que se consigam contratos dessa natureza.

Pode-se dizer que falta investimento no setor da publicidade, como uma forma de arcaísmo comercial, num momento em que todas as três revistas encontram problemas para a sua manutenção. Dessa forma, mesmo quando conseguem enfrentar o problema de outra forma, elas não escapam a alguns dos imperativos próprios do campo editorial de revistas contemporâneas que se mantêm mais pelo recursos de anunciantes do que pela venda de assinaturas. Assim, é cada vez mais difícil que um periódico se mantenha apenas pelo sistema de assinaturas.

Pode-se dizer que determinadas posições, ideológicas ou econômicas, explicam os fatores de tratamento da publicidade das revistas e estas podem estar reforçando, simbolicamente, a adequação a um tipo de leitor, o professor, que talvez pense que a legitimidade de uma revista de educação se baseia na ausência de contratos comerciais e de apelos de consumo. Dessa forma, as editoras podem ser vistas nos dilemas existentes, quando se faz uma opção por um pólo cultural, conforme salienta Pierre Bourdieu (1994), ao apresentar uma certa classificação, dentro do campo editorial, entre as publicações voltadas para pólo comercial ou para o pólo cultural.

ALGUNS FATORES DE COMPOSIÇÃO

Usando, para a revista, algumas categorias do livro, pode-se destacar, como esclarecedor, o texto do consultor gráfico Sergio Rossi, retirado do livro organizado por Cláudio Ferlauto e Heloísa Jahn (1998): “*o livro tem a múltipla função de servir de objeto de estudo, de objeto de lazer e de objeto de arte. Conforme o enfoque, é necessário um diferente critério na escolha da tipologia, do papel, das ilustrações, da diagramação, da encadernação*” (p. 84)

As diversas revistas que circulam atualmente vêm passando por reformas gráficas, em tempos cada vez mais curtos, tendo em vista que a tecnologia de produção permite agilidade, rapidez de fabricação e diversos recursos de manipulação. Os projetos gráficos permitem que se crie um estilo, um “ambiente”, com o qual o leitor se identifica ou busca reconhecimento. Os recursos de composição são, também, recursos expressivos e a mistura de texto, grafismo, ilustração e fotos produz relações de contigüidade, de continuidade ou ruptura, que criam novos significados.

A decisão sobre alguns fatores de composição advém de critérios estéticos, pragmáticos, de legibilidade, entre outros, e constitui-se numa área interdisciplinar em que podem atuar capistas, designers gráficos, ilustradores, diagramadores, dentre vários outros profissionais. Tudo leva a crer que, quanto mais especializada ou poderosa é uma empresa editora, mais se profissionaliza nesse sentido. Apesar de serem funções exercidas por diferentes profissionais, parece que um deles deve acompanhar essas diferentes construções, que vão gerar o projeto gráfico final: o editor.

E as revistas de educação, será que podem contar com recursos e com sofisticação em seu projeto gráfico? Neste tópico, pretende-se recuperar, de forma breve, alguns elementos que explicariam essa perspectiva da produção.

As formas de construção das capas são um dos elementos que podem indicar os níveis de envolvimento da equipe.

A revista **AMAE Educando** trabalha com uma forma mais ou menos fixa na criação das capas. O critério mais forte, na escolha dos recursos, é o de que o autor escolhido para constar como matéria de capa envie exemplos do trabalho dos alunos ou fotografia. Quando o autor não dispõe de recursos que possam ajudar na confecção da capa, o diagramador faz uma fotografia no local, quando se trata de artigo proveniente de Belo Horizonte. Somente após estas opções é que se trabalham com outros recursos.

Pode-se dizer que, na maioria das vezes, a capa cumpre a função informativa e de documentação, mais do que artística ou expressiva. Assim, explica-se que a produção possa ser, quase sempre, determinada por uma equipe não especializada em artes ou *design* gráfico.

Com relação à organização das páginas internas, como a maioria dos recursos utilizados é solicitada ao professor e já se encontra anexada aos textos, é a equipe de edição, composta pela editora e mais duas pessoas, se que reúne com o diagramador para propor soluções. Quando as matérias são apresentadas ao diagramador, em reunião da equipe, muitas vezes a editora já desenvolveu um pré-projeto, sugerindo onde se encaixam boxes em cada página.

Existe uma proposta de que a ilustradora, contratada pela equipe, ilustre somente uma seção fixa, que é o encarte “Conte um conto”. Somente quando não existem outros recursos para o restante dos textos, é que se aciona o ilustrador, a fim de que as páginas não fiquem muito pesadas.

O trabalho dessa equipe permite verificar a influência da editora na construção das capas e das páginas internas. Nota-se que são acumuladas funções como, por exemplo, a do diagramador, que também faz fotografias; e da editora, que cuida da diagramação.

Esse trabalho, de caráter mais artesanal ou menos profissionalizado, talvez ocorra, não por opção, mas pela dificuldade em contratar profissionais específicos. Em entrevista, a editora elogiou a estética da revista **Presença Pedagógica**, ressaltando a beleza das ilustrações, da diagramação, do papel.³³

A revista **Dois Pontos** busca construir capas mediante outros princípios. Segundo o editor é escolhido um artista e “*discuto com ele e deixo que sua sensibilidade estética ou filosófica fale mais alto*”. Ainda assim, ressalta que, às vezes, devolve a capa, discute com o artista, avaliando e questionando, em função de um conhecimento, que o artista não possui, sobre o todo e sobre o público da revista, que o editor pode acrescentar.

Depoimentos do editor confirmam que a capa da revista merece um investimento específico, cumprindo uma função expressiva, ligada a determinado tema ou contexto, mas como uma linguagem quase independente, ou seja, uma nova linguagem. Assim, mesmo com a participação do editor, a sua criação é designada a um “artista”.

³³ A partir de setembro de 1999 a revista AMAE Educando passa a utilizar um papel mais liso e brilhante, de melhor qualidade que realça melhor as cores e outros recursos gráficos. Também algumas capas passam a ser compostas mediante recursos de manipulação utilizados em programas como *photoshop*, por exemplo.

Quanto aos outros recursos utilizados, tais como papel e diagramação das páginas, parece que houve mudanças, advindas da crise financeira. Segundo o editor, a partir do número quinze, a revista passou a ser impressa em papel “*couchê, de alta gramatura interna e externa*”; mas, com o encarecimento do papel, foi preciso voltar a utilizar um outro tipo. O projeto gráfico, que havia sido encomendado, foi mantido e, em 1997, foi alterado, mas mantendo-se a mesma profissional responsável pelo primeiro. Assim, segue-se o padrão de margens, de tipo de letra, etc.

Sobre o uso de fotografias, há uma norma: a de que sejam usadas apenas para reportagens e relatos de experiência. Ao contrário da **AMAE Educando**, só raramente são usadas fotos de quem relata a experiência e, normalmente, contrata-se um repórter fotográfico para produzi-las.

Quanto ao uso de ilustrações, destaca-se, na revista, um ilustrador fixo, que cuida da seção de humor. Segundo o editor, o ilustrador Afo lê um ou dois artigos mais representativos sobre um tema, para produzir a terceira capa.

Os dados demonstram que há um projeto e preferências estéticas, além de posturas quanto à importância de outra linguagem, mas o editor salienta que fica à mercê dos recursos existentes. O trecho abaixo representa seus dilemas em torno da questão:

“Sou eu, como editor, que determino a utilização dos recursos de ilustração, mas fico muito à mercê da verba que temos. Porque a ilustração, se você pega uma Mirela, uma Andréa, elas cobram hoje, por uma ilustração, uns cinquenta e cinco a sessenta reais, por cada ilustração, qualquer que seja o tamanho, entendeu? E, às vezes, eu normalmente coloco num artigo, mas gostaria que todos os nossos artigos tivessem ilustração, uma ilustração feita exclusivamente para o artigo, interpretado pelo olhar artístico de quem fez a ilustração. É... ultimamente isso tem sido feito até pelo funcionário do computador da própria gráfica, quando a gente fecha o pacote. Mas eu quero voltar a fazer melhor... se fizer parceria com essa editora de São Paulo, quero também que haja uma ilustração de conformidade com o conteúdo, com a mensagem do texto, na interpretação de quem fez a ilustração. Não é porque o editor vai falar... "Sinta assim ou faça assim..." Eu quero essa diversidade também.” (Fernando Caramuru)

Um fato relevante, evidenciado neste depoimento, é o de que os novos recursos tecnológicos de composição possibilitam que outros profissionais de uma área técnica, e não da área artística, assumam algumas funções antes delegadas a profissionais específicos. Essas mudanças no ambiente tecnológico e sua interferência na contratação de profissionais tem ameaçado o campo profissional dos *designers*. No livro de Cláudio Ferlauto e Heloísa Jahn (1998) ressalta-se que, com o desenvolvimento tecnológico, muitas vezes, no mercado, confunde-se e não se identifica “*a diferença entre o que é design e o que é um simples arranjo decorativo de imagens e letras*”. Essa não parece ser uma confusão feita pelo editor acima citado.

Apesar de problemas relacionados a recursos, a revista **Dois Pontos** trabalha com seu projeto gráfico de forma mais explícita e, como na **AMAE Educando**, o editor acompanha, detalhe por detalhe, a construção dos recursos de composição, antes da definição final de cada número. Mesmo com um projeto gráfico mais definido, o tempo entre as decisões iniciais e a finalização de cada revista parece ser um grande vilão e “*deixamos passar coisas de que não gostamos muito*”

Sobre a definição do projeto gráfico de **Presença Pedagógica** a editora esclareceu que, quando assumiu a revista, em seu segundo ano, o projeto gráfico já estava feito por Lúcia Helena de Assis. O projeto previa, então, uma página de abertura com ilustração, ocupando a página inteira e ilustrações menores no decorrer do texto.

Seu depoimento sobre as características da intervenção editorial na construção dos recursos de ilustração demonstra algumas dificuldades encontradas na execução do projeto, em função do perfil de ilustradores:

“Essas ilustrações menores nós encomendamos, lembrando aos ilustradores que não é uma revista para crianças, é uma revista para professores, para pedagogos, para educadores em geral, e que eles não devem ilustrar como ilustram livro infantil. Mas são ilustradores de livros para crianças, para jovens, porque não existem ilustradores de livros para adultos e eles trazem de alguma maneira esse ranço de produzir para criança. Nós temos grandes ilustradores que já trabalharam na revista, temos todo tipo de trabalho aqui. Normalmente eles têm um prazo muito bem definido, de uma semana, e não são todos os ilustradores que aceitam trabalhar com esse prazo, alguns não gostam desse tipo de encomenda em que se tem uma semana e pronto; e nós não podemos deixar a revista atrasar por causa dos ilustradores, às vezes ela se atrasa um pouco por causa dos autores mas nunca deixa de sair no segundo mês do bimestre. (Graça Paulino)

A proposta editorial sobre as ilustrações, explicitada pela editora, permite concluir que existe, também nesta revista, um projeto claro, que considera a ilustração como uma forma de linguagem não verbal, que cumpre funções diferenciadas e ainda mais conceitual que o das anteriores:

“Eu acho que primeiro a ilustração faz variar o olhar que o leitor está tendo sobre o texto escrito, então ele tem um momento de prazer visual, como se fosse um descanso do texto verbal para os olhos. Ele pode viajar num outro tipo de linguagem, que também dá uma certa imponência ao texto escrito. Nós demonstramos a importância que o texto escrito está tendo pelo espaço dedicado à própria ilustração de abertura dele. A ilustração é, claro, objeto de reflexão da área de imagens e linguagem visual, mas muitas vezes pedimos que sejam trocadas. Nós temos casos, como o de artigos sobre alfabetização, em que os ilustradores não conhecem contribuições, por exemplo, de Emília Ferreiro. Eles não têm informação sobre a evolução dos métodos de alfabetização nos últimos anos; então eles acham que ainda é silabando, que ainda é ‘a, e, i, o, u’, que a fórmula é essa, então eles colocam demais letras soltas nessas ilustrações e sempre tem-se que ficar chamando a atenção para o equívoco metodológico.” (Graça Paulino)

Assim, parece tornar-se necessário, para os editores, fazer com que a ilustração passe por um processo de edição, em função de sua relação mais ou menos positiva com as

concepções de educação em determinado momento. Em decorrência dessas relações com o conteúdo propriamente dito, a ilustração, às vezes, é refeita várias vezes.

Esse parece ser um processo um pouco contraditório, tendo em vista que uma interpretação artística nem sempre coincide com os conhecimentos sobre a área de educação. Os ilustradores operam com outras lógicas e trabalham em outras áreas profissionais. Mesmo assim, parece que existem profissionais que respondem de forma mais direta às expectativas da revista:

“Eu acredito que a ilustração é argumentativa quando acrescenta algo ao texto escrito. Normalmente eu não gosto de ilustração que apenas repete o texto escrito, mas há os ilustradores que fazem isso... Acho que um Robson Araújo, um Cláudio Martins, a Ana Raquel, quer dizer, nós temos grandes ilustradores na revista – e eu não estou querendo deixar de citar outros grandes que, são muitos - acrescentam algo ao texto, eles dialogam com o texto e não repetem o que está sendo dito verbalmente.” (Graça Paulino)

RELAÇÃO DOS EDITORES E DAS REVISTAS COM AS EMPRESAS EDITORAS E COM OUTRAS REVISTAS E EDITORAS

A interferência do tipo de formação, das formas de recrutamento e da autonomia dos editores frente às suas editoras sobre o produto final, já foram apontadas nos estudos de Michael Apple (1995), como fatores determinantes das escolhas editoriais para livros didáticos. Dessa forma, também no caso das revistas de educação, é necessário fazer uma breve discussão sobre a forma de ligação dos profissionais com as editoras, que podem demonstrar graus diferenciados de autonomia, dilemas editoriais, ou ligação com alguns dos interesses globais de cada instituição.

A editora da **AMAE Educando** trabalha com exclusividade para a revista, mas dentro de um contexto maior da Fundação Amae para a Cultura. Em entrevista ressalta-se o seu lugar de “porta-voz” da instituição e algumas das ligações que se tornam necessárias no exercício de algumas das escolhas:

“Nós temos autonomia aqui, mas procuramos ter ligação com os cursos e com a escola, porque, por exemplo, relato de experiências da escola é publicado aqui, os cursos também. Vamos aos cursos sempre, falamos sobre a revista e pedimos artigos, conversamos... Procuramos ter esse entrosamento, tanto a escola procura ter entrosamento com a revista e os cursos como nós também buscamos entrosamento. Isso é muito importante para nós.” (Vera)

E no impresso, o que aparece além de certas temáticas e relatos publicados pela via da Fundação? São noticiados alguns eventos promovidos pela instituição, posses da diretoria, divulgação de congresso como motivo de capa, propagandas. Na entrevista, ressaltou-se que o órgão de divulgação da Fundação é a revista. Esta é o carro-chefe financeiro e simbólico da Fundação e, comparada à receita de cursos, congressos, revistas e coletâneas, a revista tem um peso bem grande. É ela que determina mais a Associação e não o contrário. Por conseguinte, a editora deve sofrer menos constrangimentos quanto ao seu trabalho. Dessa forma, pode-se concluir que o fato de trabalhar neste contexto dá à editora e aos membros que com ela partilham a edição, uma autonomia maior.

O editor da **Dois Pontos** trabalha exclusivamente para a instituição, na área de projetos, e a revista ocupa parte de seu tempo de trabalho. Entretanto, por maiores ligações que as suas escolhas editoriais possam ter com esse pertencimento, há um certo grau de autonomia, demonstrado na seguinte afirmação:

“A revista busca formação, não é uma revista noticiosa, com predominância informativa. Como eu não gosto de forma, eu também não gosto de dizer que busco formação. A revista busca um despertamento e você vai pensar: ‘Mas como instituição neoliberal, o Pitágoras, vai admitir isso?’. Olha, eles sempre admitiram. Nunca sofri uma censura, tá? Uma vez eu convidei para escrever uma professora que tinha defendido uma tese contra o neoliberalismo. No artigo, ela combateu o neoliberalismo, sobremaneira de gerência de qualidade total, e foi quando exatamente o Pitágoras estava implantando esse sistema e nunca ninguém me chamou atenção, às vezes... (Fernando Caramuru)

Entretanto, do ponto de vista financeiro, quem criou e quem financia a revista é o Pitágoras e, até o ano de 1998, essa era distribuída gratuitamente para todos os professores. Tais

questões podem determinar os rumos da revista **Dois Pontos**, mais que na **AMAE Educando**.

Apesar de um grau de autonomia, o clima em que é feita a revista sofre influências deste patrocínio

“Olha, de repente a revista **Dois Pontos** ficou sem que, dentro do Pitágoras, se pudesse e quisesse patrocinar. De repente se exigiu da **Dois Pontos** que não vigorasse mais. E eu falei... ‘Bom, o que eu vou fazer, fecha, não é?’ E o diretores reclamaram porque eu não enviei mais a revista no período, diretores das escolas. (Fernando Caramuru)

A seguir, leu a seguinte carta, enviada aos diretores, na época em que a revista fez 15 anos e passou por mais uma crise:

“Prezado diretor, a revista **Dois Pontos** teoria e prática em educação, em seus quinze anos de existência, está passando por crises próprias da idade de adolescente, preocupação extrema com as questões de vida e morte, dúvidas relativas a própria filiação, distúrbios de identidade, tempestades e tormentas, rápidas transformações somáticas e psíquicas.

Exatamente no momento de fazê-la debutar no usufruto maior da sociedade Pitagoriana, as forças das circunstâncias já vieram e determinaram sua estréia precocíssima, nos meandros do climatério. Ela está terminantemente proibida de operar em vermelho. Depauperada de receitas, acomete-se de anemia perniciosa, que agiganta sua crise existencial, tornado-a passível de morte súbita.

Contudo com seus atributos estéticos e filosóficos, teóricos e práticos, sua energia concentrada de instigação de novas conquistas, as libertações dos jugos e da mesmice e da mediocridade a fazem desabrochar para o futuro cada vez melhor. Os traços de sua personalidade marcante fazem dela promissora, portanto querida, portanto amada, portanto necessária. Sabendo ser você, um dos nossos admiradores a **Dois Pontos** pede-lhe ajuda, compre sua assinatura com cinquenta por cento de desconto. Para o seu deleite vai junto outro exemplar primeiro número de noventa e oito.”

Para o editor, a revista ainda não parou de circular por determinação do presidente da rede, Evando Neiva, que é seu fundador. Entretanto, quando a situação fica apertada, ela fica ameaçada. Ressaltando, que “*não existe almoço de graça*” esclareceu que a revista acaba cumprindo uma missão institucional, daí servir para publicação de anais do congresso do Pitágoras. Entretanto, destacou que ela pouco faz nesse sentido e, até o início de 1999, o nome do Pitágoras não era claramente explicitado como órgão financiador, no expediente.

Desde a sua fundação, a revista procurou ter independência e autonomia, mas “*conforme as circunstâncias, as coisas vão e vêm*”. Uma das exigências da instituição, no início de 1999, era a de que a revista se mantivesse financeiramente: “*não precisa ter lucro, mas não pode funcionar no vermelho*”.

Assim, vê-se que a instituição acaba produzindo constrangimentos ao trabalho do editor, não por intervenção nos conteúdos, mas por controle financeiro. No momento da entrevista, o editor buscava estratégias de parcerias, patrocínio, ampliação do perfil de leitores para também atingir familiares e alunos. Pretendia, também, fazer com que a revista pudesse circular por eventos esportivos e culturais realizados pelo sistema, como forma de interessar o campo da publicidade.

A editora de **Presença Pedagógica** trabalha como editora da revista, entre outras atividades acadêmicas, que desempenha em instituição universitária federal. Do ponto de vista administrativo, a revista contava, até 1999, com sala própria e com uma secretária específica que, às vezes, prestava serviço a outras atividades da editora. O depoimento abaixo permite evidenciar que, como na **Dois Pontos**, os constrangimentos ocorrem mais por questões financeiras do que ideológicas:

“Nós temos autonomia e, de vez em quando há uma interferência mais direta, essas interferências mais diretas ocorrem muito em finais de ano e início de ano, porque foi criado um sistema de assinaturas de ano a ano, de janeiro a dezembro. Daí, de repente, todas as assinaturas acabam, todas têm que ser renovadas. Eu sempre tentei fazer com que não acontecesse assim, com que a pessoa pudesse assinar seis números independentemente de uma determinação do começo, mas o próprio programa de computação que era usado não permitia, havia empecilhos, isso agora já é possível. Mas nós temos o problema dos custos. A revista funciona como um cartão de visita para a Editora Dimensão, para mostrar o interesse da editora em educação, mas ela é uma revista que não cobre os próprios custos, isso sempre pesa contra a revista e, volta e meia, se transforma em ameaça encerramento da publicação, mas a Zélia é apaixonada pela revista e isso tem ajudado a mantê-la.” (Graça Paulino)

A editora ressaltou que a grande frustração de Zélia Almeida é o fato de a revista não atingir de fato as professoras de 1^a a 4^a, ela gostaria de uma revista mais acessível a essas professoras e pensa que a revista é acadêmica demais. Observou ainda que *“apesar de gostar dos artigos, ela acha que eu sou muito da universidade e acabo deixando essa marca da Faculdade de Educação, mas ela não tenta mudar esse perfil de maneira direta, não”*.

O fato de circular por espaços de trabalho diverso e não exclusivamente para a editora, faz com que essa editora carregue determinados pertencimentos “externos” que configuram seu perfil. Entretanto esse conflito de algumas expectativas, entre uma das proprietárias e a editora, não chega a comprometer a linha da revista, levando-se em conta a permanência de seu projeto editorial. Mas, se a revista não cobre seus custos, esse equilíbrio torna-se um pouco instável, quando as questões de financiamento vem à tona.

Sobre a relação entre a revista e os outros departamentos de publicação, houve algumas ações de integração. Um exemplo dado pela editora refere-se ao Encontro Internacional Arte, Imprensa e Educação, evento que integrou a área de publicação de livros didáticos, de publicação de literatura infanto-juvenil e a revista. Para ela, Lino de Albergaria, editor dos livros infanto-juvenis, produziu muito com esse diálogo. Entretanto, a produção de livros didáticos, está sempre à frente da revista, são mais importantes para a empresa

editora e “*se há um estrangulamento na produção, a revista tem que esperar um pouco para a urgência dos didáticos.*” Por outro lado, a revista não é utilizada como instrumento de divulgação dos livros didáticos, mantendo uma certa independência desse tipo de apelo e nela é feita apenas a divulgação de livros de literatura infanto-juvenil.

De fato, parece que as três revistas sobrevivem menos pelo lucro do que por projetos pessoais ou específicos das instituições que as financiam. Para o editor da **Dois Pontos**, a revista que edita vem trazendo preocupações financeiras, pois um periódico de Educação que pretende dismantelar sistemas, não vai conseguir sucesso financeiro total, como o que é atingido pelas revistas de pornografia ou de fofocas.

Mesmo com as crises financeiras, as revistas investigadas parecem agregar prestígio e outros valores simbólicos às editoras, em diferentes níveis.

Um fato relevante, para avaliar o grau de influência destas revistas no mercado editorial, é que, em algum momento, cada uma delas já foi procurada por outros grupos e casas de edição, para que fossem ou assumidas, ou subsumidas. É o caso da revista **AMAE Educando**, que já recebeu propostas de integrar sua equipe na produção de *Nova Escola*; a **Dois Pontos** que se vem aproximando de uma parceria com uma grande editora, envolvida na publicação de revistas de Educação de instituições privadas, a *Editora Segmento*. Também a revista **Presença Pedagógica** parece agradar a editores de grandes empresas e já vem recebendo ofertas para ser assumida por uma editora. Dessa forma, apresentam-se outras garantias para sua sobrevivência.

O que se pode concluir desse interesse de outras casas editoras nas revistas investigadas? Em primeiro lugar, assumir uma revista é uma forma de agregar lucro, quando se acrescentam algumas facilidades, algumas delas a de poder contar com uma infra-estrutura organizada de produção e favorecer-se de um sistema de distribuição. Além disso, amplia-se o alcance para outro público leitor. Para instituições que trabalham de forma segmentada, cada revista nova, mesmo com um número menor de assinaturas, vem somar-se a um conjunto. É justamente o conjunto que dá a possibilidade de lucro. Outra justificativa pode vir da possibilidade do controle: é melhor, para as empresas que se sentem “ameaçadas”, adquirir a propriedade de um periódico do que competir com ele.

Uma última questão refere-se à cooptação de profissionais. No caso da proposta de *Nova Escola*, por exemplo, aproveita-se a experiência adquirida por profissionais na edição especializada em Educação e não são necessários gastos com a formação.

Assim como as outras empresas observam e acompanham a produção dos periódicos, também cada uma das revistas investigadas compara-se com as outras:

A seguir serão transcritas algumas afirmativas da equipe da **AMAE Educando**, relacionadas a essa comparação:

“Por exemplo, um artigo que saiu conosco ano passado sobre o trânsito, saiu também na **Nova Escola**. Da **Nova Escola** é um extrato pequenininho que um jornalista fez. O nosso não, saiu como é que foi desenvolvido na escola. Era a mesma experiência. Nós, de um modo geral, procuramos que seja inédito mas, muitas vezes, os autores mandam para nós e mandam para outra revista. Mas nós não corremos muito o risco de ficar muito igual porque o processo não é o mesmo.” (Célia)

“Tudo isso aqui já é artigo que está mais ou menos preparado, que o autor já veio aqui, já telefonou... Muitas vezes tivemos a idéia de passar a revista para reportagem, mas tem muita revista que é feita por reportagem e por jornalista, e a gente acha que a característica mais forte da nossa revista é essa, a de ser escrita pelo professor que está dentro da sala de aula... é o forte nosso, pelo menos que a gente pensa que seja...” (Vera)

Sobre a natureza do trabalho de edição, esta mesma editora acrescenta: “*É um trabalho louco e eu tenho que ler as outras revistas para ficar por dentro também (...)* Eu leio todas: eu conheço a *Presença Pedagógica*, *Dois Pontos*...” Ler para contrastar, ler para aprender a fazer, são algumas das funções que a leitura de revistas tem para essa editora.

A menção que o editor de **Dois Pontos** faz às outras revistas é respeitosa, quando diz que só tem elogios a fazer à **AMAE Educando**. Mas, dado o tempo de circulação da sua revista, que é, segundo ele, uma das poucas no estilo, percebe, atualmente, algumas semelhanças de outras revistas com a **Dois Pontos**: “*pelo que eu tenho lido de revistas - e eu tenho intercâmbio com diversas revistas de educação -, parece que fizemos escola*”.

Ressaltou, por exemplo, a semelhança da revista *Pátio* com o estilo da **Dois Pontos**. A relação deste editor com a leitura de outras revistas parece ocorrer mais do ponto-de-vista do intercâmbio.

Finalmente, o depoimento da editora de **Presença Pedagógica**, que salienta, em relação a outras revistas, a idéia do contraste, de marcação de diferença, do propósito de não fazer igual:

“Existem dois tipos de texto, existe o texto, por exemplo, da Nova Escola, que leva as pílulas do conhecimento como se fossem trechinhos para serem gravados na memória do leitor e, depois, receitas e como aplicá-las em sala de aula: ‘faça isso nesse momento, faça aquilo naquele outro momento, não se esqueça disso e disso’. Então é um conhecimento muito pronto. O professor não tem que questionar, não tem que pensar por conta própria, não tem que ir em busca de outros recursos, não tem que se mover. Ele faz uma leitura como se fosse a própria leitura feita de um programa da Globo, que é aquela leitura dócil, passiva, tudo já está ali tão rapidinho e tão prontinho que o leitor não tem que usar de mais inteligência, não tem que se tornar um produtor de conhecimento” (Graça Paulino)

Parece que os editores tomam conhecimento da existência, do conteúdo, do estilo das outras revistas mediante interesses específicos: aprender, constatar diferenças, intercambiar, não fazer igual e garantir uma identidade de cada periódico. As revistas e seus editores parecem mover-se, no mercado editorial, em função da busca de identidade de seus projetos e da negação de outros. Essa marcação de identidade pode estar operando em função de critérios ideológicos, mas também em torno da garantia de manutenção de algumas fatias do mercado. O fato é que parece haver uma relação de complementaridade neste mercado, dadas as grandes diferenças entre os periódicos de educação.

UMA BREVE CONCLUSÃO

As discussões sobre o processo de produção das revistas pedagógicas lançam luzes sobre uma forma de fabricação específica, resultado dos embates vividos por propostas formativas direcionadas, não só para os leitores desse produto, como para os próprios autores e profissionais envolvidos na fabricação do impresso. Além disso, sua fabricação passa por ordenamentos materiais e pedagógicos que alteram seu caráter comunicacional e expressivo. Os dilemas referentes ao pertencimento desses impressos a um pólo cultural, mais que ao comercial, e os próprios imperativos de sua sobrevivência e funcionamento, talvez possam ajudar a compreender melhor a imprensa pedagógica, na relação com a imprensa em geral.

PARTE IV

RECUPERANDO OS MODELOS DE LEITORES E A RELAÇÃO DAS EDITORAS COM SEU PÚBLICO

CAPÍTULO 9

PROFESSORES LEITORES BRASILEIROS: ENTRE O LUXO E A NECESSIDADE

No presente capítulo, busca-se problematizar questões referentes a estudos sobre a composição do corpo docente, evidenciando a necessidade de reforçar pesquisas relativas a práticas culturais desse segmento, uma delas, a leitura. Como dados para análise, procura-se trabalhar com a idéia de leitor ideal das três revistas mineiras, de circulação nacional, destinadas aos professores, polemizando questões como possibilidade de consumo e as idéias de luxo e necessidade, apreendidas a partir de alguns dados concretos, retirados de um editorial, de uma propaganda e de uma carta de leitora.

Professores-leitores brasileiros: entre o luxo e a necessidade

“Os gostos obedecem, assim, a uma espécie de lei de Engels generalizada: a cada nível de distribuição, o que é raro e constitui-se um luxo inacessível ou uma fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou inferior, torna-se banal ou comum, e se encontra relegado à ordem do necessário, do evidente, pelo aparecimento de novos consumos, mais raros e, portanto, mais distintivos” (Pierre Bourdieu 1983:85)

ESTUDOS SOBRE A COMPOSIÇÃO DO CORPO DOCENTE

Os estudos relativos ao processo de composição da profissão docente (Mariano Enguita, 1991, Michael Apple, 1987/1988) vêm revelando processos históricos de constituição dessa categoria que evidenciam a necessidade de considerar duas categorias fundamentais: a de **proletarização** e a de **gênero**.

A primeira delas revela a crescente proletarização do trabalho de magistério, gerada por processos de desqualificação dos professores (baixos salários, condições de trabalho precárias, problemas de formação, hierarquização, entre outros), melhor entendidos quando se agrega a essa análise a questão de gênero: é também por serem os professores, em sua maioria, mulheres, que se constata um baixo poder de negociação de salários e de melhores condições de trabalho.

Por outro lado, o pertencimento a essa condição feminina, aliada a determinadas “características” do trabalho, parece indicar que, para além das questões econômicas, outras questões culturais acabam pesando nesse modo de ser de professoras. E, novamente, o fato parece justificar-se pela questão do patriarcado e de toda uma situação de hierarquização e desvalorização da profissão.

Também no Brasil parece evidenciar-se a mesma situação: historicamente, o recrutamento de professores vem-se dando cada vez mais em classes sociais menos favorecidas, sendo as mulheres maioria.

Um campo de estudos mais recentes, que amplia sua análise para questões de **etnia**, pode trazer novas luzes para o entendimento de outros elementos existentes na composição do quadro docente. Ou seja, aos elementos indicativos de uma condição resultante de um quadro de desigualdade social, gerada pela condição de classe e gênero, vêm somar-se as diferenças relativas à etnia.

A partir desses vários estudos, pode-se deduzir que, além de ser preciso correlacionar essas diversas interpretações sobre a categoria profissional professor, relacionando-as a questões de condições de trabalho e pertencimento a determinado estrato social, é preciso também

que sejam realizados estudos sobre as práticas culturais dessa categoria, seus modos de apropriação e criação da cultura e seus sistemas de disposição para aquisição de bens culturais considerados legítimos, assim como pesquisas sobre a produção cultural destinada a essa categoria.

A NECESSIDADE DE ESTUDOS SOBRE PRÁTICAS CULTURAIS DOS PROFESSORES

Estudos sobre as práticas culturais dos professores podem evidenciar novas facetas dessa categoria profissional, necessárias, tanto para analisar histórica e socialmente o fenômeno da docência, quanto para entender os desafios para sua formação inicial e contínua. Num contexto de globalização econômica e cultural, de utilização de novas tecnologias e forte influência da mídia como sistema de formação paralelo, torna-se evidente a necessidade de problematizar os diversos mecanismos de apropriação da cultura pelos professores, assim como os sistemas de exclusão que os vêm colocando à margem de muitos processos de produção e reprodução cultural.

Um problema conceitual seria definir o que seriam práticas culturais desse segmento. Considerando a produção cotidiana, do ponto de vista do usuário, como prática cultural (Michel De Certeau, 1994), abre-se um leque de possibilidades de análise: todas as práticas culturais podem ser entendidas como indicativas de uma produção.

Roger Chartier (1990) aponta para uma inter-relação entre culturas, acenando com a possibilidade de atenção às intersecções e circulações fluidas. Ou seja, seria preciso tentar enxergar as práticas para além dos enquadramentos existentes, visto que há possibilidades de circulação entre culturas.

Por meio dos estudos de Pierre Bourdieu (1983), apresenta-se uma outra possibilidade: analisar as práticas culturais dos professores do ponto de vista da aquisição de uma cultura legítima. Dessa forma, indícios sobre o gosto e os estilos de vida seriam elementos importantes para o entendimento de algumas práticas culturais. Em estudo a respeito da formação do gosto de classe, o autor analisa práticas relativas a pintura, música, cinema,

leitura, linguagem, decoração, moda, arte e as atividades e representações relativas a essas práticas, relacionando-as ao pertencimento dos grupos a frações de classe (populares, médias, superiores) e ao nível ocupacional.

Nesse mesmo estudo, também são abordados os sistemas de disposição, assim como formas diferenciadas de aquisição de certos bens culturais, e chama-se a atenção, dentre outros aspectos, para a relação entre *luxo* (ligado ao distanciamento, para as camadas médias) e *necessidade* (ligada à questão da urgência, para as classes populares) e para o conceito de *boa vontade cultural* das camadas populares, que, reconhecendo elementos da cultura legítima, utilizam-se de diversos mecanismos para alcançar algum tipo de distinção. Para aquele autor, essa distinção muitas vezes não é alcançada, porque sempre surgem bens de consumo cada vez mais refinados e difíceis de serem consumidos e reproduzidos como sistema com o qual se tem familiaridade.

Alguns estudos brasileiros incorporam algumas desses conceitos para análise das práticas de professores, e podemos citar o trabalho de Maria da Graça Setton (1994) que analisa o professor, do ponto de vista da formação de um gosto de classe, a partir de seu discurso sobre algumas práticas, como literatura, música, cinema, teatro. A análise dos dados parece centrar-se no papel da passagem pelo ensino superior que seria uma forma de aquisição de certa cultura de massa ou legítima. O grande diferencial consistiria, então, no privilégio de alguns professores por “*terem cursado faculdades de grande reputação intelectual, caracterizadas como centros de excelência*”.(p.77).

Construindo a análise do ponto de vista do papel das instituições de ensino superior na formação de um estilo de vida, a autora avança numa dimensão importante, mas deixa de fora o papel de outras formas de socialização, que poderiam estar na gênese dessa formação. As trajetórias desses professores (suas histórias de vida) assim como a possibilidade de passagem por outras instituições formativas de um certo gosto, além da escola superior, poderiam trazer outras explicações para a análise da forma de constituição de seus discursos (aparentemente mais elaborados e menos elaborados) e para a compreensão de algumas de suas práticas culturais.

Da mesma forma, pesquisa histórica de Luci Muzzetti (1992), denominada “ *Trajetórias escolares de professoras primárias formadas em São Carlos nos anos 40*”, baseando-se nos estudos de Bourdieu, explora, mediante entrevistas para resgate de histórias de vida, várias práticas culturais de professoras naquela década. A pesquisa confirma a importância dos grupos de convivência, do acompanhamento escolar pela família, da escolha da profissão, da relação dos pais com os veredictos escolares, entre outros, na promoção de um diferencial cultural. Os resultados a que chega corroboram o sistema de distribuição de bens culturais, do ponto de vista da reprodução das desigualdades, mas sua análise não desvenda, na fração de classe popular investigada, algumas formas de superação, o que poderia trazer elementos para compreender, numa abordagem sociológica, alguns indícios sobre novas práticas incorporadas, apesar da condição de classe dos professores daquele segmento.

Bernardete Gatti *et al.* , citada por Antonio Augusto Batista (1998), abordando o aspecto da leitura no conjunto das características dos professores de primeiro grau, apresenta dados que problematizam a questão da leitura especializada:

“... embora 69% dos(as) professores (as) declarem que lêem alguma revista de educação, a atividade de leitura especializada por parte dos(as) professores(as) não parece ser muito intensa (...) Boa parte dos que afirmam ter lido algum texto nos últimos três anos não foi capaz de citar nenhum autor ou título e percentual significativo citou apenas um. (...) Mais: dentre os(as) professores(as) que dizem ler especificamente alguma revista de educação, nota-se também a dificuldade de enunciar o nome da revista que, em geral, é redigido de forma incompleta, errada ou se constituindo em uma vaga referência”. (p.3).

Antonio Augusto Batista (1996: 175) argumenta que “*num levantamento de estudos, dificilmente poderão ser encontradas pesquisas e investigações que busquem apreender seu perfil (dos docentes), sua posição no espaço social, suas disposições éticas, políticas ou culturais*” p.175. A partir de estudo de uma amostra casual de 299 professores de Português, atuantes na Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, o autor acrescenta novas luzes, abordando alguns dados possibilitadores de possíveis práticas culturais dos professores de Português de frações de classe populares. Evidencia, em sua análise,

indicadores relativos à posse de capital cultural e processos de sua aquisição. Para isso, aborda, em seu perfil, indicadores sócio-demográficos, indicadores de capital cultural herdado e adquirido, formação inicial e aperfeiçoamento, indicadores de capital econômico e de prestígio herdado ou adquirido, e indicadores de capital de prestígio profissional e condições de trabalho. Além disso, o autor trabalha com a análise das práticas de ensino de uma professora, abordando suas formas de relacionar-se com os textos e a leitura em sala de aula.

Entretanto, se ficam evidenciadas algumas condições de possibilidade de aquisição de determinado capital cultural, em geral, também é importante que sejam realizadas mais pesquisas para investigação de algumas práticas culturais específicas, uma delas, a leitura.

Em estudo sobre perfil de professores das séries iniciais da Rede Municipal de Belo Horizonte, Maria da Consolação Rocha (1996) levanta algumas práticas culturais relacionadas ao uso de tempo livre no espaço doméstico e não doméstico e sobre a relação entre jornais e livros lidos e escolaridade. Os dados sobre leitura são indicativos da necessidade de tomar essa prática como objeto de investigação. Relacionando escolaridade e leitura de jornais, chega-se ao seguinte resultado: 57% de professores com formação de segundo grau, 41,4% com terceiro grau em curso, 43,7% com terceiro grau não compram e não lêem jornal.

Um dado interessante é que, no cruzamento com escolaridade e tipo de livros lidos, somando-se o percentual entre a leitura de livros técnicos, didáticos e científicos dos três graus de escolaridade já citados acima, obtém-se aproximadamente 33% desse tipo de leitura para professores formados no segundo grau, cerca de 44% para os professores que cursavam o terceiro grau e 40% para professores com terceiro grau concluído. Ou seja, grande parte dessas práticas de leitura parecem advir de necessidades profissionais.

Para uma melhor compreensão da determinação dos indicadores sócio-econômicos e culturais sobre a produção editorial, sobretudo na produção de algumas revistas, talvez seja necessário tomar, como pontos de análise, elementos relativos à composição e profissionalização do corpo docente e as relações disso com a constituição de um público-alvo leitor.

Em apresentação, na FAE/UFMG, de pesquisa recente, relativa à análise da revista *Nova Escola*, Mariza Voreber apresentou relações entre a categoria gênero (relativa à feminização crescente do corpo docente) e os mecanismos de produção da revista, evidenciando intenções muito explícitas do corpo editorial quanto ao público comprador. Das revistas femininas produzidas pela Editora Abril, 85% dos lucros advêm das leitoras da revista *Nova Escola*, e esse público leitor feminino demanda um tipo de escolha de conteúdos, imagens e formas textuais condizentes com essa condição.

Além disso, estudos sobre o perfil socio-econômico e cultural dos docentes, assim como de tendências inerentes ao seu processo de formação inicial e continuada talvez ajudem a configurar o contexto no qual se produzem textos dirigidos a esse segmento profissional.

Vê-se, mediante alguns estudos, que as práticas de leitura já vêm sendo consideradas de alguma forma, mas é preciso colocá-las em foco, além de se fazer uma clivagem, do ponto de vista de leituras *profissionais* e *pessoais*, para compreender algumas relações possíveis entre o “**luxo**” e a “**necessidade**”. Um pouco dessa compreensão pode ser alcançada, a partir do ponto de vista sobre o que pode ser lido (poder de consumo e acesso a textos) e os sistemas de apropriação dos textos (como o professor ou grupo de professores se apropriam diferentemente do mesmo tipo de texto)

Por outro lado, uma visão mais geral sobre os professores brasileiros é importante, para que se estabeleçam algumas hipóteses sobre suas possibilidades de consumo de bens culturais. Entretanto, estudos sobre seu perfil, com dados nacionais, não têm sido realizados, trazendo algumas dificuldades de análise (a esse respeito, espera-se que os resultados sobre o Censo feito pelo Governo, em 1997, tragam elementos para que se efetuem análises macro).

Dados publicados no jornal *Tempo* (25/07/98), sobre um dos aspectos desse perfil - o nível de escolarização dos professores do ensino fundamental, mediante dados do MEC/INEP - possibilitam uma visão geral:

Perfil dos professores do ensino fundamental no Brasil (em %)

| Ano | 1º Grau incompleto | 1º Grau completo | 2º Grau completo | 3º Grau completo |
|------|--------------------|------------------|------------------|------------------|
| 1975 | 12,1 | 13,2 | 46,2 | 28,5 |
| 1980 | 12,8 | 9,9 | 43,7 | 33,5 |
| 1985 | 8,3 | 6,1 | 45,1 | 40,5 |
| 1991 | 5,6 | 5,2 | 48,2 | 41,0 |
| 1996 | 4,6 | 4,4 | 47,2 | 43,8 |

A reportagem esclarece que esses professores representam um total de 1,38 milhão e que, em termos regionais, a maioria dos professores que não completaram, nem mesmo o primeiro grau, estão na Região Nordeste, sobretudo na zona rural.

Se os estudos de caso evidenciam partes da ponta do *iceberg* do fenômeno-leitura que, na maioria das vezes, ainda é inserida em diferentes práticas culturais, por outro lado ficamos apenas no campo das hipóteses quando necessitamos de abordagens mais amplas.

É no campo das hipóteses que podemos ficar, por exemplo, quando se tem acesso, a partir de levantamento feito por Bernardete Gatti (1997) de alguns dados nacionais sobre níveis de escolaridade e tipos de curso de formação dos professores brasileiros. Tomando como referência o censo escolar de 1994 da SEEC/ MEC, são evidenciadas algumas informações relevantes sobre professores que atuam na zona urbana e que se encontram em situação de formação incompleta para lecionar.

O estudo não possibilita vislumbrar os índices de professores com formação completa que vêm atuando no mercado, mas apresenta dados alarmantes quanto se procura, nos dados apresentados, alguns indícios de poder de compra e disposições relativas ao exercício de determinadas práticas culturais, como a leitura, por exemplo. Isso porque o nível de escolaridade, assim como os tipos de curso de licenciatura que prevalecem podem dar pistas sobre a criação de disposições para aquisição de determinado capital cultural.

Com relação a dados de professores atuantes no pré-escolar, é apresentada a seguinte situação: de 65.084 professores atuando no pré-escolar, 34.344 têm primeiro grau completo, 19.515 concluíram o primeiro grau e, com segundo grau incompleto há 11.225.

Exercendo funções docentes da primeira à quarta séries, encontram-se 72.644 com primeiro grau incompleto, 42.159 com primeiro grau completo e 36.901 sem habilitação para o magistério. Da quinta à oitava séries, 304 têm primeiro grau incompleto, 2.373 completo, 21.208 não têm habilitação para o magistério e 86.283 têm habilitação.

Também no segundo grau os dados continuam alarmando. Dos docentes atuantes nesse nível, 318 tem primeiro grau incompleto, 1.134 têm-no completo, 11.460 têm segundo grau completo, 429 possuem habilitação para o magistério incompleta e 19.920 completa.

Para muitos professores advindos das camadas populares, a passagem pela escola, por mais tempo, poderia proporcionar um conjunto de condições necessárias aos modos de apropriação de determinadas práticas culturais, tendo em vista a importância da escola no processo de socialização secundária, sobretudo para aqueles que não dispuseram de condições ideais de aquisição da cultura legítima no seio familiar e nos círculos de convivência. Segundo esse ponto de vista, os dados acima parecem revelar formas de exclusão marcantes.

A autora também apresenta a situação dos cursos de formação por região, quanto à dependência administrativa dos cursos de magistério e dos alunos matriculados, utilizando-se da fonte SEEC/MEC e dos cursos de licenciatura, do ponto de vista dos tipos de cursos concluídos. No *ranking* das habilitações ganham disparado o curso de Letras (38,4%) e o de História (14,2%), seguidos de Educação Física (13%), Geografia (9,4%), apresentando um decréscimo grande para a área de exatas. As licenciaturas em Pedagogia parecem concentrar um grande número de concluintes dos cursos de licenciatura.

Essas informações também podem evidenciar formas de exclusão/inclusão no mercado de bens materiais e simbólicos, porque a tendência pela conclusão de cursos na área de Ciências Humanas, sobretudo com concentração nos cursos de Letras e Pedagogia, não advém de condições de prestígio. Antonio Augusto Batista (1996) apresenta uma análise

do papel do curso de Licenciatura em Letras na escala de prestígio dos cursos universitários, demonstrando ser ele um curso pouco concorrido. Penso que se pode dizer o mesmo do curso de Pedagogia.

Dados mais recentes do MEC podem ser recuperados no Documento Preliminar de dezembro de 1997, intitulado “Referencial Pedagógico-Curricular para a Formação de Professores da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental”. Nesse documento afirma-se o seguinte:

Os dados de 1996 revelam que houve uma melhoria do nível de formação dos professores do ensino fundamental: 44% do total de professores tem nível superior e 47% têm nível médio, restando apenas 4% com primeiro grau incompleto, situação mais favorável que a de 1991, quando os professores com 3º Grau completo eram 41% do total, 48% com 2º Grau completo, 5% com 1º Grau e 6% com 1º Grau completo. O crescimento percentual do número de professores com 3º Grau completo foi, portanto, de 14,4% nesse período de 91/96. (sem numeração de página).

Os dados do documento permitem averiguar as condições em que se processa essa formação, que se concentra, no caso dos cursos de nível superior, em faculdades isoladas, em regiões específicas do País. Entretanto, não é possível identificar níveis salariais dos professores, nem condições de trabalho e de formação permanente. Mesmo reconhecendo uma melhoria no nível de formação dos professores, o MEC afirma:

“... a existência de um total de 225.573 professores em habilitação constitui-se em inquestionável indicador da necessidade de se prever um processo transitório entre a situação atual e o atendimento à determinação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) sobre a formação em nível superior, que ainda exige cuidar da formação em nível médio, em especial nos locais em que ainda há professores sem a conclusão sequer do Ensino Fundamental”. (sem numeração de página.)

É preciso que se realizem estudos que possibilitem apreender práticas concretas desses professores, para que se tracem retratos mais “completos” sobre suas condições de aquisição e reprodução de práticas relativas ao campo cultural. E isso só é possível por

intermédio de pesquisas integradas, envolvendo universidades, sindicatos da categoria e secretarias de educação, que contemplem métodos quantitativos e etnográficos, para apreensão desse fenômeno em sua complexidade.

Enquanto isso não ocorre, pode-se trabalhar a partir de algumas pistas/indícios, deixados por alguns sujeitos ao se expressarem sobre a aquisição da cultura ou sobre sua produção. O tópico a seguir procurará sair de categorias econômicas e culturais *a priori*, para buscar pistas que possam auxiliar na ampliação de nossa compreensão sobre a leitura de professores, do ponto de vista do que é expresso no próprio material dado a ler, ou seja, a partir do que aparece em revistas destinadas a professores como *produto*. Além dessa pequena contribuição, é necessário que sejam realizados estudos socio-antropológicos que priorizem buscar essa compreensão a partir de um outro pólo: o da **recepção** de textos pelos professores.

INDÍCIOS DO LEITOR IDEAL DAS REVISTAS

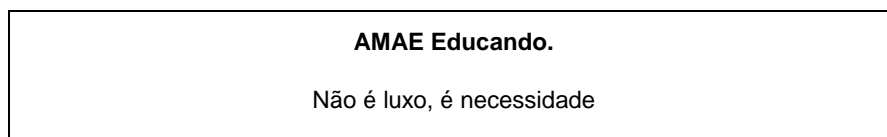
Se a comunidade de pesquisa encontra dificuldades para vislumbrar o perfil cultural dos professores e não tem sido interesse prioritário das redes de ensino proceder a esse tipo de levantamento, como operariam as editoras de textos destinados a esse segmento, em função de captar ou manter leitores?

Um estudo sobre assinantes talvez possa evidenciar o perfil de leitores “já conquistados”, mas não possibilita captar outras formas de leitura dadas por bibliotecas escolares, sistema de empréstimo, etc. Do ponto de vista da captação de novos leitores, a linha editorial, assim como propagandas e formas de divulgação é que podem oferecer elementos para entender essa questão.

De qualquer forma, é inegável que **poder comprar, ter acesso e ler** são algumas das condições sociais que possibilitam que se complete o circuito necessário às condições de produção de textos. Do ponto de vista editorial, dados gerais sobre o perfil de professores brasileiros talvez ajudem a constituir um certo modelo de leitor. Do ponto de vista dos

usuários, também poder comprar, ter acesso e ler são condições da leitura, propriamente dita.

O que precisa ser comprado e lido por professores, do ponto de vista dos editores? A propaganda transcrita a seguir talvez possa evidenciar alguns aspectos dessa questão:



(Propaganda retirada da Revista AMAE Educando, novembro de 1997.N.272, p.32)

Trabalhando com uma tiragem de 9.000 exemplares, há 33 anos no mercado e com um preço médio de 39,00 por assinatura, a revista **AMAE Educando**, a partir de um slogan “A **AMAE Educando** não é luxo, é necessidade”, demonstra que seus mecanismos de manutenção de leitores têm sido eficientes. Do ponto de vista do acesso, há que se investigar o papel das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação como compradores. Recentemente, em conversa com atendente da Fundação AMAE, obtive a informação de que uma Secretaria municipal do Estado de Alagoas adquiriu 1000 assinaturas e um dado coletado em estágio traz uma informação de que, no acervo da biblioteca de uma escola municipal pesquisada em BH, há exemplares dessa mesma revista que vêm até a escola “por doação”. Seriam também assinaturas da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte? Seria importante averiguar, em outras pesquisas, o papel do Estado na aquisição e manutenção das revistas destinadas a professores. Sendo assim, além do perfil do leitor de “final de linha”, teríamos um leitor/comprador Estado, mediador das condições de acesso às revistas. Com acesso garantido, restaria apenas a vontade/necessidade de leitura.

É precisamente no campo da construção da idéia de *necessidade* que a revista, tanto com seu enfoque em relatos de “experiências reais” (conforme editorial do primeiro número do ano de 1997) quanto na escolha de artigos a serem publicados (em sua grande maioria relatos, escritos por professores atuantes no ensino de primeiro e segundo graus), evidencia seu projeto editorial. Resta então perguntar: essa *necessidade* opõe-se a qual *luxo*, em termos de educação e de edição? Estaria essa revista sendo destinada mais ao professor,

com suas urgências de sala de aula e menos ao leitor, como sujeito que atinge outras finalidades/sentidos, no processo de leitura?

Talvez a carta a seguir, publicada em outra revista, a **Dois Pontos**, evidencie outras relações entre as idéias de luxo e necessidade, do ponto de vista dos leitores:

Valente, 16 de abril de 1997

Prezado(a) Senhor(a)

Venho por meio desta parabenizar a revista Dois Pontos pelo seu sucesso e qualidade, ao mesmo tempo em que comunico que sou estudante do curso de pedagogia e professora municipal de I grau. Tendo conhecido a revista, interessei-me em fazer a assinatura pois ela me ajudará numa prática educativa mais significativa e construtiva. E imbuída pela necessidade de mudanças na educação é que sinto a necessidade da ajuda desta revista. Sendo assim, escrevi para vocês solicitando o parcelamento do valor da assinatura pelo seguinte motivo: sou uma professora com uma remuneração mensal de 70,00, não sendo possível pagar o preço exigido em uma só parcela.

Ciente de sua compreensão e sensibilidade diante do fato, agradeço antecipadamente e, em tempo, desejo sucesso a todos que fazem desta revista uma grande riqueza para nós educadores.

Atenciosamente,

Vírginia Araujo Lima

(Carta retirada da seção Cartas da revista Dois Pontos, vol.4,n.32, mai/jun/97)

A carta da professora de Valente apresenta um dado novo: poder comprar uma revista necessária pode-se constituir um luxo, mas, mesmo assim, a sua aquisição é buscada por leitores com baixo poder aquisitivo. Afinal, pagar em média 42 reais pela assinatura de uma revista quando se tem por salário R\$ 70,00, deixa antever que todos os cruzamentos possíveis entre graus de escolaridade e poder aquisitivo de professores, do ponto de vista da leitura, não são indícios suficientes para que se consiga uma compreensão maior sobre os possíveis leitores/hipotéticos/modelos presentes neste país. A esse respeito Roger Chartier (1996) alerta, do ponto de vista histórico, para o fato de que:

“as modalidades de apropriação dos materiais culturais são, sem dúvida, tão ou mais distintos do que a inegável distribuição desses próprios materiais. A constituição de uma escala de diferenciações socio-culturais exige, portanto, paralelamente às sinalizações das frequências de tais ou tais objetos, em tais ou tais meios, sejam encontradas, em seus desvios, as práticas de utilização e consumo.”
(p.78-9)

Também o fato de a revista publicar, na mesma página cartas de um dos seus colaboradores e de um editor pertencente a outra editora, sugere, ao analista dessas cartas, diversos sentidos. Um deles pode ser a idéia de a revista demonstrar que atinge diversos segmentos: de editores a professores com míseros salários. Publicam-se cartas de leitores também para integrá-los em uma rede de significados, que os mantém, virtualmente, como leitores e possíveis compradores.

Do ponto de vista sociológico, levando-se em conta essa única carta de leitora-professora publicada, torna-se inegável considerar, além dos grandes enquadramentos em categorias de classe, todo um conjunto de motivações e disposições que fazem com que professores com salários ínfimos possam estabelecer, como prioridade, a assinatura de revistas.

Estabelecendo-se uma diferenciação cada vez maior entre as duas revistas já citadas e uma terceira, a **Presença Pedagógica**, evidencia-se, a partir do trecho abaixo, uma outra forma de distinção entre as três revistas:

| |
|---|
| <p>“Trata-se, sem dúvida, de uma publicação de primeira linha, tanto pelas matérias que veicula, como por sua produção gráfica e artística, que enobrece o conteúdo, garantindo um prazer intelectual e sensorial para quem a lê” -</p> |
|---|

(Trecho do editorial da Revista Presença Pedagógica, jul./ago. 1997. Vol.3 n.16)

O texto anterior - retirado de editorial da revista **Presença Pedagógica** - assinatura média de 42,00 reais, com tiragem de 10.000 exemplares, explicita uma direção clara em relação ao aspecto estético. Também a fala da editora da revista, em Congresso intitulado “Imprensa e imagem na dimensão da escola”, reitera a necessidade de um investimento gráfico da revista, justificado como uma forma de respeito ao leitor.

A revista em questão investe em ilustradores e na qualidade de impressão, tanto quanto no peso de artigos de autores de expressão nacional. O investimento financeiro em ilustradores, por artigo, no início de 1999, era pelo menos seis vezes maior que o pagamento feito aos produtores dos textos propriamente ditos.

Mesmo com preço quase equivalente ao das assinaturas das duas outras revistas mineiras, percebe-se um projeto editorial que busca formar leitores que saibam usufruir do “**luxo**” (?), buscado ou construído por aquela editora, como uma forma de refinamento do gosto do leitor. A julgar por esse tipo de refinamento, seria essa revista menos necessária para os professores? A tiragem e o tempo de sua permanência no mercado atestam, independentemente do teor dos artigos, a sua necessidade e lugar no mercado de revistas para professores.

Pode-se dizer que é nos cruzamentos entre a **necessidade** e a **urgência** ou entre forjamento desta, com certo investimento no **luxo/refinamento**, que também vêm sendo produzidos textos para serem lidos por professores desse país. Se os projetos internos de cada periódico “necessário”- por se tratarem de textos pedagógicos e de leitura profissional - conseguem aproximar-se de um ideal *de leitor* que vai além de pura necessidade *de professor*, talvez isso seja indício de que, no campo da produção há pluralidade e investimento em aspectos diversos.

Comparando-se o preço quase equivalente das assinaturas,³⁴ mesmo que a tiragem represente 9.000 para a **AMAE Educando**, 10.000 para **Presença Pedagógica** e 4.000 para **Dois Pontos**, ver-se-á que, para além da disputa no mercado por meio do preço, há “lugares” para vários leitores, há projetos editoriais distintos e deve haver leituras mais diferenciadas ainda. Isso porque, sendo o preço médio relacionado a poder de compra similar, havendo a compra de exemplares por Secretarias de Educação ou por professores,

³⁴ A esse respeito, é bom que se compare o preço dessas assinaturas de revistas mineiras com o preço de uma das revistas mais vendidas para o público feminino da Editora Abril: a revista *Nova Escola*. Tendo como dado uma propaganda recebida pelo correio, percebe-se que, contra preços da própria editora, que vão em média de 37,00 a 159,00 reais por assinatura, aparece o valor de 10,00 reais para a revista *Nova Escola*. Resta saber o que esse preço representa, em função do poder de circulação dessa revista e da formação de um público leitor/professor e em função dos motivos financeiros da editora, que possibilitam que seja esse o seu valor. Talvez uma resposta venha através da estratégia de conjugar os baixos custos de produção com um grande número de leitores da revista...

garantindo-se o acesso a estes, restam a leitura enquanto projeto e os leitores propriamente ditos, como sujeitos a serem conquistados. Um dado relevante, encontrado nesta propaganda: *Amae Educando: uma revista com mais de 100.000 leitores por edição*”, demonstra que há outras formas de relacionar número de leitores com número de assinaturas.

Assim, entre o luxo e a necessidade de leitores e o luxo e a necessidade de produtores de revistas há diversos entrecruzamentos possíveis de serem entendidos a partir da categoria da contradição. Conquistar e investir no leitor/professor (ou no professor/leitor?) parece, então, ser o destino da produção editorial, e os modelos de leitores são diversos, correspondendo a diversas frações do mercado. Mais do que selecionar pelo valor de assinaturas, essas editoras buscam capturar professoras/leitoras entre o processo de qualificação e o de profissionalização e, do ponto de vista das práticas culturais de consumo, esses leitores e leituras ainda são anônimos e fugidios, frente ao nosso poder de captá-los. Resta-nos investigar, no discurso dos editores, assim como em algumas formas de relacionamento das revistas com seu público, outras facetas dessa relação.

CAPÍTULO 10

A RELAÇÃO DAS REVISTAS COM SEUS LEITORES E DOS LEITORES COM AS REVISTAS

Elementos relativos ao perfil de professores no Brasil foram importantes para contextualizar algumas das possibilidades culturais, acadêmicas e financeiras desse público. Alguns indícios que utilizei, tais como cartas, editorial e publicidade, analisados no capítulo anterior, foram um exercício de aproximação com os leitores-modelo dessas publicações. Entretanto, existem relações concretas com leitores empíricos, feitas pelas revistas, que podem indicar posições explícitas dos editores a respeito do seu público, assim como alguns movimentos de leitores empíricos em direção às revistas. Essa possibilidade foi descoberta mediante as informações dadas nas entrevistas. O presente capítulo pretende explicitar algumas características e conseqüências desse relacionamento.

O PERFIL DADO PELOS EDITORES

AMAE Educando:

“Nós não temos uma pesquisa ainda³⁵ e acho que temos que encomendar; mas, do ponto de vista dos assinantes sabemos que 70% desses são de professores que estão dentro da sala de aula e de coordenadores de 1^a à 4^a séries do ensino fundamental” (Vera)

³⁵ A busca de seus leitores parece estar sendo ampliada ou tornada mais formal, em alguns aspectos, tendo em vista uma carta enviada aos assinantes, no corrente ano. Nesta carta-questionário busca-se caracterizar o leitor em vários aspectos, para além de suas necessidades profissionais, como, por exemplo, escolaridade, condições de estudo atual, atividade profissional atual, moradia, lazer, posse de bens de consumo, uso da internet, formas de aquisição de revistas e jornais em geral e da **Amæ Educando**, formas de acesso e armazenamento da revista, assim como críticas e sugestões.

Dois Pontos:

“A revista se dirige a um público professor de segundo grau, principalmente, e terceiro. Como é uma revista de educação atinge também, em menor escala, o público professor de primeiro grau”

“O que se pretende com a **Dois Pontos** é que ninguém, qualquer que seja a sua profissão, se restrinja a ela. Estamos num mundo completamente eclético, cosmopolítico, globalizado, mundializado, ninguém pode se tornar ilha de conhecimento, ninguém pode se restringir a uma especificidade única, ou então a um domínio único do saber. E, mesmo sendo uma revista de uma instituição de educação sistemática, ela não pode negar a educação assistemática”

Presença Pedagógica:

“Eu acho que é uma revista que tem interessado mais ao pessoal da pedagogia, da Educação, mas é uma revista para professores também, na medida em que nós nunca deixamos de pensar a educação matemática, a educação de ciências...”

“Se acreditarmos que a maioria dos professores é burra, que a maioria dos professores não quer pensar, não quer trabalhar, não quer transformar, então poderíamos dizer que a **Presença** se dirige a uma minoria; mas eu acho que esse pensamento de que a maioria é burra, a maioria é incapaz, já faz parte de uma manipulação de opinião pública sobre educação (...) Você já tem uma tradição de impor essa imagem ao professor, cobrar do professor como se ele não fosse um profissional confiável... mas eu acho que o professor está nesse jogo por circunstâncias que não dependem da vontade dele, da vontade individual. Quero dizer que, assim como ele entrou, pode também sair. A proposta da **Presença** é que, se a maioria está nesse nível, que saia...”

FORMA DE APROXIMAÇÃO EDITORES/LEITORES

Os indícios do relacionamento dos leitores com as revistas poderiam ser buscados em pistas deixadas no material impresso: cartas de leitores, por exemplo. Entretanto, o uso dessa estratégia é relativamente insuficiente, uma vez que, somente na revista **Dois Pontos**, são publicadas cartas de leitores e, ainda assim, de forma não sistemática. Na revista **AMAE Educando** não existe uma seção dedicada a essa divulgação e a revista **Presença Pedagógica** utilizou-se dessa estratégia somente em seu primeiro ano de existência, quando havia uma característica editorial que privilegiava a publicação dessas cartas. Tais constatações poderiam significar que as cartas de leitores não chegam à redação? Alguns dados das entrevistas que serão trabalhados adiante irão trazer novas luzes a respeito da posição dos editores sobre essa questão.

Por outro lado, existem formas de comunicação que circulam fora do impresso revista; as cartas das revistas para seus leitores podem indicar alguns movimentos em sua direção. Em algumas delas, aparecem dados sobre a assinatura e sua renovação, assim como a divulgação de outros produtos. Esse tipo de correspondência é mais freqüente na revista **AMAE Educando**. Nas outras, são reafirmados alguns princípios da proposta editorial, ou acrescentadas novas questões. Somente a revista **Dois Pontos** enviou, nesses últimos anos, uma carta levantando novas possibilidades e projetos. A revista **Presença Pedagógica**, com raras exceções, não costuma enviar cartas, a não ser as fichas de renovação de assinatura. A seguir, descrevem-se as características dessa correspondência no período de 1997 até meados do ano 2000:

| Revista | Formas/temas das correspondências |
|----------------------------|--|
| AMAE Educando | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Carta para renovação de assinatura, sem outro texto ▪ Carta para divulgação de publicações ▪ Carta para renovação de assinatura com questionário pesquisa: “perfil do leitor” |
| Dois Pontos | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Carta para divulgação de congresso ▪ Carta para renovação de assinatura e pedido de avaliação do ano anterior ▪ Carta para comunicação sobre mudanças na periodicidade ▪ Carta para comunicação de mudanças na proposta editorial ▪ Carta para renovação de assinatura e comunicação de mudanças na proposta editorial |
| Presença Pedagógica | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Carta para renovação da assinatura com reafirmação da proposta editorial (1999) ▪ Fichas para renovação de assinatura |

Nota-se que variam a frequência, assim como as temáticas que são objeto dessa correspondência, nas três revistas. Um dado a ser ressaltado é a diferença no investimento, que cada uma faz, nessa forma de comunicação com os leitores. A revista **Dois Pontos** destaca-se no conjunto, talvez pela necessidade de comunicar suas crises ou mudanças na linha editorial. Dessa forma, torna-se necessário examinar outros dados. Alguns deles informam sobre como as revistas se posicionam em torno das cartas que recebem de seus leitores. Pela diferença de dados, algumas questões não serão sistematicamente comparadas entre as três publicações.

AMAE Educando

A revista **AMAE Educando** recebe, em média, 30 cartas de leitores por semana e o tipo de relação dos leitores com a revista pode ser ilustrada no seguinte depoimento:

“Nós recebemos todo tipo de carta aqui. Escrevem pedindo revista de muito tempo, que já está esgotada, pedindo cópia de artigo de revista que já está esgotada, pedindo para escrever sobre alguma coisa, perguntando informação sobre um curso, sobre livros e a maior parte é mandando artigo” (Vera)

Esse depoimento permite verificar a série de demandas vindas dos leitores, com uma especificidade: não são demandas apenas para ou sobre a publicação, mas também para a equipe da revista. Muitas dessas reivindicações de leitores extrapolam o que pode ser publicado pelo periódico. Alguns exemplos dados pela editora permitem vislumbrar as diversas dimensões dessa relação:

“Eles perguntam sobre livros atuais, se nós achamos realmente que aquela linha de trabalho adotada é boa, se têm uma boa visão da teoria. Recebemos muito isso, porque, às vezes, eles ganham das editoras algum tipo de livro e ficam na dúvida se aquele de livro realmente está sendo fiel à teoria que estão trabalhando”. (Vera e Gilda)

“Às vezes elas têm necessidade de um assunto quando há mudanças na lei, ou quando muda alguma coisa e sempre telefonam pedindo para que a gente escreva ou mande alguma coisa a respeito...” (Gilda)

Analisando esses depoimentos podem ser feitas, pelo menos, algumas inferências. A primeira: se a revista tem respondido às demandas feitas pelos professores, os temas tratados pela publicação indicam necessidades/temas concretos existentes no universo de preocupações e práticas desse grupo de professores-leitores. Uma segunda inferência, que pode ser feita, é a de que a relação dos leitores com a revista parece aprofundar-se para além daquelas existentes na revista, ou seja, não se esgotam nela. Os impressos são uma forma de mediação da relação, tendo em vista que muitas de suas necessidades são supridas por outras formas de comunicação. A forma desse relacionamento é ilustrada pelos depoimentos abaixo:

“Temos tido retorno do próprio educador que mostra acreditar em nós. Você pode conversar com alguns professores mais antigos que eles falam que a revista é livro de cabeceira... Na semana passada tivemos um curso que se chama Plantonear, que é dado aqui na escola, e uma supervisora disse que tem desde o primeiro número da revista, que ela não faz nada antes da revista chegar... A vida inteira, enquanto ela foi professora, supervisora e, agora, dona de uma escola, fica aguardando a revista chegar... como se estivesse esperando assim... a carta do namorado mais querido.” (Gilda)

“Eles telefonam perguntando assim: eu estou com dúvidas, como é que eu faço? (Vera)

Tal tipo de relação extrapola uma relação formal dos leitores com um periódico e demonstra outras relações simbólicas, talvez construídas pelo papel que a revista cumpre nas representações e nas práticas de um certo tipo de leitores. Que fatores estariam alimentando essas representações?

Parece que existem algumas explicações concretas. Uma delas refere-se a uma certa fidelidade de um grupo de leitores, que criam e forjam expectativas, em função de uma certa tradição da revista e de seu grupo de produção:

“Nós temos uma clientela muito constante, agora mudou um pouco porque esse pessoal aposentou. O pessoal da minha época e da Scyomara, no Curso de Administração Escolar, hoje já está aposentado e está havendo uma renovação do perfil dos nossos clientes, mas a busca ainda é a mesma. (Gilda)

Tendo em vista as informações sobre a época de criação da revista e de suas perspectivas de ligação com o Curso de Administração do Instituto de Educação e com as ex-colegas e suas necessidades, nota-se que a revista criou uma prática em que o ponto forte é o estabelecimento de elos entre produtores e leitores. E, mesmo com as mudanças no perfil de assinantes, no decorrer dos 33 anos, continua sendo reproduzida e recriada uma cultura em torno de certas necessidades dos docentes.

Essa característica do periódico, de atender a um conjunto de expectativas, aliada a outra, que é a adoção de um tipo de linguagem que ajuda a construir a forma e conteúdo do impresso, parecem reforçar algumas condições da permanência e do sucesso da revista, no decorrer do seu tempo de existência. Os dados abaixo informam, mais claramente, sobre essas duas perspectivas:

“Muitas vezes nós consultamos o professor. É aquela história: a revista é feita pelo educador; então a dificuldade que você está tendo na sua sala de aula, o outro manda um artigo aqui que vai sanar essa sua dificuldade, uma coisa ele está experimentando, que ele está fazendo e com uma linguagem muito acessível, porque você está escrevendo para o seu colega. É como se eu estivesse falando ‘agora eu vou fazer uma receita, fica aqui perto que eu vou te mostrar como é que faz, eu fiz assim, deu certo, eu fiz assim não deu certo’...”
(Gilda)

Segundo a entrevistada, a busca dos professores é atendida quando a revista atinge o objetivo desse grupo profissional em relação ao que eles estão esperando na sala de aula. E reconsidera a idéia de receita:

“Nós não damos o tipo de receita ‘tem que ser feito assim, primeiro, segundo passo’, você dá a experiência do outro e, em cima daquilo, ele tira as dúvidas e muitas vezes levanta outras e nos telefona e escreve e pede para a gente pedir a alguém, ou a gente escrever, ajudando no que deve ser feito...” (Gilda)

“Eu acho que fica muito claro também é porque é de professor para professor. Quem escreve é o professor... o professor que está na sala de aula... que já realizou” (Célia)

“E na linguagem dela, com dúvida, querendo resposta, o importante é isso também: a linguagem da nossa revista comparando com as outras, é a linguagem do professor.” (Vera)

Parece que os resultados desse tipo de troca não são apenas a reprodução de trabalhos feitos na sala de aula por outro colega, mas a produção de um tipo de conhecimento novo. Talvez esse conhecimento seja resultado de uma experiência que circula entre os leitores-professores e, de alguma forma, é recriada em novos textos, que podem trazer novas dúvidas.

Os dados das entrevistas permitem verificar que a revista prioriza o pedagógico e o metodológico, objetivando atingir o professor, de qualquer lugar do Brasil, que precisa de orientações para a sua sala de aula. Muitas vezes o retorno do leitor aparece quando ele mesmo escreve um outro artigo, que a equipe percebe ser baseado em algum outro já publicado.

Algumas pesquisas demonstram que os professores possuem saberes da experiência, difíceis de ser transmitidos. Anne-Marie Chartier (1998), descrevendo uma experiência de acompanhamento de trabalho de uma professora, assim como de suas formas de registro dos saberes da experiência e de referência, comenta algumas características das modalidades de transmissão da experiência entre professores, em que, muitas vezes, se

privilegia a oralidade e a escrita apenas de determinados aspectos da experiência. Talvez as formas de transmissão desses saberes, encontrada e construída pela revista **AMAE Educando**, seja uma forma intermediária, na qual os professores, amparando-se em relações de maior horizontalidade com autores de outras experiências, reconhecem suas semelhanças e consolidam alguns saberes da experiência. A forma/conteúdo da revista, bem como as atitudes de sua equipe de edição, parecem responder a esse tipo especial de demanda ou de formas comunicativas usuais, existentes nesse grupo profissional.

Talvez seja importante descrever, ainda, outras formas, relativas aos modos de relacionamento da revista com seus leitores. É necessário voltar aos depoimentos sobre as cartas para esclarecer melhor esse ponto:

“Todas as cartas têm resposta. Nós respondemos para todo mundo que nos escreve. Às vezes, respondemos no computador; às vezes, fazemos até um cartão à mão, se é rápido, quando perguntam se existe um artigo sobre algum assunto, por telefone...temos um contato de perto, assim, com o assinante... E conhecemos muitos deles por nome... o fulano, de tal lugar... (Vera)

Muitas vezes, a equipe conhece detalhes sobre o Estado, a cidade, o tipo de escola, quando algum leitor telefona. Além disso, essa relação é alimentada quando a equipe dá cursos e através de outros encontros:

“Eles costumam vir aqui para nos conhecer. Penso que eles acham que deve ser uma coisa assim tão especial, e quando eles chegam aqui nessa salinha tão pequena...” (Célia)

Esses fatores reforçam a idéia de que a relação não é mediada somente pelos textos, mas também por uma série de atitudes e eventos que possibilitam formas de aproximação. Além disso, foi ressaltado, na entrevista, o poder de formação de opinião da revista, tendo em vista a consulta freqüente sobre a política do momento, sobre temas emergentes. A equipe da revista parece estar ciente desse papel e dos riscos que ele implica:

“É uma responsabilidade muito grande. Eles colocam assim: ‘na **AMAE Educando** saiu assim, então...’ muitas vezes temos que rever muita coisa, para que percebam que é somente uma experiência, que pode ser feita de outra forma” (Célia)

Utilizando-me de uma metáfora sobre a confusão que algumas pessoas já fizeram com o nome da revista, entendendo seu título como “A mãe do educando”, pode-se dizer que existe uma postura da revista de tomar conta, de responder às necessidades imediatas, talvez próxima da uma posição “maternalista”. Entretanto, olhando-se pelo prisma do reconhecimento, pela revista e pelos leitores-autores, da legítima busca de um saber-fazer mais imediato, cabe reproduzir aqui a razão do sucesso do periódico, dada pela equipe que a produz:

“Eu acho que a sobrevivência dela deve-se a isso, porque a assinatura, às vezes, é até um pouco mais cara do que as outras que se encontram por aí, a *Nova Escola*, por exemplo, custa um real cada uma. E continuamos tendo os assinantes e crescendo a cada ano. Quer dizer, alguma coisa acontece que eles acham que vale a pena, e a gente tem certeza que é isso, que é essa troca assim... muito... é uma troca, realmente, do professor para o professor.” (Gilda)

A avaliação que os leitores fazem da revista é buscada de maneira informal nos cursos que a equipe realiza, nas visitas que os professores fazem à escola da *Fundação Amae para a Cultura* e mediante consulta direta. Isso, porque a revista também vai atrás de alguns de seus leitores, ou possíveis leitores em “carne e osso”:

“Nós já fizemos avaliação da revista em Congresso, eles escrevem avaliando, falando qual o tipo de retorno de que estão precisando, o que estão achando da revista, o que querem que mude. Vamos também às escolas...Vamos muito em escolas; nesse ano, nós fomos numas trinta e tantas escolas, ou mais e, lá, nos reunimos com os professores, perguntamos que tipo de artigos que têm, pedimos para escreverem, eles avaliam a revista...” (Vera)

Em resumo, atendendo a algumas necessidades prementes dos professores, aproximando-se de sua linguagem e de sua pessoa, a revista realiza uma forma de sociabilidade quase

voltada para a dimensão afetiva e pessoal, que seria uma característica especial do seu tipo de relacionamento com os leitores.

Dois Pontos

Segundo o editor da revista **Dois Pontos** são poucas as cartas que chegam e que poderiam ser publicadas para os outros leitores. Na revista, chegam cartas e e-mails e será instalado um serviço 0800, para que a comunicação seja mais agilizada, mas também há muitas cartas cuja temática liga-se a problemas referentes às assinaturas e não sobre temas ou aspectos das revistas, e que não seriam de interesse dos leitores em geral. Assim, justifica-se uma forma de publicação assistemática de cartas de leitores pelo editor.

Existiriam outras formas de relacionamento entre a editora e seus leitores? Uma forma seria então, algumas correspondências enviadas a seus assinantes.

As correspondências para renovação de assinatura trazem uma linguagem metafórica, próxima à linguagem dos editoriais, que se tornaram uma marca de trabalho do editor, mas indicam as principais transformações pelas quais passa a revista: mudança de periodicidade, crises na existência do impresso. As cartas também incentivam os leitores a enviarem sua apreciação sobre o periódico. A seguir, transcrevo o texto de uma carta de 1988, que exemplifica essa característica do discurso:

Belo Horizonte, janeiro de 1988

Prezado(a) assinante,

A vigência de sua assinatura da Dois Pontos findou em dezembro do ano passado.

Ficamos juntos durante um ano (pelo menos) singrando os mares dos assuntos e questões educacionais. No percurso desse périplo, bonanças e intempéries atuaram, sem que, contudo tenhamos ficado acomodados por aquelas ou estavados por estas.

Nada demoveu nosso destino de atracar nos portos seguros da qualidade, da instigação, da seriedade, da adequação das matérias, embora tivesse havido alguns atrasos nas atracções das chegadas bimestrais.

Aproveitamos cada viagem de um porto ao outro para conhecer e admirar as marés, os ventos, os céus oceânicos da causa da educação, por acreditar ser por aí que as pessoas se libertam, triunfam e trilham os caminhos da felicidade humana.

Uma revista, prezado(a) assinante, é ela e seus assinantes. Uma viagem da natureza de um periódico educacional só é proveitosa quando a nau em que ela é feita tem seus passageiros e tripulantes (leitores, repórteres, articulistas e editores) participando dos detalhes de seu trajeto.

Assim sendo, por favor, manifeste sobre a viagem que fizemos juntos no ano passado. Por carta, telefone, fax ou e-mail. Ou quem sabe, pessoalmente. É importante a sua participação.

Importante, também, é sua continuidade nas viagens deste ano novo. Portanto, renove sua assinatura. Para isso é que lhe enviamos as duas fichas de compensação bancária (vencíveis respectivamente, em 27/02/98 e 20/03/98), em anexo, com um desconto especial (cada uma no valor de R\$ 21,00). Esta oferta é válida até 02/03/98.

Cordialmente,

Fernando Caramuru Bastos Fraga

Editor

A carta incentiva os leitores a estabelecerem uma relação mais próxima com a revista, mas os dados da entrevista, realizada um ano após, não permitem concluir se houve um tipo de análise mais sistemática das respostas ou se houve um tipo de resposta dos leitores, seja pelo envio de cartas ou e-mails, seja por telefone, ou em visita à editora. O comentário do editor permite concluir que existe uma comunicação, mas que são poucas as cartas.

Entretanto, a revista procura uma aproximação com os leitores, mas de maneira mais distanciada e profissional. Um exemplo de sistematização do retorno dos leitores, mediante

uma estratégia formal, foi a encomenda de avaliação a uma grande agência de pesquisa de opinião, a VOX POPULI, por exemplo, três ou quatro anos antes da entrevista. Essas estratégias são freqüentes em caso de lançamento ou mudança da linha editorial, sobretudo na produção de revistas européias e americanas, de grandes empresas, como ressalta Jean-Marie Charon (1999).

A pesquisa da VOX POPULI, dentre outros procedimentos tais como consulta por telefone a alguns assinantes, utilizou uma estratégia denominada grupo de foco, com observação por trás do espelho, que foi realizada com um grupo de leitores assinantes sorteados e observada, naquele dia, pelo editor. Esse grupo foi composto de mais ou menos 18 pessoas, tendo, como característica, trabalharem desde a pré-escola até o terceiro grau. Esses leitores foram convidados a participar de um grupo de discussão sobre revistas de educação, sem estarem informados sobre a empresa que encomendou a pesquisa e não foram direcionados com relação aos aspectos a serem considerados na análise.

A avaliação que os leitores fizeram das revistas, constituiu-se num grupo de dados importante para algumas mudanças na linha editorial.

“Foi determinado que uma revista boa tinha que ter artigos mais curtos. Foram distribuídas para eles avaliarem *Nova Escola* - não sei se na época já tinha **Presença Pedagógica** - a **AMAE Educando**, a revista **Dois Pontos** e outras revistas de educação brasileira. E então se pediam artigos mais curtos, não tão alongados assim, como é o artigo acadêmico, de uma maneira geral, e procuramos seguir...”
(Fernando Caramuru)

Nota-se que as motivações editoriais para a escolha do tamanho dos artigos têm uma razão de ser. Mas é interessante transcrever outras opiniões, para verificar alguns elementos importantes sobre os aspectos de diagramação ou materiais:

“Sobre o projeto gráfico, por exemplo, achavam que, às vezes, eu colocava meus editoriais numa linha muito longa e que nunca deveria ter uma linha longa, tinham que ser separadas em colunas, achavam difícil ler numa linha muita extensa. Cada uma ocupando de leste a oeste da página... Preferiram que a revista **Dois Pontos** continuasse só com uma ou duas cores, achavam por exemplo, que a policromia da revista *Nova Escola* era negativa no sentido de poluir, entende? Acharam, que o papel da *Nova Escola* era péssimo - e era um papel caríssimo - um papel que a revista **Dois Pontos** não escolheu porque era mais caro... (Fernando Caramuru)

Sobre a preferência dos leitores por determinado gênero, ou por determinado tipo de leitura, cabe verificar algumas singularidades:

“Percebemos, quanto a **Dois Pontos**, que um ou outro leitor que se manifestaram não discerniram bem as seções, por exemplo: o leitor não tem um discernimento muito claro entre artigo e reportagem. Muitas vezes se dá um pelo outro. Ainda descobrimos que maioria dos leitores lia primeiro na **Dois Pontos** a seção do Afo, aquela seção de humor...” (Fernando Caramuru)

Segundo o editor, essa pesquisa redirecionou ou reforçou algumas das características do projeto editorial da revista. Sobre a relação, em geral, que a revista estabelece com seus leitores, ressaltou que “ *é uma relação muito boa, a não ser reclamações por atraso da revista, nós só temos elogios. Só temos tido elogios*”.

Essa revista, em especial, preocupou-se em avaliar alguns elementos existentes no material de leitura, que indicam preferências ou representações sobre algumas características de uma revista de educação. Os dados também permitem perceber características ligadas a uma idéia da materialidade, por exemplo, os aspectos da diagramação e do papel, que reforçam a idéia de como deve ser o projeto gráfico de uma revista, ou o uso de cores. Esses dados aparecem de forma contraditória, pois não se sabe até que ponto são representações específicas dos leitores sobre a maneira de se apresentar uma revista de educação - como o caso de ser negativo, numa revista de educação, o uso exagerado de cores, enquadrando os periódicos de educação num estilo sério/ informado - ou se são

fatores referentes a uma idéia de suporte revista - como é o caso de artigos curtos, ou organização em coluna, mais característicos de uma idéia de revistas em geral.

Elementos referentes a dados sobre as necessidades profissionais não aparecem no depoimento do editor. Não apareceram no depoimento do grupo de leitores? O que se pode deduzir é que a revista **Dois Pontos**, nas estratégias de relacionamento ou aproximação com leitores, busca mais compreender suas necessidades enquanto leitores.

Presença Pedagógica

Em sua história de publicação, a revista **Presença Pedagógica** teve movimentos e estratégias diferenciadas em relação aos leitores. Em seu primeiro ano de circulação, havia várias páginas dedicadas às cartas dos leitores. Entretanto, no momento atual, mudaram algumas posições editoriais a esse respeito, sobretudo pela crítica da editora a tal estratégia:

“Logo que assumi a edição da revista, Claudinha e eu colocamos ‘escreva prá revista e dando sua opinião e tal’. As sessões de cartas das revistas, em geral, são forjadas. Todo mundo sabe disso no meio, elas são produzidas pelos próprios editores e há uma ou outra carta que realmente chega, ou há casos em que os editores ficam insistindo para que pessoas conhecidas escrevam sobre a publicação. Nós não queríamos fazer nada disso, então o que surgiu espontaneamente foi aparecendo muito lentamente para que nós, já no número 7, deixássemos aberta a sessão “cartas”. Então, optamos por acabar com a seção. (...) Primeiro havia uma ausência de cartas. Hoje, nós temos tantas cartas que daria para publicar uma revista inteira, só com as cartas de leitores; mas ainda fico na dúvida sobre a relevância de publicá-las. Acho que se é uma carta que se refere... por exemplo, o painel de leitores da Folha, acho que eles publicam só aquilo que realmente tem relevância para outros leitores, temas polêmicos: ‘estava inteiramente enganado sobre o fulano de tal dizendo isso e isso sobre mim’. Um jornal permite isso, agora uma revista bimestral...” (Graça Paulino)

No depoimento, a editora ressaltou, por exemplo, que, se recebe cartas de elogio à revista, que relevância pode ter isso para outros leitores? Em determinado momento, nem aos

autores eram enviadas satisfações sobre a apreciação de artigos assinados. Entretanto, no momento atual, existe uma preocupação em dar resposta às cartas dos leitores agradecendo os elogios ou respondendo às suas questões e, aos autores, informando sobre o processo de apreciação de seus textos.

O que caracteriza uma idéia da revista sobre os tipos de leitores, ao contrário da revista **AMAE Educando**, é a opção por não publicar determinados tipos de textos, como os relatos de experiências. É essa uma posição contraditória, tendo-se em vista que há uma disposição ou incômodo da revista, em não atingir certos tipos de leitores do ensino fundamental. Abaixo, aparecem algumas posturas, que demonstram um tipo de conflito, ou mesmo tendências editoriais a esse respeito. Determinados gêneros textuais ou temas são entendidos como coisa já dita, ou muito simples.

“Nós recebemos muitos artigos, escritos pelas próprias professoras, contando experiências, mas sem permitir uma aplicação renovadora. Então são artigos que propõem uma repetição daquela mesma experiência. Nesse caso acho eu que não funciona positivamente, nós não queremos um professor repetidor de fórmulas prontas.” (Graça Paulino)

“(…) Por exemplo, posso até publicar artigos sobre alfabetização, como já publiquei diversos, questões de letramento... mas acaba não sendo bem aquilo que a professora quer, acaba não sendo numa linguagem... penso que há realmente essa deficiência na revista, mas nunca deixou de ser um dos meus ideais, realmente conseguir. Mas também não posso publicar coisas muito bobas. Às vezes, eu leio e penso: ‘mas isso aqui é o óbvio’. Pode ser o óbvio para mim e não ser óbvio para a professora, mas a revista ficaria muito disparatada com artigos que levam à reflexão e outros que, absolutamente, não levam a essa reflexão, que só dão a receitinha nova, entende?” (Graça Paulino)

Talvez pelo fato de não existir uma aproximação cotidiana com leitores/professores, algumas de suas necessidades não são assumidas. Entretanto, certas afirmações da editora demonstram posições sobre um tipo de leitor modelo preferencial da revista. Essas posições podem ser fruto de sua própria linha editorial, ou do tipo de reação que a equipe consegue apreender, em função de contatos com leitores dos meios acadêmicos. São esses

os leitores que se encontram com a editora no próprio espaço acadêmico e que deixam escapar suas críticas. Muitas vezes, esses leitores confundem-se com os próprios membros dos comitês editoriais. Um exemplo do tipo de reação dos leitores pode ser mostrado nesse trecho:

“Eu recebi críticas sobre as capas que não são de desenhos de ilustradores, dizendo que são capas apelativas e a revista fica parecendo uma revista *Caras* ou essas revistas como a *Playboy* que trazem ‘garota da capa’. Emília Ferreiro vira “garota da capa”. Eu não interpreto assim. Acho que a que mais ficou tipo “garota da capa” foi aquela da moça grávida. Por acaso encomendamos a foto a um fotógrafo do *Estado de Minas*, que se lembrou da esposa dele, que estava grávida... aquela capa foi muito criticada...” (Graça Paulino)

Seriam as posições da revista construídas em função de características da maioria de seus leitores, ou de determinadas crenças sobre a linha editorial?

Ao ser consultada sobre o perfil de leitores empíricos, poucos foram os dados concretos, tendo em vista que a revista ainda não realizou uma pesquisa sobre os mesmos e não há outras estratégias, além das respostas dadas às cartas, para ir ao encontro deles. Conhecem-se algumas questões regionais, talvez pelos dados da distribuição, ou pela ficha cadastral, mas o conhecimento dos leitores-empíricos, em geral, parece menos palpável:

“Não temos estudos, temos dados de correios. Quer dizer, nós sabemos que temos muitos assinantes em Minas Gerais, muitos assinantes no Sudeste, nós temos um número bastante significativo no Nordeste, temos muitos assinantes no Rio de Janeiro e, menos do que no Rio, em São Paulo. Assim temos alguns dados geográficos...” (Graça Paulino)

Assim, essa terceira revista nutre-se de uma rede de sociabilidades em que participam “leitores empíricos quase autores” que circulam pela academia, o que talvez reforce, mais ainda, o seu estilo editorial.

POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

Ao investigar a produção dessas revistas pedagógicas para professores, muitas vezes apareceram dilemas relativos a visar mais ao lado do leitor do que ao lado do professor. Em determinado momento, tentou-se percebê-los conjuntamente. Essa relação entre os termos professor e leitor precisa ser problematizada. A partir do objetivo da pesquisa, que foi o de compreender a produção editorial dirigida a professores, do ponto de vista do material produzido e da posição dos editores sobre o que fazem e pretendem em relação a esse segmento profissional, apareceu, nos dados da produção desses textos “profissionais”, uma posição de “priorização” ora do leitor, ora do professor. Essa afirmação deve-se ao fato que, de alguma forma, foi demonstrado que, no discurso e práticas editoriais, diferentes investimentos parecem, em certos casos, privilegiar o leitor e suas necessidades de leitor e, em outros, a postura de concentrar-se, em primeiro plano, nas necessidades do professor como profissional.

Daí a questão: seria essa uma pesquisa que prioriza mais a área de estudos sobre a leitura do que a área de educação? Se houvesse uma definição, *a priori*, pelo foco maior no termo professor, por que caminhos metodológicos iria a pesquisa? Talvez pela via da preocupação maior com a formação, ou seja, analisaria os textos destinados a professores em função das necessidades profissionais, em primeiro plano. Isso significa perseguir temas, saberes, práticas, atitudes e posturas esperadas do professor.

Se, pelo contrário, houvesse uma definição pelo foco no termo leitor, talvez o caminho fosse o de seguir pistas que levem ao leitor, e seu processo de formação profissional estaria subordinado à sua formação como leitor. Explicitando melhor: talvez fossem focalizados elementos que buscassem, no texto e em sua forma, o modo pelo qual este é dado a ler. Seria abordada, também, sua função, em virtude dos projetos editoriais, assim como os elementos do suporte, como indicativos de um projeto de leitura e de leitor, também professor.

Entretanto, o *corpus* analisado e os caminhos encontrados para análise, proporcionaram evidências de que se deve considerar esses dois termos em relação. Isso, porque se

identifica, por exemplo, na revista **AMAE Educando**, uma preocupação primordial com o professor e com suas necessidades profissionais, demonstrando ser a leitura apenas um instrumento para que se realize o tipo de formação pretendido. Nesse material, se o pesquisador busca o leitor, acha, primeiro, o professor.

De outra forma, evidencia-se, na revista **Presença Pedagógica**, uma clara preocupação com a leitura (tanto no texto dos editoriais quanto nos discursos públicos da editora) e a necessidade de formar o leitor (presente no projeto editorial como formato, materialidade, recursos de composição da revista e mecanismos de textualização). Nessa segunda perspectiva, os dados demonstraram que se tenta promover, a partir de um projeto editorial, um tipo de educação do olhar do leitor, que traz uma conotação acentuada de projeto de leitura, mesmo que venha com ele um forte conteúdo ligado à formação de professores.

A relação conteúdo e forma, nas revistas citadas, parece ocorrer numa tensão entre o lado *professor* e o lado *leitor*. A própria capa parece evidenciar isso: na primeira, **AMAE Educando**, aparecem fotos de situações de ensino-aprendizagem, facilmente identificáveis pelo professor como constituintes de seu universo profissional. Na segunda revista - **Presença Pedagógica** -, é preciso que se faça um certo “esforço” para se remeter ao universo de sala de aula, sobretudo quando as ilustrações de caráter “argumentativo”, assim como as fotos de personalidades marcantes no meio educacional, não são facilmente identificadas por qualquer professor que não esteja inserido nesse universo de significações “pré-construído”, do ponto de vista do autor/editor, na capa. Nesse material, o pesquisador apreende o leitor, para depois descobrir o professor.

A terceira revista analisada também traz novos elementos para pluralizar mais ainda a questão dessa relação. Seu título, “**Dois Pontos**” (mesmo com sub-título “Teoria e prática em Educação, escrito com letras muito menores), assim como as ilustrações ou desenhos escolhidos para a capa podem confundir o professor mais desavisado: - seria uma revista de Educação? Além disso, os processos de textualização, as seções escolhidas (das três revistas esta é a que traz mais reportagens, algumas com temas de interesse de qualquer leitor genérico), seções com participação de personagens do meio literário - como Bartolomeu Campos Queirós, Frei Betto - ou a colocação de personagens ligadas à vida

cultural do país e da cidade, na Seção Gente, a forma generalista utilizada no editorial, que raramente menciona as palavras professor e escola, confirmam a ausência de uma certa explicitação de um interlocutor definido, no caso, o professor. Pode-se perceber, também, que os títulos dados no sumário não indiciam diretamente o universo profissional específico dessa categoria. Alguns desses elementos dão a dimensão de como o profissional professor é considerado de forma genérica, talvez porque haja a pretensão de atingir leitores dos mais variados grupos profissionais, cuja relação com a Educação é feita *lato sensu*. Aqui, poderá o pesquisador encontrar, predominantemente, um leitor quase genérico ou quem sabe, um professor como pessoa?

Foi estabelecida, como uma das opções e ponto de vista iniciais, a necessidade de perseguir o leitor e um projeto de leitura, nas páginas das revistas e no discurso dos editores, visto pretender-se lidar com projetos editoriais, que não teriam razão de ser fora de uma dimensão de leitura, a partir do fato incontestável de que são veiculados em *material impresso*³⁶.

A temática da formação apareceu de forma transversal e foi-se tornando mais evidente nesse final de pesquisa, nos discursos sobre as necessidades do corpo docente. Essas necessidades de formação são abrigadas pelos periódicos, mas com algumas diferenças significativas: a primeira delas opera sobre as esferas de atuação: a sala de aula e os espaços da instituição, da política e da sociedade. A segunda diferença é apreendida em torno da urgência da prática e seus imperativos de ação, bem como o tempo necessário para o distanciamento. Fazem lembrar os diferentes tempos entre a ação e a pesquisa, nenhum deles mais importante que o outro, no caso de se pensar na formação de professores.

³⁶ Nesse sentido, é bom atentar para o fato de que um processo de formação de professores pode passar por um projeto de leitura e pela produção e recepção de textos impressos para esse fim, mas também pode ocorrer de outras formas (orais, visuais, como a televisiva, ou por meio de observação, etc.)

CONCLUSÃO: UMA SÍNTESE PROVISÓRIA E FUTUROS CAMINHOS

O final de uma pesquisa produz no pesquisador a sensação de que deveria estar começando toda a análise. Isso porque vai-se produzindo um certo amadurecimento e uma leve desconfiança de que poderia ser outra a abordagem. Além disso, vários são os cantos de sereia, nas novas veredas que se vão abrindo, indefinidamente. Entre a idéia de um eterno recomeçar e os imperativos por finalizar, resta sempre a esperança de novas pesquisas e frentes de trabalho, para que sejam “resolvidos” esses dilemas.

Esta síntese provisória não pretende, por isso, concluir ou fechar questões que creio ter sintetizado em cada final de capítulo, mas recuperar alguns eixos centrais e anunciar novos caminhos.

SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

O estudo sobre as revistas de educação, assim como a metodologia utilizada, possibilitaram uma melhor compreensão, tanto da imprensa pedagógica, como da mídia impressa e outras mídias. A pesquisa pretendeu oferecer contribuições para um olhar pouco habitual da educação sobre alguns aspectos da produção cultural e da Comunicação. Procurou, também, acrescentar novos elementos para a reflexão sobre o campo da Educação, uma vez que o exercício de contraponto com o campo do Jornalismo, tornou mais evidentes algumas de suas maneiras de ser. Em decorrência dessa abordagem, é preciso delinear melhor outras relações que podem ser estabelecidas entre os campos da Educação e da Comunicação.

Considerando a definição dada por Frédéric Barbier e Catherine Bertho Lavenir (1996), em seu livro *Histoire des médias*, pode-se dizer que “*por mídias, entende-se todo o sistema de comunicação que permite à sociedade cumprir totalmente, ou em parte, três funções essenciais da conservação, da comunicação à distância de mensagens e de saberes e de reatualização de práticas sociais e políticas*”³⁷ Ainda segundo os autores, conservar possibilita acumular informações, colocar em perspectiva e conduzir um trabalho intelectual de qualquer amplitude: é autorizar o progresso do conhecimento e de sua crítica. Comunicar à distância permite escapar aos imperativos do tempo e do espaço, colocar em comum saberes e, ao mesmo tempo, reorganizar essas práticas e saberes. Permite ainda organizar e desenvolver certas formas de sociabilidade, de reflexão intelectual e de ação política.

Se também entende-se por mídia, nesse mesmo livro citado, toda estrutura socialmente instituída de comunicação e, além disso, por extensão, o suporte desta última, todas as formas de produção, conservação, de circulação e consumo de saberes, que ocorrem por múltiplos instrumentos de mediação, sobretudo o das mídias, podem ser objeto de análise das pesquisas em Educação porque o estudo da Comunicação é um objeto que interessa à educação.

A mídia, dentre outras condições, possibilita a criação de um imaginário social e de um quadro de referências coletivo. As transformações históricas em suas formas vêm criando condições para que esse imaginário não seja apenas produto das condições históricas, mas também produzidos pelas próprias formas de ser das mídias na atualidade. A questão dos mecanismos de produção, das linguagens, assim como dos conteúdos, torna-se objeto de lutas políticas em torno da regulação, da escolha de conteúdos e formatos. Segundo desafios colocados recorrentemente para a Educação em torno do acesso, democratização e crítica aos saberes, a entrada do campo educacional na discussão sobre as mídias chega atrasada, tendo em vista o papel que estas vêm exercendo na formação de referências.

Numa relação de aproximação da Educação com as mídias, ocorrem movimentos de consumo dos diversos produtos de informação produzidos por essas. Ou seja, a Educação

³⁷ Tradução livre da autora da tese

passa a reconhecer que a utilização dos produtos como jornais, revistas, vídeos, programas de televisão e rádio, de CD-ROMs é produtiva para a elaboração do conhecimento escolar. Além de fazerem parte do cotidiano dos alunos, alterando os seus conhecimentos prévios sobre vários assuntos, são produzidos a partir de outros mecanismos de captação de informação, além de serem tecnicamente diferenciados. Essa segunda forma de relacionamento decorre de um reconhecimento do potencial educativo dessas diferentes fontes, que vêm somar-se ao livro didático ou, muitas vezes, substituí-lo. Assim, num contexto de reiteradas críticas ao livro didático, esses recursos parecem salvar o processo de desatualização por que passam os materiais didáticos convencionais. Esse consumo também pode ser fruto de uma representação social que privilegia a idéia de que a rapidez de informações é fator importante para aferir sua credibilidade, de que as fontes de informação que passam por processos de atualização mais ágeis são mais confiáveis, de que os mais recentes mecanismos tecnológicos são bons em si mesmos.

Uma outra forma de aproximação amplia-se, saindo da idéia de consumo das diversas mídias para a compreensão sobre os mecanismos de sua produção. Nesse caso, tomam-se as diversas mídias como objeto de estudo. Essas são portadoras de informação, mas também inserem-se em dinâmicas econômicas, sociais, culturais e semióticas que podem ser desvendadas.

Se for considerada esta última forma de aproximação, podemos ampliar as relações entre Educação e Comunicação para a esfera da discussão das políticas públicas e das dimensões éticas envolvidas no conteúdo dos meios. A produção cultural de rádio, televisão, jornais, revistas, por exemplo, pode ser objeto de lutas e regulações sociais? Essa compreensão implica em desvendar algumas das relações de produção envolvidas na construção dessas diferentes fontes de informação. É necessário, então, consolidar a construção de outras pesquisas que possam elucidar aspectos da produção de diversos materiais. Essa investigação poderá alcançar, desde os livros didáticos, até a produção de novas mídias que estejam sendo incorporadas, ou possam ser utilizadas, em Educação.

Num momento em que o estudo das mídias vem-se constituindo um campo em expansão e que tomar as mídias como objeto de análise é um desafio para a formação do usuário, seja

ele professor, aluno ou cidadão, tomar consciência das diferenças entre as formas de funcionamento do campo da Educação e do campo da Comunicação possibilita vislumbrar, em cada um deles, problemas e potenciais.

Do ponto de vista do potencial, ressalta-se a tarefa reflexiva e formativa que caracteriza o campo da Educação e reforça-se o seu caráter político. É preciso continuar a fazer esse movimento que se contrapõe a uma idéia de “atualidade” e de “rapidez” tão explorados na produção cultural contemporânea. No lado potencial da Comunicação, ressalta-se o zelo por uma necessidade comunicativa que, muitas vezes, passa despercebida ou é negada nos discursos educacionais, apesar de merecer investimento. Muitos produtos culturais que circulam na sociedade primam pelos efeitos de comunicação. O campo da Comunicação enfrenta essa questão como uma das suas principais metas, objetivando atingir melhor os usuários. Isso deveria nos obrigar a olhar para esta dimensão, sem pensar que seja menos importante que os conteúdos tratados.

Os dados dessa pesquisa que ora concluo permitem verificar que outras revistas de Educação – ou outros produtos com destinação educativa - de grandes editoras nacionais, são produzidas mediante uma forte profissionalização e nutrem-se da mesma eficácia de outras mídias impressas, contando com redes estruturadas de divulgação, de distribuição e de circulação, baseando-se nos mesmos modelos de comunicação empresariais. Por isso alcançam preços e efeitos que as fazem atingir um grande número de leitores-professores. Por outro lado, as revistas de educação investigadas continuam quase como um apêndice das instituições que as editam, ou operam com modos de produção relativamente amadorísticos ou mesmo artesanais. Sendo produtos que privilegiam o pólo cultural, sendo também determinados por um modo de produção ligado a esse modelo, já enfrentam, por essas questões, dificuldades mercadológicas. Não podendo investir mais fortemente em uma profissionalização que possa visar a necessidades comunicativas que priorizem outros parâmetros além dos mercadológicos, perdem em alcance e no poder de formação de leitores-professores. Isso porque também o professor sofre as influências de novos modelos de leitura e de impressos e talvez demande maior investimento. Dessa forma poderiam ser feitos melhores investimentos, do ponto de vista técnico e estético, material e formal das revistas.

O enfrentamento das questões referentes ao risco da não sobrevivência dos periódicos inclui um aumento de tiragem e vendas, o que faria atingir um maior número de leitores. Essas ações esbarram em questões materiais de fundo. Poderiam essas questões materiais e financeiras ser resolvidas sem os apelos do pólo comercial? Em editorial recente de uma revista de informação geral denominada “*Caros amigos*”, mais voltada para o pólo cultural, um leitor-jornalista indicou algumas estratégias para enfrentar os problemas da sobrevivência num mercado concorrencial. Uma das sugestões seria enfrentar o *marketing*, mas um *marketing* específico, construído pacientemente com o envio de cartas, com cadastros, com contatos pessoais. Sugere também a oferta mais ativa e atrativa de assinaturas a pessoas-chave, que podem influenciar uma vertente cultural sejam eles artistas, sindicalistas, políticos, jornalistas, bem como um plano de publicidade que envolva parceria com outros tipos de mídia e que atinja pequenos anunciantes. Como um último tópico sugere o aprofundamento da ligação com os leitores, oferecendo-lhes, no impresso, maior espaço de expressão e participação. Segundo ele, esta “*é uma fórmula infalível de ligação com o leitor, permitindo a participação e fazendo com que ele acabe por sentir que a revista é verdadeiramente sua, que ele lê a revista mas que também a escreve*”.

Não se sabe até que ponto essas são alternativas para revistas de educação, mas são perspectivas que permitem vislumbrar certas formas de enfrentamento. Algumas dessas estratégias já estão presentes em algumas das revistas investigadas e talvez possam ser melhor planejadas.

AS REVISTAS MUDAM...

Durante o tempo de finalização da escrita e da análise dos dados, perceberam-se mudanças significativas em alguns projetos das revistas. O que parecia ser um *corpus* relativamente estável, em vista da permanência dos projetos editoriais, transformou-se significativamente a partir do ano de 1999.

Na revista **AMAE Educando** mudaram aspectos materiais como o tipo de papel, mais acetinado e de qualidade estética e funcional superior. Além disso, a equipe de edição parece estar buscando caracterizar, de forma sistematizada, o seu leitor, mediante uma pesquisa. Talvez para ajustar a revista a um perfil mais definido, ou para oferecer elementos mais objetivos para futuros anunciantes.

Em 1999 a revista **Dois Pontos** mudou seu sub-título de “*teoria e prática em educação*” para “*gestão educacional*”. Isso supõe que a revista assumiu um enfoque que vinha se reforçando nos últimos tempos: o da gestão educacional. A mudança parece estar em sintonia com a rede Pitágoras e sua recém-criada Fundação, que também passa a ser a editora da revista. Juntamente com a mudança de enfoque vem uma série de ações e novos pertencimentos: a partir de agora, a revista faz parte de um grande programa educacional denominado “*Projeto Dois Pontos Brasil*” que contará, além do projeto editorial da revista, com *chat* de discussões e com *home-page* que trará informações aprofundadas sobre temas tratados nas revistas e *links* que disponibilizarão o acervo da **Dois Pontos** e informações sobre setores educacionais do Brasil e exterior. Além disso, instaurou-se um prêmio *Dois Pontos Gestão Educacional* que premiará instituições de ensino que contribuírem para aspectos da gestão educacional no Brasil. Parece que a revista passaria a respaldar ações mais amplas do Sistema Pitágoras, e a se respaldar no sistema, talvez assumindo-se como seu porta-voz. Entretanto, foi produzido apenas um exemplar nessa nova perspectiva, o exemplar de número 46, de janeiro/fevereiro do ano de 2000: chegou com novo projeto gráfico, com maior sofisticação, novas seções e temas mas, juntamente com ele, chegou também uma carta do presidente da Fundação Pitágoras anunciando que, devido aos altos custos financeiros, a revista tornou-se inviável e será temporariamente desativada.

Percebem-se as implicações dessa decisão pelo que representa o envio de um cheque aos assinantes, com a devolução da parcela referente à assinatura do ano 2000.

Finalmente, a revista **Presença Pedagógica**, que mudou seu projeto editorial de ilustração, um dos aspectos que mais a diferenciava das revistas restantes, do ponto de vista gráfico e expressivo. Também em 1999 houve uma alteração no tipo de ilustrações, que continuam a ocupar uma página inteira antes dos artigos, mas são agora reproduções de obras de arte e não mais um recurso produzido especialmente para a revista. Essas mudanças comprometeram alguns significados da proposta. Talvez sejam resultado de medidas econômicas de restrição de gastos. A intenção de formar esteticamente o leitor permanece, mas mediante outro universo de significação e outras formas de produção/reprodução. Parece também ter-se ampliado a rede de distribuição, segundo lista de distribuidores brasileiros constantes na terceira capa de revistas do ano 2000.

Todas essas mudanças, nas três revistas, ocorreram no mesmo ano, e após um período de muita estabilidade no modelo editorial. Caberá, em outras pesquisas, investigar os desdobramentos que elas promoverão no perfil de leitores, na construção do impresso e em suas condições de sobrevivência.

SOBRE O PERFIL DE LEITORES DAS REVISTAS E SOBRE A LEITURA

Que perfil de leitores pode ser traçado, mediante as pistas retiradas da pesquisa? Correndo o risco de reduções, tentar-se-á, nesta síntese final, traçar a imagem que cada revista constrói de leitor ideal, em função dos tipos de textos e outros recursos que propõe, das capacidades de leitura que exige, assim como dos interesses que supõe. Quais seriam os modelos de leitores-professores? Sobre quais facetas e necessidades dos professores cada revista define sua especificidade?

Amae Educando se apresenta como uma revista de práticos inovadores, escrita por práticos inovadores; isso lhe dá um caráter militante que se ocupa, sobretudo, da formação de seus pares. A publicação de uma experiência, por seu autor, lhe dá um reconhecimento público que o valoriza individualmente, ao mesmo tempo em que valoriza a inventividade do corpo

docente. As informações teóricas somente têm sentido se se debruçam sobre as ações ou idéias de inovação.

Para **Dois Pontos**, o professor-leitor é visto como uma pessoa “cultivada”, interessada por saberes da educação e campos próximos tais como a psicanálise, a arte, eventos culturais, sem as preocupações urgentes da prática em sala de aula. Os artigos mais teóricos tomam uma certa distância em relação à escola ou à sala de aula, mostrando que esta revista pretende tocar um público de interesses mais extensos que somente o pedagógico. Quanto ao leitor-professor, ele é considerado como alguém que não se contenta somente com técnicas profissionais vulgarizadas.

Presença Pedagógica propõe uma imagem de professor informado e engajado, crítico das políticas de educação, ligado aos problemas sociais e a movimentos na fronteira entre as pesquisas e as práticas da educação mas, ao mesmo tempo, interessado em inovações práticas. Ela apresenta muitas indicações de recursos teóricos, mais próximos do “mundo acadêmico”, o que explica que seja um instrumento utilizável por estudantes de pedagogia ou na formação continuada. Através da “mise en page”, das ilustrações artísticas, nota-se, também, uma certa preocupação com a formação estética dos leitores.

A busca de uma aproximação final com uma idéia de leitores, evidenciada na parte que antecedeu a essa “síntese”, constituiu-se numa tentativa de chegar, o mais próximo possível, do leitor: um dos integrantes da rede de comunicação do modelo proposto por Robert Darnton (1995) como referência de análise. Esse leitor, destinatário final dos impressos é, através de suas atitudes como leitor, também o elemento inicial que determina o processo de edição. Essa pesquisa não pretendeu chegar a ele e às suas leituras.

Resta, em pesquisas posteriores, uma aproximação real com os leitores empíricos. A partir dessa pesquisa seria interessante verificar como o público-leitor lê realmente as revistas; se os artigos previstos para se tornarem referências duráveis (para serem relidos e consultados outras vezes) representam, realmente, esse papel; se as referências a experiências, ou a quadros teóricos, pesam mais, para quais tipos de leitores; se a imagem de professor, traçada por cada revista, corresponde, de fato, aos seus leitores empíricos. Será interessante

verificar, por exemplo, se os assinantes conservam por muito tempo os seus exemplares, se são consultados em bibliotecas, se os encartes para colecionar são armazenados e como são utilizados. Os relatos de experiências pedagógicas, servirão, ou não, para a reaplicação ou para novas reflexões? Serão utilizados como ponto de partida para a inovação, ou para se constituir num exemplo imitável? Os leitores de uma revista são também leitores das outras? Se assim for, que tipos de demandas, ou em que momento, a leitura de cada uma delas se torna pertinente? Que tipo de revista podem comprar, como assinantes individuais? Que tipo de periódico lêem porque têm acesso a ele? Os leitores vão mudando de revista, no decorrer da formação, alterando suas “fidelidades”?

A partir do estudo das revistas é possível recuperar suas estratégias editoriais e fazer hipóteses sobre as práticas de leitura. Uma pesquisa em torno dos leitores e de suas leituras talvez torne possível compreender outros aspectos não abordados aqui, tanto aqueles referentes aos conteúdos propostos, como também aqueles relativos à especificidade do suporte impresso que os apresenta.

ABSTRACT

This research analyzes the production of three pedagogical periodicals from Minas Gerais, namely, *Amae Educando*, *Dois Pontos* and *Presença Pedagógica*, with a view to establishing a comparison among them and, in some cases, a contrast to other periodicals or pedagogical materials produced in Brazil. It focuses on the periodical as an object and its layout, and it provides an analytical description of some of its material aspects and contents. It also discusses some specific modes of production, circulation and sale of these periodicals, as well as the editorial motivation for their editing, through the analyses of the elements found in the printed issue and in the interviews carried out with the editors. Finally, it presents a brief description of some characteristics of potential readers-teachers of these periodicals, as well as an analysis of some concrete processes through which the publishing companies try to get closer to their reading public. By doing so, this research endeavors to correlate the means of production, the product and its connection to a specific publishing company in an attempt to establish a relational view of the multiple determinants that make the pedagogical periodicals what they are. To understand the relation among different pedagogical periodicals and other periodicals would require an analysis of the language of other media. This issue is beyond the scope of this study, but it constitutes, at some points, a fundamental background for the understanding of the printed media which are the primary focus of this research.

Thus, this study belongs to a multidisciplinary field in the area of Education, Communication and Language Studies, to the sociological area of Reading Studies, to the History of the Book and of the Editions, and to the field of Bibliography. The convergence of so many diversified and, at the same time, complementary viewpoints is pursued in view of the pedagogical interest in understanding the “pedagogical printed press” and its modes of operation. To unveil the mechanism of the pedagogical printing press allows us, in the long run, to have a better knowledge of the field of Education.

RÉSUMÉ

Cette recherche porte sur l'analyse de la production de trois revues pédagogiques du Minas Gerais: *Amae Educando*, *Dois Pontos* e *Presença Pedagógica*. On les compare parfois avec d'autres revues ou d'autres ressources pédagogiques produites au Brésil, ayant en vue quelques points-clés: les revues comme objet ainsi que la forme de leur présentation, et la description analytique de quelques-uns de leurs aspects matériels et de contenu. On y tient en compte, aussi, quelques modalités spécifiques de leur production, de leur circulation et de leur vente, ainsi que les motivations éditoriales de leur édition, par l'observation d'éléments présents à l'imprimé et des interviews avec leurs éditeurs. Enfin, on cherche une brève approche de quelques caractéristiques des lecteurs-professeurs virtuels de ces revues, aussi bien que de quelques processus concrets d'approche des maisons d'édition avec leur public. On cherche, de cette façon, de mettre en rapport les modalités de production, le produit et son appartenance à une maison d'édition déterminée; cela pour avoir une visée relationnelle des causes multiples qui font des revues pédagogiques ce qu'elles sont. Comprendre les revues pédagogiques entre elles et parmi d'autres revues aurait exigé une plongée dans le langage d'autres médias. Ces langages ne font pas l'objet spécifique de cette étude, mais elles constituent, quelquefois, un arrière-plan fondamental pour dévoiler les imprimés qui font l'objet de la présente recherche. Ainsi, cette étude se place dans un domaine pluridisciplinaire de l'Éducation, de la Communication, du Langage, dans les études de la Lecture sous ses aspects sociologiques, dans l'Histoire du Livre et des Éditions, dans la Bibliographie. La convergence entre des points de vue aussi diversifiés et, à la fois, complémentaires, est recherchée par l'intérêt pédagogique de comprendre la "presse pédagogique" et ses moyens de fonctionnement. Dévoiler la presse pédagogique rend possible, en dernière instance, de connaître davantage le champ de l'Éducation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACTES DE LA RECHERCHE EN SCIENCES SOCIALES. Édition, Éditeurs. N. 126-127. Paris: Seuil, mars 1999
- ALVARENGA, Lídia. *A institucionalização da pesquisa educacional no Brasil: estudo bibliométrico dos artigos publicados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1944-74, FAE/UFMG, 1996. (Tese, Doutorado).
- AMADO, Tina et alii. Para uma avaliação dos periódicos brasileiros de Educação. *Revista da Faebra*, n. 2, 1993. p.173-195.
- AMAE EDUCANDO. Belo Horizonte: Fundação Amae para a Educação e Cultura. n. 1, Outubro de 1967.
- AMAE EDUCANDO. Belo Horizonte: Fundação Amae para Educação e Cultura. (Coleção de revistas do ano de 1997/1998/1999,2000).
- APARICI, Roberto el al. *La imagen*. Madrid: Universidad Nacional de Educacion a Distancia. UNED, 1992
- APPLE, Michael W. Relações de classe e de gênero e modificações no processo de trabalho docente. *Cadernos de pesquisa*. São Paulo (60): 3-14, fev. 1987.
- APPLE, Michael W. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (64): 14-23, fev. 1988.
- APPLE, Michael W. Cultura e comércio do livro didático. In: *Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- ARAUJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios técnicos de editoração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL. Instituto nacional do Livro, 1986

- BANCA BRASIL. Editora Escala – e o sonho ainda não acabou.... Ano I, n. 66. Julho/2000. P. 20-27. (Entrevista de Hercílio de Lourenzi à revista)
- BARBIER, Frédéric e LAVENIR, Catherine Bertho. *Histoire des médias*. De Diderot à Internet. Paris: Armand Colin, 1996
- BARBOSA, Gustavo e RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Ática, 1987
- BARZOTTO, Valdir H. Análise do discurso e história cultural - relações possíveis em revistas periódicas (resumo de comunicação). In: *Programa de comunicações do Simpósio Internacional sobre análise do discurso: controvérsias e perspectivas*. Belo Horizonte, nov. 1997. p.64-65.
- BARZOTTO, Valdir H. Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso. Um estudo sobre a revista Realidade (1966-1976) Campinas, SP: Unicamp/IEL, 1998 (tese, doutorado)
- BASTOS, Maria Helena Câmara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a revista de ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, D. & BASTOS, M.H.C.(org.). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p.47-75, p.11-31.
- BATISTA, Antonio Augusto Gomes. *Sobre o ensino de Português e sua investigação quatro estudos exploratórios*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1996. (Tese, Doutorado).
- BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Textos, impressos e livros didáticos. In CAMPELLO, Bernardete Santos et al. (orgs.) . *Formas e expressões do conhecimento*. Introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. P. 217-247.
- BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Os(as) professores(as) são não-leitores? In: MARINHO, Marildes e SILVA, Ceris S. R. *Leituras do professor*. Campinas:SP: Mercado das Letras: Associação de leitura do Brasil – ALB, 1998.
- BERNSTEIN, Basil. *A estruturação do discurso pedagógico*. Classes, códigos e controle. Petrópolis: Vozes, 1996.

- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. *Pierre Bourdieu*: Sociologia. (organizador [da coletânea] Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. L'Emprise du journalisme. *Revista Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Mars 1994. N. 101/102. Paris: Ed. Seuil. P.3-9
- BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- CAHIERS PÉDAGOGIQUES. N. 350/351 de Janvier/Février, 1997, n. 369 de décembre, 1998, n. 371 de février, 1999 e n. 372, de mars, 1999.
- CAROS AMIGOS. Ano 4, n. 39. Jun/2000
- CARVALHO, Maria da Conceição. *O mercado e o sonho*: Lê e Miguilim, duas propostas de editoração do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia/UFMG, 1993. (Dissertação, Mestrado).
- CASPARD, Karydis et al. *La presse d'Éducation et d'enseignement. XVIII siècle – 1940*. Paris: Institut National de Recherche Pédagogique/Éditions du CNRS, 1981.
- CASPARD, Pierre & CASPARD, Penélope. Imprensa Pedagógica e Formação contínua dos professores primários (1815-1939). In: CATANI, D. e BASTOS, M. H. C. (org.). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p.33-45.
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia. *Entrada na escola, saída da escrita*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1991, 316 p. (Dissertação, Mestrado).
- CATANI, Denice Barbosa. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. *Revista Educação e Filosofia*, v. 10, n. 20. jul./dez 1997. p.115-130.
- CATANI, D. e BASTOS, M. H. C. (org.). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p.33-45.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARON, Jean-Marie. *La presse magazine*. Paris: La Decouverte, 1999

- CHARTIER, Anne Marie e Jean HÉBRARD. *Discursos sobre a leitura – 1880-1980*. São Paulo: Ática, 1995
- CHARTIER, Anne Marie. Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia. *Revista Brasileira de Educação*, n.0, p. 17-52, set./dez. 1995.
- CHARTIER, Anne Marie. Les futurs professeurs d'école et la lecture. *Revista Argos*, n. 14, p. 70-73.
- CHARTIER, Anne Marie. Lectures personnelles et lectures professionnelles dans les trajectoires de formation. Projet de recherche 1995-97. IUFM de Versailles. Centre de Cergy Circonscription de Garges lès Gonesse.
- CHARTIER, Anne Marie. L' Expertise enseignante entre savoirs pratiques et savoirs théoriques. In: Recherche et formation. Les savoir de la pratique. Un enjeu pour la recherche et la formation. Paris: Institut National de Recherche Pédagogique. N. 27, 1998
- CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. de M. Galhardo. Lisboa; Rio de Janeiro: Difel; Bertrand Brasil, 1990. p. 121-39.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.
- CHARTIER, Roger. De l'histoire du livre à l'histoire de la lecture: les trajectoires françaises. In: BODEKER, H. E. (org.). *Histoires du livre*. Nouvelles orientations. Paris: IMEC Ed., 1995.
- CHARTIER, Roger. (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. (coord.) *As utilizações do objeto impresso*. Algés: Portugal: Difel, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998
- CHOPPIN, Alain. *Manuels scolaires: histoire et actualité*. Paris: Hachette, 1992.

- COLLARO, Antonio Celso. *Projeto gráfico*. Teoria e prática em diagramação. São Paulo: Summus, 1996.
- CORREA, Angela M. da S. Os modos de organização do discurso na coluna sobre “artes e espetáculos” das revistas Isto é e Veja. In: *Anais do II Encontro Franco-brasileiro de Análise do discurso*. O discurso da mídia. UFRJ, 1997, p.93-97.
- CORREA, Angela M. da S. & CUNHA, Maria Elisabeth Sá. Confronto entre a “mise en scène” discursiva das revistas Veja e Le Nouvel Observateur nas colunas da crítica cinematográfica. In: *Anais do II Encontro Franco-brasileiro de Análise do discurso*. O discurso da mídia. UFRJ, 1997, p. 98-102.
- CORREA, Angela M. da S. & CUNHA, Tânia Reis. Os modos de organização do discurso na coluna “Artes - Spectacles”. In: *Anais do II Encontro Franco-brasileiro de Análise do discurso*. O discurso da mídia. UFRJ, 1997, p.103-107.
- CORREA, Angela M. da S. & MARTINS, Cláudia Fátima. Intertextualidade e interdiscursividade em títulos e ilustrações das colunas artes e espetáculos. In: *Anais do II Encontro Franco-Brasileiro de Análise do discurso*. O discurso da mídia. UFRJ, 1997, p.108-110.
- COSTA, Marisa Vorraber. A revista Nova Escola e a constituição da identidade feminina do magistério. Texto veiculado no GT Comunicação da 21ª Anped. Caxambu/MG, 1998
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DOIS PONTOS. Teoria e prática em educação. Belo Horizonte: Revista do Grupo Pitágoras. Ano 1. N. 0. Outubro de 1983
- DOIS PONTOS. *Teoria e prática em educação*. Belo Horizonte: Revista do Grupo Pitágoras. (Coleções dos anos de 1997/1998/1999/2000).
- ECO, Humberto. O leitor modelo. In: ECO, HUMBERTO. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad. Attilio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 35-50.

- EISENSTEIN, Elizabeth L. On the printing press as an agent of change. In: OLSON, D. R. TORRANCE, N. & HILDYARD, A. ed. *Literacy, Language and Learning: The nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.19-33.
- ENGUITA, Mariano F. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. *Teoria e Educação*, 4, 1991.
- ESTADO DE MINAS. Uma grife na Educação. Caderno Fim de Semana. P.5, 19/03/2000
- FERLAUTO, Cláudio e JAHN, Heloisa. *A gráfica do livro, o livro da gráfica*. São Paulo: Hamburg Gráfica Editora, 1998.
- EVANGELISTA, Aracy. Diversidade na recepção estética. In: PAIVA, Aparecida et al. *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infanto-juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P. 109-120.
- FERLAUTO, CLÁUDIO. *O tipo da gráfica e outros escritos*. São Paulo: Edições Cachorro Louco, 2000.
- FRADE, Isabel Cristina A. S. *Mudança e resistência à mudança na escola pública: análise de uma experiência de alfabetização «construtivista»*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1993, (Dissertação, Mestrado em Educação).
- FRADE, Isabel Cristina A S. e SILVA, Ceris S. R. A leitura de textos oficiais: uma questão plural. In: MARINHO, Marildes e SILVA, Ceris S.S. *Leituras do Professor*. São Paulo: ALB/Mercado de Letras. 1998
- FRADE, Isabel Cristina A S. Revistas Pedagógicas: qual a identidade do impresso? In BATISTA, Antonio e GALVÃO, Ana Maria (org.). *Leitura: práticas, impressos, letramento(s)*. Belo Horizonte: Autêntica. 1999
- GANDINI, Raquel Pereira Chainho. *RBEP (1944-1952): Intelectuais, Educação e Estado*. Campinas: Unicamp, 1990. (resumo capturado no Banco de teses e dissertações da ANPED). (Tese, Doutorado).
- GATTI, Bernardete. *Formação de professores e carreira*. Problemas e movimentos de renovação. Campinas: Autores Associados, 1997.

- IMPRESA. *O Desafio das Semanais*. Abril de 1998, p.46-51.
- IMPRESSIONS – CD-ROM – Musée de l’Imprimerie de Lyon – 1999.
- JOURNAL DES INSTITUTEURS ET DES INSTITUTRICES. JDI. Paris: Nathan. Coleção do anos de 1998/1999.
- JUNQUEIRA, Sônia. *Uma história por trás das linhas*. Belo Horizonte: Formato, 1997.
- KOCH, Ingedore V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- KRAMER, Sônia e JOBIM e SOUZA, Solange. (orgs.) *Histórias de professores: Leitura, escrita e pesquisa em Educação*. São Paulo: Ática, 1996.
- KRAMER, Sônia et al. *Cultura, modernidade e linguagem: leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação*. PUC-Rio. Relatório final de pesquisa. 1997.
- LAGOA, Ana. *Jornalismo Educativo: cenas de um casamento*. Presença Pedagógica. v. 4, n. 19, jan./fev., 1998. p.30-37.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996
- LE NOUVEL OBSERVATEUR. N. 1800 – Du 6 au 12 mai de 1998.
- LOBO, Guacira. *Magistério de primeiro grau: um trabalho de mulher*. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, 14 (2): 31-39, jul./dez. 1989.
- LOPES, Cecília Reggiani. *O editor profissional de literatura para crianças*. São Paulo: ECA/USP, 1983. (Dissertação, Mestrado).
- MARINO, Roberto Aparici e MATILLA, Agustín Garcia. *Lectura de Imágenes*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. História do livro, da imprensa e da Biblioteca. São Paulo: Ática, 1998.
- MASTERMAN, Len. *La revolución de la Educación audiovisual*. Ediciones de la Torre. Madrid, 1996
- MATTELART, Armand. *Una comunicación desigual*. *Revista El Correo de la Unesco*. Febrero, 1996.

- MCKENZIE, Donald.F. *La bibliographie et la sociologie des textes*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie. 1991.
- MEC - Ministério da Educação e do Desporto. *Documento introdutório dos PCN*. (Versão preliminar). Brasília, 1995.
- MEC - Ministério da Educação e do Desporto. *Projeto Pró-Leitura*. Na formação do professor. Brasília, 1996.
- MEC – Ministério da Educação e do Desporto. “*Referencial Pedagógico-Curricular para a Formação de Professores da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental*”. (Documento preliminar). Brasília, 1998.
- MIRANDA, Marildes Marinho. *Os usos sociais da escrita no cotidiano de camadas populares*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1991, 223 p. (Dissertação, Mestrado).
- MORAIS, Maria José. *Uma memória: história de leitura de professores da 3ª série da cidade de Teresina*. Campinas: Unicamp. 1994. (Tese, Doutorado).
- MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. São Paulo: PUC, 1997. (Tese, Doutorado).
- MUZZETI, Luci Regina. *Trajetórias escolares de professoras primárias formadas em São Carlos nos anos 40*. FAE/UF São Carlos: FAE/UF, 1992. (Dissertação, Mestrado).
- NASSAR, Ione Meloni. Editar livros: a cachaça nossa de cada dia. *Presença Pedagógica*. V. 2, n. 12, nov./dez. 1996.
- NEVES, Mônica Alvarez G. Desempenhos argumentativos e/ou condicionantes do “se” em editoriais. In: *Anais do II Encontro Franco-brasileiro de análise do discurso*. Discurso da mídia. UFRJ. 1996, p.200-105.
- NOVA ESCOLA. São Paulo: Editora Abril. Ano XII, n. 112, maio de 1998
- NÓVOA, António (dir.) *A imprensa de Educação e Ensino. Repertório Analítico* (séculos XIX-XX) Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Inovação Educacional. 1994.
- NÓVOA, António A imprensa de Educação e Ensino. In: *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

- OLIVEIRA, Rui de. A arte de contar histórias por imagens. *Presença Pedagógica*. Vol.4,19, jan/fev. 1998 p. 60-74
- O TEMPO. Belo Horizonte, Sábado, 25/07/99. Página 14 do Caderno Cidades
- PAULINO, Graça et al. A formação de professores-leitores literários: uma ligação entre infância e idade adulta? *Educação em Revista*. Belo Horizonte: autêntica, n. 30. Dez. 1999, p. 51-64.
- POULAIN, Martine. Lecteurs et lectures: le paysage général. In: POULAIN, Martine. (org.). *Pour une sociologie de la lecture: lectures et lecteurs dans la France contemporaine*. Paris: Ed. du Cercle de la Libraire, 1988. p. 11-28.
- PRESENÇA PEDAGÓGICA. Belo Horizonte: Dimensão. Ano 1, n.1. Janeiro/Fevereiro 1995.
- PRESENÇA PEDAGÓGICA (temática). *Livro: objeto do desejo*. v. 2, n. 12, nov./dez. 1996. Belo Horizonte: Dimensão.
- PRESENÇA PEDAGÓGICA. Belo Horizonte: Dimensão. (Coleções dos anos de 1997/1998/1999/2000).
- PRESENÇA PEDAGÓGICA. *Gilberto Dimenstein: o aprendiz do futuro é o aprendiz permanente*. v. 4, n.19, jan./fev.1998. p. 5-12. (Entrevista).
- QUEIROZ, Ana Maria V. e PAULIUKONIS, Maria Aparecida. Um estudo semiolinguístico de um editorial jornalístico. In: *Anais do II encontro Franco-brasileiro de análise do discurso*. O discurso da mídia. UFRJ, 1996, p.212-217.
- RAMONET, Ignácio. *La tyrannie de la communication*. Paris: Galilé. 1999.
- REIMÃO, Sandra. *Mercado editorial brasileiro*. 1960-1990. São Paulo:Com-Arte: FAPESP, 1996.
- RICHAUDEAU, François. Pour une théorie unitaire typographique. *Revista Communication et langages*. n.36 - 4º trimestre 1977. Paris: Centre D'Etude et de Promotion de la Lecture.

- ROCHA, Maria da Consolação. *Magistério Primário: uma fotografia da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1996. (Dissertação, Mestrado).
- RODRIGUES, Fernando Ozório. Raciocínio restritivo na argumentação ponderada. In: *Anais do II Encontro Franco-brasileiro de análise do discurso*. O discurso da mídia. UFRJ, 1996, p.200-205.
- SETTON, Maria da Graça. Professor: variações sobre um gosto de classe. *Revista Educação e Sociedade*, n. 47, abri/1994.
- SILVA, Ceris Salete R. *Condições de construção de um saber docente*. Belo Horizonte: FAE/UFMG. 1995. (Dissertação, Mestrado).
- SILVA, Lilian Lopes Martin. *A imagem do professor-leitor produzida pela mídia escrita - caso da Revista Leitura: teoria e prática*. In: MARINHO, Marildes e SILVA, Ceris S. R. *Leituras do professor*. Campinas:SP: Mercado das Letras: Associação de leitura do Brasil – ALB, 1998
- SILVEIRA, Ênio. *Editando o editor*. São Paulo: Com Arte/Edusp., 1992. Coleção Editando o Editor, v. 3.
- SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina. (org.) *Leitura - perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.
- SOARES, Magda Becker. *O estado do conhecimento em alfabetização*. Relatório INEP. 1990.
- SOARES, Magda Becker. Um olhar sobre o livro didático. *Revista Presença Pedagógica*. V. 2, n. 12. Nov/dez. 1996. P. 53-63.
- SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Autêntica: Belo Horizonte, 1998.
- TOLEDO, Maria Helena Acayaba de. *Revistas de fotonovelas e estudantes de oitava série do primeiro grau e terceira série do segundo grau de escolas públicas da cidade de Araraquara - SP*. PUC/SP, 1981 (resumo capturado no Banco de teses e dissertações da ANPED). (Dissertação, Mestrado).

- VAZ, Paulo Bernardo. Livro: a matéria que não acabou. *Presença Pedagógica*, v. 2, n. 12, nov./dez. 1996.
- VAZ, Paulo Bernardo. Ilustre ação. Embalar textos com letras e margens. In: *Revista Presença Pedagógica*. vol. 4, n. 19, jan./fev. 1998, p. 39-45.
- VIEIRA, Geraldinho. Educação com direitos. *Presença Pedagógica*. v. 4, n. 19, jan/fev.1998. p.76-82.
- VIEIRA, Martha. *Construtivismo: a prática de uma metáfora - forma e conteúdo do construtivismo em Nova Escola*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1995. (Dissertação, Mestrado).
- WERNECK, Regina Yolanda Mattoso. Leitura de Imagens. *Presença Pedagógica*. Vol.4 n. 19, jan/fev. 1998, p. 102-106

Material de consulta das editoras:

- Catálogo Literatura 98 - Infantil, Juvenil de Paradidáticos. Belo Horizonte: Dimensão, 1988.
- Catálogos Nathan 1999
- Tabela de Preços 98 - Editora Dimensão (obtido via fax).
- Recibo da Editora Dimensão por colaboração prestada/1997.
- Cartas a Assinantes: Amae Educando, CRAP, Dois Pontos, Editora Abril, Presença Pedagógica.
- Material de divulgação da produção da Fundação Amae para a Cultura.

Folders de divulgação de eventos:

- Rencontre CRAP - 1999
- I Encontro Internacional Imprensa e Imagem na Dimensão da Escola. Ed. Dimensão - 09 e 10 de março de 1998.
- V Congresso Qualidade em Educação. Tema central: Liderança na escola. Grupo Pitágoras - 19 a 31 de julho de 1988.